



XIV Congresso da Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil

ANAIS

FNLIJ/IBBY

Rio de Janeiro, 21 a 25 de Outubro de 1974

IBBY

Presidente: Niilo Visapää

Vice-Presidentes: Geneviève Patte e Dusan Roll

Tesoureiro: Bettina Hurlimann

Membros do Comitê Executivo: Richard Bamberger, Leny Werneck Dornelles, Ann Durell, Hans Halbey, Virginia Haviland, Slobodan Markovic, Sergei Mikhalkov, Anton Taranger.

Secretária: Leena Maissen

Seções Nacionais

Argentina, Austrália, Áustria, Brasil, Bulgária, Canadá, Chile, Chipre, Dinamarca, Equador, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Gana, Grécia, Holanda, Índia, Inglaterra, Irã, Israel, Itália, Iugoslávia, Japão, México, Nigéria, Noruega, Paraguai, Perú, Polónia, Portugal, República Democrática Alemã, República Federal Alemã, Suécia, Suíça, Tchecoslováquia, URSS, Uruguai, Venezuela.

Seção Brasileira do IBBY (FNLIJ)

Conselho Superior: Gabriel Athos Pereira (presidente), Carlos Ribeiro, Ferdinando Bastos de Souza, Francisco Marins, Irene de Albuquerque, Regina Yolanda Werneck, Ronaldo Menegaz, Ofélia Fontes, Péricles Madureira de Pinho, Décio de Abreu, Eulalie Ligneul, Hélio Araujo, Valdemar Cavalcante.

Conselho Diretor: Laura Constancia Austregésilo de Athayde Sandroni, Ruth Villela Alves de Souza, Thex Corrêa da Silva.

Conselho Curador: Flávia Silveira Lobo, Geraldo Jordão Pereira, Lenyra Fracaroli, Luís Jardim

Anais do 14.º Congresso da Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil (IBBY)

O livro como instrumento na formação e no desenvolvimento da criança e do jovem

Rio de Janeiro, 21 a 25 de outubro de 1974

Rio de Janeiro

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

1975

Agradecimento

A Seção Brasileira do IBBY agradece a todas as Seções Nacionais e entidades que, enviando documentos escritos e com a presença viva de conferencistas, debatedores e relatores, tornaram possível a publicação destes Anais.

FICHA CATALOGRÁFICA

*(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ)*

C759a	Congresso da Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil, 14., Rio de Janeiro, 1974. Anais. Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 1975. 100p. 33 cm. Número especial do Boletim Informativo da FNLIJ. I. Literatura infanto-juvenil – Congressos. I. International Board on Books for Young People. II. Título. CDD – 028.506 CDU – 087.5:061.3.055.5 82-93:061.3.055.5
75-0516	

Sumário

- **Discurso de abertura**, proferido pelo professor Niilo Visapää, Presidente do IBBY pag. 5
- **Conferência inaugural**, proferida pelo Sr. Heriberto Schiro, representante do Diretor Geral da UNESCO
A literatura infantil nos países em via de desenvolvimento e a cooperação internacional pag. 7
- **Trabalhos dos Grupos**
 - Documentos**
 - Tema 1: **Literatura Nacional e Internacional** (Expositor: Francis Otieno Pala, da Biblioteca Nacional, Quênia; Coordenadora: Carmem Bravo Villasante, do Instituto de Cultura Espanhã, Espanha; Relator: Efrain Subero, da Universidade Católica Andres Belo, da Venezuela)
Literatura Infantil no Quênia: Aspectos Nacionais e Internacionais pag. 12
 - Tema 2: **Literatura e Pedagogia** (Expositor e Coordenador: Raoul Dubois, da Seção Francesa do IBBY e do Colégio Charles Péguy, França; Relatora: Fryda Shultz de Mantovani, autora e conferencista, Argentina)
Renovação Pedagógica e Literatura para a Juventude pag. 15
 - Tema 3: **Livros e Tecnologia Audiovisual** (Expositor: Nuno Veloso, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil; Coordenadora: Virginia Allen Jensen, do Serviço Internacional do Livro Infantil, Dinamarca; Relatora: Eva Jurkiewicz, autora, Brasil)
O livro infantil e a tecnologia de apoio por processos audiovisuais pag. 23
 - Tema 4: **Livros e Hábitos de Leitura** (Expositor: Rudo Moric, da Editora Miadé Letá, Tchecoslováquia; Coordenador: Maria Alice Barroso, do Conselho Federal de Cultura, Brasil; Relator: Virgínia Haviland, da Biblioteca do Congresso, Estados Unidos)
O livro como meio de informação e desenvolvimento da leitura pag. 27
 - Tema 5: **O Público Leitor e seu Acesso ao Livro** (Expositora e Relatora: Nelly Novaes Coelho, da Universidade de São Paulo; Coordenador: Arcádio Plazas, do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina)
O acesso ao livro no contexto cultural brasileiro pag. 30
 - Tema 6: **Criação e Pesquisa Associadas à Produção do Livro Infantil** (Expositor: Lucia Binder, do Instituto Internacional de Literatura Infantil e Pesquisa sobre Leitura, Áustria; Coordenador: Shigeo Watanabe, da Universidade de Keio, Japão; Relator: Marisa Vanini de Gerulewicz da Universidade Central da Venezuela)
Criatividade e pesquisa no campo da produção de livros pag. 35
 - Tema 7: **Recursos Humanos e Materiais para a Produção do Livro Infantil** (Expositor: Bettina Hurlimann, da Editora Atlantis, Suíça; Coordenador: Virginia Allen Jensen, do Centro Internacional do Livro Infantil, Dinamarca; Expositor: Ramon Nieto, da Editora Altea, Espanha)
Equilíbrio entre os recursos materiais e humanos na produção de livros pag. 37
 - Tema 8: **Treinamento de Especialistas Ligados à Produção e Promoção do Livro Infantil** (Expositor: Agnya Bartho, da União de Escritores Soviéticos, URSS; Coordenador: Richard Müller, da Seção Alemã (RDA) do IBBY; Relator: Harry Kulmann, da Seção Sueca do IBBY)
O treinamento de especialistas para a produção de livros infantis pag. 40
 - Recomendações** pag. 45
 - Relatório Final**, por Ann Beneduce, do Children's Books Council, Estados Unidos, Leny W. Dornelles, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Brasil e Dusan Roll, da Bienal Internacional de Bratislava, Tchecoslováquia pag. 51

• **Comunicações**

- Fatos e dados sobre a promoção do livro infantil e o hábito de leitura na América Latina, por Arcádio Plazas, diretor do CERALAL pag. 53
- Fatos e dados sobre a promoção do livro infantil no Irã, por Farshid Meshgali, artista gráfico, Instituto para o Desenvolvimento Intelectual de Crianças e Jovens pag. 58
- Fatos e dados sobre a produção do livro infantil no Japão, por Shigeo Watanabe, professor da Escola de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Universidade de Keio pag. 61
- Fatos e dados sobre bibliotecas escolares na Inglaterra, por Griselda Barton, professora de Literatura Infantil e Leitura, no Instituto Froebel pag. 69
- Fatos e dados sobre bibliotecas infantis e hábitos de leitura na Suécia, por Anton Taranger, Bibliotecário-Chefe em Järfälla pag. 73
- Fatos e dados sobre associações americanas de promoção do livro, por John Donovan, Diretor Executivo do Children's Books Council pag. 75
- **Programa do Congresso** pag. 79
- **Programa e discursos proferidos na cerimônia de entrega do Prêmio Hans Christian Andersen.** pag. 81
- **Relação de participantes** pag. 89

Niilo Visapää
Presidente do IBBY

Senhor Ministro, Queridos companheiros e amigos da literatura infantil,

Senhoras e Senhores

Servindo-me das palavras que, bem escritas e bem enunciadas têm o poder mágico de abrir e fechar, experimento o sentido histórico deste momento: o IBBY atinge à idade adulta, saindo para o alto mar, como fez outrora Fernão de Magalhães, em busca de um mundo novo. Pela primeira vez o Congresso bienal e a Assembléia Geral são realizados fora da Europa. Tal decisão reflete, por um lado, notável arrojo; por outro lado tornar realidade esse Congresso na América Latina, particularmente nesta próspera República Federativa do Brasil se deveu à contribuição efetiva e prática das amáveis representantes deste País, Sras. Ruth Villela Alves de Souza e Leny Werneck Dornelles, durante os últimos 4 anos, junto ao Comitê Executivo e no Júri Hans Christian Andersen, sem esquecer os que as auxiliam nesse esforço, seus funcionários e colaboradores.

Tenho o especial privilégio de me congratular com a Seção Brasileira do IBBY, com as autoridades, os amigos dos livros e demais interessados, que tornaram possível a nossa reunião aqui no Rio de Janeiro, para trabalhar e trocar idéias. Um dos objetivos específicos deste Congresso era reunir todos aqueles que, em toda a América Latina, se esforçam em prol da boa literatura juvenil. Com alegria e gratidão cordial também saudamos os bons amigos do IBBY, o Sr. Diretor do Cerlal, Dr. Arcádio Plazas, o representante pessoal da UNESCO, Sr. Heriberto Schiro que durante o esplêndido Seminário internacional sobre literatura infantil, realizado na cidade de Buenos Aires em abril deste ano, também preparou o terreno para este congresso. É fácil deduzir que, contando com pessoas assim, a atividade do IBBY alcançará certamente seus objetivos. Espero também de todo coração que a contribuição derivada deste congresso e a ele dada por nossos bem-vindos amigos da África e da Ásia venha a beneficiar todos nós em nosso esforço.

Não chegamos de além mar pelos clippers como um grupo selecionado para lhes ensinar alguma coisa. Talvez na realidade nos caiba melhor o papel de alunos, pois os companheiros do lado de cá já possuem conhecimento talvez mais amplo do problema, através de viagens ao Velho Mundo e a outros países deste hemisfério. Viemos estudar em conjunto as obrigações que nos competem no congresso, cujo lema desafiante é "O livro ensina a viver". Neste trabalho, também os professores se tornam alunos.

Que é afinal o IBBY? Um grupo de idealistas muito pacíficos e sonhadores, que colocou seu tempo e até recursos financeiros à disposição da Organização? Talvez seja; mas apenas com boa vontade ninguém vai muito longe neste mundo.

O IBBY é organização de caráter internacional, integrada pelas seções nacionais de cada país membro. Diz o Estatuto que seus objetivos são: "Reunir em todos os países pessoas que se interessam em divulgar os bons livros e facilitar o acesso aos mesmos, encorajando sua produção, para atender ao público leitor em todo o mundo; contribuir para a promoção de livros juvenis por todos os modos possíveis; facilitar a divulgação dos livros de qualidade internacional e encorajar sua tradução; e realizar, encorajar ou desenvolver todos os aspectos da pesquisa relacionada aos diferentes aspectos da literatura infantil e sua ilustração." As seções nacionais é que devem trabalhar para a consecução desses objetivos.

Quando a Sra. Jella Lepman criou o IBBY "porque os livros promovem a compreensão e boa vontade entre os povos, servindo dessa forma à causa da paz", esperava que as seções nacionais orientassem todo seu movimento no sentido internacional. O trabalho dessas seções nacionais do IBBY é feito às vezes por iniciativas próprias e imediatas, outras vezes através do Secretariado.

Jella Lepman usou a expressão "Kinderbuchbrücke", Ponte do Livro Infantil, para caracterizar essa maneira natural de aproximar os povos.

Os componentes da política do IBBY se resumem, unicamente, no seu interesse pelos jovens e pelos bons livros.

Agora que a Seção brasileira organizou este Fórum para um encontro internacional, pode, com bons motivos, se olhar num espelho e dizer, convictamente: "Eu não estou só, isto é o IBBY".

O IBBY não é nenhuma mãezinha cuidando de seus filhos. As seções nacionais sabem atuar com independência, como faz a juventude de hoje. O que isso significa sob o ponto de vista da manutenção financeira das atividades do IBBY dispensa comentários. A Assembléia Geral deve tomar cuidado para que nenhum dos países membros sinta complexo de inferioridade diante da taxa tão reduzida de contribuições!

Comemorando o ano passado seus 20 anos de fundação, o IBBY criou o "Fundo Jella Lepman", que vem aumentando na proporção em que a entidade vai sendo conhecida. As possibilidades e tarefas dessa espécie de fundo são evidentes, principalmente em regiões onde a leitura não é muito difundida.

A tarefa mais importante do IBBY é despertar nas pessoas e entidades a noção de que todo investimento aplicado na juventude e nos bons livros, seja ele de natureza espiritual ou material, constitui decisão realística e de longo alcance.

É estimulante fazer parte de um grupo assim orientado.

Caríssimos e distintos ouvintes! Aparentemente o assunto livro e criança pode ser julgado sem importância. Noção totalmente errada!

Outrora era comum retratar os governantes duplicando a sua figura para evidenciar maior parcela de poder, a sua força. Hoje, consideramos onipotente, no mundo físico, uma partícula invisível ao olho humano! E ainda é válido dizer como antigamente: "os últimos serão os primeiros".

Que sirva para nos encorajar na construção da Ponte do Livro Infantil o fato de dispormos de elementos considerados onipotentes, o jovem ser humano e o livro, as mais poderosas riquezas das nações. Neles está contida a vida espiritual, grande promessa e desafio de um futuro melhor.

Deixem-me agradecer a todos repetindo umas linhas do livro "Birthday", escrito por um latino-americano, Sr. Carlos Fuentes. Dessa forma, também transmito o agradecimento de um dentre os muitos que serão beneficiados pela nossa assembléia. A citação diz respeito às palavras dirigidas a um pai por seu filho pequeno.

"Estou aqui . . . Você gosta de mim? Você vai me proteger e tomar conta de mim? Você vai me levar ao circo? Compre um livro pra mim? Você vai se fantasiar para me assustar e me fazer rir?

E você vai me levar até a escola e me deixar lá sozinho, para que eu venha a ser um homem? "

A LITERATURA INFANTIL NOS PAÍSES EM VIA DE DESENVOLVIMENTO E A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Heriberto Schiro

Representante do Diretor Geral da UNESCO

Nos últimos anos, tem-se notado um crescimento do interesse pela literatura infantil. Assim o revelam as reuniões e seminários organizados com o objetivo de estudá-la: Nice (maio de 1972), São Paulo (junho de 1972), Buenos Aires (abril de 1974), Zurique (Simpósio da Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil — setembro de 1973) e este congresso do Rio de Janeiro (outubro de 1974), além de feiras institucionalizadas como as de Boíonha e Bratislava. Se bem que nestas reuniões se fizeram múltiplas análises e se debateram diversos problemas, há algumas conclusões básicas que podem ser consideradas como linhas diretrizes para uma política de fomento do livro infantil e, também, do livro em geral nos países da área latino-americana, fomento este que compreende também a assistência técnica que se lhes possa prestar, por meio de acordos bilaterais ou de organismos internacionais.

A primeira conclusão que surge é a de que a literatura infantil não mais constitui um gênero menor dentro da literatura em geral, pois tem crescido com tal vigor e se expandido de tal maneira, que já ocupa legitimamente um lugar de honra no campo do livro (1).

Como dado ilustrativo — na medida em que se possa classificar o fenômeno — cabe sublinhar que na amostra realizada em Buenos Aires, em abril passado, certamente parcial já que primou o critério que servira para ilustrar as sessões do Seminário, reuniram-se nada mais, nada menos que 1.200 títulos de obras editadas primordialmente na América Latina.

A segunda observação consiste em que o aprimoramento da literatura infantil, em qualidade e quantidade, constitui uma peça essencial para a formação do hábito de leitura na criança de hoje, isto é, o homem de amanhã, uma vez que ou se adquire o hábito da leitura na infância ou não se adquire (2).

Uma terceira observação refere-se ao espírito de crítica que predominou em algumas reuniões e que, de certa forma, colocou em julgamento conceitos geralmente aceitos no tocante ao conteúdo do livro infantil, e as suas características econômicas e comerciais. Críticos provenientes principalmente da psicologia, das ciências sociais e da pedagogia assinalaram que o fundamento filosófico e a conceituação que veiculam algumas obras da literatura infantil, estão longe de corresponder aos valores ideais que deveriam inspirá-la: preconceitos de classe, brutalidade, crueldade injustificada, cenas de terror, etc., além do preço inabordável para as camadas sociais menos favorecidas, transforma-as necessariamente em privilégio das minorias, as únicas capazes de ter acesso à tais obras.

Quando se deseja enfocar a problemática do livro infantil e, mais ainda a problemática toda do livro nos países em via de desenvolvimento, conclui-se que esta se insere na perspectiva muito mais ampla da situação político-econômico-cultural desses países. Torna-se essencial a clareza do diagnóstico, se quisermos pensar na eficácia das soluções mas é muito importante, também, que não alimentemos ilusões acerca de soluções parciais: não pode haver milagre no campo do livro, como não há milagres em política, economia ou cultura. Disso sabemos muito bem todos nós que, nos últimos anos, vimos trabalhando para o fomento do livro na região, e tivemos de proclamá-lo abertamente quando nos pediram resultados espetaculares e instantâneos. Por isso, temos sustentado que qualquer ponto de vista que não leve em conta estes elementos de reflexão, resultará fragmentário e errôneo já que, em grande parte, a solução dos problemas do livro não se encontra no livro. Em outros termos, existem condicionamentos externos que escapam a nossa ação, inserem-se na realidade de cada país e provêm de um fenômeno comum, denominado por uma palavra antipática, mas em grande voga nos últimos tempos: o subdesenvolvimento. Não é por acaso que a evolução da indústria editorial apresenta notável paralelismo com o desenvolvimento do país; que nas estatísticas da UNESCO, 13,4% da população mundial, situada na Europa Ocidental, beneficia-se com aproximadamente 45,3% da produção de livros num total de 225.000 títulos. Se a isso acrescentarmos os EUA, a URSS e o Japão, 30% da população mundial produz 80% dos livros publicados.

(1) Smith considera a literatura infantil tão importante que chega a chamá-la de base e fundamento sobre o qual se constrói tudo o mais.

(2) Pesquisas recentes junto à população adulta revelaram que somente 3% das pessoas maiores de 20 anos adquirem o hábito de leitura não adquirido na infância.

Desta forma, e ainda que empiricamente, poderíamos dizer que cabe admitir em nossa região três categorias de países no campo editorial e as mesmas, obviamente, mantêm-se no campo da literatura infantil. Temos, assim, países que alcançam um bom nível e que em suas capitais e centros de alta densidade demográfica, estão à altura dos bons centros mundiais; temos países intermediários, com indústria em ascensão, e temos países cuja produção é quase nula, e onde somente se conhece o livro importado que, é claro, não está ao alcance senão de uma minoria da população pois, como dissemos mais acima, estes são os países de mais baixa renda individual. Quando notamos que a renda per capita varia aproximadamente de US\$ 200 a US\$ 1.300, esses mesmos números que devem naturalmente ser interpretados em sua linguagem estatística e matemática, nos mostram bem claro as enormes diferenças existentes.

Vejamos agora como o subdesenvolvimento condiciona as diversas etapas editoriais de criação, produção, distribuição e circulação internacional.

1 — Criação

Se bem que o talento seja um dom individual e ocasionalmente surja isolado, não há dúvida de que, em grande parte, a vocação e as condições do escritor são frutos de um "clima cultural" que se relaciona com o grau de alfabetização, o acesso às obras de cultura universal e, também, ao ensino superior. Isto, por sua vez, está vinculado ao desenvolvimento dos meios de comunicação responsáveis cada vez mais pela instrução de um povo e a circulação de informações de toda índole, especialmente de material impresso: livros, revistas, jornais. Em outros termos, a criação está vinculada ao grau de cultura de um povo. Mas isso não é tudo: também depende do estímulo com que possam contar os autores e do fato de que possam exercer a profissão de autor. Obviamente, isto supõe também mercado e infra-estrutura editorial, já que, salvo exceção, somente partindo do mercado local se chega ao renome internacional. As exceções conhecidas não fazem senão demonstrar a falta de lógica que gera a carência de condições de estímulos locais.

2 — Produção

Convém levar em conta que só a criação não basta para que uma obra veja o dia: além do autor, necessita-se a intervenção do editor, a quem cabe a seleção crítica da obra e a materialização do livro e, ao mesmo tempo, tomar as providências para que a sua comercialização se efetive. Toda empresa editorial, incluindo a gráfica, requer como condição — acumulação de capital, equipamento suficiente e sobretudo capacidade de gerência. O processo de impressão, em especial, mantém estreita relação com o grau de evolução da indústria manufatureira, na qual ocupa um lugar específico; num país onde não existe indústria manufatureira, não há um bom equipamento de imprensa que, nos últimos anos, tenha chegado a um grau de elevada sofisticação. Além do que, não basta a mera capacidade de gerência e equipamento; necessita-se também de investimentos e matéria-prima. Estas são de produção local ou importadas do exterior. No primeiro caso, necessita-se, também, indústrias básicas; no segundo, capacidade de pagamento para saldar as importações. Quer dizer que, no fim, defrontamo-nos novamente com o grau de desenvolvimento econômico do país, do qual depende sua balança de pagamentos e sua capacidade de importação, da mesma forma que a acumulação de capital e o equipamento possibilitam a produção local.

3 — Distribuição

A distribuição é a etapa de acesso ao mercado, tanto majoritário quanto minoritário. Ela supõe, em primeiro lugar, a existência mesma deste mercado, fenômeno que, por sua vez, implica em duas condições: de um lado, destreza da leitura de acordo com os níveis de alfabetização; e de outro, capacidade de compra de acordo com os níveis de renda; isto exige, também, disponibilidade de uma rede de livrarias bem abastecidas que não somente vendam o livro, mas que o exponham e incitem o cliente à sua compra. Finalmente, é essencial a disponibilidade do livro em bibliotecas. Desta forma, não apenas se conhecem os livros, em especial os recém-lançados, mas também se tornam acessíveis ao público de menores recursos os livros caros que, de outra maneira, não poderiam ser lidos. Atualmente, as bibliotecas públicas se mantêm às expensas dos orçamentos de educação, requerendo fundos para edifícios, aquisição de livros e pagamento de pessoal, o que depende de renda estatal.

A distribuição está condicionada, além disso, a dois fatores fundamentais: a comunicação e o transporte. Uma vez editado, o livro deve ser divulgado aos leitores em potencial; em outros termos, estes devem estar a par da publicação, do autor e do conteúdo, de maneira a sentirem-se motivados a adquirir o livro. O canal de informação mais comum, neste campo, encontra-se constituído pelas vias de comunicação: jornais, revistas, catálogos, rádios, televisão; todas, por sua vez vinculadas ao desenvolvimento da publicidade. A publicidade do livro não é essencialmente diferente das de outros produtos e não se pode pretender que ela exista isolada, já que de fato apresenta uma proporção harmônica com os capitais que mobiliza.

Outro fator é o transporte. O livro deve ser transportado por caminhão, trem, navio ou avião, segundo o destino, a distância e as características do país. É óbvio que utilizará os mesmos meios de transporte que os demais bens e mercadorias, quer dizer que seu acesso ao consumidor depende da eficácia, frequência e rapidez destes e, neste caso, o transporte não pode representar exceção com respeito à totalidade da infra-estrutura do país. O fato de exigir tarifas especiais tanto de correio quanto de carga não passa de um paliativo que nunca transformará as condições básicas nas quais o transporte se desenvolve.

A circulação internacional compreende a atividade importadora e exportadora para as quais tanto a UNESCO quanto o Centro Regional vem exigindo liberalização e eliminação de obstáculos.

Mas sendo a importação essencial — não há país, por mais avançado que seja, que possa vangloriar-se de auto-suficiência em matéria de livros e, menos ainda, na nossa região — tão pouco deve ela consistir numa avalanche de ofertas que venham, em condições excepcionais, saturar os módicos mercados existentes.

Por outro lado, a comercialização do livro importado não difere essencialmente da comercialização do livro de produção nacional uma vez que exige mercado, isto é alfabetização e poder aquisitivo; deve ser promovida pelos meios de comunicação e escoada através dos meios de transporte.

Com razão tem-se observado freqüentemente, que em nossos países chegam quantidades de livros que constituem verdadeiros rebutalhos, material impossível de colocar no mercado interno dos países produtores. Este fenômeno tem sido, muitas vezes, denunciado. Relembro, agora, a denúncia de Will Zachau num artigo intitulado "A neglected mass market" referindo-se aos países africanos, trabalho este que foi distribuído pelo Centro Regional, na série de monografias. A mesma observação foi feita por Anne Pelowski, no Seminário de Literatura Infantil de São Paulo (1972), quando assinalou a distorção que implica em alimentar a demanda dos países em via de desenvolvimento exclusivamente com livros importados, sem dar oportunidade ao surgimento de uma produção literária autóctone. Por sua vez, Marc Soriano, em seu livro, "Guide de la littérature pour la jeunesse", critica também esta situação e o que denomina "o complexo de inferioridade de que dão muitas vezes prova, os países em via de desenvolvimento, no tocante à literatura para a juventude". Soriano é muito preciso neste tema e faz as seguintes observações: "A aquisição de cultura pelos jovens não pode obter êxito senão na medida em que se coloque à disposição das crianças, livros que não as desorientem, que lhes falem, de seu país e dos costumes que lhes são familiares. Só então, os jovens leitores chegarão a ser capazes de se interessar por outros livros e por outros países. O que ocorre com a leitura, é em resumo, comparável ao que sucede com seus progressos afetivos, intelectuais e motores. A criança deve adquirir primeiro uma consciência clara de seu próprio corpo, um conhecimento de sua imagem e de suas potencialidades. Se não o consegue, não será capaz de se comunicar com o exterior, nem compreender, nem amar o seu próximo. Em definitivo, o caminho mais curto entre uma criança e a cultura universal passa pelo descobrimento de sua própria cultura". Coincidindo com este pensamento, afirma F. S. Mantovani que a literatura infantil não é pedagogia mas é, em si mesma, um fato pedagógico, e define a educação como "o caminho do eu ao nós".(1)

Não creio que estas expressões devam interpretar-se como um rompimento radical com as obras de literatura universal, mas como uma sã e nobre aspiração ao surgimento de uma literatura autóctone, enraizada na história, nas tradições, incluindo as orais, e no folclore nacional. Neste sentido, devem inscrever-se as palavras de R. Escarpit: "É difícil conceber que um país possa gozar de autonomia cultural, no mundo em que vivemos, sem possuir uma literatura nacional à altura de suas necessidades". Claro que a expressão — autonomia cultural — deve ser entendida "cum grano salis".

Há de se ter cuidado, por outro lado, em respeitar a ambivalência do livro no que se refere ao seu aspecto cultural e ao seu suporte material: o livro é uma mensagem, é um elemento estético, é um valor cultural, mas também reveste as características de manufatura, que tem matérias-primas, um menor ou maior grau de elaboração, em resumo, um custo. Neste sentido, não há livro gratuito porque nada é gratuito quando possui custo, mas pode, sim, haver livros de distribuição gratuita, e o Estado, neste campo, pode levar avante uma nobre política de redistribuição de recursos. Mas ainda aí deve-se estudar escrupulosamente os fatores de custos, pois mesmo que o Estado assumia diretamente a tarefa do editor, estamos e estaremos sempre administrando fundos de países pobres. E precisamente um dos fatores de maior incidência no custo unitário é a tiragem — não se pode esquecer que, no livro, há uma economia de escala, como em qualquer outra manufatura, e é impossível obter custo unitário baixo em tiragens muito reduzidas.

Freqüentemente, os que proclamam com entusiasmo a defesa — muito legítima, é claro — da literatura autóctone, esquecem este fator e, logo que este procedimento é posto em prática nas editoras do Estado, provoca o desprestígio destas pelos choques decorrentes, dando ensejo a argumentos contrários à atividade produtora do Estado, como se tratasse de uma deficiência congênita e inevitável. Segundo a nossa maneira de pensar, tão importante é a literatura autóctone e a sua promoção — e nenhum país deve renunciar a esta aspiração — que se deve zelar para que ela apresente um preço de custo razoável, a fim de que os preços se tornem verdadeiramente acessíveis à grandes massas da população. "A história do livro — escreve Nicole Robine — é a história da ascensão das massas à leitura." (2)

Se não se tomar cuidado com o preço de custo, ou se cairá em preços excessivamente elevados ou se criará um *deficit* que deverá ser continuamente coberto com novos recursos do Estado, já que se a atividade fosse privada iria fatalmente à falência.

Desde logo, uma legislação promocional adequada pode atenuar os fatores do custo, por exemplo, liberando equipamento de impressão, suprimindo taxas alfandegárias sobre matérias-primas, eliminando impostos, outorgando créditos a juros baixos e concedendo tarifas especiais de correio e transporte em geral. Tudo isso é correto e são pontos encontrados nas leis de ajuda ao livro que vimos aconselhando aos países. Entretanto, não gera por si só talentos de escritores, nem improvisa autores que, é lógico, permanecem desconhecidos até adquirirem renome pela edição de suas obras e pelos modernos meios de propaganda. Daí, como se assinalou, a tentação dos editores em recorrer à traduções

(1) "Nuevas corrientes de la Literatura Infantil".

(2) "La littérature et le social" — Flammarion, Paris, 1970, pg. 228.

de obras conhecidas e de autores internacionalmente consagrados, cuja promoção já foi feita e cujo prestígio já foi confirmado mundialmente. Este fenômeno é tão conhecido de todos, e foi tantas vezes denunciado, que não vale a pena citar críticos autorizados para reforçar a afirmação; esta realidade é amplamente conhecida pelos autores, editores e pelo público em geral.

Não há dúvida de que os países em via de desenvolvimento enfrentam um desafio para superar a sua atual situação. Mas, entenda-se bem, isto não quer dizer que o único caminho consista em repetir servilmente o que seguiram os países altamente industrializados. De imediato, no que toca ao processo de industrialização e à utilização de recursos naturais, já não acreditamos no otimismo despreocupado acerca da grandeza infinita desses recursos e das conseqüências que, numa espécie de vingança da natureza, se refletem na situação atual, levando à graves denúncias sobre o esgotamento dos recursos disponíveis, a contaminação e a necessidade de saneamento do meio ambiente. É bem possível que se possa também denunciar distorções e abusos no campo cultural e, neste sentido, os países em via de desenvolvimento têm, além da oportunidade, o dever de verificar as experiências e erros cometidos por outros.

Vozes autorizadas já nos advertiram sobre isso: é preciso pois, fixar as metas a que queremos chegar para depois escolher, sem maniqueísmos estreitos, os meios que nos conduzirão a elas. Naturalmente, isto tem de ser objeto de uma política cultural que, sem dúvida, corresponde aos objetivos do Estado, envolvendo um sincero exame de consciência, uma revisão dos programas e métodos de ensino e uma sensata valorização da cultura autóctone. Não parece impertinência reclamar para a literatura infantil um ajuste, uma harmonia com a idiossincrasia e a natureza de nossos povos e ainda a paisagem de nossos países. Por exemplo, observa Soriano, é perfeitamente lógico que textos em que figuram animais domésticos, que se desenvolvem em espaços reduzidos, e encantam a criança européia, não sejam os mais propícios para crianças que vivem em países imensos, com grandes espaços e dentro de outro quadro de natureza e paisagem. Imaginemos dois casos extremos: a Bélgica com 30.000 km² e o Brasil com uma superfície 17 vezes maior que a da França. A observação parece bastante adequada e constitui um desafio à imaginação dos autores, e um apelo contra a imitação servil de modelos importados. De início não será fácil guardar a justa medida, assim como não é fácil realizá-lo no campo econômico quando se trata de escolher o ponto ótimo entre o protecionismo e a liberdade de comércio. Por outro lado, para nós, que nos dedicamos à tarefa de assistência técnica, torna-se também indispensável que tenhamos idéias claras a respeito do que os países desejam, a fim de evitar que os prejuízos — e todos arcamos com muitos prejuízos — esterilizem nossa tarefa e nos levem a focalizar a ajuda através de critérios didáticos impostos, com base em padrões culturais importados. "Os países industriais desenvolveram-se economicamente antes de dispor dos meios culturais de seu desenvolvimento e fecharam-se, no final das contas, num impasse do qual lhes será difícil sair... É provável que os povos da África e da Ásia disponham, desde há muito, de meios de comunicação e de produção intelectuais muito superiores aos que possuíam os trabalhadores europeus do século XIX." (1)

É possível, pois, que o processo não seja igual e que se possa obter uma cultura nacional — o que equivale a dizer uma literatura nacional, já que não há cultura sem livro — evitando erros e excessos e sem cair na massificação cultural que tem implicado o crescimento dos meios de comunicação e que foi justa e acertadamente denunciada pelas mentes mais lúcidas e objetivas. Outro risco a evitar, consiste na grande produção de livros e escassez de leitores: um público imenso indiferente à oferta de uma leitura que não corresponde aos seus interesses e motivações profundas; que aprende a ler e logo o esquece, deixando-se levar pelos audiovisuais: intriga, suspense, filmes, historietas de baixo custo e produção em massa, com profusão de violência, racismo, sexo e excessos nocivos à higiene psíquica do público consumidor.

Cabe, portanto, uma política sensata de fomento da edição autóctone, tanto do livro em geral quanto do livro infantil que, como dissemos mais acima, não é senão um caso particular da edição em geral, que não sem razão mantém simetria com ela. Será preciso, em especial, uma revisão dos métodos de ensino da leitura, já que — como o sustenta o documento elaborado em nosso seminário sobre "Hábitos, Níveis e Interesses de Leitura" — "A escola primária não cria níveis e, sobretudo, os hábitos de leitura necessários para que o educando inicie, ao deixar a escola, um processo de educação permanente, o que provoca na grande maioria dos países latino-americanos o problema do retorno ao analfabetismo". Em resumo, devemos chegar a semear o hábito da leitura, justamente denominado "arte solitária".

Por outro lado, se quisermos captar o interesse do leitor e fomentar o hábito da leitura, deveremos levar em consideração, também, as motivações do leitor, ao programar a produção editorial: uma pesquisa do ILTAM entre 4716 membros da circunscrição de Limoges e 1491 operários e empregados da região de Bordeaux, apresentou os seguintes resultados: uns 8% liam porque não tinham outra coisa para fazer; uns 31% para trocar idéias; uns 32% para documentar-se; uns 43% para instruir-se; uns 30% por simples distração (note-se que estas percentagens não são dependentes, portanto não devem ser somadas). Ainda que não seja lícito extrapolar para as crianças os resultados de uma pesquisa com adultos, o que é válido, isso sim, é a necessidade de explorar as motivações da leitura para evitar a enorme desproporção entre livros editados e livros efetivamente lidos. Há que se reconhecer que as estatísticas de que dispomos referem-se somente aos livros editados e, interpretadas de forma simplista, poderiam levar à conclusões muito errôneas. Diante da escassez de recursos dos países em via de desenvolvimento, uma das metas dignas de se considerar, seria a redução da lacuna entre a produção e a demanda efetiva, isto é, entre os livros publicados e os efetivamente lidos.

O recente seminário realizado em Buenos Aires foi muito explícito em suas recomendações para pôr fim a este panorama de pobreza que demonstra a literatura infantil na nossa área: criação de bibliotecas infantis, de cadeiras sobre a matéria, de exposições e prêmios; organização de congressos, de encontros de escritores, melhor utilização dos meios de comunicação de massa na promoção da literatura infantil, publicação de co-edições, etc. Parece-me bastante oportuno

(1) MARC SORIANO. "Tradiciones populares y sociedad de consumo". Monografía traduzida por H. Schiro e distribuída pelo Cerial.

chamar a atenção sobre a possibilidade de co-edição em nossa área: já que no livro infantil, a ilustração representa uma percentagem muito elevada nos custos, a melhor maneira de reduzi-los e obter tiragens elevadas é a co-edição, única solução que pode superar estas limitações. No presente congresso, apresentaremos um documento que informa sobre programas de co-edições da Ásia. Se os países asiáticos, com tanta diferença de raças e idiomas, conseguem colocar-se de acordo para um programa desse tipo, não resta dúvida que possibilidades para a sua consecução são muito maiores na América Latina, onde tais fatores estão longe de representar barreiras intransponíveis pois, pelo contrário, trata-se aqui de povos com unidade étnica e lingüística. Seria demasiado insistir no quanto a UNESCO e o Centro Regional vêm com profunda simpatia este programa e lhe prestarão todo o seu apoio.

Resumindo, e para terminar, os países de nossa região se defrontam com um autêntico desafio no que se refere à produção autóctone de livros e, particularmente, a de livros infantis, o livro destinado a uma idade decisiva para a formação espiritual e para a aquisição do hábito de leitura. Resta muito a fazer neste campo, no aproveitamento da tradição, do folclore e da história nacional, e na promoção de autores locais. Sem dúvida, tudo isto será possível sem romper definitivamente com a magia, a poesia, a irrealidade, a transitoriedade entre o real e o fictício, o animismo, a pureza de concepção e de linha narrativa que tem distinguido a literatura infantil que poderíamos chamar tradicional e que pode ser depurada de alguns dos defeitos que lhe foram atribuídos. Será possível, cremos, uma literatura infantil destinada a semear sentimentos de humanidade, de fraternidade, de justiça, destinada à construção de um mundo melhor, um mundo de que serão responsáveis as crianças de hoje, homens do amanhã.

DOCUMENTOS

TEMA 1 – LITERATURA NACIONAL E INTERNACIONAL

LITERATURA INFANTIL NO QUÊNIA:
ASPECTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Francis Otieno Pala

Biblioteca Nacional do Quênia

INTRODUÇÃO

Em seu relatório trimestral de 1974, a Associação de Planejamento Familiar do Quênia registra a metade da população total do país como tendo menos de 16 anos e 20% dessa população como tendo até 5 anos de idade. Também se prognosticou que, se continuar prevalecendo a taxa de natalidade atual de 3,3%, o Quênia chegará a ter 18,5 milhões de habitantes (ou 54% da população total) com idade até 16 anos. Sendo essa a idade em que as crianças freqüentam a escola primária, a literatura a elas destinada terá que figurar também em proporção maior do que nunca.

Apesar das advertências que o mundo todo vem recebendo sobre as graves conseqüências da explosão populacional, professores e bibliotecários são desafiados a proporcionar cada vez mais conhecimentos a essa população jovem. Essa realidade se torna mais evidente nas nações jovens em fase de desenvolvimento, como o Quênia. Quanto à literatura juvenil em relação ao crescimento populacional, muito ainda resta a ser feito, o que repercutirá significativamente em seu futuro de adultos num mundo em desenvolvimento. Haverá quem se admire porque nos preocupamos indevidamente com temas populacionais, visto que esta conferência não trata de população, porém de literatura.

Cumpra notar, entretanto, que no Quênia, onde a maior parte da população jovem está sendo formalmente educada e onde ainda prevalece o analfabetismo, a população e a literatura por ela solicitada não podem ser consideradas como assuntos dissociados.

Ao contrário do que ocorre nos países desenvolvidos, onde os adolescentes procuram livros também de caráter recreativo, os leitores jovens do Quênia não podem estabelecer separação entre a leitura para fins puramente recreativos e a que serve para adquirir conhecimentos. Felizmente existe no Quênia real interesse pela leitura, seja quando resulte em a criança acrescentar algumas palavras ao seu vocabulário de inglês ou *swahili* ou em aprender algo sobre as crianças das outras partes do mundo. Isso é estimulante e encorajador para o bibliotecário no Quênia moderno.

LITERATURA

- 12 Durante a discussão de nosso tema, dois aspectos se destacam: a) a *produção ou o aspecto editorial* e b) o *aspecto utilitário*. Para chegarmos à adequada apreciação da literatura infantil no Quênia, é indispensável examinar o mercado: que livros juvenis estão sendo produzidos, dentro e fora do país, para leitura local. Com isso, obteremos indicação sobre o que lêem os jovens do Quênia, quais suas preferências e os motivos delas. Os quadros a seguir mostram a porcentagem de livros juvenis vendidos no país. Neles também aparece a porcentagem de livros para crianças nativas, produzidos dentro ou fora do Quênia. A porcentagem do que poderíamos denominar "livros internacionais" (i.e. aqueles não escritos por autores nacionais, nem publicados no país ou escritos especialmente para as crianças do Quênia) é bem pequena, conforme aparece nos quadros. Cumpra destacar, todavia, que a maior parte dos livros infantis não diretamente relacionados com o currículo escolar são publicados no exterior. Muito pouco tem sido publicado em nosso país, afora os livros de texto.

As elevadas vendas de livros locais que aparecem no quadro I correspondem a material direta ou indiretamente relacionado com o currículo escolar.

Quadro I – Vendas de literatura local (%)

EDITOR	1971/72	1972/73	1973/74	N. ^{os} Projetados 1974/75
Oxford University Press (Editores estrangeiros com representante local)	46	34	51	65
Jomo Kenyatta Foundation	—	80	95	95
East African Literature Bureau	—	5	5	10

Quadro II – Vendas de literatura “estrangeira”

FIRMA	Período	Total de importação	% de livros infantis importados
Longman (Kenya)	1972/73	25%	2%
	1973/74	25%	2%
Oxford University Press	1972/73	28%	5%
	1973/74	18%	5%

Pelos quadros I e II nota-se a tendência para produção no país de quase toda a literatura infantil. Editoras como a *Jomo Kenyatta Foundation* já estão produzindo material escolar exclusivamente para jovens leitores em caráter particular. Outras firmas produzem no exterior para suprir o Quênia. Citemos alguns exemplos: *Thomas Nelson and Sons*, edita o *Nelson Kenya Junior Atlas*, enquanto a *Burke Publishing Company* edita a série geográfica *Let's visit* (por ex. *Let's visit Kenya, Uganda, Tanzânia etc.*) de Townsend.

Depois de discutir a edição ou produção da literatura infantil no Quênia, examinemos o tipo de literatura em voga. Quais os livros lidos pelas crianças do Quênia e quais os problemas com que se defronta o bibliotecário para conseguir material de leitura que atenda a uma população numerosa e variada (racial e culturalmente)?

A maioria da população jovem do Quênia é de origem africana, embora também se encontrem entre os jovens leitores asiáticos, árabes e europeus. Cabe ao bibliotecário considerar essas circunstâncias, ao selecionar a literatura juvenil. Em termos gerais, as preferências dos jovens estão agrupadas em duas categorias: a) população rural e b) população urbana e em grande parte cosmopolita.

Cabe a essa altura informar livremente que, embora exista a população urbana, sua porcentagem é muito pequena e, em relação à criança africana, a vida urbana pouco alterou seu gosto nativo. A população “cosmopolita” e respectivos gostos referem-se à reduzida minoria de crianças européias, umas poucas asiáticas e africanas.

Entre as várias conclusões decorrentes do levantamento realizado pelo bibliotecário de crianças para as Bibliotecas Municipais de Nairobi* surgiu o fato desanimador de que bem poucas crianças possuíam qualquer noção do uso e apreciação dos livros. Recomendou-se a promoção de campanhas mais vigorosas visando recrutar novos sócios para as bibliotecas.

TIPO DE LITERATURA PREFERIDA

As crianças do Quênia gostam muito de contos de fadas, dando preferência aos de países distantes. Apreciam particularmente histórias baseadas no folclore africano. Por isso os livros do tipo “East African, When and Why Stories”, de P. Ogot-Kola gozam de grande popularidade. Especialistas educacionais** e bibliotecários têm sugerido que as histórias folclóricas podem fornecer material para improvisar dramas, por serem essas histórias de fácil adaptação ao nível de experiência das crianças.

Outras preferências que determinam a seleção de livros são as narrativas de aventuras, de fantasmas, livros de jogos e trabalhos manuais (por ex. *80 coisas que se fazem de papelão*). Por estranho que pareça, os livros sobre bichos

* YAHYA, A. A. — “Libraries for the Young: A survey of Library Facilities for Young People in Nairobi”. Nairobi, 1969-1970.

** PEACOCK, Ethel — “The Primary teachers dual role: how does he achieve it?”. *Education in Eastern Africa*. Nairobi: Regional Council for Education.

não gozam de muita popularidade, talvez por terem as crianças se criado cercadas por animais, não constituindo estas novidade.

Os clássicos do tipo mitologia grega não são apreciados. Também aqui, a explicação provável consistiria no fato de serem o ambiente e os cenários pouco familiares às crianças.

Quanto aos livros que abordam assuntos científicos como viagens espaciais, naves interplanetárias e astronautas, se usarem linguagem adequada, alcançam extraordinária popularidade.

Cumprе esclarecer que, na capital, Nairobi, onde a comunidade é cosmopolita, os gostos literários tendem a ser igualmente cosmopolitas. Os contos de fadas de Christian Andersen continuam populares. O tipo de literatura "internacional", que tende a influenciar os leitores citadinos e a atual elite africana, inclui a série de aventuras de Tintin (Hergé), os livros de Enid Blyton, além de outros.

O idioma também desempenha algum papel na utilização dos livros. A língua adotada para escrever é o inglês, embora não seja o idioma nativo da maioria das crianças africanas. Exceto nos casos em que os livros tenham sido escritos especialmente para o nível de compreensão do inglês dos jovens leitores do Quênia (por ex. os Oxford University Supplementary Readers), é uma dificuldade obter literatura que seja proveitosa para eles. Pouca coisa aparece publicada nas línguas vernáculas ou no idioma nacional, Swahili, o que resulta em frustração para os jovens, procurando estes os livros ingleses de leitura muito elementar (por ex. livros de figuras para crianças pequenas). Não que possuam inteligência limitada, mas devido às dificuldades do idioma.

A Fundação Jomo Kenyatta tem procurado corrigir esse problema, publicando livros infantis especialmente adaptados às experiências e aptidões locais. Os livros escritos no Oeste Africano têm contribuído bastante para corrigir esse erro e a influência interafricana pode ser observada na popularidade dos livros escritos por africanos do oeste ou que tenham essa região como ambiente. Talvez se possa mesmo sugerir que os livros destinados às crianças do Caribe e de algumas partes da América Latina, uma vez traduzidos, também poderão servir.

Há poucos ilustradores no Quênia. Todos conhecem o papel desempenhado na vida de uma criança pelo bom livro ilustrado. Temos cerca de três bons ilustradores; não é bastante, no entanto; precisamos dispor de mais livros infantis ilustrados. Concluindo, diremos que a situação tem melhorado. Muito maior número de leitores passaram a conhecer a existência e utilidade da biblioteca, cada dia aparecem novos autores. Aguardamos para breve a criação de um prêmio nacional ao melhor escritor de livros infantis, encorajando-se dessa forma a expansão e melhoria da literatura infantil. Atualmente só existe prêmio de literatura para adultos.

Não convém, entretanto, perder de vista a ambição de transformar nossas crianças em cidadãos do mundo, ao mesmo tempo que acentuamos ser necessário dispor de material para leitura adequada. Em nosso país se acredita, entretanto, que o desnível existente entre as crianças dos países em desenvolvimento e dos desenvolvidos, quanto a experiência, tem caráter essencialmente cultural tornando fútil a tentativa de atenuar esse desnível pelo recurso exclusivo de materiais para leitura. Consideramos, portanto, nosso principal objetivo conscientizar nossas crianças sobre o ambiente em que vivem; partindo dessa experiência local, passarão elas a sentir curiosidade sobre o resto do mundo.

Quadro III – População estimada em idade escolar

IDADE	1972	1974	1975
5	400	431	452
6-12	2,392	2,561	2,652
13-16	1,112	1,888	1,228
TOTAL	3,904	4,880	4,332

14

Kenya statistical Digest, June 1971 Vol. IX – N.º 2.

RENOVAÇÃO PEDAGÓGICA E LITERATURA PARA A JUVENTUDE

Raoul Dubois
Seção Francesa do IBBY

OS DADOS DO PROBLEMA

Se tomamos em consideração o anuário estatístico da Unesco concluímos que a produção de livros no mundo não deixa de crescer. Não passamos nós, entre 1955 e 1971, de 285.000 a 548.000 títulos publicados anualmente?

Se a ela acrescentamos a enorme quantidade de publicações periódicas, devemos admitir que — dentre os meios de comunicação do pensamento o impresso continua a ocupar um lugar importante.

Nem por isso o problema da comunicação fica resolvido. Não nos esqueçamos, também, que o número de analfabetos não diminui, que inúmeros povos continuam ainda em estágio de comunicação oral tradicional. Levamos em consideração, igualmente, a posição crescente que o rádio e a TV ocupam no mundo inteiro, uma vez que se conta com uma média de 200 receptores de rádio e 70 de TV para cada 1.000 habitantes.

É inevitável que se esboce uma reclassificação das técnicas de comunicação, e bem sabemos que muito tempo será necessário para que apareçam, de forma incontestável, os novos modelos em gestação.

Além disso, massas cada vez mais numerosas da população exigem uma democratização da educação e da cultura; apesar desta exigência não se exercer unicamente com vistas à alfabetização, ela continua a mostrar que a aprendizagem da leitura é uma das etapas essenciais da democratização cultural.

Aliás, o anseio de democratização representa, ao mesmo tempo, um anseio de conquista da cultura tradicional e a contestação desta mesma cultura à qual se opõem modelos novos.

É neste clima, no momento em que os modelos escolares tradicionais são contestados, que examinamos as relações entre a literatura infantil e o ensino da leitura. Em 1974, as soluções que respondem às exigências da aprendizagem da leitura não podem constituir um simples retorno à antigas práticas. As relações entre a escola e o livro não podem ser as mesmas de um período em que o livro era o único meio de acesso ao conhecimento e à cultura literária.

APRENDER A LER EM 1974

Não nos seria possível lembrar, em detalhes, os problemas da aprendizagem da leitura. Entretanto, gostaríamos de ressaltar, nos textos recentes, certas afirmações que parecem sublinhar diretamente a nossa proposição e que poderão ser discutidas com utilidade.

A PRÉ-APRENDIZAGEM

“Nem a inclinação, nem o desejo de comunicar correspondem a necessidades espontâneas da criança. Resultam, antes, de uma interação entre a criança e o seu meio, quer dizer, que o meio sócio-econômico, a que pertence a criança, determinará em grande parte, os seus progressos posteriores na utilização da linguagem”. (1)

Quanto aos objetivos da alfabetização funcional e generalizada, concebe-se que semelhante série de constatações gere conseqüências para a organização do ensino pré-escolar e, *em primeiro lugar*, para as crianças dos meios mais desfavorecidos.

15

A APRENDIZAGEM PROPRIAMENTE DITA

Todo o problema se resume na colocação dos objetivos da aprendizagem da leitura. Parece que uma certa confusão existe, ainda, a esse respeito.

(1) F. Bresson — Apprendre à lire — pg. 52 - Actes du colloque de Neufchâtel

Nos primeiros anos de uma campanha de alfabetização — quando a porcentagem de analfabetos é considerável, e que o analfabetismo freia a industrialização de um país — pode-se ser induzido à uma aproximação tão diretamente utilitária da leitura que ela passe a dar à criança, (em certos casos ao adulto), uma técnica de decodificação cujo único objetivo seja o de permitir uma utilização estritamente pragmática da leitura, em detrimento do contato com a criação literária.

Aí está uma situação que merece a atenção dos educadores e dos especialistas em leitura infantil. De fato, não se pode incorrer em dois riscos contraditórios. Por um lado, limitar a aprendizagem a formar um produto mais apto a utilizar máquinas de “ler e executar ordens”, a conduzir-se graças a painéis escritos, a redigir frases elementares, não passa de uma caricatura da alfabetização. Por outro lado, descuidar dos aprendizados em relação direta com a vida de todos os dias, confinando-os em textos certamente admiráveis (e aspiramos dar à criança o gosto e as possibilidades de partilhar desta admiração) mas que, no momento da aprendizagem encontram-se muitas vezes fora do alcance e dos interesses imediatos da criança.

Cabe ainda notar o quanto esta cultura do passado enfrenta contestações, hoje em dia. Convém, portanto, lembrar o que nos parece corresponder atualmente a um lato consenso sobre a noção da aprendizagem da leitura. Tomaremos emprestada esta definição de Gaston Mialaret: (1)

“Saber ler, é ser capaz de transformar uma mensagem escrita numa mensagem sonora, segundo certas leis bem precisas; é compreender o conteúdo da mensagem escrita, é ser capaz de julgar e apreciar o seu valor estético.”

Chega-se, naturalmente, a uma concepção da leitura, enquanto fenômeno de síntese ou processo global. As três etapas de que fala Mialaret, não são sucessivas mas, simultâneas.

A descoberta das leis da linguagem é inseparável da própria linguagem, logo, da compreensão da mensagem e das leis estéticas que transformam o ruído, mais ou menos articulado, em verdadeira linguagem.

A PÓS-APRENDIZAGEM

As concepções tradicionais da educação levaram quase sempre, a uma fragmentação das disciplinas, considerando freqüentemente a leitura como uma espécie de técnica a ser utilizada por todas elas, sem que nenhuma se preocupe verdadeiramente em assegurar o seu domínio por uma pós-aprendizagem.

Parece-nos que os anos posteriores ao início da aprendizagem são, justamente, aqueles que necessitam de um esforço considerável a fim de evitar este “analfabetismo de retorno”, oferecido muitas vezes como exemplo pelos países desenvolvidos.

A ESCOLA, A TRADIÇÃO E O LIVRO

Ao se examinar a evolução da escolaridade na França, no último século, isto é, 85 anos de vigência da escolaridade obrigatória, pode-se extrair um certo número de conclusões úteis a uma melhor compreensão do problema.

Uma primeira etapa consiste na campanha entusiasta pelo “saber ler”. Há, então, na leitura, uma espécie de valorização do indivíduo, de promoção social que leva naturalmente ao livro e ao jornal. As bibliotecas são de uso comum das escolas e da parte alfabetizada da população. Por mais modestas que sejam, desempenham um papel cultural muito importante.

Pouco a pouco, a associação do livro com a leitura se enfraquece, não encontrando ela senão sua ínfima aplicação, na escola. Os manuais escolares se especializam cada vez mais; o livro está unicamente ligado a exercícios escolares, quase sempre pouco atraentes.

Um relatório oficial francês, sobre a leitura do público, em geral, reconhecia em 1968:

16 “O desenvolvimento do ensino obrigatório não traz, nele mesmo, efeitos nefastos à leitura quando não está ligado ao desenvolvimento de uma rede de bibliotecas adequadas? Na medida em que o livro constitui, antes de mais nada, para uma grande parte da população, uma mercadoria escolar, às vezes ligada no passado, a árduos exercícios e, no presente, à construções solenes e vetustas, a recusa da leitura arrisca-se a aparecer como penhor da liberdade, como testemunho da maturidade enfim conquistada que despreza os ensinamentos da escrita, para basear-se, apenas, nos ensinamentos das coisas. Encontra-se, aí, sem dúvida, uma das razões do “analfabetismo de retorno”, constatado muitas vezes nos jovens por ocasião do serviço militar.”

Nisso, encontra ressonância o pesar de Jean Hassenforder: (2)

“Desde há muito, uma utilização maciça da imprensa teria permitido aumentar a eficácia do ensino. No todo,

(1) Gaston Mialaret — L'apprentissage de la lecture — P.U.F. Paris — 1966

(2) Jean Hassenforder — Innovation dans l'enseignement — Casterman — 1972

esta utilização continuou marginal, se bem que, em alguns países, as bibliotecas centrais de estabelecimentos escolares tivessem se desenvolvido desde a primeira metade do século XX.”

Parece-nos que esta crítica à escola francesa é aplicável a outros países; ela é sublinhada, aqui, apenas para medir o caminho percorrido; seria injusto silenciar sobre os méritos desta construção, cuja inadaptação atual não poderia ser atribuída aos seus criadores.

Esperamos que o Congresso possa esclarecer sobre os andamentos dos trabalhos nos diversos países, em particular, sobre tudo o que diz respeito à função do livro enquanto objeto, instrumento de transmissão da cultura em nível de leitores jovens e da totalidade de seu meio ambiente.

AS NOVAS CONDIÇÕES DO MEIO AMBIENTE

Somos levados a estudar em que medida o meio ambiente tende a modificar-se, e constatamos o limite de nosso esforço de síntese. Seria bastante pretensioso misturar na mesma forma as situações vivenciadas pela criança, variáveis quando se trate de um país desenvolvido (sendo ainda preciso distinguir entre as situações, entre os países e entre as classes sociais destes países), ou de um país não alfabetizado, no qual a tradição da literatura oral permanece poderosa.

Além do que, os objetivos da política cultural de um país ou de um regime político determinam, é claro, toda a política do livro e da leitura.

Mas, acima das diferenças, gostaríamos que se refletisse sobre esta definição de alfabetização, tal como a vê Paulo Freire: (1)

“A alfabetização supõe, não um acúmulo de frases, palavras e sílabas na memória, separadas da vida, coisas mortas ou semimortas, mas uma atitude de criação e recriação. Ela supõe uma autoformação suscetível de levar o homem a intervir em seu meio. Antes de mais nada, o papel do educador consiste em dialogar com o analfabeto sobre casos concretos, propondo-lhe simplesmente os instrumentos com que se alfabetiza. A alfabetização não pode ser administrada do alto, como um presente, ou uma regra imposta, mas deve progredir de dentro para fora, através do próprio esforço do analfabeto e da simples colaboração do educador.”

Há nisso, a lembrança de uma das condições essenciais para a aprendizagem da leitura: a vontade do aprendiz-leitor de se apossar pela leitura de um instrumento cultural, e a obrigação para o educador de nunca desviar de seu sentido esta tomada de poder dele sobre o mundo.

Quer dizer que, acima das diferenças, existe de fato uma profunda unidade nos objetivos, ainda mais, como tão bem sublinhou McLuhan, os novos meios audiovisuais tendem a generalizar-se mais rapidamente do que a aprendizagem da leitura o fez até então. (2)

Cria-se, portanto, ao nível da comunicação, uma situação de concorrência, suficientemente descrita, no que se refere a adultos alfabetizados, mas que nós gostaríamos de examinar na sua relação com a aprendizagem da leitura para crianças.

Para não retomar esta análise nos detalhes consideraremos como aprovada a descrição feita por Marc Soriano no seu relatório de Síntese do 13.º Congresso do IBBY: (3)

“Em todos os relatórios, em todos os níveis, reencontramos o mesmo dado objetivo a que cada um de nós, parece-me, deve continuamente ater-se durante todo este Congresso. *O livro não é mais a única solicitação cultural oferecida à criança. Os meios audiovisuais de expressão e comunicação do pensamento que caracterizam a nossa época (rádio, cinema, TV, etc.), constituem uma “cultura paralela” que a atrai fortemente e a solicita sem trégua.*

No último terço do século XX, as múltiplas soluções que poderiam ser favoráveis à leitura, parecem intervir contra ela. De fato, o aparecimento das “mass-media” coincidiu, no mundo, com um vasto movimento de democratização da cultura. Atualmente, as leis de educação se referem a vastas massas populares, fazendo ingressar no circuito cultural um grande número de crianças, que haviam sido anteriormente desviadas por causa da sua origem social e da falta de recursos de seus pais.

Ora, a leitura, técnica complexa, é assimilada sem muito esforço pelos “herdeiros” das camadas sociais favorecidas que dispõem, desde cedo, de hábitos intelectuais e do patrimônio de seu meio. É um processo cultural que desvia, muitas vezes, grandes camadas de população infantil, relacionadas há pouco com a escolarização, e que não dispõem nem deste patrimônio, nem destes hábitos.”

(1) Paulo Freire – L’Education comme pratique de la liberté – Ed. Cerf – 1971

(2) Referências serão encontradas na comunicação de Andrée Clair, por ocasião do 13.º Congresso do IBBY, Nice, 1972, no qual ela analisa a situação do Níger.

(3) Relatório de Síntese do Congresso de Nice – 1972

Não nos ocorre estudar um fenômeno tão complexo. Em que medida a TV é um freio? Em que medida, um motor? Sendo o debate sem limites, faltará a ele um objetivo?

Não se poderia, aliás, esquecer a pergunta que permanece essencial, isto é, a do conteúdo da informação e da cultura, difundidas por estes meios de comunicação. Mas, este, não é o nosso propósito.

O que nos parece evidente, é que o ato de ler encontra-se, com relação ao meio, fundamentalmente modificado, na medida em que não é mais o *único* instrumento capaz de dar acesso ao patrimônio cultural da sociedade na qual a criança evolui.

Por mais difícil que seja, o espetáculo televisionado ou a informação deixam, ao menos, no espectador, a sensação de ter compreendido alguma coisa sem esforço aparente. Certo, o que é percebido está muitas vezes afastado do sentido real da mensagem mas, o essencial, é que haja um sentido percebido. Ora, na maioria das vezes, o período da aprendizagem da leitura é marcado por uma fase em que o sentido do esforço não aparece claramente.

Além disso, ao menos nos países desenvolvidos, a quantidade de publicações impressas e a mistura do texto e da imagem estão de tal forma no mercado ao alcance imediato da criança, que perdem seu valor de raridade a conhecer, para transformarem-se em produtos invasores sem interesse.

Aprender a ler não representa mais um ato essencial; as condições devem ser criadas para que ele assim se torne.

É, aí, que intervém o que chamamos de "renovação pedagógica".

O QUE É A RENOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Primeiramente, convém precisar estes termos e delimitar os nossos propósitos.

A constatação das evoluções ocorridas no mundo levou, não somente numerosos educadores, mas também sociólogos, homens políticos, e filósofos a procurarem um meio de desbloquear uma estrutura escolar caracterizada pela inadaptação.

Reuniremos, então, sob o termo de "renovação pedagógica" todos os esforços que se multiplicam em diversas direções, para mudar o ensino, e torná-lo mais eficaz, mais próximo da realidade social.

Por mais diferentes e contraditórias que possam parecer, todas as tentativas de renovação pedagógica correspondem, entretanto, a um certo número de princípios simples:

- 1 — A constatação do fracasso, pelo menos, no que se refere às ações educativas.
- 2 — A vontade de pôr em causa um ensino baseado na autoridade do educador e na transmissão unilateral dos conhecimentos.
- 3 — A vontade de colocar em primeiro plano a alegria da criança, de fazer apelo a sua liberdade, a sua iniciativa, de desenvolver a sua criatividade.
- 4 — A vontade de formar cidadãos ativos que tomem, em mãos, os seus próprios destinos.

Não poderíamos prosseguir na análise, sem fugir ao nosso tema. Entretanto, convém analisar as conseqüências dessa renovação do espírito pedagógico.

ALGUNS TEMAS DE REFLEXÃO

- 1 — De que maneira a pedagogia da leitura faz apelo à literatura infantil e à edição para crianças?
- 2 — Quais os respectivos papéis das instituições que induzem a criança à leitura?
- 3 — Que conseqüências poderia acarretar, para a produção e difusão do livro, esta nova situação?

Indicaremos, para cada um desses temas, as grandes linhas de reflexão a que chegamos, esperando vivamente que os debates das seções nacionais e, em seguida, do congresso permitam ressaltar as normas que farão progredir mais rápido e solidamente o trabalho de cada um.

PEDAGOGIA DA LEITURA E LITERATURA INFANTIL

Na maioria dos países, os métodos tradicionais do ensino da leitura se apoiavam em manuais escritos a lápis. Estas obras escolares se aparentavam aos abecedários ou retomavam os textos simples uti- lizados por se- r- v- e- d- o- r- e- s, mas, cujo valor literário, era quase sempre, bastante fraco, por vezes mesmo, inexistente.

A renovação pedagógica serve-se de diversas vias:

1 — Uma renovação “moderada”

a) Uma renovação dos manuais clássicos que atribua uma importância capital ao valor literário dos textos, embora contestando a utilização das grandes páginas da literatura do passado na aprendizagem da leitura.

Apoiando-se nos trabalhos de lingüística moderna, esta contestação insiste no caráter estratificado da língua empregada pelos autores antigos e na sua contradição com a experiência concreta da criança.

b) Uma renovação estética dos manuais que dê bastante importância à ilustração, à associação imagem-texto e à educação estética que eles veiculam.

Desde há muito, estas duas posições nos parecem bastante generalizadas.

2 — Uma renovação mais radical

Embora sob inúmeras facetas, o papel do próprio manual é contestado por educadores.

a) — *Uma contestação do livro enquanto tal.*

Um certo número de educadores rejeita, não apenas, o manual escolar enquanto instrumento da aprendizagem, mas também o livro impresso na sua atual forma industrial.

O método destes educadores consiste em partir da criação do texto pela criança, à sua realização impressa, conduzindo a multiplicação de textos escritos, compostos, editados, impressos por diferentes processos e difundidos pelas próprias crianças.

De início, o livro intervém como utensílio documentário fazendo sua reaparição mais tardiamente, no momento da escolaridade da criança.

b) — *Uma contestação do manual para valorizar o livro.*

Partindo das mesmas constatações, outros pedagogos consideram que o instrumento mais adaptável à criança, no conjunto das obras impressas, não é o manual, mas o verdadeiro livro.

Convém, então, partir de uma obra simples, destinada às crianças, escrita numa linguagem singela e correta, se possível de valor literário, e motivar a aprendizagem da leitura através da necessidade de penetrar no mundo do impresso, logo, através da técnica da leitura.

O método exige uma espécie de impregnação pelo livro que deve cercar a criança desde a sua mais tenra idade e muito antes dela começar a adquirir a maturidade psicológica, o que lhe permite passar para o estágio da aprendizagem.

c) — *Uma permanente associação do livro com a leitura.*

Está claro que, sob certos aspectos, já que o livro tende a sair da escola para refugiar-se nas famílias e nas instituições especializadas, a renovação pedagógica se traduz por um retorno a uma espécie de dialética leitura-livro, que vinha sendo um pouco esquecida.

Com o movimento renovador constata-se um apelo sistemático ao livro, ao hábito de bibliografias sobre literatura infantil, literatura de documentos ou literatura em geral. (A vontade, por exemplo, de integrar o romance da natureza ao ensino das ciências naturais, de fazer beneficiar o ensino da história com a contribuição do romance histórico).

É assim que verdadeiras bibliotecas, especializadas em determinadas disciplinas, são criadas em estabelecimentos escolares a fim de ajudarem o trabalho pessoal e coletivo dos alunos e professores e contribuírem para acabar com as diferenças fictícias entre os documentários e a literatura em geral.

Aliás, notar-se-á a importância deste trabalho, baseado em documentos, na transformação da essência mesma do ensino. Seria oportuno interrogar-nos sobre as conseqüências ilimitadas que ele pode desencadear ante a presença do texto escrito e do livro.

Da mesma forma, o estudo sistemático dos romances em salas de aula, dá ao ensino da leitura sua verdadeira dimensão. Ele poderá induzir, muitas vezes, à criação coletiva, cujas possibilidades e limites deveriam ser sublinhadas a partir de experiências nacionais concretas.

d) — *Uma vontade de estender a ação em torno do livro.*

Dentre as tendências cujas progressões pudemos constatar, não apenas na França, mas em numerosas outras avaliações de experiências, destacamos o método que consiste em tomar o livro como base para múltiplas atividades educativas.

Referências poderão ser encontradas no parecer de Odette Vieilleribière, publicado nos Anais do Congresso de Nice, assim como nas conclusões do grupo de trabalho, o que nos permite não abordá-lo aqui.

Insistiremos, particularmente, na contribuição decisiva que a multiplicidade dos contatos escritores-leitores pode exercer na relação pedagógica.

A tendência a uma integração do livro, no conjunto das atividades de expressão, ultrapassa de longe o setor puramente escolar. Pode-se mesmo observar que ela foi, na maioria das vezes, experimentada por associações culturais e educativas, antes de penetrar nos estabelecimentos de ensino. As ligações com o teatro e o cinema, as atividades de biblioteca, as diferentes realizações audiovisuais se inscrevem nesta perspectiva.

e) — *A importância do livro na educação estética.*

Esta importância, que nos parece evidente no plano literário, estende-se gradativamente à ilustração.

Por ocasião de uma recente exposição de livros, Janine Despinette chamava à atenção: "Os álbuns ilustrados para crianças são reconhecidos como dignos testemunhos da expressão gráfica contemporânea... Por intermédio do álbum ilustrado, para aqueles que querem, é possível, hoje, educar a criança para exercitar sua sensibilidade estética e seu senso crítico, alternando a descoberta dos encantadores tons pastéis das ilustrações clássicas com o vigor das cores puras desses álbuns considerados de vanguarda".

Esta síntese de correntes, pode deixar, sem dúvida, na penumbra, numerosas realizações e experiências. Cabe à cada seção nacional apresentar ao Congresso a maneira pela qual estes problemas se apresentam em cada país.

PAPEL RESPECTIVO DAS INSTITUIÇÕES

Nós incluiremos sob este rótulo: a família, a "mass-media": o jornal, o rádio, o cinema, a televisão, as instituições pré-escolares, a escola, as bibliotecas, os movimentos e as instituições de juventude.

De fato, a renovação que nós nos esforçaremos para atingir, gera uma modificação do papel respectivo de todas estas instituições e uma reorganização de suas atividades.

a) — *A família*

Pode-se considerar que a família tem um papel decisivo a desempenhar a fim de sensibilizar a criança à leitura. Os objetivos são simples. Primeiramente, dar à criança o desejo de decifrar a mensagem, pois, para aprender a ler é preciso ter vontade de ler; na etapa seguinte, criar condições para que a leitura possa se desenvolver livremente.

É conveniente que toda a família esteja associada a este esforço. Conhece-se o papel decisivo dos avós em certos tipos de civilização, sua importância para a transmissão da cultura oral.

Incorreríamos em erro se considerássemos isto ultrapassado, sendo também a ação dos irmãos e irmãs igualmente importante.

O estudo desses relacionamentos "crianças-livros-famílias" poderá constituir uma etapa de nosso trabalho no congresso. É preciso, ainda, que as condições de vida familiar tenham base no plano material. As condições de vida de certos grupos sociais — incluindo os países desenvolvidos — são tais, que a defasagem cultural é bastante grande.

b) — *Os jornais*

Conhece-se a importância dos jornais para crianças na aquisição e consolidação da leitura.

Em que medida, o impresso destinado às crianças exerce atualmente uma influência sobre a leitura, sobre os hábitos de leitura? A situação nos parece muito variável, segundo os países e a maneira deles viverem, e as respostas dadas se mostram, muitas vezes, esquemáticas e demasiado subjetivas. Isto sucede com tudo o que se refere ao relacionamento leitura-estória em quadrinhos.

Na medida em que a nova pedagogia parece querer utilizar os jornais tal como são, há que se conceber formas e métodos.

c) — *O rádio*

Se bem que o próprio rádio tenha que enfrentar a concorrência da televisão, torna-se evidente, que ele tem um papel a desempenhar na literatura infantil, em nível de informação das famílias e dos jovens leitores, mas não será excessivo insistir na importância da apresentação de mesas redondas autor-leitores, da possibilidade dada a certos autores de multiplicar a sua presença em estabelecimentos escolares. Diálogos fecundos podem, assim, estabelecer-se no quadro de emissões especializadas.

d) — *O cinema*

Na medida em que o cinema utiliza freqüentemente os temas da literatura, ele constitui uma fonte preciosa de motivação da leitura e permite um fecundo trabalho comparativo dos dois meios de expressão. Existem numerosas experiências neste sentido.

e) — *A televisão*

20 No nosso entender, ela pode conjugar as propriedades do rádio e do cinema, permitindo uma universalização de informações e de experiências.

Todavia, conhece-se mal as realizações deste setor.

Se as experiências americanas de incentivo à leitura de livros, em particular de álbuns, já foram suficientemente descritas e divulgadas, seria conveniente que durante o Congresso se ouvisse os resultados exatos de outros países e, caso possível, seria ainda melhor tomar conhecimento direto de determinadas emissões.

Parece-nos que a associação entre a escola, as instituições pedagógicas e a televisão chama a atenção de todas as seções nacionais. Os erros cometidos na França não nos impedem de acreditar na necessidade de uma colaboração com a televisão. Urge que todas as partes usem de imaginação.

f) — *As instituições pré-escolares*

São elas que nos parecem, atualmente, ter um papel novo e decisivo a desempenhar.

De fato, se considerarmos que é na idade pré-escolar que se determina o comportamento das crianças e que o meio familiar não pode sempre desempenhar o seu papel, toda verdadeira democratização da leitura deve passar por uma melhoria deste papel no setor da educação pré-escolar.

Só podemos concordar com Joëlle Galand e Alwire de Vos Van Steenwyk (1) quando afirmam:

"A escola ignora toda uma camada da população infantil, subproletária, que ela nem sequer alfabetiza convenientemente. Estas crianças, que se encontram marginalizadas até mesmo na escola maternal, permanecem inexoravelmente rotuladas como 'inadaptadas', 'débeis', ou, mesmo, 'perturbadas' e estão sempre condenadas à estagnação.

O problema colocado é, pois, o de uma ação em prol das crianças mais desfavorecidas e reúne-se, por isso mesmo, à preocupação geral dos educadores.

g) — *A escola*

É evidente que ela continua a ser o lugar aonde se aprende a ler e esta sua tradicional incumbência não é posta, em dúvida.

Todavia, ela toma consciência do papel da leitura enquanto instrumento e instrumento sem exclusividade de uso... A escola esforça-se por trazê-la de volta ao contexto geral da ação de ler, abre-a à vida e às obras.

Ela assume uma vocação de catalisador e colabora com todas as outras instituições, destituída de espírito de monopólio quanto às iniciativas, mas sem abdicar de sua especificidade.

h) — *As bibliotecas*

É, talvez, aqui, que apareça um certo número de fatos novos que podem gerar mal-entendidos.

Na medida em que a escola e as outras instituições educativas tendiam, em certos países, a descarregar nas bibliotecas a campanha em prol da leitura, foram criadas bibliotecas que souberam encontrar formas de organização particularmente ricas e eficazes. Esta experiência não poderia ser posta em dúvida.

Parece-nos que o problema está na articulação da biblioteca escolar e das bibliotecas exteriores à escola, de maneira a permitir simultaneamente aos leitores, utilização de conhecimentos mais vastos e o benefício de um pessoal especializado mais numeroso.

Um balanço das experiências realizadas com o duplo objetivo, de evitar o desperdício dos recursos colocados em prática e de seu melhor emprego, seria de grande ajuda para uma ação internacional.

i) — *As instituições de juventude*

A multiplicidade dessas instituições, as formas infinitamente variadas de sua ligação com a escola, não devem deixar esquecer que toda renovação pedagógica acarreta uma reorganização das atividades dos jovens.

Observa-se um nítido retorno ao livro e a sua utilização nas atividades que desenvolvem as associações e os movimentos de juventude.

Também no plano internacional, a diversidade das organizações deveria permitir um confronto de pontos de vista e uma troca de experiências.

3 — *Uma exigência: a informação dos educadores*

Não é possível ignorar, nesta altura de nosso parecer, a exigência crescente de informação, entendida esta como uma ajuda e, não, como uma simples apresentação mais ou menos publicitária.

Quer se trate das famílias, dos educadores de todos os níveis, dos animadores de atividades sócio-culturais e, é claro, dos próprios jovens, todos devem estar à altura de se informar da maneira a mais completa possível.

Mais ainda, esta informação deve ir ao fundo do problema colocado e questionar as atitudes tradicionais em relação ao livro.

As revistas familiares, as revistas profissionais de educação, as gráficas editoriais e as livrarias devem participar da ação em prol deste objetivo, a fim de evitar os mal-entendidos e as incompreensões.

AS CONSEQÜÊNCIAS PARA A LITERATURA DE JUVENTUDE

A nova importância dada a literatura para a juventude, e já confirmada pelas estatísticas de títulos publicados e de tiragens globais, impõe a este setor uma tomada de consciência das suas obrigações.

Nós nos contentaremos em assinalar alguns temas de reflexão:

1 — Uma idéia clara dos objetivos comuns da literatura infantil e da renovação pedagógica, o que conduz:

- à edição de numerosos documentos, adaptados à idade das crianças e aos métodos pedagógicos de pesquisa livre e de consulta;

(1) Joëlle Galand e Alwire de Vos Van Steenwyk — In: Les Carnets de L'Enfance — Les Enfants du Quart Monde — 25 - jan-mar 1974 — Ed. de l'UNICEF.

- ao sentido de responsabilidade dos autores e editores com relação à jovem geração, um maior rigor no controle das fontes e da exploração dos documentos;
- aos álbuns destinados à sensibilização da leitura e que reúnam um grande valor literário e a um incontestável valor estético, em estilos tão variados quanto possível, a fim de evitar o risco de uma estética dominante;
- às obras que sigam as linhas de interesse das crianças, sem demagogia educativa, e que sejam, pela sua facilidade de acesso, pelo seu valor literário, suscetíveis de se integrarem a uma ação em prol da leitura, em todos os níveis;
- às obras de caráter nacional que levem em conta não apenas a especificidade de cada situação, mas também uma abertura cada vez maior para o exterior, através do contato com as outras culturas, do conhecimento real da literatura estrangeira e, por ela, do país e dos homens, no sentido de uma melhor compreensão em nível internacional;
- um estudo para co-produções, dignas deste nome, que partam da troca de idéias e técnicas;

2 – A busca de uma democratização da produção; trata-se, aqui, de obter preços que permitam uma difusão em massa. Esta busca põe obrigatoriamente em jogo a ajuda dos poderes públicos, encarregados – segundo a Carta dos Direitos da criança – de assegurar o direito à instrução e à cultura.

Qualquer que seja o regime econômico do país, a leitura é uma causa nacional, e não pode depender unicamente da iniciativa privada.

A forma de ajuda dos poderes públicos depende das opções econômicas, culturais e políticas de cada nação; pode-se, entretanto, indicar algumas diretrizes de trabalho:

- facilidades fiscais para o livro infantil;
- ajuda à pesquisa e à difusão internacional;
- aquisição em massa de livros para estabelecimentos escolares e bibliotecas;
- ajuda à criação de redes de bibliotecas, de toda natureza;
- ajuda à formação do pessoal de edição, de livrarias e de bibliotecas;
- organização da formação de professores;

Que isto não dispense os editores de fazerem uso da imaginação, para criarem uma edição a baixo preço e colocarem o livro ao alcance dos orçamentos mais modestos, esperando que, por toda a parte, sejam criadas condições que possibilitem às próprias crianças de escolher os seus livros, caso o desejem.

3 – Uma difusão liberada dos entraves econômicos que impedem a livre escolha.

Os circuitos de difusão do livro passam por profundas modificações, quer como decorrência de mudanças fundamentais, ocorridas na estrutura econômica da sociedade, quer como decorrência da evolução das estruturas tradicionais para formas comerciais de forte concentração.

Parece-nos que a livraria tradicional não morreu, e que ela tem ainda o seu papel a desempenhar na venda de livros para crianças.

Convém, entretanto, estudar com atenção os novos circuitos comerciais e os circuitos paralelos que, em certos países, associam as crianças, os educadores, os bibliotecários e as famílias na venda do livro.

Na medida em que se possa assumir uma posição de princípio em semelhante questão, diremos que o objetivo nos parece ser – se quisermos participar da renovação pedagógica – o de uma difusão verdadeiramente livre de todos os livros, através de circuitos de distribuição independentes das editoras.

PARA PRINCIPIAR O DEBATE

Eis como vemos alguns dos aspectos do tema que devemos debater, no 14.º Congresso do IBBY.

22

Temos perfeita consciência das insuficiências do texto apresentado. Nosso objetivo era o de traçar as linhas gerais de uma situação oscilante, em que são freqüentes as contradições. A linha divisória entre o antigo e o novo, neste setor, não poderia ser clara.

Desejamos, igualmente, que o debate se situe em diversos níveis; que ele represente não apenas, uma rica contribuição para o aprofundamento das questões colocadas, em teoria, dando a conhecer as mais audaciosas pesquisas e as hipóteses, as mais controvertidas, mas também, uma seara de experiências concretas, de realizações de educadores diretamente ligados aos problemas colocados.

Seria valioso, sem dúvida, que fosse constituída, uma bibliografia internacional, tão exaustiva quanto possível, abrangendo os dois setores e permitindo de se estabelecer em todos os níveis, uma ponte entre a teoria e a prática.

O LIVRO INFANTIL E A TECNOLOGIA DE APOIO POR PROCESSOS AUDIOVISUAIS

Nuno Veloso

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Brasil

Muito se tem falado, em tom alarmante, dos perigos do envolvimento realizado pelos meios de divulgação audiovisuais na formação de condicionantes na população das comunidades urbanas e suburbanas mais fortemente atingidas por suas mensagens, e não temos dúvidas em reconhecer que não faltam razões para esse alarma.

Por outro lado, insistem os cientistas da comunicação social em que o som e a imagem conseguem manter a atenção dirigida dos receptores, ajudando suas possibilidades de retenção da informação que é oferecida em profundidade pelos meios tipográficos.

Não recusando nenhuma dessas afirmações, pertinentes em setores determinados, gostaríamos de alinhar algumas idéias sobre o campo específico da tecnologia audiovisual em apoio aos livros de literatura infanto-juvenil. Tais idéias não seriam necessariamente originais mas objetivam, apenas, provocar o interesse de todos os participantes do 14.º Congresso do IBBY.

O FATO ECONÔMICO

Os grandes problemas de nosso tempo, todos complexos, têm em comum, com magnitude variável em cada área, um aspecto econômico que não pode e não deve ser olvidado. As grandes soluções se buscam tendo como fator de viabilidade esse aspecto e, muitas vezes, os problemas têm como geratriz o próprio fato econômico.

A problemática dos meios audiovisuais como apoio aos livros destinados a crianças não foge a esta constante: nela o dado econômico é simultaneamente gerador e fator condicionante da viabilidade das soluções que se procura encontrar. É claro que esse dado é apenas um entre outros na complexa problemática do processo de comunicação para o menor. O que se objetiva, ao tratar da problemática dos meios audiovisuais, é mostrar a influência do fato econômico, sem descer à uma análise microeconômica, mas procurando focalizar, no problema, em cada circunstância ou caso, sua importância.

A IMPORTÂNCIA DO SOM

Não são poucas as crianças que tiveram acesso aos "Cantores de Bremen" que gostariam de ouvir o horrível solo do quarteto de amigos que assustou os salteadores e propiciou a eles, abandonados pelos seus senhores, um asilo para sua velhice.

Outras tantas teriam a maior satisfação em ouvir novamente as músicas de Branca de Neve, Lobo Mau e os Três Porquinhos, Cinderela e as demais histórias que Walt Disney, em boa hora, resolveu transformar em filmes.

Uma editora de livros infantis japonesa levou seu requinte de apresentação às possibilidades de apreensão do sentido do olfato com uma coleção que no Brasil tomou o nome de "Cheirinho".

Reparem que nos exemplos dados existe, apenas, um acréscimo à informação já conhecida. Uma possibilidade de um conhecimento mais profundo de algo já integrado no universo cultural da criança.

Essa preocupação de preencher os vazios de informação, na proposição inicial feita pelo autor das histórias infantis, parece louvável mas apresenta seus senões.

Os símbolos formadores da história pretendiam ser a linguagem original da espécie humana, cheia de imagens e emoções, baseada numa condensação expressiva e precisa de verdades transcendentais. Os teóricos e práticos dos meios auxiliares da comunicação para um público infanto-juvenil concentram-se, cada vez mais, nas funções de produção. Eles ensinam seu público a receber ajuda, mas não a se auto-ajudar. Desse modo, as opções das crianças, reduzidas a uma orientação para a aceitação, vão diminuindo, pouco a pouco, ante a falta de alternativas no processo de renovação.

Alguns paradoxos parecem surgir desta constatação. A alienação que percebemos nas sociedades desenvolvidas indica que o poder da tecnologia para aumentar as alternativas técnicas fica eventualmente superado pela incapacidade do homem de operar ou influir sobre seu próprio sistema tecnológico. O mais alto grau de alienação corresponderia, nesse caso, àqueles que estão em condição de *poder*.

O desenvolvimento da tecnologia de apoio aos livros infantis torna urgente a análise destas questões. Os dirigentes das comunidades menos desenvolvidas devem estar observando os dilemas em que se encontram os países que demonstram capacidade de produzir tais elementos de apoio.

Além dessa possibilidade de transformar as crianças em seres de opiniões preconcebidas, de pontos de vista reacionários herdados ao invés de indivíduos com observação mais apurada e uma melhor possibilidade de fabricação, ou antes, de criação, há a circunstância de que só seria possível oferecer tal espécie de apoio a uns poucos escolhidos com maior poder aquisitivo para a compra de livros de fabricação mais cara e dos aparelhos de reprodução para as peças auxiliares, os discos, as fitas, os cheiros.

Este, em linhas gerais, é um dos mais graves problemas que se apresentam aos que têm responsabilidade pelo desenvolvimento dos indivíduos nos primeiros anos de sua experiência. Uma vez conseguido o desenvolvimento da tecnologia aplicada aos meios de comunicação, que papel desempenharia a própria comunicação para conseguir que a vida humana seja a experiência significativa que deveria ser?

O MEIO É A MENSAGEM

Não acreditamos que exista ainda alguém que possa pensar que uma formulação extrema como *the medium is the message* possa ser encarada como uma verdade universal, e não como um modo de alertar as pessoas responsáveis e os respectivos usuários para que não dêem ênfase indevida ao conteúdo de um programa de rádio ou televisão, ignorando suas implicações silenciosas.

Não devemos nos esquecer que a leitura, o ato de ler, (e isso vale principalmente para leitores infantis que necessitam muito mais da fabulação, *dado ao muito que ainda não experimentaram*) é uma ocupação muito mais abstrata do que, digamos, ouvir a mesma leitura de um locutor cujas inflexões de voz, aparência ou presença física bem podem colocar o pensamento da criança sob nova luz.

Recordemos uma das observações mais notáveis de Marshall McLuhan acerca do hábito da leitura. Ou seja, de que esta é uma ocupação introvertida e solitária que transporta o leitor a um território interior.

Vale a pena recordar, a esse respeito, algumas conclusões sobre o comportamento das crianças na última década.

As explicações convergentes de todas as ciências que estudam o comportamento vão demonstrando, reproduzidos na criança, os traços que assinalam uma nova imagem do homem: traços de uma cultura extrovertida, ou melhor, que se redescobre em seu espaço — tempo, que acelera sua história, as linhas de sua evolução, a realidade que as cerca, os valores do social e do universal que anulam ou minimizam a privacidade e o intimismo.

Há alguns anos, lemos um curioso ensaio sobre a série de televisão *Sesame Street*. A série visava ao público infantil na fase pré-escolar, isto é, na faixa etária de 3 a 5 anos; era dirigida, principalmente, às crianças de lares desfavorecidos, cuja necessidade de educação pré-escolar é infinitamente maior do que a de seus pares da classe média.

Calculou-se que essas crianças mais pobres, que não encontravam em casa o estímulo cultural de leitura ou conversação que respondesse a sua curiosidade natural, iniciariam sua vida com um atraso de ano e meio no desenvolvimento intelectual e capacidade de aprendizagem.

Não há dúvida de que o método adotado em *Sesame Street* era interessante. Tanto as *habilitações relativas à pré-leitura*, como aprender letras do alfabeto e seus sons; números, formas geométricas, discriminação visual e auditiva, quanto os conceitos de relação, ambiência natural, etc., podem despertar a curiosidade das crianças para a leitura.

Mas se a tese é sábia para diminuir ou eliminar defasagens culturais em países desenvolvidos, por outro lado, está eivada de vícios quando se pretende aplicá-la aos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

24

O acesso à televisão ainda é um privilégio nesses países, e o desnível cultural tende a se agravar, desde que as crianças pertencentes a lares com mais possibilidades sócio-econômicas é que recebem o "Abre-te-Sésamo" cultural pretendido pelos produtores do programa.

Mais uma vez o fato econômico vem aumentar o desnível entre classes favorecidas e menos favorecidas.

O FENÔMENO DA MATURAÇÃO

O fenômeno da maturação se desenvolve na medida em que o indivíduo encontra seu pensamento se desligando de uma subjetividade idealizada em realidade única e desligada do mundo para reintegrar-se no mundo com o

qual interage; a aprendizagem surge pela experiência vivida e não pelo recebimento e transmissão de idéias estereotipadas propostas pelo adaptador e/ou criador dos processos de apoio audiovisuais para a literatura infantil, variável interveniente ponderável na formação de seu universo cultural.

O que defendemos não é uma espécie de clichês que não deixa margens ao processo de criação da criança quando se defronta com o mundo místico de sua literatura. É, antes, aquela em que o eixo está centrado na ação dinamizada do indivíduo, que não mais se contentaria em pensar e descobrir seus caminhos no mundo, mas que se empenha em transformar suas estruturas para fazer da Terra sua morada.

Essa referência à experiência vivida traz à tona a ampliação ou modificação sofrida no cerne do processo mesmo do conhecimento: a realidade que não é mais totalmente mediatizada pela autoridade de quem propõe histórias. A informação visual, que caracteriza a propalada "civilização da imagem", é, sobretudo para a criança, uma imposição, agora, não mais exclusivamente conceitual — desde que a imagem transmite menos conceitos do que formas. Os signos verbais já escritos e os signos visuais representados nos meios de apoio audiovisual, em vez de coexistir, acabam por se opor. Uma pedagogia da expressão visual vê-se duplamente desafiada: deverá ela obter ao mesmo tempo uma visualização dos conteúdos verbais e uma verbalização dos conteúdos da imagem. Esta preocupação, entretanto, parece não se haver manifestado ainda na produção dos meios de apoio audiovisual, em qualquer de seus níveis.

Se não nos detivermos apenas nos aspectos afetivos e emocionais do desenvolvimento do indivíduo mas, lembrarmos, exatamente, aquela evolução do pensamento e retornarmos à noção de que a percepção é uma forma de conhecimento, será possível identificar na utilização que se vem fazendo dos meios audiovisuais a negação de um progresso cultural e humano.

Qualquer análise no plano dos valores não seria negativa apenas em termos éticos, mas, também, em termos sócio-culturais, pois é nesse plano que se está aprofundando uma contradição significativa e digna de nota.

Devemos deixar patente que estará sacrificada a capacidade de criar da criança, sua inteligência em aproveitar os recursos que a realidade oferece em torno de seu poder de reflexão informando uma liberdade de escolha.

Partindo do fato de que tudo o que a criança vê, vive ou sente é por ela sentido como uma *experiência* e de que é o conjunto dessas experiências que dá as bases do seu enriquecimento potencial, teríamos que proceder a uma revalorização do sensorial, do imaginativo e da percepção. Percepção que se dirige diretamente aos fenômenos e aos fatos, que globaliza a visão, não fazendo dos fatos presenças isoladas, mas incluindo em sua percepção mesma a percepção de suas relações com os outros.

O HÁBITO DA LEITURA

Cada vez mais, a escola aparece como uma experiência periférica para a maioria, significando apenas a constatação de que se trata de um estágio, que não tem muito a ver com a educação. A verdadeira educação não pode prescindir de uma espécie de leitura que nem sempre é proposta pela escola.

"O mais mortal de todos os pecados possíveis é a mutilação do espírito de uma criança" sugere o psicanalista Erik Erikson.

Em virtude do impacto visual, as técnicas de apoio têm sido propostas como poderosos instrumentos de aprendizagem, para atingir as crianças que perderam o interesse pelos métodos tradicionais de leitura que tiveram sua capacidade de leitura inexistente ou inadequada. É inteiramente possível que tais métodos possam dar alguma contribuição na formação do leitor fraco, pois não sabemos se o desânimo do mau leitor procede exatamente do fato de não saber ler ou da idéia, bastante generalizada, de que ler, num mundo de tecnologia avançada no campo da veiculação de comunicação, parece irrelevante e um desperdício de tempo.

Acreditamos, que, nesta área, também está havendo uma superestimação dos meios de auxílio audiovisuais. A menos que a mudança do meio seja acompanhada de uma mudança de mensagem, estaríamos nos iludindo julgando que pode haver um substitutivo para a leitura. E mesmo neste caso não haveria uma substituição e sim uma outra possibilidade de aprendizagem, mais ligada ao didatismo dos bancos escolares, do que ao processo de enriquecimento cultural oferecido pela literatura infantil.

Se o som e a imagem não passassem de um autor e/ou personagem que fala ou aparece, a compreensão provavelmente não apresentaria nenhum problema, mas não poderemos dizer o mesmo de usos mais sofisticados dos meios audiovisuais. Seria necessário aprender a "ler" sentidos não impressos de comunicação? Por outro lado, teríamos que criar, por exemplo, uma linguagem ou uma gramática elementar de comunicação audiovisual que deva ser dominada por fontes emissoras e pelos receptores para uma perfeita fluência no uso do meio e na reação ao meio?

Não há dúvida de que existe um estilema para a utilização de cada veículo, isto é, existe uma linguagem e uma gramática para o cinema, uma linguagem e uma gramática para a televisão, para a fotografia, para a sonoplastia e assim por diante. Mas a tendência, pelo menos na área da literatura infantil, é manter a narração linear e a utilização de signos, naturais ou artificiais, no sentido restrito da narrativa que se propõe transferir para as crianças.

Gostaríamos de ressaltar, uma vez mais, a profunda convicção de que a maior parte das crises entre leitores e editores tem suas raízes no descompromisso, assumido pelos últimos, com o simples e puro hábito da leitura. Cada vez mais, seus títulos para leitores infantis e juvenis são reforçados por discos, fotografia em terceira dimensão, slides, filmes e cheiros e cada vez mais os jovens leitores carregam para a fase pré-universitária e para as universidades o hábito de não especular sobre as novas experiências que lhes são oferecidas, esperando por um esclarecimento posterior que se torna impossível quando se defrontar com as abstrações.

É claro que a falta do apoio audiovisual criará incertezas no usuário de tais métodos. Empreendemos algumas pesquisas sobre a identificação do signo abstrato com a experiência pessoal de jovens universitários alemães (Freien Universitaetet, Berlim) e brasileiros (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal de Minas Gerais). Os resultados foram: cansaço, solidão, angústia e medo.

Tal tipo de pesquisa já havia sido realizada pelo Professor e Psicólogo alemão Peter Hoffstaeter, com estudantes americanos e soldados alemães, com resultado idêntico: suas noções de abstrações eram arbitrárias e presas a estereótipos oferecidos na fase de introdução destes signos ao seu universo cultural.

A mesma pesquisa realizada entre pessoas de mais de quarenta anos denotou maior dose de identificação do signo abstrato com a experiência pessoal de cada um. É claro que ainda persistiram pequenas tendências de estereótipos relativos a determinadas classes sócio-econômicas.

A CERTEZA E A DÚVIDA

Gostaríamos de concluir lembrando a observação comum de que uma cultura baseada em clichês perde muito de sua criatividade. Ressaltemos que ficaria restrito o terreno das opiniões pessoais para as crianças alimentadas por estereótipos de som, cor, forma, textura e cheiro.

O estado de dúvida enriquece, a partir do momento em que a criança tenta uma explicação para os conhecimentos que lhe são oferecidos por meio da leitura. No estado de dúvida há uma benéfica oscilação na capacidade de fixar-se a mente, enquanto na "certeza" oferecida pelo estereótipo, a "verdade" do grupo representado pelo emissor de alguma forma se revela, se demonstra, num processo de satisfação da inteligência deformada pela falta de exercício. No estado de opinião de que falamos antes, a mente decide-se, o que evidencia a participação da vontade individual, uma vez que se trata de uma opção, embora freqüentemente este ato de vontade não proceda de um raciocínio puro mas de influências de natureza psicológica agravadas pela incidência maior ou menor dos meios de apoio audiovisuais.

Essa conotação da vontade no ato de opinar encontra fundamento no pensamento de muitos filósofos quando distinguem conhecimento de opinião. Tanto Platão quanto Aristóteles acentuam que o homem que conhece e não apenas afirma que alguma coisa é verdadeira tem razões adequadas para fazê-lo. Entre essas razões adequadas, está a da investigação sobre os fatos que lhe são oferecidos. É óbvio que quando os fatos lhe são oferecidos, desde a mais tenra idade, completos com som, cor e cheiro não resta grande margem para uma honesta especulação.

Algumas coisas que são aprendidas não chegam a convencer o intelecto a tal ponto que não o deixam livre para assentir ou dissentir. Em tais casos é que se desperta o poder da criação, pois o assentimento ou discordância estão em poder de quem recebe o signo representativo da situação nova, isto é, sujeito ao comando da criança que se distrai com sua literatura.

26 Dessa forma, seria justo e lícito concluir que o ato da mente, quando opina, é causado por algo que não se limita apenas ao objeto mesmo em consideração. Seria causado por um atributo acrescido ao objeto, ora, na medida em que os atributos são oferecidos por quem nos apresenta o objeto está prejudicada a possibilidade de opinar, ou melhor, de criar. Recordemos que a opinião admitida como verdadeira por um, não suprime a veracidade da outra. Segundo Descartes, é a vontade que, operando livremente, conduz a mente a resultados falíveis, mas responsáveis por todo o processo de criação de cultura.

O exercício da vontade, prejudicado desde a infância pela cultura de estereótipos, negaria o sagrado direito da espécie humana de discutir, debater e dialogar.

O LIVRO COMO MEIO DE INFORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LEITURA

Rudo Moric

Mladé Letá Editora – Tchécoslováquia

O desenvolvimento harmonioso em todos os sentidos da personalidade infantil exige, desde a idade pré-escolar, a criação de entrosamento entre a teoria e a prática, entre o universo estético e o universo real, entrosamento esse que constitui a base de sua formação futura. Antes de abordar o essencial de nosso tema, cumpre-nos mencionar os fatores necessários à criação do mundo interior da criança. Em nosso campo de trabalho, é com auxílio do livro, e particularmente do livro infantil, que poderemos influir sobre a vida afetiva e estética da criança, pois o livro infantil representa, por sua própria natureza, o ponto privilegiado de encontro entre duas artes: a da palavra e a da forma, isto é, o texto e sua ilustração – a imagem revela o texto, o texto revela a imagem e a eficácia do livro fica dessa forma aumentada. Todos nós fomos, em nossa infância, fortemente impressionados por um livro, do qual ainda conservamos a lembrança. Os livros influem pois muitas vezes sobre o caráter: não só durante a infância, como até mais tarde, na idade adulta, ainda se nota sua influência. Daí a razão por que os pais e professores de escolas maternas e primárias não podem negligenciar a força oculta do livro. Não é só a influência do livro sobre a vida emocional que está em causa; cumpre notar ainda a função primordial que desempenha na educação. É por esse motivo aliás que os livros destinados à infância devem possuir grande valor artístico, apresentando conteúdo rico, elevado e enriquecedor. O conhecimento do mundo, dos homens, das coisas, da natureza, do progresso das ciências e das técnicas que são transmitidas pela arte do livro ajudam o adolescente na sua aprendizagem do mundo, formam seu gosto e estas coisas são muito importantes na sua vida adulta. A literatura infantil, por conseguinte, precisa ter como autores verdadeiros escritores, que conheçam a alma infantil devendo os textos artísticos assim criados ser acompanhados por ilustrações dos melhores especialistas. A idéia que fundamentará esse esforço deve ser esta: *A criança merece o que houver de melhor* – isto é – os melhores livros de autores nacionais para crianças, dentro das especificações de nossa editora. Cumpre eliminar as obras superficiais e de qualidade medíocre, cujo conteúdo não tenha valor, pois sua influência pode deformar o adolescente, em seu comportamento e suas idéias. Levamos aqui em consideração o apelo lançado pelo escritor tcheco, Bohumil Riha, na reunião jubilar do IBBY, em Zurique, quando ele propôs a esta organização internacional integrar, em seu trabalho sobre literatura infantil, os esforços dos escritores e pintores, discutindo durante as sessões da organização problemas de criação artística. A literatura constitui uma arte, mas também representa um meio de educar o jovem leitor, desenvolver sua percepção estética do mundo, refinar suas qualidades, revelar sua inteligência, sua concepção da vida, suas idéias e seu gosto. O livro deve facilitar à criança a compreensão de certos fenômenos, proporcionando-lhe o melhor conhecimento de si própria, a fim de que aprenda desde cedo a viver uma existência rica e plena. Graças à arte do livro (e aqui se trata de literatura infantil e ilustração) a criança pode viver as histórias, o destino do herói passa a ser o seu e o mundo estético, que para ela se abre através da ilustração e que na vida real não consegue atingir, pode vir a servir-lhe como fonte de inspiração. Além disso, a literatura ajuda o jovem leitor a se orientar nas situações complicadas e contraditórias, em suas relações com os adultos, apresentando-lhe problemas até então desconhecidos. Consideramos necessário falar disso tudo para acentuar a importância e a força da arte contida no livro juvenil e gostaríamos de poder citar o número de informações que o livro comunica ou deve comunicar aos jovens leitores. Nas poesias e textos para os pequeninos, nos contos nacionais, bem como nas obras clássicas da literatura mundial e nos melhores livros de nossos escritores contemporâneos, tudo isso já está presente. Se a obra destinada à criança precisa preencher todas as exigências de que falamos há pouco, cumpre necessariamente colocar a literatura, tomada no verdadeiro sentido da palavra – ou seja como arte em si – acima dos interesses comerciais. Ao livro infantil será atribuída função muito importante no futuro da humanidade.

Passaremos a falar agora do desenvolvimento da leitura entre as crianças. É considerável a importância da leitura funcionando como hábito permanente. Não podemos tratar esse problema com indiferença. O hábito da leitura possui aspecto qualitativo, cabendo à criança aprender a escolher o bom livro. Até certa idade, o papel de intermediário entre o livro e a criança deve ser preenchido por um parente ou professor da escola maternal ou primária, ficando então a escolha dos livros influenciada pelo gosto desses adultos. Por conseguinte, é primordial a informação dos pais, assim como o preparo dos professores, que para isso devem freqüentar cursos especializados na universidade.

27

As bibliotecárias desempenham importante papel na freqüência de leitura das crianças e até no interesse que revelam pelos livros. Assistimos um dia à visita de uma biblioteca pelos alunos do primeiro ano de uma escola primária. A professora e a bibliotecária fizeram dessa visita verdadeiro acontecimento, uma festa completa. As fisionomias das crianças exprimiam expectativa e impaciência, algumas prendendo até a respiração ao entrarem, oferecendo flores a bibliotecária. Era a primeira vez que tinham ocasião de se defrontar com tamanha quantidade de livros escritos para elas, colocados em exposição na biblioteca. Elas podiam folheá-los, olhar as ilustrações, ler as primeiras frases; o silêncio em que se mantinham era impressionante. A bibliotecária havia explicado às crianças que podiam retirar por

empréstimo os livros correspondentes à idade delas e o número desses livros era considerável. Seguiu-se a inscrição das pequenas como sócias da biblioteca. Após receberem o cartão de inscrição, retiraram os livros que escolheram. Ao fim dessa visita, a bibliotecária preparou em forma de interessante jogo um rápido concurso sobre um livro de pequenas poesias.

Esse encontro nos pareceu bastante interessante e não tenho dúvida que essas crianças ficaram muito impressionadas, o que talvez tenha contribuído para aumentar o seu interesse pela leitura. Numerosas bibliotecas trabalham assim.

Considero igualmente válida a iniciativa da editora *Mladé Letá*, publicando *O primeiro livro*. Editado especialmente para crianças do primeiro ano, os pais dos alunos podem solicitá-lo ao matricularem seus filhos na escola. Quando voltam das férias, os escolares encontram o livro sobre a carteira. Escrito por nossos melhores escritores, ilustrado por ótimos profissionais, coincide assim o ingresso da criança na escola com a aquisição de valioso objeto artístico, o livro, e a escola desde o início, oferece valores estéticos verdadeiros, formando portanto o gosto da criança e provocando nela o hábito da leitura. O que acabo de mencionar constitui parte das possibilidades para estimular os jovens à leitura; meus colegas poderão citar muitas outras.

Cumprir desenvolver e ampliar esse interesse inicial para diferentes gêneros e assuntos. É muito importante, por exemplo, orientar o interesse do leitor pelos livros ricos em idéias profundas, cujo tema não fique restrito às peripecias do enredo. Mais tarde, convém despertar o interesse infantil pelos livros de cunho educativo, científico e técnico, indispensáveis à orientação dos adolescentes. Aparece entre nós um problema: a poesia deixou de interessar às crianças. Enquanto em idade pré-escolar, elas amam a poesia; afastam-se em seguida dela, e voltam a procurá-la somente na adolescência. No entanto, é indispensável a presença da poesia no repertório da literatura infantil, pois é grande sua importância na formação da vida afetiva da criança. Atribui-se pouquíssima importância à poesia na escola, por serem os professores primários insuficientemente preparados. Esse problema não é encontrado em todos os países. Precisamos encontrar o processo para despertar interesse da criança pela poesia.

Outro problema é a leitura obrigatória dos livros, no quadro da educação literária, obrigação para as crianças de lerem as obras fundamentais da literatura eslovaca e literatura mundial. Sabemos que as obras mais belas perdem todo atrativo se passarem a constituir ponto obrigatório do programa. O que é obrigatório causa repulsa e cumpre-nos recordar o desgosto que nos inspiraram situações idênticas. Essa obrigatoriedade desapareceu. Atualmente, os programas são constituídos de obras interessantes, contemporâneas, podendo a criança escolher livremente e é essa liberdade de escolha que permite criar nela o hábito da leitura, bem como melhorar sua relação com os livros. Entre nós, conseguimos intensificar a leitura graças aos clubes de leitura e podemos afirmar que essa fórmula constitui excelente processo para expansão da literatura infantil.

Falando dos clubes, mencionaremos os bons resultados obtidos em nosso país, nesse campo. A principal tarefa desses clubes consiste em atuar nas zonas onde a forma tradicional de distribuição dos livros não pode ser feita. Cada pequeno sócio do clube pode solicitar livremente o livro desejado, que de outra forma rapidamente estaria esgotado. Mesmo as crianças de aldeias e lugares afastados conseguem dessa maneira seus livros prediletos. Admitindo que os clubes de leitura sejam a solução em perspectiva, preparamos as crianças para que desejem e saibam encomendar sozinhas os seus livros.

Ser sócio de um clube tem ainda implicações psicológicas que não abordaremos aqui por ser um tema muito vasto.

A criança precisa aprender não apenas a ler, mas a entender o assunto e as idéias expressas pelo autor, necessita portanto ser ajudada por alguém de sua confiança — em geral um parente ou seu professor. Cumpre-lhes auxiliá-la na escolha do livro mais indicado à sua compreensão, pois em caso contrário a leitura não atingirá seu objetivo podendo ocorrer algumas vezes que, encontrando dificuldade na abordagem inicial, a criança não mais abra o livro, que no entanto estava ao seu alcance. Urge, portanto que seja orientada na leitura, mesmo de livro indicado para sua idade, por conselheiro ou amigo a quem possa revelar suas impressões. Essa pessoa deve ser capaz de lhe fornecer uma interpretação da obra sem todavia simplificar seu significado artístico, destacando os elementos emocionais de modo que a criança incorpore as idéias positivas contidas no livro.

28

Cumprir reconhecer que, principalmente nas escolas, a explicação de textos é medíocre chegando mesmo a deturpar o conteúdo e a própria expressão artística. Não convém simplificar, pois estaremos então prestando um desserviço à literatura infantil e à arte literária em geral. Dessa forma, em vez de ajudar o desenvolvimento da leitura, desorientamos a criança. Deixando-a à vontade, ela descobrirá a beleza do livro através de sua própria fantasia. A arte é forte quando não revela sua força. Esta será maior e mais duradoura quando estiver subentendida, quase escondida. É preciso ensinar as crianças maiores a escolherem por si mesmas os livros que lhes convém. As bibliografias e os catálogos preparados para crianças em forma de livros podem perfeitamente servir a essa escolha. É a questão também competente as bibliotecas modernas e às escolas. A importância do livro é tão grande que as bibliotecas escolares precisam contar com bibliotecárias profissionais. A literatura infantil não é apenas parte da educação literária; sua influência precisa

envolvendo muitas outras disciplinas do currículo escolar. O professor que se ocupa apenas da Biblioteca deve ser capaz de fornecer aos outros professores a lista de livros que podem servir ao estudo da matéria ensinada. Urge desenvolver entre nós esse trabalho.

Muitos outros fatores podem contribuir para desenvolver o hábito da leitura entre os jovens. As reuniões entre escritores, ilustradores e crianças devem ter a maior frequência possível. Conhecer pessoalmente o autor ou o ilustrador de seu livro preferido, poder vê-lo e falar-lhe pedindo sua opinião sobre tudo quanto interessa aos jovens — eis aí impressões inesquecíveis capazes de aumentar seu interesse pelos livros e pela leitura.

Não precisamos dizer que mencionamos apenas alguns dos recursos capazes de aprofundar a relação do jovem leitor com o livro, a leitura, a arte. Os recursos são numerosos, e deles certamente falaremos em nosso debate conjunto. Quanto à nossa parte, tentamos esboçar principalmente as possibilidades, limitando os problemas, pois não é possível esgotar esse assunto. Não citamos nomes, apenas falamos de nossas experiências e possibilidades, já sabendo que certos países oferecem soluções mais elaboradas que as nossas, mas sem esquecer que há países onde a maior falha está no principal elemento — o livro. Esses países precisam de nosso auxílio.

Diremos para concluir que precisamos criar melhores condições de intercâmbio de experiências, a fim de permitir desenvolvimento mais rápido. Aliás, utilizamos com sucesso as experiências do *Buchklub* austríaco dirigido pelo Dr. Bamberger (O sistema de distribuição de livros de leitura fundamental nas escolas).

Ao escrever este trabalho, levamos em conta o fato de estarmos aqui reunidos em grande número justamente para trocar idéias e experiências.

Muito obrigado pela atenção.

1. O ACESSO AO LIVRO NO CONTEXTO CULTURAL BRASILEIRO

Nelly Novaes Coelho

Universidade de São Paulo – Brasil

Nação “em desenvolvimento”, com peculiar contorno sócio-econômico e, obviamente, recebendo influxos e sugestões dos países altamente industrializados, que manipulam a difusão da cultura falada e escrita no mundo atual, o Brasil apresenta problemas bem mais complexos do que aqueles com que se defrontam esses países para movimentar a complicada engrenagem subjacente na *relação* (aparentemente simples) *leitor/livro*.

Ao escolher-se, como problemática de reflexão para este Informe, “o público leitor e seu acesso ao livro”, partiu-se da conceituação de “livro” como *veículo de cultura* e simultaneamente *produto de consumo*. Dupla conceituação a que ele não pode escapar, uma vez que, pela própria natureza da Sociedade de Consumo em que deve atuar, o livro necessariamente desempenha duas funções: a de *ser instrumento de educação individual/coletiva* (função cultural) e, simultaneamente, a de *instrumento de lucro* (função econômica).

E se é verdade que de há muito seu fim vem sendo vaticinado, como também sua definitiva substituição pelos múltiplos *meios de comunicação de massa* (os audiovisuais: cinema, televisão, rádio, jornais, imprensa ilustrada etc.), não é menos verdade que, se por um lado esses *meios* superam de muito o *livro*, enquanto *instrumento de lucro* por outro, falham totalmente quando tratam de o substituir em sua precípua função a de *instrumento de educação e cultura*. (Em que medida os meios de comunicação de massa podem ser utilizados *também* como instrumento de educação e cultura é matéria complexa, largamente controvertida, e que não nos cabe enfocar aqui).

Sendo portanto, uma sociedade jovem, cujos processos de *autonomia cultural* e de *desenvolvimento econômico* (com suas conseqüentes e desejáveis transformações sociais) estão em pleno fazer-se, é compreensível que a nação brasileira, hoje empenhada em programas de “educação permanente” e de cultura de massa, apresente, de maneira mais aguda que as demais nações adultas, os problemas provocados pelas mutações que o mundo ocidental vem sofrendo desde o início do século.

Assim, ao se analisar as relações *leitor/livro*, em termos de Brasil, é preciso não se perder de vista que todas as carências, desequilíbrios e obstáculos que as dificultam ou impedem, radicam nas condições específicas, geradas pela transformação mundial que ora se processa, com o necessário ajuste entre Técnica e Cultura; ou entre ascensão econômica e ascensão cultural.

Se dentro dessa transformação progressiva, os países de cultura sedimentada assistem à luta declarada entre os meios de *comunicação direta* (= o *som* e a *imagem*, que são a própria coisa comunicada) e os de *comunicação indireta* (= a palavra escrita, — signo ou símbolo da coisa), com muito mais razão, essa luta se afirma entre nós, dando grande vantagem aos primeiros. Com muito mais razão, dizemos, pelo fato de os meios de comunicação direta utilizarem os *sentidos naturais e espontâneos* do homem (= ver e ouvir), enquanto os segundos exigem os *sentidos cultivados* (= ler, escrever e narrar), — justamente os menos encontrados em um povo jovem, recém-entrado no processo de ascensão cultural.

2. DIAGNÓSTICO COM BASE NOS ÍNDICES

Procurando, pois, compreender a situação apresentada pelo Brasil, em relação ao livro infantil e juvenil, instrumentos ideais para a divulgação e conscientização da cultura (e do lazer produtivo) entre crianças e jovens, foram levantados alguns dados relativos à *identificação* desses leitores e à *produção* de livros que lhes é oferecida.

30

2.1. Quem são esses leitores?

Tomando por base o Censo Demográfico de 1970, vemos que numa população de 93.204.379 pessoas, havia 19.387.367 indivíduos (cerca de 20% do total) na faixa etária dos 7 a 14 anos; dos quais 12.085.610 (63%) sabiam ler e escrever, não se podendo estimar, a rigor, em que medida, programas, como o Mobral, estarão modificando percentagens.

Por outro lado, 56% da população global estavam residindo em áreas urbanas e 44% em áreas rurais, sendo que nestas últimas a faixa etária dos 7 aos 14 anos chegava a 9.268.000 indivíduos.

No total da faixa, segundo dados do Serviço de Estatística da Educação e Cultura do MEC, estavam escolarizados em 1970 cerca de 12.968.663 crianças e jovens, havendo portanto 6.418.704 fora do sistema escolar, ou seja cerca de 33%.

O desequilíbrio econômico num país em desenvolvimento como o Brasil que concentra a maior parte da população no estrato pobre da sociedade, (cerca de 50%) aliado à *deficiência cultural generalizada* que não utiliza o livro como elemento essencial na formação do indivíduo, podem facilmente explicar que o maior número de consumidores do Livro Infantil e Juvenil pertença às classes economicamente mais amparadas. (Como significativo índice da total impossibilidade de o leitor menos favorecido ter acesso ao livro, como deveria, atente-se para as variáveis levadas em consideração no cálculo do salário mínimo, segundo a fórmula adotada pelo Ministério do Trabalho na região do Grande Rio: alimentação (50%); habitação (25%); vestuário (13%); higiene (6%) e transporte (6%). Como está evidente, não há previsão nesse cálculo para despesas com Educação, Cultura ou Lazer, ficando o atendimento dessas necessidades a depender de iniciativas governamentais. O maior salário mínimo atual (Rio e São Paulo) é de Cr\$ 376,80. (Dec. n.º 73.995, de 29/4/74. D.O. de 30/4/74.)

Programas de caráter educativo e social (de iniciativa particular e oficial) têm procurado atenuar os efeitos dessas disparidades. Nessa linha de atuação, está a criação (ainda que incipiente) de Bibliotecas Infantis e Juvenis em pontos-chaves de certos bairros ou regiões; Bolsas-de-Estudo; Bibliotecas Escolares; organização de Programas de Ensino que estimulem as relações Biblioteca/Escola; Feiras de Livros; Exposições Didáticas; Doações de Livros a escolares; Concursos de redação com prêmio de livros, etc., etc. . . .

Segundo dados colhidos em publicações do Serviço de Estatística da Educação e Cultura (Rio) e da Associação Paulista de Bibliotecários (S. Paulo), existem atualmente em funcionamento em vários Estados, 2.517 Bibliotecas Gerais; 267 Bibliotecas Escolares e 54 Bibliotecas Infanto-Juvenis (dados que, evidentemente, não incluem as possíveis Bibliotecas já existentes ou em organização, mas ainda não registradas em órgãos oficiais de controle).

2.2. O que se oferece aos leitores?

Consoante dados do *Anuário Estatístico do Brasil*, de 1973, a *produção editorial* do País no ano de 1972 compreendeu 8.960 títulos, com tiragem total de 161.774.673 exemplares, dos quais 8.120 títulos são em português, numa tiragem de 160.419.422 exemplares. Nesse total, registram-se, em 1.ª edição, 400 títulos de literatura para crianças e jovens, com tiragem de 4.886.158 exemplares e, em 2.ª edição, 166 títulos com tiragem de 1.801.500 exemplares.

Com relação à *imprensa periódica*, segundo a mesma fonte, em 1971, havia no País 991 títulos (compreendendo jornais e revistas) com tiragem de 1.206.219.976 exemplares. Daquela total de títulos, 22 (= 21 revistas e um jornal especializado) destinavam-se a crianças e jovens, numa tiragem de 19.143.700 exemplares, dos quais 80.000 exemplares referentes ao jornal.

No mesmo ano de 1971, foram registrados 97 *periódicos de humorismo e estórias em quadrinhos*, com tiragem total de 93.682.950 exemplares.

Quanto às *editoras brasileiras*, segundo dados fornecidos pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Rio de Janeiro), existem cerca de 180 funcionando regularmente em todo o País. E embora não haja nenhuma dedicada exclusivamente ao gênero de livros para a infância e juventude, cerca de 40 daquele total trabalham nessa área.

Visando à coleta de dados para este Informe, a Secretaria Executiva do Congresso e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil elaboraram um questionário que foi enviado às principais editoras nacionais que atuam na área do livro para crianças e jovens. Analisando as respostas dadas por 7 dessas editoras representativas do conjunto nacional (Rio, São Paulo e Porto Alegre), verificou-se que, em 57 títulos de maior vendagem nos anos de 1972 e 1973, num total de 1.628.126 exemplares, 52 eram de autores nacionais, sendo a maioria deles (51) com ilustrações. Cabe ressaltar que algumas editoras de expressivo porte na área de traduções não participaram desse levantamento.

Assinala-se ainda que a *distribuição através das livrarias* é o processo dominante (84%); sendo a distribuição e venda através de *banca de jornais* ainda bastante limitadas (4,7%); enquanto os demais locais públicos, — como drogarias, supermercados, estações rodoviárias — aparecem num índice totalmente inexpressivo, como veículos de venda ao grande público. Informa-se ainda que o preço médio de venda desses livros foi de dez cruzeiros.

2.3. Os meios de comunicação de massa e o livro

Como foi referido mais atrás, no contexto cultural de nosso tempo, os canais de *comunicação de massa* (comunicação direta pelo *som* e pela *imagem*) recebem a quase total preferência do público, ficando o *livro* (a comunicação indireta por excelência) em plano visivelmente secundário. A primazia é dada, em regra, aos programas de TV, Rádio e Cinema. Daí, sem dúvida, o impulso que essa área recebeu no Brasil nos últimos anos.

Em 1971, ainda segundo o *Anuário Estatístico do Brasil*, havia no País 1.006 emissoras de Rádio e 40 Estações de Televisão em funcionamento, podendo atingir mais de 90% da população brasileira, incluindo o grande número de analfabetos. Ressalta-se neste último pormenor, a importância e o sucesso entre nós dos meios de comunicação direta, que apelam basicamente para os *sentidos naturais* (os mais usados pelos analfabetos) e não, para os *sentidos educados, cultivados* (mais próprios do indivíduo culto).

Quanto ao possível alcance das influências ou transformações que a matéria veiculada por esses meios de difusão cultural estaria provocando na hierarquia de valores, no comportamento e na atitude mental do brasileiro, ainda é uma incógnita, pois até o momento elas não puderam ser avaliadas em bases científicas. O que já se pode observar, de maneira geral, é que, apesar do esforço de renovação e aperfeiçoamento que se vem notando em certos núcleos dessas atividades culturais, a *expansão quantitativa dos meios*, via de regra, não é acompanhada por um correspondente *aperfeiçoamento qualitativo da mensagem*.

O necessário e urgente é, pois, a articulação de uma política cultural que, se apoiando em pesquisas cientificamente controladas, possa contribuir para a melhoria da cultura de massa, diminuindo ou eliminando desta os efeitos condicionadores e favorecendo o conhecimento elaborado, a depuração do gosto, do pensamento reflexivo, a fim de que a educação permanente do indivíduo propicie o amadurecimento emocional, a formação do espírito crítico e o desenvolvimento da consciência social.

3. DIRETRIZES E INICIATIVAS DOS SETORES PÚBLICO E PARTICULAR

Em fevereiro de 1973, o Conselho Federal de Cultura aprovou novas diretrizes para a Política Nacional de Cultura, definindo como seus objetivos básicos a preservação do patrimônio cultural; o incentivo à criatividade e à difusão de manifestações culturais.

Dentre as providências já tomadas concretamente, destacam-se a criação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Cultura e o plano de Financiamento de Projetos de natureza cultural, relativos ao patrimônio histórico e artístico, e também às atividades na área das Letras, Ciências e Artes. Segundo os mesmos objetivos, novo incremento é dado às atividades editoriais do Instituto Nacional do Livro, que desde sua criação, em 1937, vem colaborando no setor de expansão cultural do País.

Assim, simultaneamente ao movimento editorial particular (mencionado no item 2.2 "O que se oferece aos leitores?") vem-se desenvolvendo a iniciativa governamental, representada pelo sistema de co-edições do INL. Principalmente a partir de 1972, quando se faz sentir a ação do INL no sentido de tornar mais acessível o livro à criança e ao jovem, registra-se um aumento considerável do número de títulos co-editados e das tiragens; há uma divulgação das obras pelas distribuições às bibliotecas de todo o País (escolares e não escolares); estimula-se a organização de novas bibliotecas.

No entanto, a ênfase maior do programa editorial do INL tem sido dada ao livro didático.

Segundo dados recentes do INL/CLD (= Coordenação de Livros Didáticos), o total de livros didáticos, co-editados somente entre agosto de 71 e outubro de 73, foi de 37.849.509 (= 23.478.846 financiados pelo INL e 14.370.663 pelas Editoras). O total distribuído em três áreas básicas foi de:

23.150.346 para o PLIDEF (Programa do Livro Didático-Ensino Fundamental);

240.500 para o PLITES (Programa do Livro Didático-Texto para Ensino Superior);

88.000 para o PLIDEM (Programa do Livro Didático-Ensino Médio).

A ação do INL começou, pois, na área do *livro didático*, evidentemente, a de maior urgência na ordem das prioridades adotadas pelo programa da "educação permanente" e de democratização da cultura em que o Programa Nacional de Educação está empenhado.

32 Com relação, portanto, ao *livro literário* destinado às crianças e jovens, livro que é objeto de análise neste Congresso e que tem um caráter especificamente cultural, a ação do INL é mais recente. Foi iniciada pelo Projeto Especial de Literatura Infanto-Juvenil, em 1973 e, promoveu a co-edição de 72 títulos numa tiragem total de 1.271.000 exemplares.

Embora esses dados estejam longe ainda de anular a distância que existe entre o número total da população escolarizada do País e o total de livros editados, é preciso ressaltar que se trata aqui de experiência recente, que visa resolver a médio prazo os *problemas mais sérios e urgentes que se interpoem entre o leitor e seu acesso ao livro*.

Também no sentido de suprir essas lacunas, merecem registro as atividades da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, que vem cumprindo programação regular e sistemática, no propósito de favorecer o intercâmbio de esforços e apoiar as iniciativas de especialistas e/ou de instituições que atuam no campo editorial.

Neste momento, a Fundação e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação e Cultura estão realizando, em convênio, um projeto que compreende estudos e pesquisas para se chegar ao diagnóstico da Literatura Infantil e Juvenil no Brasil. O objetivo visado pelos dois órgãos é oferecer subsídios à elaboração de uma política mais objetiva com relação ao Livro Infantil e Juvenil, e também promover melhores condições para que haja real incentivo à leitura de crianças e jovens em geral.

4. OBSTÁCULOS A UMA EFICIENTE EXPANSÃO DO LIVRO

(do ponto de vista da estrutura global do mercado; do leitor e da produção)

Ante os aspectos expostos até aqui, é de se concluir que numerosos são os obstáculos que se interpõem entre o leitor (tanto o já conquistado como o em potencial) e o livro. Desses obstáculos, quatro são mais relevantes.

4.1. Em primeiro lugar, a repercussão, em nossa economia interna, das mudanças que se produzem no contexto econômico internacional, provocando a revisão das prioridades, que nem sempre beneficiam os interesses da cultura brasileira. (Veja-se, por exemplo, as oscilações do mercado de determinados produtos, como o petróleo ou o papel, provocando constante elevação dos custos de produção e determinando a conseqüente retração do consumo.)

4.2. Em segundo, os obstáculos oriundos de nossa própria organização social, onde persiste grande disparidade em relação ao nível de desenvolvimento alcançado pelas várias regiões do País, e conseqüentemente, pelos acentuados desníveis na política de redistribuição da riqueza nacional, longe ainda de poder atenuar as distâncias entre as classes sociais, quanto às possibilidades iguais de acesso aos bens da cultura.

4.3. Em terceiro, os obstáculos de origem, que a criança e o jovem, pertencentes aos estratos sociais pobres, têm de superar: *carência de nutrição física e de formação cultural* que o ambiente familiar não tem condições para lhes oferecer.

4.4. Em último lugar, a ausência no País de um *marketing* do livro infantil e juvenil, o que daria as condições mínimas necessárias para a elaboração de programas de produção em alto nível técnico, com equipes de especialistas, interdisciplinares, de modo a atrair o leitor, tanto pela qualidade do trabalho apresentado, como pela modicidade dos preços.

5. SUGESTÕES PARA A AMPLIAÇÃO DE UMA POLÍTICA DE DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO LIVRO NO PAÍS

5.1. Tendo em vista o aproveitamento do grande público-leitor em potencial, — representado pelos milhões de crianças e jovens matriculados nos vários cursos elementares e médios de todo o País. (O Serviço de Estatística da Educação e Cultura registrou, em 1973, só nos cursos de 1.º Grau, um índice de 19.934.144 alunos), apresentam-se algumas sugestões para debate:

5.1.1. Realização de pesquisas sistematizadas, promovidas por um órgão central, a fim de se conhecer em realidade os hábitos de leitura do público jovem.

5.1.2. Ampliação do programa de co-edições, para barateamento do custo do livro, atendendo-se a necessidades prioritárias em leituras paradigmáticas.

5.1.3. Instalação de uma rede nacional de Bibliotecas Escolares, com Monitores especializados (em programa paralelo ao livro didático).

5.1.4. Instalação de Bibliotecas Escolares-Piloto, com laboratórios de leitura para estudos e experimentação.

5.1.5. Instalação de Bibliotecas, com seções de Literatura Infantil e Juvenil, em bairros populares, vilas e cidades carentes de recursos próprios, com monitores que pudessem treinar pessoal da região, a fim de que o Programa tenha continuidade com recursos humanos locais.

5.1.6. Ampliação do número de Bibliotecas Infantis e Juvenis, ou Salas de Leitura, com orientação supervisionada por monitores especializados.

5.1.7. Realização de um Programa Permanente de Promoção do Livro e de Hábitos de Leitura. Exemplos de atividades para esse "programa permanente": Feiras do Livro; Concursos de Poesias ou Estórias Infantis; Projeções de filmes sobre o Livro e a Biblioteca; Exposições de Painéis sobre Literatura Infantil, abordando aspectos psicológicos, pedagógicos e de ilustração; Semana da Literatura Jovem; Teatro para Crianças e Jovens, (com adaptação teatral de estórias ou romances famosos); Palestras de escritores ou professores nas escolas, a fim de tratarem de assunto ligado à leitura analítica/crítica e a de entretenimento; Seminários de Literatura Infantil e Juvenil; Programas de TV que valorizassem a *palavra escrita e lida* como elemento essencial na formação do indivíduo, etc.

5.2. Tendo em vista o processo de educação que deve servir de base para a formação do público-leitor, propõe-se:

5.2.1. A organização imediata de Cursos Intensivos de Atualização, para aperfeiçoamento do pessoal docente, encarregado dos vários setores do Ensino de Literatura Infantil e/ou Juvenil. Esses cursos poderão funcionar junto às Faculdades de Letras e de Educação; Bibliotecas; Instituições Culturais, etc., e poderão ter a duração de três meses.

5.2.2. A criação da Disciplina de "Didática da Literatura Infantil e Juvenil" junto aos Cursos de Didática e Metodologia nas Faculdades de Letras e de Educação. Essa Disciplina propiciará a formação especializada de docentes que se destinem a trabalhar com crianças e jovens, no setor do Ensino do Vernáculo (= Comunicação e Expressão) ou especificamente no do Ensino da Literatura nos vários níveis (1.º e 2.º Graus).

5.2.3. Conseqüentemente a criação da Disciplina de Didática da Literatura Infantil, nos Cursos de Formação para o magistério do 1.º Grau.

Já está mais do que sabido e provado que, se o processo da Educação não acompanhar passo a passo as medidas tomadas não só pela indústria editorial e pelo comércio livreiro, mas também por uma política cultural esclarecida, o objetivo final do incentivo à leitura não será atingido.

5.3. Tendo em vista maior apoio e estímulo aos escritores para crianças e jovens, propõe-se:

5.3.1. Que se estimule a produção da *Crítica* ao livro infantil e juvenil, não só para a orientação dos pais, professores ou encarregados de escolher a leitura das crianças e jovens, mas também e principalmente para *orientação do próprio autor*, que via de regra fica sem saber por que seu livro agrada ou não agrada . . . se é por seu real valor (ou desvalor), ou por circunstâncias alheias a seu mister, que ele faz sucesso ou não.

5.3.2. Que se crie em instituições qualificadas o serviço de "Crítica Orientadora". Especialistas em literatura, interessados em leitura para crianças e jovens seriam solicitados (ou se ofereceriam) para se inscreverem como críticos em tal função. O escritor, mediante uma taxa, inscreveria seu original para uma apreciação crítico-analítica orientadora. O crítico daria seu parecer esclarecedor que serviria, não só de diretriz para o autor em relação ao valor ou desvalor de sua obra, como também às editoras. Estas, para aceitarem ou não o original que lhes for oferecido, poderão se apoiar no parecer emitido e julgar do interesse ou não da publicação solicitada. (Ou então, conhecendo-se o parecer divulgado, que as editoras possam solicitar o original aos autores.)

CONCLUSÃO

Evidentemente, vive-se agora no Brasil um período de transição, não só devido à aceleração do ritmo da vida moderna, que não propicia o necessário clima para concentração na leitura silenciosa e solitária, ou devido às formas fáceis de entretenimento (TV, cinema, revistas ilustradas, etc.) mas também devido ao acelerado progresso da tecnologia que está em desequilíbrio com as crescentes necessidades humanas do povo.

Nosso mercado potencial é, sem dúvida, de grandes proporções, sua conquista deverá resultar de um trabalho conjunto onde as forças da Indústria e do Comércio se unam às da Educação e Cultura. Só nessa direção haverá possibilidade de sanar, a médio ou longo prazo, a distância atual entre o leitor e o livro.

CRIATIVIDADE E PESQUISA NO CAMPO DA PRODUÇÃO DE LIVROS
(TENDÊNCIAS A COMENTAR)

Lucia Binder

Instituto Internacional de Literatura Infantil e
Pesquisa sobre Leitura – Áustria

O ensino moderno da leitura e as reformas educacionais exigem a inclusão da literatura infantil e juvenil no processo educativo.

Em decorrência disso, ativaram-se as pesquisas sobre a leitura e como incentivá-la, sobre o comportamento do leitor e seus hábitos, obtendo-se muito conhecimento novo a respeito do jovem que lê.

Quanto ao editor, não só é necessário saber avaliar a criatividade do autor e o valor literário de seu trabalho, mas também ser informado sobre os fatos determinativos do sucesso de sua produção, com o pensamento voltado para o jovem leitor. Com esse objetivo, utiliza os resultados das várias pesquisas e planeja de forma sistemática o seu trabalho.

É evidente que não se pode prever antecipadamente qual será a aceitação do livro pelos jovens leitores. Mas o editor bem intencionado não limita seu interesse ao sucesso espontâneo daquilo que edita, visando igualmente o futuro desenvolvimento do leitor: procura encontrar o meio termo entre o que *quer* a criança e o que ela *precisa*, para não estacionar em seu desenvolvimento e manter seu interesse como leitor. Agora chegamos ao problema revelado em diversas pesquisas feitas. Estatísticas de vários países mostram que a criança lê regularmente até a idade de 13, 14 anos. Atingida essa idade, cessa o hábito da leitura. Em parte isso se explica por dispor o aluno, durante o curso primário obrigatório, de maior oportunidade para ler. As bibliotecas são acessíveis, os professores o estimulam à leitura, e ele *precisa* ler determinados livros. Outra causa: ao sair da escola primária, quando passa a ler com independência, surge um espaço vazio na produção de livros. Vencida a etapa crítica do crescimento, os adolescentes não procuram mais os livros juvenis nem os que revelam exagerado artificialismo e clichês.

Perde-se assim um leitor, porque ele desconhece o quanto a leitura pode exigir de quem lê. Evidencia-se aqui a falha na produção de livros para a fase etária dos 14-15 anos.

Pesquisas realizadas sobre os jovens leitores e seu desenvolvimento psicológico permitem manter relativa continuidade na produção de livros, estabelecendo uma ponte entre uma e outra fase, de modo a preencher as necessidades dos vários tipos de leitor.

Além de levar em conta os interesses do leitor, importa igualmente determinar se ele possui conhecimento lingüístico adequado. Estudo realizado pelo Instituto de Literatura Infantil e Pesquisa de Leitura, de Viena, sobre o aproveitamento e o interesse literário de 3.000 crianças de 10 anos de idade, mostra a preferência dos leitores pesquisados pelos seguintes tipos de livros: histórias de aventuras, sagas, contos realísticos envolvendo crianças com a idade deles. Nessas categorias, as obras de elevada qualidade literária tinham a mesma aceitação que as mediocres. Mas todos os livros tinham em comum o mérito de não serem muito difíceis.

Sob o ponto de vista pedagógico isso é muito encorajador, pois revela que as crianças não ligam muito à qualidade literária desde que o texto não seja muito difícil.

O mesmo Instituto, em convênio com a UNESCO, pesquisou os "aspectos internacionais da leitura", obtendo resultados equivalentes. Neste estudo, procurou-se investigar quais os livros mais populares em 5 países, diferentes quanto a condições lingüísticas e situação sócio-econômica. Os países escolhidos foram Espanha, Dinamarca, Tchecoslováquia, Hungria e Áustria. Com base nas estatísticas de vendas, de consulta a bibliotecas e questionários preenchidos pelos leitores, determinou-se quais os livros de maior leitura entre as crianças desses países. Surpreendentemente, apareciam lado a lado obras muito boas e outras muito ruins. O livro de Karl Bruckner *The Day of the Bomb* ou *Emil and the Detectives*, de Erich Kastner, acusaram a mesma popularidade que a ficção sobre crimes de péssima qualidade. Mas todos os livros muito lidos apresentavam como características a fácil leitura, o *suspense* e o forte envolvimento emocional. Aqui surge a questão de distinguir entre fácil e difícil, problema que vem sendo pesquisado em muitos países. São vários os métodos empregados para avaliar os textos. Nos Estados Unidos há a fórmula Dalehall, o sistema Close, etc; na Escandinávia a fórmula Lix; e na Universidade de Liège, na Bélgica, está sendo desenvolvida uma fórmula para o idioma francês. O Instituto de Literatura Infantil e Pesquisa de Leitura, em Viena, faz o estudo de métodos que sirvam para os países de língua alemã.

Procura-se com esses métodos organizar testes objetivos e de fácil utilização, possibilitando determinar o grau de dificuldade de um texto, para atender os vários grupos de leitores, abrangendo a clareza do vocabulário, as técnicas de leitura aconselháveis, etc.

Sem absolutamente sugerir com isso limitação da criatividade do autor, *procura-se encontrar o leitor que serve para determinado livro*. Não se cogita de produzir livros de encomenda, mas saber qual livro o leitor deve ler.

Essa pesquisa de legibilidade serve muito bem para livros de conhecimentos gerais, especialmente aqueles para as diferentes idades juvenis. Detalhe interessante notado nas pesquisas mostra adequação de certos livros de ficção à idade do leitor, quanto ao conteúdo, mas que estes sentem dificuldade em entender. O mesmo ocorre nos livros de ficção, o que faz o leitor perder interesse na sua leitura.

Também se encontra esse problema nas traduções. Se, por exemplo, a expressão se escreve em inglês com duas outras palavras, a criança inglesa entende; traduzida para alemão ou italiano, com utilização de uma complicada frase, foge à capacidade de compreensão infantil.

Para ilustração desses casos, cito o seguinte exemplo: o excelente livro de Emily Neville *It's like this, cat*, premiado com a Medalha Newbery nos EUA, foi traduzido para o alemão como *Mein Kater und ich* (Meu gato e eu). Claro que nenhum adolescente de 14 anos, vendo o título e a ilustração infantil da capa abrirá o livro, embora muito pudesse aproveitar com sua leitura, sobre os problemas de um jovem contados a seu gato.

Já explicamos que não se trata de restringir a criatividade do autor ou tradutor, mas de ajudar o editor a encontrar o leitor certo para o livro e simultaneamente atender com isso o objetivo do leitor. Acontece muitas vezes que livros excelentes, preparados para crianças de 12 anos têm apresentação mais simpática a leitores de 8 anos; já outros, que agradam à vista dos maiores, pecam pela infantilidade do texto.

Todos que compareceram à Feira de Livros de Frankfurt, viram os excelentes livros que eram vendidos numa livraria de segunda classe a preços de liquidação apenas porque não foram planejados para agradar ao leitor certo! E quantos dos novos livros da Feira não acabarão em situação idêntica!

A encadernação — a vestimenta do livro — é sempre importante. Há muitas indicações de que a brochura e o folheto desempenham importante papel, para certas áreas e grupos sociais. As pesquisas realizadas sobre utilização do tempo livre pelas crianças — onde, quando, quanto e por quanto tempo lêem oferecem muitas sugestões aproveitáveis na edição de livros. A brochura cada vez se torna mais popular, pelo menos em países de língua alemã.

Seria interessante fornecer maiores detalhes de experiências adquiridas no campo editorial mas nesta pequena introdução apenas destaquei alguns problemas, tentando estimular sua discussão. Creio ser muito importante para o futuro trabalho com livros infantis colaborarem todos aqueles que preparam e editam (autores, ilustradores, editores, livreiros, etc.) com os pesquisadores, influenciando-se uns aos outros e cooperando cada vez mais para o sucesso do livro.

Para que a produção literária atinja o efeito máximo deve tomar interesse por todas as condições que envolvem o leitor — seu desenvolvimento psicológico, seu ambiente social e econômico, o domínio da língua e nível de leitura alcançado.

LIVROS CONSULTADOS

LITERATURA PROFISSIONAL

- I — Estudos realizados sob contrato para a UNESCO pelo International Institute for Children's Literature Reading Research:
Bamberger, Richard: The Influence of Literature on the Shaping of Young People's Thought and Behaviour.
Bamberger, Richard: International Aspects of Children's and Young People's Reading.
Bamberger, Richard: Promoting the reading habit published in: Reports and Papers on Mass Communication, issued by the Department of Mass Communication, UNESCO, Paris).
- II — Livros:
Bamberger, Richard: Leseforschung-international gesehen (Reading research-seen internationally). Wien: International Institute for Children's Literature and Reading Research o.J. 176 S.
Binder, Lucia: Erfolg und Wirkung der Lektüre (The influence of literature). Vienna: International Institute for Children's Literature and Reading Research 1971 204 p. (Schriften zur Jugendliteratur, Bd. XIV)
Bjornsson, C. H. Lesbarkeit durch Lix. Stockholm: Pedagogiskt Centrum 1968. 40 p.
Dale, E./Seels, B.: Readability and Reading. Columbus: University of Columbus 1966. 13 p.
Downing, John: Comparative Reading. New York: Macmillan 1973. 595 p.
Gray, Williams S.: The teaching of reading and writing. Paris: UNESCO 1969, 325 p.
Harris, Albert J.: How to increase reading ability. New York: McKay 1970, 570 p.
Henry, G.: Une technique de mesure de la lisibilité, spécifique de la langue française. Liege: Université Liege o.J. 361 p.
Klare, G.R.: The Measurement of Readability. Ames: Iowa State University Press 1963. 328 p.
Lehtovaara, A.; Saarinen, P.: School-age reading interest. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia 1964, 216 p.
Malmquist, Eve: A Decade of Reading Research in Europe. 1959-1969. The Journal of Educational Research, March 1970, p. 309-329.
Morris, J.M.: Standards and Progress in Reading. London: National Foundation for Educational Research in England and Wales 1966. 193 p.
- III — De Bookbird:
Bamberger, Richard: Developing lifelong reading interests and reading habits.
Selonen, Kaija: Studies on reading and youth in Finland. 4:1972, p. 17-21

EQUILÍBRIO ENTRE OS RECURSOS MATERIAIS E HUMANOS NA PRODUÇÃO DE LIVROS

Bettina Hurlimann
 Editora Atlantis – Suíça

De maneira geral não pode haver produção de livros para uso comum sem o auxílio de editores, publicistas e impressores. Eles constituem e representam a parte ligada às condições mais ou menos materiais para a realização dos livros.

O assunto que me deram para discutir com vocês cita o equilíbrio entre os recursos que contribuem para formar e produzir o livro. Em nosso caso, livro para crianças. Dividem-se tais recursos em financeiros ou materiais e outros, de natureza mais criativa e humana. Esse equilíbrio (em alemão dizemos *Gleichgewicht*) pode desaparecer se existirem no país artistas e escritores muito bons, (como tive a impressão que ocorria há alguns anos na Venezuela) enquanto escasseiam editores e impressores interessados ou com bastante experiência para utilizar os recursos artísticos encontrados no próprio país, solicitando a colaboração dos artistas nacionais para ilustrar sua literatura clássica ou moderna.

Tenho netos em Caracas, daí a razão de haver escolhido esse exemplo que conheço. Vi os livros que eles lêem, em que estudam, quase sempre impressos em Barcelona, e não localizei naquela época (há 4 anos) qualquer literatura infantil digna de nota. Gostaria de ter começado a publicar livros nesse interessante país, tão bem dotado em diferentes recursos.

Nesses países, os artistas ilustradores passam a ocupar-se com outros ramos de sua profissão criativa – pintura em paredes, “posters”, anúncios, etc. – ficando os escritores talentosos, capazes de escrever para crianças, sem utilizar essa capacidade, por não serem convidados.

Alguns artistas desses países publicam livros maravilhosos em editoras americanas de Nova York, que sabem trabalhar no seu setor e os encorajam. Agora, porém, nota-se melhoria em toda parte mostrando, não obstante, que países ricos em recursos criativos, dotados de recursos financeiros, como a Venezuela, podem não ser ricos em literatura infantil, produzida *in loco*.

Fiz também observações semelhantes na Índia, região das mais criativas do mundo, porém sem contar com abundância de livros realmente bons para crianças pequenas, como seria de esperar. Diversas instituições fazem esforços maravilhosos, destacando-se o *The Children’s Book Trust*, que visitei várias vezes. Shankar Pillai, em Nova Delhi, seu fundador, diretor e editor-chefe, com quem mantenho contato, é criatura maravilhosa, que tenta transmitir às crianças o melhor da sua tradição nacional, utilizando os recursos artísticos do próprio país. Ele edita os livros quase sempre em inglês ou em hindu, mas também em outras línguas. A Índia é um país imenso, talvez venhamos a saber, durante a reunião, de outras iniciativas semelhantes.

Ainda citando a Índia, não encontramos ali um perfeito equilíbrio entre recursos criativos e materiais predominando, como em outros países asiáticos, deficiência de recursos materiais, financeiros e técnicos, por exemplo, impressoras, que podiam ser melhoradas. Já no Irã esse equilíbrio parece existir, o que se reflete na extraordinária produção de livros.

Cabe citar outro país asiático o Japão, onde igualmente pouco existia de tradicional nesse campo, mas onde subitamente, há menos de vinte anos, alguns livreiros, entre eles o jovem editor e publicista Tadasho Matsui, começaram a entrosar os recursos criativos japoneses com as necessidades infantis, no período de após guerra, com novas tendências educacionais.

Esses editores usaram de forma inteligente as possibilidades da impressão em massa, com boa qualidade, utilizando o melhor da tradição artística, combinado com o espírito moderno, absorvendo além disso o que encontraram de melhor nos outros países.

Hoje, os japoneses participam do comércio internacional de livros, imprimem até para editoras ocidentais e seu programa de livros para o nível de jardim da infância é dos mais ricos do mundo, e certamente o mais rico da Ásia, influenciando bastante outros países. O equilíbrio entre recursos criativos e materiais parece ser mais ou menos perfeito notando-se entre alguns editores a exata consciência da tarefa humana e educativa que lhes compete.

Eis aí o Problema n.º 1: só haverá boa produção nacional de livros quando os editores e publicistas souberem reconhecer e utilizar os dotes artísticos existentes no país e conseguirem orientá-los de modo útil.

Problema n.º 2: Não pode haver produção boa e útil de livros sem bons tipógrafos. Estes, como os editores, estão relacionados com os recursos comerciais, na produção de livros infantis. Mas precisam também ser dotados de alguma criatividade, quando bem entrosados como aqueles.

O livro infantil ilustrado não é um manuscrito pintado a mão, como eram conhecidos nos mosteiros da época medieval. São livros geralmente produzidos aos milhares, embora possam valer tanto quanto esses manuscritos para a criança que os manuseia.

Quando existe entrosamento perfeito entre o editor, o impressor e o artista, mesmo o livro produzido em massa, com 5 a 50 mil e até mais exemplares pode apresentar toda a beleza de um trabalho de arte, exercendo a mesma influência mágica sobre a criança, que vê somente o seu livro, como se fosse o único exemplar no mundo. Para dar à criança essa sensação preciosa e singular, é necessário existir cuidadosa cooperação entre artistas, publicistas e impressores.

Quando eu trabalhava na produção de livros de todos os tipos, sempre que possível comentava o manuscrito com o impressor a quem competia, sobretudo quando o livro era ilustrado, a primeira leitura e opinião. Se for profissional competente e artisticamente bem dotado, sua colaboração será preciosa: a) quanto ao *layout*; b) quanto ao tamanho; c) quanto ao emprego de cores, tudo isso em conexão com os preços da produção. Esses preços têm grande importância quando se trata de livros infantis, que pertencem a um mercado especial, com preços especiais.

A qualidade da impressão, combinada com preços razoáveis de produção, constitui, em minha opinião, o mais importante problema para os publicistas desejosos de pôr à venda livros bem editados, além de produzirem em massa livros de bolso e folhetos, que também devem existir e podem também ser, de certo modo, bem editados.

Não podemos, entretanto, desistir de publicar livros bons, bem editados (mesmo que saiam caros) capazes de proporcionar à criança interesse real pela coisa maravilhosa que chamamos LIVRO.

Muitas vezes o artista não conhece bastante essa relação entre técnica e preços, tamanho e encadernação, além das reais possibilidades da impressão em quatro cores. O impressor competente, se estiver interessado, consegue explicar muita coisa ao artista. Assim, este se prontifica a modificar suas ilustrações, após consulta ao impressor. Obtive excelentes resultados com a reunião entre artistas e impressores.

Por consistirem os livros juvenis principalmente de composição gráfica, talvez com ilustrações em preto e branco, a relação entre tipo, tamanho, *layout* e extensão do texto possuem importância equivalente. Mas sobre isso compete ao publicista decidir, às vezes conversando com o autor. E ainda aqui, o impressor influi bastante. Esse trabalho de apresentar visualmente o livro é mais importante do que muitos pensam.

Assim, o *Problema n.º 2*, equilíbrio entre autor, publicista e impressor é muito importante na produção de livros, por motivos financeiros e estéticos. Posteriormente podemos voltar ao assunto.

Problema n.º 3: Os recursos que venho de descrever são todos de certa forma criativos ou técnicos, mas agora chegamos ao aspecto financeiro, que inclui o cálculo dos preços de produção e de venda, além da decisão relativa à quantidade dos livros a imprimir, importante sob muitos aspectos. Os problemas financeiros decorrentes de investir dinheiro em livros cuja receptividade se desconhece representam a parte mais difícil da produção de livros pela iniciativa privada. Ainda assim, mesmo esses problemas financeiros apresentam o mesmo interesse que os demais relacionados com livros, se forem considerados em conjunto e mantendo permanentemente o objetivo de fornecer os melhores livros ao maior número possível de crianças, ganhando com isso bastante dinheiro que permita continuar a produzi-los e pagar as despesas.

Em geral, a produção de livros no mundo ocidental é de iniciativa particular; outras iniciativas culturais como teatro, museus e escolas, recebem auxílio do Estado. Os editores *não*, ou muito raramente.

38

Assim a produção de livros depende da iniciativa privada, e cumpre atender a certas regras financeiras, para obter resultado satisfatório.

O sucesso depende principalmente de duas coisas:

1. Da qualidade, ou melhor do aspecto atraente do livro, variável quanto à qualidade.
2. Do preço. Este depende não só da qualidade técnica do livro, ou seja ilustração, papel, encadernação, mas ainda do número de exemplares impressos. O custo da impressão é o mesmo, se imprimirmos 3 mil ou 30 mil. Por outro lado, não convém imprimir número excessivo de livros.

Aí entram os difíceis cálculos do editor e seus vendedores. Há muitos meios de verificar se o livro é vendável ou não, porém nenhum é certo, podendo haver falhas e sucessos inesperados.

Muitas vezes acontece que, passado meio ano, descobrimos haver impresso nosso livro favorito muito além do necessário.

Se a editora for pequena, uns poucos insucessos desse tipo podem arruiná-la. A editora importante agüenta certo número de insucessos, muitas vezes correspondentes aos livros progressivos e experimentais.

Via de regra, porém, as editoras pequenas e médias se inclinam mais a experimentar que as grandes. Um programa experimental pode também conseguir sucesso, mesmo financeiro, mas infelizmente isso é raro. Haverá sempre editores cujo objetivo básico é manter suas finanças em ordem e obter lucro. Mas também há e sempre haverá os que utilizam seu prestígio financeiro principalmente para editar bons livros. E estes, como aqueles, precisam observar o equilíbrio entre o preço da produção e o de venda, o qual depende do número de exemplares impressos e vendidos. Assim, o editor moderno precisa encontrar meio de imprimir grandes edições. Um dos recursos para isso consiste, principalmente no caso de livros ilustrados, na *co-produção*, entre diferentes países e grupos de idiomas.

Embora exista até certo ponto interesse na compreensão internacional, que para nós é importante, a origem da *co-produção* é puramente financeira, prevalecendo sobretudo no caso dos livros de gravuras. Nem todos os livros de gravuras bem sucedidos no próprio país de origem servem para a *co-produção*. Mesmo o humor, característica muito importante nos livros infantis, não é o mesmo por toda parte. Pode ocorrer até má interpretação, passando os livros, adorados pelas crianças de um país, a serem ignorados em outro. Mas também há ilustradores e autores tão extraordinários que parecem mesmo destinados à *co-produção*, apreciados em todo o mundo. Por isso, o problema essencialmente financeiro e técnico da *co-produção*, significando a impressão conjunta, em maior número e por preço mais razoável, pode ser tão fascinante quanto um difícil quebra-cabeça, aparecendo ao mesmo tempo ligado a todos os problemas de compreensão internacional entre as crianças do mundo. Resta um problema que deixei de abordar aqui. Todos os assuntos mencionados até agora aparecem um tanto diferentes nos países socialistas, onde quase todas as editoras são controladas pelo Estado.

Para começar, os livros são impressos em número muito maior, saindo portanto mais baratos. O editor geralmente sabe com antecedência quantos exemplares de cada livro terá de imprimir.

Acredito, no entanto, que os principais ingredientes para a boa produção de livros *editores inteligentes, bons impressores e finanças bem planejadas*, são mais ou menos idênticos em toda parte. E eles constituem os aspectos mais importantes para a boa produção de livros infantis, capazes de despertar nas crianças o sentimento de que os livros são algo muito especial e que seus autores são os seus melhores amigos.

Falei apenas dos recursos, que constituem o sustentáculo na produção dos livros. O cerne da matéria, naturalmente, compete aos autores.

O TREINAMENTO DE ESPECIALISTAS PARA A PRODUÇÃO DE LIVROS INFANTIS

Agnya Bartho

União de Escritores Soviéticos – URSS

Nós os russos dizemos que não se pode tentar fazer o que não pode ser feito. Isto me veio à mente quando soube que deveria dizer-lhes como são treinados os especialistas para a produção de livros para crianças. O que eu estou querendo dizer é que, embora eu não vá tentar desafiar esse ditado, farei o melhor que possa para dar uma noção desse esforço indescritível.

“Um especialista envolvido na confecção e produção de livros para crianças” é uma profissão muito significativa. Desde os tempos em que a nossa jovem República Soviética estava atormentada pela fome e pela devastação, nós já fazíamos tentativas para elevar o nível cultural do povo. Foram feitos milhões de livros baratos para as massas. E, embora tenham sido impressos em papel de embrulho, sem qualquer capa ou ilustração, levaram ao povo as obras de Leon Tolstoi, Dostoiewsky, Pushkin, Tchekhov, Shakespeare, Balzac, Dickens e Cervantes.

Enquanto isso, nossa literatura soviética, quer escrita para criança quer escrita para adultos, visava divulgar esses tesouros da literatura mundial. Desde o início, o Estado Soviético deu prioridade à criança para quem se devia criar uma literatura especial. E assim, imediatamente, apareceram os pioneiros nesse campo da literatura. Hoje em dia, gozam de imensa popularidade, e, entre eles poderia citar nomes famosos como K. Chukovsky, S. Marshak, A. Gaidar, B. Zhitov, N. Nosov e Sergei Mikhalkov. Estes foram sucedidos por outras gerações de escritores que também se tornaram imensamente populares através de seus livros para crianças. Daí por diante, aumentou sempre a onda de criatividade e, como resultado, temos, em todas as 15 repúblicas nacionais de nosso país, autores que se dedicam exclusivamente a livros infantis.

Entretanto, para que um livro seja feito, é necessário muito mais do que o autor: deve-se acrescentar a contribuição do editor, ilustrador, crítico, vendedor e até do próprio leitor — eu mencionei o leitor por uma razão especial. Quando, em 1933, uma editora chamada Detgiz foi organizada especialmente para a publicação de livros infantis, Maxim Gorky, o grande escritor russo de quem partiu esta iniciativa, fez, em primeiro lugar, uma pesquisa de opinião, para saber o que prefeririam ler. Ele sonhava com uma literatura feita especialmente para crianças, que servisse para educar e elevar o membro desta nova sociedade; resumindo, um tipo de literatura digno desse nome. O apoio feito por Maxim Gorky às crianças, através da imprensa não caiu em ouvidos surdos. A reação foi grande e imediata. As crianças mandaram suas respostas em folhas de cadernos escolares, com comentários muito persuasivos, embora às vezes algumas palavras tivessem erros de grafia. Essa correspondência deu uma base da ampla variedade de interesse das crianças soviéticas.

Eles disseram a Maxim Gorky que estavam interessados em tudo — contos de fadas e histórias de folclore, ficção científica e fantasia, livros sobre heróis da Revolução, histórias sobre “como a amizade modifica as pessoas”, sobre “todas as espécies de pássaros” e sobre “espécies de árvores”. As crianças maiores queriam “um livro bem grosso onde as aventuras de seus heróis favoritos nunca terminassem” e os mais novos preferiam “livros finos porque os livros grossos se arrastavam indefinidamente e é difícil esperar para ver como vai acabar”.

Em resposta a todas essas cartas, a editora acima mencionada, a Detgiz, se preparou para lançar livros, grossos e finos, para crianças de todas as idades entre 2 e 15 anos — prosa, poesia, novelas históricas, biografias, ficção científica e ciência popular. Hoje em dia, essa mesma editora publica praticamente todos os tesouros de nossa literatura clássica, para todas as idades, assim como muita coisa escrita para adultos, incluindo os esforços dos autores das várias repúblicas nacionais, que, com o cunho de nacionalidade acrescentado, enriquecem a literatura soviética. Os autores clássicos estrangeiros são constantemente publicados e republicados, assim como a literatura moderna, tanto do mundo socialista quanto do Ocidente.

Esta Editora — que tem hoje em dia o nome de “Detskaya Literatura”, ou seja, “Literatura Infantil”, em russo, é hoje em dia a mais importante nesse campo dentro do país. Existem várias outras editoras que publicam livros para crianças em edições maciças. Entre essas, podemos mencionar Malysch (Tiny Tot) em Moscou, Vesvolika na Ucrânia e Makaduli na Geórgia. Essas edições andam por volta de 300.000, 500.000, um milhão ou mais de cópias. Mesmo assim esse número é insuficiente para fazer frente à demanda. No nosso país, existem algumas centenas de editoras que se dedicam exclusivamente à publicação de livros infantis, com um total anual de cerca de 320 milhões de exemplares. Mas esta cifra, embora grande, não é suficiente. É muito difícil conseguir comprar um livro de autor popular, porque os livros são vendidos quase da noite para o dia.

Eu gostaria de apresentar algumas cifras que podem dar uma idéia da grande quantidade de exemplares que devem ser publicados para cada livro, principalmente livros de poesia. Assim, a obra de Chukovsky teve uma tiragem de 123 milhões de exemplares; a de Marshak 127 milhões de exemplares; a de Mikhalkov 104 milhões de exemplares e a minha mais de 100 milhões de exemplares, e as obras em prosa de Gaidar e N. Nosov, respectivamente, 57 milhões e 67.700.000 exemplares.

Os livros infantis são sempre muito baratos. Assim um livro de figuras coloridas destinado a crianças pequenas, publicado em edições de 450 mil exemplares, custa sempre menos de oito copecks, ou seja, exatamente o custo de duas viagens de ônibus, pois em Moscou o preço do ônibus é de 4 copecks, para qualquer distância.

A Detskaya Literatura e as demais editoras mantêm o que é conhecido por "Casas de Livros para Crianças". Estas são na realidade centros de pesquisa destinados à investigação dos hábitos de leitura das crianças, e o que acontece aos livros depois de sua publicação. É muito instrutivo e divertido, às vezes, ler o que as crianças escrevem, especialmente os mais jovens, que apresentam os pedidos mais inconcebíveis, embora muito pouco artísticos. Assim, escrevem: "Alô, meus escritores favoritos, eu gostei muito do seu livro. Eu tenho 1,40m de altura". Ou: "Eu gosto muito de livros sobre animais, assim, por favor, mande-me um livro sobre eles e um animal de verdade". Ou: "Minha mãe diz que eu tenho um bom coração, mas que eu conto muita lorota. Vocês não poderiam me mandar um livro que me fizesse melhorar?". Ou: "Eu acabei de ler as aventuras de Tom Sawyer. Por que esse livro tinha que acabar tão depressa? Eu poderia ler sobre as aventuras dele indefinidamente! Agora diga-me, Tom Sawyer ainda está vivo? E, seria possível mandar uma fotografia dele?" Ou: "Como vai ser divertido quando tivermos telefones com televisão. Eu vou poder conversar com crianças de diversas terras, especialmente com os homens do espaço; vou poder também ver os outros planetas quando os homens chegarem lá".

Os meninos e meninas mais velhos se interessam por assuntos de natureza mais sutil, em aspectos de ética e de psicologia. Essas crianças, com certeza, apresentam um quadro complexo, e suas inúmeras cartas demonstram um interesse profundo em problemas sociais e descobertas científicas.

Essas Casas de Livros de Crianças têm acumulado uma grande riqueza em dados, que inclui também cartas de professores de escolas, bibliotecários, pais, escritores estrangeiros e organizações, e minutas de debates e discussões sobre livros. As equipes de trabalho pesquisam os artigos da imprensa sobre livros para crianças e as conclusões a que chegam influenciam os planos de publicação e o número de exemplares impressos. Resumindo, esta é na realidade uma forma de crítica e ajuda ao trabalho da publicação. Ao mesmo tempo, essas Casas ajudam a popularizar, tanto no exterior como no país, os melhores livros infantis.

O livro tem seu início no texto datilografado. A fraternidade de escritores de livros infantis recruta reforços nas universidades, através dos seus Departamentos de Filologia e outras instituições de elevado gabarito intelectual. Embora as universidades não tenham cursos obrigatórios sobre literatura juvenil, esta é oferecida em todas elas, como opcional. As universidades da Lituânia e Karelia abriram centros de pesquisa sobre literatura juvenil. Cursos sobre esse mesmo assunto são oferecidos nos departamentos de estudos literários em escolas normais e colégios com nível universitário. Como podem ver, todos os estudantes que se preparam para professores primários, em qualquer idioma nacional soviético, terão necessariamente que fazer um curso sobre literatura juvenil, familiarizando-se com todos os seus problemas. Finalmente, todos os que se preparam para trabalhos culturais e de biblioteca têm que receber cursos sobre literatura juvenil clássica soviética e estrangeira.

Para resumir, existem na União Soviética algumas centenas de milhares de pessoas que já fizeram cursos sobre esse assunto, enquanto estudantes. Como resultado, virtualmente todas as crianças do nosso país — que tem uma população de 250 milhões — serão treinadas por pessoas que farão o possível para lhes inculcar bons hábitos de leitura.

Convém notar que os que se graduam como trabalhadores culturais e professores não precisarão, necessariamente, terminar seus dias na mesma profissão. Os mais capazes dentre eles farão cursos de pós-graduação, apresentando teses para a obtenção de um diploma em literatura juvenil, fazendo então conferências, escrevendo e publicando livros infantis.

Nós temos um instituto que se destina especialmente a treinar pessoas com talentos especiais para escrever prosa e poesia. Os que cuidam das gerações mais novas, além de um curso geral de literatura, fazem um curso especial sob a orientação de nossos melhores autores para livros juvenis. Lev Kassil, já falecido, que foi um autor muito popular entre as crianças, realizou seminários nesse instituto durante muitos anos.

Existem também muitos escritores jovens e talentosos que talvez não tenham recebido um treinamento dessa natureza, mas cujos esforços parecem promissores. Nossa União dos Escritores, juntamente com a YCL (Liga do Jovem Comunista) organizam seminários e cursos a curto prazo. Um jovem aspirante a escritor sempre poderá apresentar seus esforços literários ao julgamento dos grupos literários mantidos pelo serviço cultural das fábricas ou fazendas. Também desta vez, juntamente com a YCL, todos ajudarão o jovem autor a publicar sua obra. Um jovem escritor poderá, também, se dirigir diretamente a um colega mais idoso a quem admire. Não existe um só autor proeminente — pelo

menos nunca ouvi falar de nenhum caso — que não se sentisse honrado em ajudar um colega mais jovem, seja publicando, prefaciando ou apresentando seu livro ao público leitor da Gazeta Literária, um jornal que, na verdade, se destina ao público adulto. Resumindo, qualquer pessoa que deseje escrever para crianças terá oportunidade de fazê-lo desde que tenha talento.

O grande crítico literário russo, Vissarion Belinsky observou certa vez que uma pessoa já nasce escritor de livros infantis. O que quer dizer isto? Manter vivas durante toda a vida as lembranças da infância? É mais do que isso. É preciso ter uma habilidade inata de entender a psicologia de uma criança, de como funciona sua cabeça e de ver, com olhos sempre novos, o mundo que a rodeia. Entretanto, seria errado pensar que talento é suficiente. Se alguém quiser manter-se em dia com as rápidas modificações porque passam as gerações mais jovens, tem que se manter em constante contato com essas mesmas gerações.

Vladislav Krapivin, um dos autores favoritos dos adolescentes russos, vem orientando as atividades recreativas de um grupo — batizado de "Caravella", desde que se graduou pelo Departamento de Jornalismo da Universidade do Ural, na cidade de Sverdlovsk. Os membros deste grupo se dedicam à navegação e passam suas férias de verão dedicados a essa atividade. Além disso, escrevem peças, preparam cenários, fazem filmes baseados nesses textos e também dão assistência a quem precisar. Sua meta é trabalhar, criar, ter aventuras e fazer o bem. Para Krapivin esta é a sua missão na vida e daí advém o conhecimento que tem sobre o que vai na mente e nos corações dos adolescentes, resolvendo suas brigas e outros problemas. É com base nesse conhecimento que ele escreve seus livros.

Por volta de 1920 começaram a escrever livros para crianças homens que atualmente são considerados como clássicos. Entre esses se situam o construtor de navios Boris Zhitkov, o biólogo Vitali Blanka, e o herói de guerra Arkadi Gaidar. Quem os treinou? Em primeiro lugar, a vida que lhes foi ensinada através das páginas de um livro. Até a presente data, existem jovens que não querem se dedicar a escrever livros como atividade única, enquanto não armazenarem bastante impressões e conhecimento da vida, os quais pretendem adquirir trabalhando em construções na Sibéria, arando terras virgens da Ásia Central, participando de expedições geológicas ou viajando em navios pesqueiros. Mas, durante todo esse tempo, mantêm vivas as memórias e reminiscências da infância.

Na publicação de livros infantis, o editor tem um papel particularmente importante, especialmente com relação à poesia, a qual, eu, como poeta, gostaria de enfatizar.

O maravilhoso poeta russo Vladimir Mayakovsky escreveu, no final da década de 20, vários poemas para crianças que tinham, naquela época, uma característica nova: eram sérios, tratavam de assuntos importantes e significativos e, ao mesmo tempo, divertidos e dando uma atenção toda especial ao pequeno leitor. Essa nova forma apresentada por Mayakovsky teve uma receptividade diferente. Embora alguns educadores não entendessem e, conseqüentemente, rejeitassem as inovações por ele apresentadas, esta forma de poesia veio a determinar o caráter da futura poesia juvenil soviética. Sua entonação canta e dança, é dirigida aos sentimentos cívicos das crianças, contribui a uma orientação ética e passa por todos os gêneros, desde o poema e a balada até o humor e a sátira. Sua feição mais preciosa é que é sempre juvenil, pois acompanha o linguajar vivo, a imaginação e o espírito inventivo da criança. Outra razão para termos tantos poetas e escritores para crianças em nosso país é, a meu ver, devido ao fato de termos muitas publicações que popularizam esse gênero. Quando a poesia se faz presente desde os primeiros passos, pode despertar talentos que, de outro modo, não viriam à tona. Para que a poesia tenha um padrão elevado, é indispensável que a editoração tenha um caráter de artesanato. Nesse sentido, é preciso que haja um cuidado constante com relação à atitude tomada para com cada poeta, jovem ou velho na tentativa de se manter um padrão sempre elevado. Como pode, então, o editor tentar não falhar? No nosso país, as casas editoras são também centros de treinamento, onde se faz o possível para educar e desenvolver as habilidades das equipes de editoração.

Por exemplo, uma editora emprega um jovem professor recém-saído de uma universidade, como "Editor-Júnior". Isto quer dizer que ele não fará sozinho qualquer trabalho de editoração mas dará assistência a um colega veterano; a seguir será posto a prova e, mais tarde, dependendo de sua capacidade, será promovido, podendo, através dos anos, chegar à posição de editor-chefe.

42

Outro aspecto a ser abordado é o das juntas de editoração (editorial boards). A Editora Detskaya Literatura tem a sua própria junta de editoração a qual, na realidade, é uma grande organização pública que conta com eminentes autores, críticos, ilustradores, artistas, editores de outras editoras afiliadas, assim como os editores-chefe da "Uchitelskaya Gazeta" (Gazeta dos Professores) e da "Komsomolskaya Pravda" (um jornal para os jovens) e da "Detskaya Literatura" (literatura infantil). A junta discute planos, aconselha e critica. Fazem parte da junta vários painéis. O seu painel de revisão e crítica, dirigido pelo talentoso crítico Igor Motyashev — e que faz parte de nossa delegação — participa diretamente da seção de editoração de livros sobre crítica, revisão e estudos literários, publicados para o leitor adulto.

O Comitê Governamental para a Imprensa também contribui para elevar os padrões das equipes de editoração. Neste último inverno, os editores de livros de poesia patrocinaram vários seminários interessantes entre seus autores. Devo acrescentar que é constante a realização de seminários sobre vários campos de trabalho ou problemas. Também existe um programa de intercâmbio, onde técnicos de editoras pequenas fazem estágios nas principais editoras do país.

Os periódicos destinados à juventude, aos educadores despertam interesse sistemático nos vários aspectos da literatura juvenil. O jornal especial "Detskaya Literatura", já mencionado, tem uma tiragem de 60.000 exemplares, enquanto tratados, ensaios e monografias relacionados ao assunto têm tiragens situadas entre 20.000 e 100.000 exemplares.

Há algum tempo, a "Murzilka", uma revista destinada a crianças pequenas completou seu jubileu de ouro. Várias pessoas que a liam quando crianças, agora tiram-na das mãos de seus netos. Para essa ocasião, montou-se uma exibição com as melhores fotografias apresentadas na revista durante esses 50 anos. Essa exposição transformou-se numa alegoria viva de infância radiante, recriada para nós pelos nossos principais ilustradores. Por isso, foi aclamada por todos os meios de comunicação, inclusive a televisão. E, embora, alguns dos ilustradores ali apresentados já tenham falecido, suas tradições estão sendo mantidas, de maneira devotada, por seus colegas mais jovens.

Quando essa exposição foi inaugurada, me veio à mente que eu iria falar neste Congresso, aqui no Brasil, e eu me perguntei porque quase todos os melhores ilustradores soviéticos trabalhavam para revistas destinadas ao público jovem e, também, onde foram treinados. A segunda pergunta é fácil de responder: a maior parte formou-se em escolas de arte. Mas, a resposta à primeira pergunta pode ser surpreendente para os senhores. Os artistas de nosso país consideram uma honra ilustrar livros e revistas destinadas aos jovens.

Os editores de arte são treinados nos departamentos de artes gráficas de escolas que treinam especialistas para as indústrias gráficas. Uma de suas preocupações básicas, como editores, é a de empregar bons ilustradores e apresentá-los aos autores. Nos primeiros anos de escola, o editor de arte faz cursos de composição, desenho, impressão, enquanto que nos últimos anos fará cursos práticos trabalhando nas oficinas gráficas. Resumindo, o editor deve se familiarizar com todos os pontos ligados à produção de um livro. De tempos em tempos, o ilustrador e o editor visitam a gráfica para tratar de assuntos com os fotógrafos e retocadores, a fim de que não se perca nada do original por ocasião da impressão.

Agora diremos algumas palavras a respeito do treinamento de especialistas na impressão de livros. A esse respeito eu gostaria de informar que temos um jornal especial para tratar desse assunto, o "Sredi Knig" (Entre Livros). Esse jornal dedica muito espaço aos aspectos específicos da produção de livros para crianças.

Em nosso país, existem várias editoras que se dedicam exclusivamente à produção de livros infantis. Quem treina o pessoal que trabalha nessas editoras? Eu tenho aqui comigo uma nota recebida da Editora n.º 1 de livros infantis.

NOTA

O Instituto Poligráfico de Moscou treina especialistas e técnicos gráficos para todos os fins, incluindo o aspecto financeiro da publicação e os engenheiros especializados. Os gerentes de todas as oficinas gráficas são necessariamente formados em institutos de altos estudos.

As escolas técnicas treinam operários especializados em várias linhas. Os mais capazes ocupam posições de chefia, outros operam equipamentos sofisticados de fotografia, etc. Outros operários são treinados em escolas vocacionais, após os oito anos de escola primária. Nessa escola os alunos recebem treinamento durante três anos, completando, assim, o curso secundário e adquirindo uma profissão.

Além disso, pode-se mencionar o sistema de aprendizado individual. Jovens com oito ou dez anos de escola fazem seu aprendizado com impressores altamente qualificados. Os que já freqüentaram a escola durante oito anos, são obrigados a freqüentar uma escola noturna onde permanecem por mais 12 ou 18 meses, dependendo da profissão escolhida. Após completarem o seu período de instrução, são submetidos a exame. Passam então a trabalhar por conta própria, embora sob a orientação de um supervisor, que os auxilia sempre que necessário.

A maior parte do pessoal freqüenta escolas noturnas. Esses fazem jus a meio dia de folga, às expensas do estabelecimento, o que quer dizer que na realidade somente trabalham quatro dos cinco dias úteis da semana. Também têm licença remunerada para se submeterem a exame.

A gráfica tem uma produção diária superior a 200.000 exemplares de livros de natureza variada para crianças de todas as idades.

Atualmente, o estabelecimento está sendo reconstruído — para esse fim, o governo estabeleceu uma soma superior a 10 milhões de rublos. Já em 1975 e 1976 as oficinas de impressão serão transferidas para suas novas instalações, podendo então ser ampliada a produção de livros.

Convém acrescentar que já estive várias vezes nessa editora — o que não é nada fora do comum, uma vez que os escritores vêm aqui muitas vezes vão até lá para falar ao pessoal empregado e suas crianças. Ali as pessoas trabalham com prazer. Sua gerente, Nina Nazarova, engenheira por profissão, já tem 25 anos de casa, tendo iniciado como chefe de grupo. Ela está sempre procurando introduzir novidades e melhoramentos e tem uma capacidade impressionante de

contagiar as pessoas com seu entusiasmo e, talvez, o seu ponto alto seja as tentativas que faz para elevar o padrão de todos aqueles envolvidos na produção de livros infantis — uma vez que esse campo exige um aprimoramento constante.

Cada entusiasta — e é minha convicção que as pessoas envolvidas na produção de livros infantis em todos os países, além do meu, são grandes entusiastas — cada entusiasta sempre encontrará campo para melhorar. O aumento do conhecimento e da habilitação é um processo sem fim.

Devo dizer que, na União Soviética, os entusiastas ligados à produção de livros tiveram muita sorte. O Partido Comunista e o Governo Soviético tomaram decisões especiais no que diz respeito à literatura infantil, visando uma literatura infantil bem escrita, com um conteúdo ético e humanitário. Tudo aquilo que tem talento real e que contribui para a educação moral e ideológica das novas gerações merece incentivos e méritos — seja no campo do esforço criativo de um escritor ou artista, inovações para uma editora ou melhoramentos engenhosos apresentados por impressores.

Assim, a Editora Detskaya Literatura já foi condecorada duas vezes com a Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho (Order of the Red Banner of Labour) e recebeu o Prêmio Komsomol. A oficina gráfica a que me referi acima também recebeu a mesma condecoração, enquanto que sua gerente, Nina Nazarova recebeu a mais alta distinção soviética, que é a Ordem de Lenine, e tem o título de "Mestre da Cultura". O jovem autor Krapivin recebeu recentemente o Prêmio Komsomol enquanto que o veterano Sergei Mikhalkov recebeu os Prêmios Lenine e do Estado, o título de Herói do Trabalho Socialista e é Membro da Academia de Ciências Educacionais.

Na Rússia, as atividades ligadas ao livro infantil são consideradas como altamente honrosas e de importância estatal. Um ditado popular entre nós diz que, ao se escrever para crianças, deve-se escrever como se estivesse escrevendo para adultos, somente fazendo um trabalho melhor.

Quando, na Biblioteca Internacional da Juventude em Munique, Walter Scherf apresentou uma grande exposição de livros soviéticos para crianças, um repórter sugeriu o seguinte título para o seu trabalho: "Trabalho sério para os pequenos". Quase ao mesmo tempo, Marina Schtuetz, outra crítica literária da Alemanha, em um artigo sobre um livro soviético intitulado "Falando Sério Sobre e Para as Crianças", escreveu que seu autor "dispendeu muito talento, esforço sério e experiência pessoal, mais do que qualquer um entre nós, ao escrever para crianças", e que "levou as crianças realmente a sério, como sócios e camaradas, sem qualquer pretensão".

Todos nós que escrevemos e publicamos livros para crianças na União Soviética, temos em mente uma meta comum, que é a de preparar as gerações que surgem para a vida que os espera. Uma literatura saudável e atraente desperta emoções e pensamentos nobres. Através da poesia tentamos inculcar no pequeno leitor que o "nós", "nosso" significa mais do que o "eu" e o "meu". Queremos que os nossos jovens se transformem em homens e mulheres decentes, patriotas e partidários da paz. E embora não sejamos complacentes e saibamos que temos alguns pontos negativos, creio poder dizer que, embora alguns de nossos livros possam revelar alguma medida mais baixa de talento, enquanto algum outro livro monótono e moralista possa alcançar as prateleiras das livrarias, nenhum outro livro que fomenta o ódio, o militarismo, o racismo ou "money-grubbing" jamais será publicado em nosso país.

Concluindo, uma ilustração dá para mim remota esfera das ciências exatas, e que, entretanto, ainda me recordo dos tempos de escola. Para se obter o sal da água, é preciso ferver a água até que se evapore. Ou então, adicionar sal até que os cristais caiam dessa solução supersaturada. O que eu quero dizer é que os livros para crianças também são como cristais dentro da solução de riquezas naturais de uma nação, e podem ser obtidos através de um processo longo e árduo de evaporação. Mas, se saturarmos essa solução com um número sempre crescente de valores culturais, o processo se tornará mais fácil.

Relatórios dos Grupos 1.2.3.

Presidente: Carmen B. Villasante
Debatedores: Francis O. Pala — Raoul Dubois — Nuno Veloso — Virginia Jensen — Hans Gartner
Relatores: Efraín Subero — Fryda Mantovani — Eva Jurkiewicz

Relatórios dos Grupos 4.5.

Presidente: Maria Alice Barroso
Debatedores: Rudo Moric — Arcadio Plazas — Caio Graco Prado
Relatores: Virgínia Haviland — Nely Novaes Coelho

Relatórios dos Grupos 6.7.8

Presidente: Richard Müller — Fryda Mantovani
Debatedores: Hans Gartner — Bettina Hurlimann — Virginia Jensen — Agnya Bartho — Marisa Vaninni
Relatores: Ramon Nieto — Harry Kulmann

Painel Final

Presidente: Franz Caspar
Debatedores: Anton Taranger — Raoul Dubois — Arcadio Plazas — Francis O. Pala
Relatores: Ann Beneduce — Leny W. Dornelles — Dusan Roll

1. **Literatura Nacional e Internacional**

Expositor: Francis Otieno Pala (Quênia)
Coordenador: Carmen Bravo Villasante (Espanha)
Relator: Efraín Subero (Venezuela)

1.1. *Considerações*

A literatura infantil e juvenil não pode se separar do contexto social que a rodeia. Em muitos países, especialmente na área latino-americana, se nota a influência avassaladora da literatura infantil estrangeira, manipulada com fins exclusivamente comerciais e sem qualquer controle. Por outro lado, em diversos países, as crianças não revelam qualquer interesse nem pela leitura nem pelos livros. Quando existe interesse pela leitura, as preferências variam de um país a outro. Em alguns a mitologia clássica greco-latina não é apreciada, enquanto em outros se constatou que os contos de fadas, os clássicos universais (Hans Christian Andersen) e os temas folclóricos nativos continuam agradando. Os temas científicos também despertam grande interesse nas crianças. Verifica-se afinal que não se pode estabelecer divisão ou cultivar como gêneros distintos a literatura que procura um fim recreativo e a que visa à aquisição de conhecimentos.

1.2. *Recomendações*

A literatura infantil e juvenil deve inspirar-se nas peculiaridades de cada povo e, neste sentido, não só deve considerar a conformação racial e cultural, como as características da população rural, urbana e cosmopolita. É indispensável criar uma literatura infantil e juvenil essencialmente ligada às circunstâncias peculiares a cada país. Os ambientes locais, quando bem retratados com a força de expressão literária, se tornam logo universais. E a partir deles podem se organizar planos de co-edições multinacionais. Em todos os países deveria existir o Prêmio Nacional de Literatura Infantil, já que geralmente só se estimula a criação para o público adulto. Nos textos de literatura infantil e juvenil, deve-se atribuir especial importância ao tratamento dado ao vernáculo. Os prêmios internacionais de literatura infantil devem levar em conta os aspectos humanos da obra, e sua mensagem, e não, apenas a qualidade da ilustração, a diagramação e a apresentação tipográfica.

45

2. **Literatura e Pedagogia**

Expositor e coordenador: Raoul Dubois (França)
Relator: Fryda Schultz de Mantovani (Argentina)

2.1. *Considerações*

É através da comunicação oral, de uma aprendizagem anterior, que a criança chega à língua escrita.

Se a aprendizagem da leitura constituir-se, entretanto, apenas uma técnica utilitária, estará divorciada do tempo e do espaço: a criança será um decifrador de textos e não um leitor cujo objetivo deve ser o conhecimento do mundo dos homens.

Segundo Gastón Mialaret, saber ler é "dominar uma técnica, compreender o que se lê, julgar a mensagem e, por fim, amar a leitura". A primeira etapa é cumprida por todos, à segunda chegam muitos, mas a verdadeiramente indispensável é a terceira.

A leitura infantil e juvenil abrange mais de um aspecto.

Existe a literatura de pura criação, a literatura informativa e a literatura industrial, esta produto de autores prolíficos cujas dezenas de livros nada significam, a não ser para si mesmos e para seus editores.

2.2. Recomendações

Deve ser reconhecida a importância de que se reveste a literatura infantil e juvenil em suas relações com a aprendizagem da leitura e a criação do hábito da leitura na criança e no jovem. Desde os primeiros anos o livro deve ser posto ao alcance da criança, para que esta sinta sua presença.

Cabe àqueles que trabalham para a *leitura*, (o responsável pela biblioteca, o professor em aula) difundir as obras de qualidade, levando especialmente em conta os objetivos do autor.

Pedagogia e literatura devem constituir um conjunto a serviço da formação do homem, sem qualquer hierarquia: a literatura infantil, ainda que tenha lugar de destaque na pedagogia, não está a serviço desta. É um aspecto da literatura.

2.2.1. O conhecimento da literatura para crianças e jovens é indispensável na formação dos educadores de todas as disciplinas e de todos os níveis.

2.2.2. Os escritores devem colocar suas idéias a serviço dos valores humanos universais.

2.2.3. Os governos devem reconhecer a importância de tornar acessíveis ao maior número possível de pessoas as bibliotecas e a ampliação dos sistemas de distribuição de livros.

2.2.4. Os meios de comunicação de massa (imprensa, rádio e televisão) devem reservar lugar de destaque para a literatura infantil na informação, na crítica e na promoção.

2.2.5. Os poderes públicos e os editores devem trabalhar de comum acordo para que o preço dos livros seja compatível com as exigências culturais das gerações jovens.

3. Livros e Tecnologia Audiovisual

Expositor: Nuno Veloso (Brasil)

Coordenador: Virginia Allen Jensen (Dinamarca)

Relator: Eva Jurkiewicz (Brasil)

3.1. Considerações

Causa preocupações o excesso de informação trazido pelos meios audiovisuais através de comunicação de massa para a criança que tem assim, comprometidos o desenvolvimento de sua capacidade criadora, e suas possibilidades de opção.

O acesso aos meios de comunicação de massa, especialmente a TV, constitui ainda um privilégio nos países em via de desenvolvimento e, sendo assim, os estímulos e aberturas que estes meios veiculam terminam por beneficiar as classes mais favorecidas, agravando o desnível cultural.

Os meios audiovisuais, vinculados ou não a comunicação de massas, quando hem utilizados, podem servir como estímulo à leitura, à busca de bibliotecas, à ampliação e ao aprofundamento de conhecimentos através da palavra escrita.

3.2. Recomendações

3.2.1. Os meios audiovisuais devem ser entendidos como *apoio* à comunicação humana.

3.2.2. Uma linha básica de orientação da Comunicação deve levar em conta os desníveis econômicos e as defasagens culturais, em todo o mundo, buscando soluções sócio-culturais que possibilitem escolhas autênticas.

3.2.3. Visando a maior divulgação da cultura pela palavra impressa, deve ser estimulada a industrialização de livros mais sofisticados e caros, com ilustrações coloridas.

3.2.4. Os meios audiovisuais a serviço da literatura infantil, devem ser utilizados como estímulo para que a criança busque o livro e não como um substitutivo deste.

3.2.5. Os meios de comunicação de massa, em especial o rádio e a TV, devem organizar programas interessantes de promoção do livro e da leitura para crianças e jovens e em horários acessíveis aos mesmos.

3.2.6. As instituições de promoção do livro e as empresas de TV, governamentais ou particulares, devem trabalhar em cooperação no sentido de organizar uma programação eficiente de difusão do livro infantil e juvenil no caso brasileiro, FNLIJ e EBTVE.

3.2.7. A criança deve ser encorajada a participar no processo audiovisual, elaborando e manipulando seus próprios meios audiovisuais.

4. Livros e Hábitos de Leitura

Expositor: Rudo Moric (Tchecoslováquia)
Coordenador: Maria Alice Barroso (Brasil)
Relator: Virginia Haviland (Estados Unidos)

4.1. Considerações

O interesse pelos livros, entre crianças e jovens depende, em grande parte, da qualidade do material que é oferecido, seja em relação ao texto ou à ilustração.

São fatores negativos que interferem no interesse da criança pelo livro o preconceito de que deve haver um cuidado especial com o livro, que é tratado quase como um objeto sagrado, e o de que o livro só serve para estudo, e só é dado à criança quando esta vai para a escola.

4.2. Recomendações

- 4.2.1. É necessário evitar que o contato da criança com o livro se faça por meio de experiências negativas e coercitivas. O livro deve ser percebido pela criança como um brinquedo, objeto de divertimento e de prazer que se entende à leitura.
- 4.2.2. Os pais devem ser mobilizados e esclarecidos no sentido de propiciarem uma boa aproximação entre a criança e o livro, evitando atitudes negativas ou punitivas.
- 4.2.3. Os editores devem ser incentivados à criação de clubes do livro segundo por exemplo, o modelo da Áustria, como meio de incrementar o hábito da leitura.
- 4.2.4. Os livros estrangeiros devem ter traduções bem cuidadas, a fim de se evitar o clima de irrealidade comumente encontrado e que afasta o leitor do livro e da intenção do autor.

5. O Público Leitor e seu Acesso ao Livro

Expositor e relator: Nely Novaes Coelho (Brasil)
Coordenador: Arcadio Plazas (CERLAL)

5.1. Considerações:

Em muitos países torna-se inadiável a instalação ou a ampliação de uma política de democratização do acesso ao livro infantil e juvenil.

Essa política visa à mobilização do público leitor em potencial considerando o processo de educação que deve servir de base à formação do hábito da leitura e a necessidade de oferecer maior apoio e estímulo aos escritores e ilustradores para crianças e jovens.

5.2. Recomendações

- 5.2.1. É imprescindível a realização de pesquisas cientificamente estruturadas a fim de que cada país possa conhecer em realidade, a *área vocabular* de cada região ou classe social assim como os *interesses, hábitos e níveis* de leitura do público jovem.
- 5.2.2. Considera-se indispensável a instalação ou ampliação do programa de co-edições, a nível regional ou nacional para barateamento e mais pronta divulgação do livro infantil e juvenil criando-se melhores canais de distribuição. Que os governos dos países onde estes não existam, criem órgãos que estimulem tiragens sem fins lucrativos com vistas à divulgação do livro, principalmente em edições ou co-edições nacionais maciças. Deve-se prever, simultaneamente, canais de distribuição adequados que garantam o pleno aproveitamento desse material, sobretudo entre os que carecem de recursos econômicos para adquiri-lo.
- 5.2.3. Outras medidas que se impõem:
Instalação de uma rede nacional de Bibliotecas Escolares, com Monitores especializados; a instalação de Bibliotecas Escolares-Piloto, com laboratórios de leitura, para estudos e experimentação; a instalação de Seções de Livros Infantis e Juvenis nas Bibliotecas públicas; a ampliação do número de Bibliotecas Infantis e Juvenis, ou Salas de Leitura, com supervisão feita por auxiliares treinados.
- 5.2.4. Governos e iniciativa particular devem se empenhar na realização de um programa permanente de Promoção do Livro e de Hábitos de Leitura abrangendo:
Feiras do Livro; Concursos de Poesia ou Estórias Infantis; Projeções de filmes sobre o Livro e a Biblioteca; Exposições de livros infantis; Semana da Literatura Infantil e Juvenil textos de Teatro para crianças e jovens, de boa qualidade. Entrevistas com escritores em contos nas escolas; Seminários acerca da Literatura Infantil e Juvenil; Programa de TV ou de Rádio que valorizem a palavra escrita e lida, etc.
- 5.2.5. Tendo em vista o processo de educação que deve servir de base para a formação do público-leitor tornam-se indispensáveis:
A organização de Cursos Intensivos de Atualização para aperfeiçoamento dos docentes encarregados da orientação das crianças no setor *leitura*; a criação da Disciplina "Literatura Infantil e Juvenil" junto aos cursos de Didática e Metodologia nas Faculdades de Letras e nas de Educação, para atender à formação dos docentes que se destinam ao ensino do Vernáculo ou especificamente no da *Literatura* nos vários níveis de ensino; a criação (ou incremento) da Disciplina "Literatura Infantil" nos cursos de Formação de professores primários ou de 1.º grau.

5.2.6. Tendo em vista maior apoio e estímulo aos escritores e ilustradores para crianças e jovens, que se facilite àqueles o acesso às possibilidades de publicação, pela preparação de críticos e especialistas em editoração literária que analisem os aspectos positivos e negativos das obras em função do público que elas pretendem alcançar. (Especialistas ou críticos poderiam, por exemplo, ser incorporados por instituições, como Câmaras do Livro ou Seções Nacionais do IBBY, que assim poderiam aproximar autores, ilustradores e editoras); que se estimule a produção e divulgação de crítica a livros infantis e juvenis, para orientação dos pais, professores, bibliotecários e do próprio autor.

6. Criação e Pesquisa Associadas à Produção do Livro Infantil

Expositor: Hans Gartner (Alemanha) na ausência de Lucia Binder (Áustria)

Coordenador: Shigeo Watanabe (Japão)

Relator: Marisa Vannini de Gerulewicz (Venezuela)

6.1. Considerações

O ensino moderno da leitura e as reformas dos sistemas de educação não podem prescindir da contribuição da literatura infantil e juvenil como elemento importante na formação integral e harmoniosa de crianças e jovens, seja em seu papel de conservadora e transmissora de valores autênticos da tradição cultural seja como fator de renovação.

A maioria dos jovens, depois de abandonar o livro típico para a infância, encontra-se desorientado face a uma imensa produção literária que desconhece.

O livro não constitui atualmente, o único meio de comunicação literária, sendo complementado por revistas e meios audiovisuais que exigem também a atenção daqueles que criam as mensagens, assim como dos pesquisadores e dos educadores. Existe uma preocupação comum a educadores, autores e editores no sentido de receber uma orientação válida no campo da literatura infantil e juvenil.

A leitura da criança e do jovem deve estar integrada tanto à vida familiar quanto à escola e à biblioteca que deve funcionar como centro cultural ativo.

É sabido, entretanto, que o exemplo ideal de pais que têm o hábito de ler e de fazer seus filhos lerem está muito distante de ser uma realidade, na maioria dos casos.

6.2. Recomendações

6.2.1. Autores e editores devem tomar consciência dos problemas concretos da juventude atual, tais como a violência, as drogas, as relações sexuais, os conflitos familiares e sociais, a angústia frente à morte e ao futuro incerto da humanidade. É imprescindível que os escritores tratem destes e de outros temas transcendentes em linguagem que esteja de acordo com as formas de expressão atuais e que, sempre salvaguardando a liberdade da sua criação artística, assumam seu compromisso com a vida, enfrentando os referidos problemas para contribuir, com uma resposta adequada, às inquietudes da nova geração.

6.2.2. É preciso que se busquem meios eficazes para ajudar a juventude a superar o período de transição em que a maioria fica desorientada face a leitura, de modo que os jovens possam ter acesso às riquezas do mundo literário e nele encontrar um elemento de equilíbrio interior.

6.2.3. É necessária a realização de estudos científicos sistemáticos por parte de especialistas em ciências literárias em colaboração interdisciplinar com especialistas em sociologia, psicologia do desenvolvimento, folclore e campos afins. Para tanto é preciso que haja estímulo à pesquisa no campo da literatura infantil, mediante a criação de cursos de nível universitário e de institutos e centros de documentação que disponham da possibilidade de patrocinar investigações sistemáticas; e que essas investigações abranjam não só a problemática da literatura infantil e sua avaliação como também a psicologia do jovem leitor e seus hábitos de leitura, a fim de se obter dados que despertem e fomentem o indispensável prazer da leitura.

6.2.4. A investigação científica no campo da literatura infantil é particularmente urgente nos países latino-americanos, africanos e asiáticos, é imprescindível que as instituições que se ocupam desse tipo de atividade, a nível internacional, não omitam esses países em seus futuros programas de trabalho.

6.2.5. É conveniente estabelecer uma distinção entre as investigações científicas realizadas no campo da literatura e da leitura infantil e juvenil e os estudos de mercado do livro.

É legítimo e desejável que os editores levem a cabo seus estudos de mercado com métodos igualmente científicos, a fim de conhecer as exigências e inclinações do público, já que eles irão resultar em proveito do leitor, e particularmente do escritor e do ilustrador que criam as obras, com seu talento.

6.2.6. É mais do que legítimo que se procure obter um resultado econômico, sem o qual faltaria um valioso incentivo para a criação artística e literária. A investigação e a atenção dadas ao mercado do livro são especialmente importantes nos países latino-americanos pois podem contribuir para incrementar a literatura local e alcançar o equilíbrio indispensável entre a produção nacional e a presença da literatura estrangeira.

6.2.7. Autoridades, professores e pais devem ser chamados a compreender a importância da leitura na formação da personalidade dos filhos e a contribuir, de forma ativa, ao alcance desses objetivos comuns.

7. Recursos Humanos e Materiais para a Produção de Livros Infantis

Expositor: Bettina Hurlimann (Suíça)

Coordenador: Virginia Allen Jensen (Dinamarca)

Relator: Ramon Nieto (Espanha)

7.1. Considerações

Um dos fatores mais importantes que interferem na produção de livros infantis é a existência de um equilíbrio entre os recursos de criação e os de técnica, isto é, entre autores, editores e gráficos.

As funções mais importantes do editor são as do planejamento e realização técnica, a financeira e administrativa, o marketing, a publicidade e a distribuição.

Quanto mais economicamente estável for um editor, mais facilmente pode oferecer um maior número de livros da melhor qualidade e por melhor preço a um maior número de leitores. Além disso, os autores e ilustradores poderão também obter maiores benefícios econômicos do editor que é capaz de imprimir grandes tiragens e contar com eficiente esquema de promoção, assim como com finanças mais equilibradas.

Entretanto, é muitas vezes, o pequeno editor que vai pesquisar e buscar novas formas de realização de livros para crianças.

O encarecimento das matérias-primas que interferem na confecção de um livro (papel e cartão, principalmente) traz grandes preocupações a todos os que estão ligados ao livro infantil. As características de apresentação vistosa e sólida do livro para crianças são afetadas de modo especial por essas consideráveis altas de custos.

A co-produção de livros, no sentido de realização de tiragens parciais para diferentes países, foi interessante há alguns anos, mas a cada dia oferece menos vantagens, no sentido de se conseguir um custo mais baixo dos livros. Hoje, a alta do papel e do cartão é tão grande que as reduções do custo de impressão tornam-se inexpressivas.

Ademais, a partir de certo número de exemplares, cerca de 25.000, até 100.000, o preço da impressão é praticamente o mesmo.

7.2. Recomendações

7.2.1. O pequeno editor deve ser apoiado porque em muitos casos, é ele quem investiga, procura e experimenta novas soluções que vão contribuir para a inovação da literatura infantil, assim como para novos aspectos técnicos aplicados em livros para crianças.

7.2.2. Para aumentar a difusão dos livros infantis e juvenis são necessários bons professores.

Os livros infantis podem ser usados com vantagem para fins didáticos. Bons e baratos, eles devem ser utilizados, nos meios mais pobres, levando à criança o conhecimento do mundo que a rodeia.

7.2.3. Na busca de equilíbrio entre os recursos e os materiais de criação e considerando o encarecimento das matérias-primas, não se deve sacrificar a qualidade do livro infantil em busca do barateamento. Faz-se necessário um esforço de imaginação para se conseguir harmonizar esses dois fatores.

7.2.4. Mais do que a co-produção, é recomendável a *co-criação* de livros, sugerindo a adoção deste termo. Os custos de criação de uma obra de grandes dimensões são cada dia maiores e a união de equipes de criação de diferentes países alivia consideravelmente esse peso inicial.

7.2.5. É importante também que cada país apóie e sustente seus próprios escritores e ilustradores.

É preciso chamar atenção para os abusos cometidos com a utilização e multiplicação de textos de escritores vivos ou que ainda não entraram em domínio público em cópias mimeografadas, fotocópias ou em livros, sem o consentimento do autor.

Deve-se fazer o cumprimento fiel das leis no sentido de defender o direito do autor.

7.2.6. Deve-se exigir que, nos países onde as traduções existem em maior número, os editores de livros infantis e juvenis busquem uma proporção ideal com as obras nacionais. Esta proporção poderá variar de modo razoável, segundo a situação de cada país, mas que não seja inferior a 1 por 1 (um nacional para cada estrangeiro).

7.2.7. Deve-se aprofundar o estudo do problema da distribuição de livros em países que, como o Brasil, tenham uma enorme extensão territorial. É necessário ou recomendável que sejam analisadas experiências interessantes, levadas a efeito na Europa, relacionadas com a distribuição de livros infantis através de Clubes do Livro e de venda pelo correio (Mala Direta). Estes meios eliminam os obstáculos das populações isoladas e barateiam consideravelmente a comercialização.

49

8. Treinamento de Especialistas Ligados à Produção e Promoção de Livros Infantis e Juvenis

Expositora: Agnya Bartho (U.R.S.S.)

Coordenador: Richard Müller (R.D.A.)

Relator: Harry Kullman (Suécia)

8.1. Considerações

O treinamento de especialistas ligados à produção e promoção de livros para crianças e jovens se apóia na ação integrada de centros de pesquisa para o desenvolvimento dos hábitos de leitura, cursos de literatura infantil e juvenil, contatos entre crianças e escritores e na decisão de se publicarem livros pouco dispendiosos.

8.2. *Recomendações*

- 8.2.1. Evidencia-se a necessidade de uma troca de idéias mais ampla e efetiva sobre este tema, sob a forma de laboratórios e seminários, a nível internacional, sob os auspícios do IBBY. Seria saudada com entusiasmo uma iniciativa do IBBY para se realizar uma série de reuniões de especialistas onde, por exemplo, pudessem participar os críticos de literatura infantil.
- 8.2.2. É necessário que todos os países implantem a formulação sistemática de estudos sobre literatura infantil nas universidades, institutos de pedagogia e escolas normais.
- 8.2.3. Recomenda-se que haja um melhor aproveitamento e avaliação da experiência latino-americana por meio da realização de Cursos Internacionais sobre Livros Infantis, como os que se tem levado a efeito na Venezuela nestes últimos cinco anos.
- 8.2.4. Que a formação de especialistas em livros infantis esteja a serviço de todas as crianças e não somente ao de uma elite social. Assim, a meta deve ser a produção de livros bons, baratos e com grandes tiragens.

RELATÓRIO FINAL

Por Ann Beneduce (Estados Unidos)

Leny W. Dornelles (Brasil)

Dusan Roll (Tchecoslováquia)

De 21 a 25 de outubro de 1974 estiveram reunidos no Rio de Janeiro cerca de 400 representantes de 26 países, da UNESCO e do CERLAL, para o 14.º Congresso do IBBY, International Board on Books for Young People a fim de estudar o tema:

"O LIVRO COMO INSTRUMENTO NA FORMAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO JOVEM".

Os participantes trabalharam em oito grupos com os seguintes temas:

- 1) *Literatura Nacional e Internacional*
- 2) *Literatura e Pedagogia*
- 3) *Livros e Tecnologia Audiovisual*
- 4) *Livros e Hábitos de Leitura*
- 5) *O Público Leitor e seu Acesso ao Livro*
- 6) *Criação e Pesquisa Associadas à Produção do Livro Infantil*
- 7) *Recursos Humanos e Materiais para a Produção do Livro Infantil*
- 8) *Treinamento de Especialistas Ligados à Produção e Promoção do Livro Infantil.*

Após os debates em grupos, foram realizadas 3 sessões plenárias para a apresentação das conclusões e sugestões.

Das idéias e sugestões apresentadas na conferência, ao serem debatidos os relatórios, foram selecionados pontos que pareceram mais importantes, significativos e de maior atualidade.

Estas sugestões podem ser sintetizadas em 4 temas gerais, para um **programa de ação**:

- 1 — O livro infantil, sua criação, produção e promoção.
- 2 — A aproximação criança-livro.
- 3 — A formação e a preparação do adulto para fazer a aproximação entre a criança e o livro.
- 4 — O trabalho internacional com o livro infantil.

PROGRAMA DE AÇÃO

O livro infantil, sua criação, produção e promoção.

A literatura infantil deve ser encarada por todos como parte integrante da cultura de cada sociedade.

Autores e editores devem tomar consciência dos problemas concretos da juventude atual, dando condições para que ela encontre suas respostas.

É importante que cada país encoraje e ajude seus artistas e ilustradores com incentivos especiais a criação de livros que tenham raízes na cultura da sua própria sociedade, sem, entretanto, excluir traduções e adaptações que possam contribuir para o enriquecimento cultural das crianças.

Todos concordam em que existe a necessidade e o problema de produzir livros de boa qualidade para crianças, a baixo preço e em grandes tiragens; mas a alta no preço do papel agrava este problema. Isto cria o perigo de haver bons livros apenas para crianças privilegiadas, e, neste sentido, todo esforço deve ser feito para evitar tal seletividade a fim de que todas as crianças tenham acesso ao livro. Em muitos casos, faz-se necessária a ajuda econômica do governo ou de instituições, sob a forma de co-edições, financiamentos ou aquisição de grandes quantidades para distribuição. É preciso sustentar o mercado de livros de boa qualidade para superar a produção unicamente voltada para fins de consumo.

Quanto à distribuição, observa-se que o livro não sai dos principais núcleos urbanos em se tratando dos países subdesenvolvidos, sobretudo porque os eventuais compradores não têm poder aquisitivo para atender, primeiro, a suas necessidades vitais.

A televisão, o rádio, jornais e revistas meios de comunicação da indústria cultural podem ser utilizados como instrumentos eficazes na promoção de bons livros para crianças.

Especialistas de reconhecido valor devem ser aproveitados em planejamento de programas de informação e crítica de livros infantis, bem como na criação de programas para crianças.

Prêmios e exposições que valorizem bons autores e ilustradores contribuem para criar um interesse maior por bons livros infantis. Catálogos e listas de livros recomendados por especialistas e instituições devem ser colocados ao alcance de todos os interessados na compra de livros de boa qualidade.

Aproximação criança-livro.

Por melhor que seja o livro, torna-se inútil se não chega às mãos da criança para quem foi criado.

Entre os muitos meios de aproximar o livro da criança, um dos mais eficientes é a biblioteca escolar, começando do jardim de infância.

As autoridades e o público devem ser convencidos da necessidade de haver, em cada escola, uma biblioteca, organizada e cuidada por pessoas especializadas.

Recomenda-se, também, a criação do Clube do Livro, meio já adotado em vários outros países.

É sabido que a leitura da criança e do jovem deve estar integrada tanto à vida familiar quanto à da escola, sendo a biblioteca um centro cultural ativo. Entretanto, cumpre assinalar que, na maioria dos casos, o exemplo ideal de pais que têm o hábito de ler e estimular seus filhos a lerem está longe de ser uma realidade.

É necessário que se faça um apelo às autoridades e professores, como também e principalmente aos pais, a fim de que compreendam a importância da leitura na formação da personalidade de seus filhos, e contribuam, de forma ativa, para alcançar nossos objetivos comuns. A literatura infantil constitui um problema comum à família, à escola e a todas as instituições educativas.

Como estímulo aos pais, de modo a torná-los mais conscientes da importância da boa leitura para as crianças, recomenda-se que haja livros de literatura infantil e juvenil em centros comunitários, clubes, jardins de infância e clínicas, que os pais costumam freqüentar diariamente.

A formação e a preparação do adulto para fazer aproximação entre a criança e o livro

Convém lembrar que a literatura infantil, ainda que tenha um alto lugar na pedagogia, não está a seu serviço. Ela é independente de sistemas escolares, e, por isso mesmo, o estudo desta literatura é indispensável na formação dos educadores de todas as disciplinas e de todos os níveis.

É necessário que haja a integração entre pedagogia e literatura infantil, a partir do trabalho em sala de aula. Embora se reconheça que a literatura não está a serviço dos manuais escolares, (livros didáticos) não se pode esquecer que esses manuais são também livros. É preciso encará-los com responsabilidade criadora, pois um manual inadequado pode ser um antilivro.

É imprescindível que a criança entre em contato com instrumental de boa qualidade, com o bom livro de leitura, que deve estar presente em sua sala.

Para a formação de professores, bibliotecários, livreiros e editores, é indispensável a realização de estudos científicos sistemáticos por especialistas em ciência literária, em colaboração interdisciplinar com especialistas em sociologia, psicologia do desenvolvimento, folclore e outras atividades afins. Para tanto, é desejável que se proponha estimular a investigação no campo da literatura infantil, mediante a criação de cursos de nível universitário e o estabelecimento de institutos e centros de documentação que tenham a possibilidade de patrocinar investigações sistemáticas, abrangendo não somente a problemática da literatura infantil e sua avaliação, mas também a psicologia do jovem leitor e seus hábitos de leitura, despertando e fomentando o indispensável prazer da leitura.

O trabalho internacional com o livro infantil

As experiências dos últimos anos vêm mostrando claramente que a investigação no campo da literatura infantil e de sua integração na pedagogia é difícil de ser alcançada sem o intercâmbio de idéias e resultados de estudos e especialistas.

A par de pesquisas e estudos a serem desenvolvidos em nível nacional, os encontros internacionais devem continuar, a fim de garantir abertos os canais de comunicação, de modo a que os países possam ajudar-se uns aos outros pelo intercâmbio, partilhamento de experiências.

Além dos congressos internacionais, recomenda-se que sejam promovidos congressos a nível nacional e regional para o estudo dos problemas locais.

Esta mesma política deve ser adotada no campo da produção de livros infantis e juvenis. Devem ser encorajadas as traduções de livros de superior qualidade, assim como a formação de tradutores especializados, que conheçam tanto a língua quanto as possibilidades de leitura da criança. Os acordos internacionais sobre direitos do autor devem ser cuidadosamente observados, para proteger escritores e ilustradores.

Cabe advertir, neste particular, quanto às colaborações mimeografadas dos textos de literatura infantil e juvenil, interditas pela Convenção de Genebra, mas de uso freqüente nas escolas, mesmo com a biblioteca funcionando.

Editores de diferentes países podem se associar na produção e na criação de livros, de modo a reduzir os custos e, ao mesmo tempo, procurar assegurar que seu conteúdo atenda às necessidades individuais das crianças de cada país, com a aplicação de lei que recomende às editoras a edição proporcional de autores nacionais e estrangeiros.

É necessário ainda que haja listas de livros recomendáveis à tradução e que estas, preparadas por especialistas que tenham visão internacional, sejam amplamente divulgadas e postas à disposição dos interessados.

Como conclusão, é preciso afirmar que todos aqui, nestes dias, trabalhamos animados pelo lema da UNESCO, LIVROS PARA TODOS, e a ele acrescentamos: O MELHOR PARA A CRIANÇA.

FATOS E DADOS SOBRE A PROMOÇÃO DO LIVRO INFANTIL E O HÁBITO DE LEITURA NA AMÉRICA LATINA

Arcádio Plazas
Diretor do CERLAL

Em preparação a este 14.º Congresso do IBBY o CERLAL realizou em Buenos Aires, de 22 a 27 de abril de 1974, o Seminário Internacional sobre Literatura Infantil, que reuniu destacados escritores, editores e ilustradores da América Latina, além de autorizados especialistas provenientes de vários países europeus.

O Temário preparado para a reunião foi o seguinte:

- 1) Comunicação de cada participante dos países convidados sobre a situação atual da Literatura Infantil no seu país.
- 2) Obstáculos encontrados no desenvolvimento da Literatura Infantil da área, a fim de superar seus altos custos:
 - a) Recursos humanos
 - b) Recursos técnicos
 - c) Recursos econômicos
- 3) Materiais comuns de leitura e possibilidades de co-edição. Experiência de Tóquio.
- 4) Folclore e tradição nacional na literatura infantil.
- 5) Criação do livro infantil.
- 6) Aspecto, ilustração e edição do livro infantil.
- 7) Métodos adequados à promoção do livro infantil e ao desenvolvimento dos hábitos de leitura.
- 8) Influência dos recursos audiovisuais na literatura infantil. O Teatro.

Situação regional

Os participantes dos vários países do continente analisaram o estado atual da literatura infantil que, de certa forma, reflete também os problemas concernentes à toda a indústria editorial: desânimo e pouco estímulo aos autores locais; produção escassa; distribuição dificultada pelas grandes distâncias e deficiências dos meios de transporte; falta de autenticidade na temática e excesso de traduções; predomínio de uma literatura para minorias privilegiadas; preços desproporcionais ao poder aquisitivo médio da população, deixando a grande maioria à margem do mercado livreiro.

Argentina — Um participante desse país, adotou uma posição severamente crítica com relação aos livros infantis ali editados, aos critérios utilizados na seleção de temas e autores, e propôs uma mudança de critérios quanto aos valores literários para a infância. Criticou também, a mentalidade mercantilista com que vem sendo manejada a indústria editorial, e assinalou a falta de diretores de coleções especificamente capacitados para selecionar textos para crianças. Assinalou todavia, que já se observa em alguns casos a tendência para designar assessores especializados neste setor, preconizando muito especialmente a edição de títulos que abordem temas de formação da personalidade da criança a preços acessíveis à massa popular.

Bolívia — O representante desse país traçou um quadro pouco satisfatório da literatura infantil de seu país, devido às condições desfavoráveis tanto do ponto de vista cultural, quanto econômico e social, uma vez que a taxa de analfabetismo chega a mais de 60% e a renda média da população é extremamente baixa. No entanto, sublinhou os esforços do Ministério da Educação que desenvolve, através do Departamento de Currículos, um trabalho meritório não só no tocante à edições infantis mas ainda à exposições, concursos e certames visando promover a produção de livros destinados às crianças. Manifestou esperança de que o seminário se tornasse ponto de partida para promoção da literatura infantil no continente.

Brasil — Um participante brasileiro resumiu os traços que caracterizam o livro infantil editado no país. Sustentou que este conta com um bom serviço de assessoria para a seleção do material e que a produção cresce diariamente em importância. Todavia a participação dos autores nacionais não atingiu ainda cifras desejáveis, visto que 50% das edições correspondem a traduções do inglês, sem contar a de outros idiomas. Assinalou que a falta de normalização constitui um dos obstáculos conspirando contra a redução de custos. Assim mesmo, declarou que as co-edições com o Estado tem dado bons resultados no sentido de tornar o livro infantil mais barato e mais acessível à renda média da população.

Chile — O representante desse país disse que a literatura infantil chilena se encontra impossibilitada de competir com as edições estrangeiras, de excelente apresentação, publicadas a cores, por ter estado relegada nas duas últimas décadas.

Afirmou contudo que a situação melhorou ultimamente, com a criação de jardins de infância e pelo interesse de pais e professores, o que originou um crescimento promissor da procura local.

Colômbia — O participante colombiano assinalou que existem em seu país numerosos antecedentes de literatura infantil, sobretudo na poesia e nas revistas dedicadas à infância. Disse que nos últimos anos vem ocorrendo também o renascimento do teatro infantil com finalidades tanto didáticas quanto recreativas. No entanto, é insignificante a produção de livros infantis na Colômbia. Iniciou-se nos últimos meses a publicação de livros chamados tridimensionais, com texto em vários idiomas, destinados principalmente à exportação.

Equador — O representante desse país exaltou a política do Ministério da Educação criando a cadeira de literatura infantil nas escolas normais desde que as Faculdades de Filosofia e Letras as patrocinem. Informou ainda que a Casa da Cultura promove a publicação e edita livros infantis mas que isso não basta, daí proliferarem outras publicações periódicas e historietas de menor valor literário informativo.

Espanha — O participante espanhol iniciou sua exposição falando da indústria editorial como um todo, passando depois a tratar da literatura infantil em particular. Afirmou que na Espanha a literatura infantil propriamente dita ocupa um lugar muito destacado, superando em número a produção dos livros didáticos. As estatísticas falam da média anual de um livro para cada criança, com 52 editoras especializadas e 500 títulos anuais.

Expressou a sua preocupação com a crise do papel, de alcance mundial e a influência negativa que esta terá sobre o livro infantil, dadas as características do mesmo, exigindo matéria-prima de elevada qualidade para uma apresentação atraente e para a ilustração a cores.

Isso, em sua opinião, constitui um desafio para os editores procurarem novas soluções, sem abandonar as características básicas de amenidade, cor e aspecto, essenciais ao livro infantil e que precisam continuar tornando-se compatíveis com o nível de preços a fim de que o livro seja acessível à maioria da população.

Panamá — Segundo a representante deste país, a edição de livros infantis é quase inexistente e os que ali circulam são importados. Por outro lado, este mesmo fenômeno ocorre em todo o campo editorial, já que as edições nacionais são muito modestas, e o custo excessivamente elevado. Lamentou também que a importância do livro infantil não tivesse sido até agora suficientemente valorizada pelo Ministério da Educação que se preocupa somente com o setor de textos, e manifestou a esperança de que esta situação se corrija no futuro.

Paraguai — Apesar de antecedentes vindos do século passado, diz o participante paraguaio ser modesta a situação no país por falta de estímulo aos valores criativos, dificuldades econômicas, promoção escassa e tiragens reduzidas incidindo sobre o custo. Revelou, no entanto, que se iniciou recentemente a criação de cursos de literatura infantil, aumentou-se a produção de revistas, existindo projetos para a criação de bibliotecas circulantes destinadas a ampliar o mercado. Sustentou que considera insuficientes esses esforços e que se necessita de um enérgico programa de promoção de caráter regional, que deverá tomar como ponto de partida o seminário de Buenos Aires.

Peru — A representante peruana desenhou um quadro pouco otimista, afirmando que os autores de literatura infantil carecem de estímulo e que a atividade editorial não recebe apoio do governo. Por sua parte, as entidades oficiais canalizam as verbas para a publicação dos livros de texto, cabendo aos autores financiar e editar suas próprias obras. Anunciou que ultimamente foram criados alguns prêmios neste campo merecendo sublinhar-se o trabalho meritório da seção peruana do IBBY. Assim mesmo, há aspiração de que no futuro possa o autor peruano criar livros infantis enraizados na realidade nacional e como expressão autêntica da mesma.

Uruguai — Na opinião de seu representante, o panorama nacional não é negativo, por ser muito baixa a taxa de analfabetismo, no país, gerando uma grande procura por parte dos leitores de literatura infantil, que contam com alguns bons autores mas, de maneira geral, as condições econômicas não são propícias já que a tiragem é feita em pequena escala, visto ser reduzida a população do país e não haver possibilidade de exportação. Como prova de que existe bom mercado citou a existência de bibliotecas infantis em Montevideu, muito procuradas pelo público infantil e jovem. Além disso, existem cadeiras de literatura infantil nos cursos de magistério. Mas assinalou que tanto o livro como as outras publicações de literatura infantil precisam competir com as obras importadas de apresentação atraente e preço menor que as do mercado. O Ministério da Educação desempenha um trabalho louvável, distribuindo edições gratuitas nas escolas.

54

Venezuela — O participante desse país apresentou volumoso informe sobre a situação na Venezuela, enriquecido por 2 apêndices: uma estatística de alunos e professores do ensino pré-escolar e primário e uma lista de livros de uso obrigatório durante o biênio 1973/1974, além de dados sobre as fontes de produção de livros infantis que chegam a 30, entre oficiais e particulares. Criticou porém o critério de lucro imperante no setor editorial privado no campo da literatura infantil, que se beneficia sobretudo de textos escolares. Repeliu a confusão entre livro didático e livro de literatura infantil, já que, este, é primordialmente recreativo sem por isso deixar de cumprir um papel insubstituível na educação e lamentou não haver a escola conseguido criar entre as crianças o hábito da leitura. Exaltou o trabalho realizado pela revista "Tricolor" de Caracas, que completa precisamente agora 25 anos de contínua publicação de um ótimo material de leitura e informações destinadas à infância e à juventude.

Exposições e Temas de Discussão do Seminário

Obedecendo ao programa traçado pela Direção do CERLAL, os especialistas convidados apresentaram temas de conteúdo valioso que foram detidamente analisados e discutidos pelos membros do Seminário. Foram os seguintes os temas tratados: O professor Marc Soriano, da Universidade de Sorbonne, em Paris, falou sobre "As Tradições Populares e a Sociedade de Consumo", destacando principalmente a situação na França.

A escritora espanhola Carmen Bravo Villasante tratou do tema "Meios Audiovisuais e Literatura Infantil".

A senhora Leny W. Dornelles, do Brasil, desenvolveu o tema "A Criação na Literatura Infantil".

O editor brasileiro Arnaldo M. de Giacommo dissertou sobre "Obstáculos que Impedem o Desenvolvimento da Literatura Infantil".

A senhora Mônica Tieffenberg, da Argentina, falou do "Folclore na Literatura Infantil".

O senhor Efraín Subero, da Venezuela, apresentou trabalho sobre "Folclore e Tradição Nacional na Literatura Venezuelana".

O senhor Carlos Joaquin Divián, da Argentina, dissertou sobre "Promoção do Livro Infantil e Desenvolvimento do Hábito da Leitura".

O ilustrador brasileiro Gian Calvi abordou o tema "Ilustração do Livro Infantil".

A escritora italiana Laura Draghi se referiu à tradução e adaptação do Livro Infantil.

Finalmente, o Diretor do CERLAL fez uma exposição sobre o "Programa de Co-edições de Livros Infantis para a Ásia", que se realiza atualmente em colaboração com o Centro Cultural da Ásia para a Unesco, e com o Centro para Fomento do Livro de Tóquio.

Recomendações

Houve unanimidade na crítica à literatura infantil, que se poderia chamar tradicional, formulando-se nesse sentido duas recomendações fundamentais: 1) Pelo fato de muitas vezes a literatura infantil, concebida por pessoas adultas, refletir uma concepção classista, dentro de um clima imoral, com cenas de crueldade e terror, sob todos os pontos de vista inconvenientes à formação humana e social da criança, faz-se um apelo para a criação de uma nova literatura baseada em sentimentos morais e autênticos valores humanos e nacionais capazes de despertar na criança a consciência do seu papel como pessoa, na família e na sociedade; 2) Como a atividade editorial revela atualmente um conceito elitista, baseado em edições de luxo que, por sua apresentação, ilustração e preço, apenas estão ao alcance de minorias privilegiadas, aconselha-se uma política destinada a colocar o livro infantil ao alcance das massas populares, a fim de que todas as camadas da sociedade tenham acesso à citada literatura e dela se beneficiem.

Com esse objetivo, as várias delegações aprovaram as seguintes recomendações:

- 1) Que o Cerlal e a Unesco tomem a seu cargo o cumprimento das recomendações do seminário e a consecução de uma política ativa de promoção da leitura e do livro infantil.
- 2) Criação de bibliotecas infantis e da seção infantil nas bibliotecas populares.
- 3) Criação da cadeira de literatura infantil.
- 4) Promoção de bibliografias de autores de livros infantis.
- 5) Comemoração da semana do livro infantil.
- 6) Organização de exposições e de prêmios para livros infantis.
- 7) Instituição de seminários e congressos de escritores, ilustradores e editores.
- 8) Campanhas para promoção da leitura de livros infantis, feitas através do rádio, imprensa e televisão.
- 9) Fomento da distribuição do livro infantil, mediante feiras dedicadas à mesma.
- 10) Promoção da co-edição de livros infantis, aproveitando o que for possível da experiência obtida no programa de co-edições da Ásia.

Programa para a Investigação de Hábitos, Níveis e Interesses de Leitura na América Latina

Desde a sua fundação em 1972, o Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina realiza estudos para a execução de um ambicioso programa de investigação nesse campo.

Após consultar fontes bibliográficas autorizadas, e estudar experiências similares realizadas em outros continentes, o CERALAL preparou um documento intitulado "Ante-proyecto para um relevamiento sobre Hábitos de Lectura" que foi apresentado, para análise e crítica, num Seminário de Especialistas Internacionais realizado na sede do CERALAL de 5 a 9 de novembro de 1973.

O primeiro aspecto submetido a sua consideração foi o da imprecisão dos Objetivos da Investigação. Vários participantes destacaram que ao longo de todo o documento é feita referência a objetivos diferentes como os relacionados com a política educativa e cultural dos governos, a determinação de *deficits* nas obras existentes, os serviços de informação para bibliotecas, a orientação dos programas educativos, a melhor adequação da oferta à procura efetiva e potencial de livros por parte da indústria editorial, além de outros, sem estabelecer uma ordem de prioridade para os mesmos objetivos.

Houve, também, um consenso geral de que o projeto fazia referência à investigação de hábitos de leitura sem mencionar os níveis de leitura, aspecto que importa fundamentalmente a todos, se se pretende que a investigação permita tirar conclusões sobre os aspectos educativos e culturais nela envolvidos e sobre as políticas oficiais adotadas a esse respeito.

A análise dos participantes centralizou-se na definição das áreas em que devia ser feita a investigação. Vários deles chamaram a atenção para o fato de existirem, em todos os países da região, vastas zonas de população marginal, que não foram consideradas como áreas prioritárias de investigação no anteprojecto. Por outro lado, através do documento em estudo e do projeto de questionário apresentado pelo CERALAL, deduz-se estar a investigação principalmente orientada para o setor integrado da população de maior renda e de melhor nível cultural. Um dos participantes destacou que na área de hábitos, a investigação parecia dirigida aos que já compram e lêem livros, deixando de lado a área dos que não os podem comprar nem ler.

Todos concordaram sobre a prioridade que devia ser dada na investigação, à população marginalizada das áreas urbanas, suburbanas e rurais.

Foi também unânime a opinião sobre a necessidade da investigação de referir-se aos vários níveis de leitura.

Um dos participantes afirmou que a investigação proposta pelo CERALAL, através de um questionário para o seu processamento estatístico, não devia ser considerada suficiente para fazer um diagnóstico válido sobre o problema da leitura. Acrescentou que, sem pôr em dúvida a importância da investigação, devia-se complementá-la com outras, cuja realização deveria fazer parte da investigação do CERALAL. Propôs que, além da análise do projeto de levantamento estatístico e do questionário submetido a consideração dos participantes, o seminário deveria elaborar um documento de recomendações concretas ao CERALAL, sobre as áreas e prioridades das investigações.

Um dos participantes, apoiado pelos demais, pediu que a investigação abrangesse, além do "livro", todo o "material de leitura", sob qualquer forma de apresentação. Na sua opinião, a investigação sobre leitura e rádio-comunicações deveria ser simultânea, pela importância que atualmente assumem estas últimas na informação das massas marginalizadas, sobretudo nas zonas rurais. Essa proposta não foi aceita, pois outros participantes alegaram que a inclusão desse meio de comunicação, desviava os objetivos do projeto, pondo em perigo a sua eficácia já que ampliados de forma imprevista. Entretanto todos concordaram em que os outros meios de comunicação de massa, principalmente o rádio e a televisão, mereciam ser considerados na investigação, pela sua estreita relação com os hábitos e interesses de leitura da população a que se destinam.

Em continuação, ficou deliberado que o Seminário seria dividido em duas comissões: um grupo de trabalho, integrado por técnicos em estatística, sociólogos e bibliotecários, para estudar o questionário proposto pelo CERALAL, modificando-o de acordo com as idéias anteriormente expostas e aceitas; outro grupo, abrangendo os demais participantes, que trataria da elaboração do documento, contendo as recomendações ao CERALAL, para outras investigações relacionadas com a leitura.

Antes de iniciado o trabalho independente dos dois grupos, fixaram-se as recomendações sobre os aspectos que seriam considerados pelo primeiro deles, na elaboração do questionário.

56

Quanto aos hábitos de leitura foram mencionados os seguintes aspectos: tipos de material utilizado, frequência da utilização, temas, tipos e títulos dos livros, jornais e revistas utilizados, perguntas concretas sobre acesso, custo do material comprado, material emprestado, serviços bibliotecários, fontes de informação e orientação para a seleção de materiais, relação com outros meios de comunicação, etc.

Sobre os níveis de leitura, enfatizou-se a conveniência de incluir na pesquisa os não alfabetizados, para investigar o campo de seu interesse pela informação, as razões que o motivam e suas finalidades.

Várias sugestões de elevado interesse foram feitas sobre a metodologia da investigação e a análise e redação das conclusões.

A primeira delas destacou a conveniência de serem previamente estabelecidas as variáveis dos resultados, por sociólogos, educadores e bibliotecários, encarregados de dirigir sob esse aspecto o trabalho técnico dos órgãos especializados no levantamento estatístico e do seu processamento por computadores.

Considerou-se conveniente, aliás, que o CERALAL contrate um especialista ou uma instituição especializada para a interpretação dos resultados obtidos.

Destacou-se também, a conveniência de ser redigido por especialista o informe sobre os resultados da pesquisa, a ser submetido à consideração dos Estados Membros e das demais entidades interessadas.

Execução do Programa

Atendendo às recomendações do Seminário, o CERALAL elaborou um programa de trabalho que, junto com os documentos emanados do Seminário, foi submetido à consideração do Centro Internacional de Investigações para o Desenvolvimento (CIID) formação governamental do Canadá, entidade que havia manifestado interesse em apoiar financeiramente a realização de uma etapa-piloto na Colômbia. Terminada essa etapa, os resultados da investigação seriam submetidos à consideração de especialistas dos outros países latino-americanos, nos quais seria realizada uma investigação semelhante.

Após demorados e minuciosos estudos, com a destacada participação do Departamento Científico do CIID e de alguns especialistas em programação e realização de pesquisas sócio-culturais, com a ajuda de recursos eletrônicos, foi formulado um programa definitivo para a realização da investigação.

As etapas desse programa, a ser iniciado em 15 de janeiro de 1975, são:

- 1) Organização (1 mês)
- 2) Planejamento (3 meses), assim distribuídos:
 - 2.1. Determinação dos objetivos
 - 2.2. Fundamentação
 - 2.3. Conceituação
 - 2.4. Hipóteses
 - 2.5. Variáveis
 - 2.6. Indicadores
 - 2.7. Instrumentação:
 - a) Coleta de dados
 - b) Processamento de dados
 - c) Análise de dados
- 3) Levantamento estatístico (3 meses)
Trabalho de campo e burocrático
- 4) Análise de resultados (3 meses)
- 5) Preparo e publicação do informe (1 mês)
- 6) Tempo reservado para ajustes e demoras (1 mês)

Novo Seminário de Avaliação

Os estudos realizados na Etapa 2 – Planejamento – serão submetidos à apreciação de um Seminário de Consultores integrado por:

- Um especialista em educação
- Um sociólogo
- Um psicólogo
- Um especialista em comunicação
- Um economista
- Um especialista em estatística

A Etapa 2 – Planejamento – será financiada em colaboração com o CIID – UNESCO – CERALAL.

De acordo com os resultados e progressos dessa etapa os programas serão elaborados para a realização das etapas posteriores.

Interesse de outros países vizinhos

O CERALAL recebeu comunicação de várias instituições da Argentina, Brasil e Venezuela, interessadas em obter informações detalhadas sobre o desenvolvimento desse programa, a fim de tomar providências visando a realização de levantamentos e investigações semelhantes naqueles países.

Cyrus Tahbaz

Diretor do Departamento de Publicações do I.D.I.C.J.

RELATÓRIO SOBRE AS ATIVIDADES DO INSTITUTO
PARA O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DAS CRIANÇAS E JOVENS
NO CAMPO DO FORNECIMENTO DE LIVROS PARA OS JOVENS IRANIANOS

O Instituto para o Desenvolvimento Intelectual de Crianças e Jovens, foi criado em 1965, sob o patrocínio da Imperatriz do Irã, a fim de promover o desenvolvimento e as perspectivas das crianças e dos jovens iranianos e, também, para estimular jovens talentos através da criação de facilidades de biblioteca para fornecimento de material de leitura e apresentação de audiovisual.

O Instituto é uma organização cultural, sem fins lucrativos cujas atividades vêm crescendo significativamente através dos anos. Seus vários campos de atividades são os seguintes:

- 1) *criação e administração de bibliotecas para crianças e jovens nas diversas cidades do país;*
- 2) *fornecimento de livros e de outros materiais de leitura, a serem utilizados nas bibliotecas e livrarias;*
- 3) *fornecimento de filmes e material audiovisual e realização de um festival internacional anual de filmes para crianças e jovens;*
- 4) *cooperação com grupos nacionais e internacionais, para intercâmbio de atividades culturais, artísticas e sociais, dentro do campo educacional.*

Este relatório trata especificamente dos dois primeiros itens acima mencionados.

I – *Bibliotecas destinadas especificamente a crianças e jovens em cidades de diversos tamanhos.*
Bibliotecas urbanas.

Os programas destinados ao incremento dessas atividades são executados por bibliotecários e instrutores treinados em bibliotecas infantis, como segue:

A – Programas supervisionados por bibliotecários profissionais:

- 1) Contar histórias
- 2) Apresentar livros
- 3) Apresentar personagens proeminentes
- 4) Recitais de poesia
- 5) Apresentação de outras terras e de outros povos
- 6) Viagens e passeios culturais
- 7) Debates sobre livros e outros assuntos
- 8) Preparo de "posters" e exposições
- 9) Passatempos e competições
- 10) Apresentação de filmes de vários tipos

B – Programas supervisionados por instrutores especializados:

1) Programas sobre arte

A pintura é um dos programas culturais que mais atraem as crianças de todo o mundo, porque fornece um veículo de expressão para suas mentes curiosas e criativas, refletindo de maneira vivida suas necessidades e motivações.

Esses programas são apresentados em dois níveis: um para crianças menores, com intuito de dar-lhes liberdade de expressão, enquanto que as crianças maiores recebem uma instrução mais orientada, sob a forma de classes dirigidas por instrutores especializados e pintores profissionais, que ensinam técnicas de pintura e seus vários estilos.

Cada biblioteca, periodicamente, realiza exposições dos trabalhos de seus freqüentadores, abertas à visitação pública.

Durante o período 1972-73, uma seleção de trabalhos dos jovens associados foi remetida para o exterior, participando de exposições internacionais de pintura infantil em Seul, Shankar e Porto Alegre, recebendo inclusive vários prêmios.

- 2) Programas sobre instrução musical
- 3) Apresentação e representação de peças teatrais

4) Técnica cinematográfica.

Desde 1972, o Centro Cinematográfico do Instituto realiza cursos para os membros da biblioteca. Instrutores profissionais ensinam aos jovens os fundamentos da teoria cinematográfica, e a utilização do equipamento. Finalmente, os jovens recebem filmadoras de 8 mm, filmam sobre os scripts que escreveram e preparam o fundo musical.

Esses filmes são mostrados aos seus companheiros de outras bibliotecas e os melhores são mandados para o exterior a fim de participarem de festivais. Em 1973 esses filmes ganharam cinco prêmios em Milão e Helsinki.

A única condição básica para pertencer a essa instituição é o limite de idade que deve ser entre 6 e 16 anos.

Estatísticas coletadas dos relatórios mensais das bibliotecas e condensadas anualmente pelo Instituto, demonstram que o aumento firme e seguro da qualidade da programação tem sido acompanhada por um aumento.

ANO	N.º DE BIBLIOTECAS Teerã e Províncias	N.º DE SÓCIOS	TÍTULOS
1973	65 + 25 = 90	347.747	1950

Um número significativo para 1973, é a relação entre o número de associados e a população juvenil total da cidade de Teerã que é superior a um milhão, dos quais 138.183 eram sócios de bibliotecas, além de outros que utilizam esses mesmos serviços através das escolas e bibliotecas sobre rodas, num total de 310.000 indivíduos. Assim, mais de meio milhão de jovens utilizam as facilidades do Centro e se essa tendência continua, essa quantidade alcançará 100% por volta de 1980.

II — Fornecimento de material de leitura nas áreas rurais.

As diversidades geográficas e econômicas das diferentes regiões do Irã necessitam de um programa de ampla cooperação e coordenação entre as unidades culturais para crianças e jovens e os adultos recém-alfabetizados, especialmente no interior do país.

A maior parte das pequenas cidades e estabelecimentos rurais do Irã estão localizados em regiões desertas ou montanhosas com uma população dispersa (com exceção do litoral do Mar Cáspio, ao norte do Irã), onde as cidadezinhas estão muito distanciadas entre si, ou longe da influência dos grandes centros.

De acordo com estatísticas fornecidas pelo Censo, a população com idade superior a 7 anos era de, aproximadamente, 19 milhões dos quais 29%, ou seja, 5,5 milhões, eram alfabetizados; por isso, a carga do analfabetismo ainda era muito grande sobre as pequenas cidades e áreas rurais do país.

O papel do Instituto para o Desenvolvimento Intelectual das Crianças e Jovens é, naturalmente considerável nessa tentativa, especialmente no que diz respeito à implementação do programa destinado ao fornecimento de livros às áreas rurais, em coordenação com outras organizações congêneres.

O Instituto iniciou esse programa com um projeto-piloto em 1966, fornecendo textos a 16 escolas tribais localizadas ao sul do Irã. Este projeto foi executado de maneira dramática uma vez que a total ausência de estradas e o difícil acesso a essas áreas remotas exigiram o uso de cavalos e mulas para levarem os livros em caixas especialmente desenhadas para esse fim.

LIVROS PARA CRIANÇAS E JOVENS IRANIANOS

UMA HISTÓRIA DA LITERATURA PARA CRIANÇAS NO IRÃ

O primeiro livro ilustrado, criado especialmente para jovens e escrito no idioma persa foi publicado em Istambul em 1901. Chamava-se 'Livro de Ahmad, uma Antologia para Jovens' escrito para Abdolrahim Trabizi Najarzaeh (conhecido por 'Talebov').

FINALIDADES DO INSTITUTO NA PREPARAÇÃO DE LIVROS PARA CRIANÇAS E JOVENS

O principal vazão que veio ser preenchido pelo Instituto foi o de encorajar as criações originais por escritores iranianos nesse campo. Foi somente por intermédio do esforço realizado pelo Instituto que, hoje em dia, os livros de autores iranianos são o dobro dos de tradução de trabalhos estrangeiros. Esta atividade resultou em um tremendo enriquecimento da literatura persa.

O Instituto opera sob o princípio de que a vida imaginativa das crianças tem importância especial e essa é a tônica em que se baseia a seleção de textos para os jovens. O Instituto acredita que a literatura para jovens tem uma estética poderosa e uma vida filosófica própria, capazes de gerar a criação artística, assim como uma consciência do relacionamento humano e valores mais elevados.

O Instituto aprova histórias que contenham aspectos vitais, mas também beleza e estilo. O tema, o caráter e a estrutura são componentes importantes do produto terminado, seja criação nativa ou adaptado do folclore.

A QUANTIDADE E ESPÉCIES DE LIVROS PUBLICADOS PELO INSTITUTO

Desde o tempo de sua fundação em 1966 até 1974, o Instituto produziu um total de 71 livros para jovens, desde livros para colorir até novelas para adolescentes. As edições têm tiragens entre 6.000 e 30.000 exemplares, contrastando com a média asiática de 4.700 exemplares. O total geral de livros circulados pelo Instituto nesse período foi de 1.429.000.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Com a rápida diminuição do analfabetismo no Irã, tem aumentado consideravelmente o número de livros que entram no mercado anualmente, acompanhados de um esforço de torná-los mais sofisticados. Espera-se neste ano persa que o Instituto publique 50 títulos com cerca de um milhão de volumes (O Ano Persa termina em 20 de março).

Para permitir uma avaliação dos progressos feitos até agora assim como uma valiosa troca de idéias com especialistas estrangeiros, desse mesmo campo, o Instituto está planejando realizar um Seminário Internacional em abril de 1975, com a colaboração da UNESCO. O tema será "O Papel da Literatura Infantil na elevação do Conhecimento Universal e uma Pacífica Cooperação Internacional". Como parte deste programa, estão sendo preparados textos ilustrados sobre o tema "amizade e cooperação", a serem publicados em persa e em outros idiomas.

A arte e a literatura — especialmente a literatura infantil — deve servir ao propósito básico de propagar o amor entre a humanidade e a aspiração a uma vida melhor, compartilhados por todos os seres humanos, enquanto as guerras e as catástrofes seriam relegadas aos livros de histórias e aos mitos do passado.

FATOS E DADOS SOBRE A PRODUÇÃO DO LIVRO INFANTIL NO JAPÃO

Shigeo Watanabe

Professor da Escola de Biblioteconomia
e Ciências da Informação da
Universidade de Keio

Senhora Secretária, Sr. Presidente Niilo Visapää, ilustres convidados, congressistas participantes e amigos, sinto-me grandemente honrado por estar aqui e apresentar o meu relatório sobre livros destinados às crianças no Japão, neste 14.º Congresso do IBBY, realizado no Rio, uma das mais lindas cidades do mundo. Nosso Primeiro Ministro esteve há pouco em visita de cortesia ao Brasil e fazemos votos para que se abram outros canais de comunicação e comércio entre os dois países. Espero de todo coração que nosso Primeiro Ministro reconheça o quanto é importante promover o entendimento entre as nações, através do intercâmbio cultural, sobretudo através do livro infantil.

O povo japonês considera o livro fonte de inspiração e de conhecimento. Há muitos séculos, vêm os livros representando em nosso país o mais vital receptáculo para a preservação de nossa herança cultural e para a transmissão de nosso saber. Aprendemos a respeitá-los e o povo, em geral, aprecia muito a leitura. Compramos livros quando pretendemos lê-los. Temos, no Japão, numerosas livrarias. Por toda parte, torna-se tão fácil encontrar uma livraria, quanto uma caixa de correio ou uma tabacaria. Contamos com uma rede de transporte público de trens e metrô, bastante extensa nas áreas urbanas.

Em cada ponto de parada dos trens, você poderá encontrar uma loja de livros. Quase todos os grandes estabelecimentos comerciais dispõem de uma seção exclusiva para a venda de livros. Um setor do centro de Tóquio possui um distrito livreiro, onde funcionam centenas dessas casas.

Se você passear ao longo das ruas principais, verá quarteirões inteiros ocupados exclusivamente com livrarias, vendendo livros novos, usados, especializados, infantis, etc. . . . Mesmo nas passagens mais estreitas, você encontrará pilhas e pilhas de livros, em livrarias pequenas com estantes também colocadas do lado de fora. Colegiais, escolares, homens de negócios e pais adquirem, aí, os seus livros. Há uma quantidade de cafés e pequenos restaurantes, onde você se cansará de comprar livros.

Bem, não vim aqui hoje para servir-lhes como guia turístico do centro de Tóquio, mas para trazer a vocês alguns dados e fatos sobre a nossa produção de livros infantis e as suas implicações para a leitura das crianças.

I – Números e fatos

1) Publicações anuais

Livros

Durante o ano de 1973, foram publicados no Japão, 27.354 títulos, dos quais 20.446 novos, perfazendo um total de 6 bilhões de exemplares.

O n.º total de editores é estimado em 2.900, dos quais, 345 filiados à Associação de Editores do Livro Japonês e responsáveis por mais de 90% do total de publicações.

O custo médio de um livro é de 1.429,91 yens, ou seja, pouco mais de 4 dólares.

No mesmo ano de 1973, foram publicados 2.436 títulos de livros infantis (inclusive reimpressões), correspondendo a 8,9% do número total de livros publicados. Essa proporção vem sendo aproximadamente mantida há 10 anos. O preço médio de livros para crianças, é de 554 yens, ou seja, pouco menos de 2 dólares. Entretanto, este preço aumentou de 40% desde a grande crise mundial de energia.

Revistas

Há cerca de 250 editores de revistas, dos quais 71 são membros da Associação de Editores de Revistas do Japão.

Estes 71 editores produzem mais de 90% do total editado. É astronômico o número total de exemplares publicados anualmente: mais de 18 bilhões, vendidos em cerca de 9 mil livrarias a varejo, sem mencionar as seções de livros das grandes lojas, cooperativas de livros de várias comunidades e campi colegiais; 5.000 prateleiras de livros nas estações de trem, 18.000 pontos de venda nas ruas, 14.000 mantidos por profissionais e 24.000 por varejistas.

Livros didáticos

A partir de 1969, os livros de texto utilizados até a 9.^a série escolar, são distribuídos gratuitamente pelo Governo, a todos os alunos. Durante o ano de 1974, calcula-se que essa distribuição foi de 1 bilhão de exemplares para o curso primário, 500 milhões para o 2.^o ciclo e 43 milhões e meio para o 3.^o ciclo, totalizando pouco menos de 2 bilhões de exemplares distribuídos. São em número de 69, as editoras de livros didáticos.

Devo acentuar, porém, que um aumento na quantidade nem sempre significa uma melhoria na qualidade da publicação. Milhões de exemplares de histórias em quadrinhos baratas e vulgares, e milhões de outros exemplares cheios de assuntos escandalosos podem representar a maior porcentagem das publicações.

2) Sistema de distribuição das publicações

Entre editores e livreiros, existem uns 60 grandes, médios e pequenos vendedores de livros a varejo, todos filiados à Associação Japonesa de Atacadistas de Livros.

Duas das maiores Companhias, a Tokyo Wholesale Co. e a Nippon Wholesale Co., distribuem 70% das publicações, cabendo o restante a 60 empresas médias e pequenas.

Os livros didáticos são distribuídos à 57 atacadistas, nas suas respectivas prefeituras, para serem entregues às lojas varejistas que se encarregam de fornecer às crianças nas escolas.

II – Livros Infantis

1) Traduções

No período de após guerra, posterior a 1945, surgiram muitos escritores e obras, constituindo uma surpresa para os editores de livros infantis no Japão, já que uma grande proporção dos melhores livros infantis deste século foi de fato publicada pela primeira vez no Japão, inclusive um elevado número de traduções de obras estrangeiras. A estante dos pequenos leitores japoneses enriqueceu-se bastante com a tradução de obras literárias da Europa e da América. A maior contribuição veio de países onde havia uma longa tradição de literatura infantil, tais como: Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, França, Dinamarca, Rússia, Itália, Espanha, países escandinavos e da Europa Oriental, principalmente a Polônia, e a Tchecoslováquia.

Charles Perrault, os irmãos Grimm, H. C. Andersen, Carlo Collodi, Jules Verne, Selma Lagerlof, Lewis Carroll, Oscar Wilde, A. A. Milne, Louise May Alcott, Mark Twain e numerosos outros autores clássicos já eram de há muito conhecidos do público leitor japonês e, após a Segunda Guerra Mundial, os seus trabalhos vêm sendo regularmente incluídos em verbetes de enciclopédias de livros infantis.

Com o correr do tempo, não diminuiu a atração das crianças japonesas pelos produtos estrangeiros.

Vejamos alguns: Arthur Ransome, Eve Garnett, Eleanor Farjeon, Walter de la Mare, Richard Armstrong, Mary Norton, Pamela Travers, C. S. Lewis, Philippa A. Pearce, Rosemary Sutcliff, Lucy M. Boston (Inglaterra); Hugh Lofting, Robert Lawson, Robert McCloskey, James Thurber, Will James, Ruth Sawyer, Armstrong Sperry, Lois Lenski, William Pene Du Bois, Eleanor Estes, Ann Nolan Clark, Meindert De Jong, Scott O'Dell, Medeline L'Engle (América); Paul Berna, René Guillot (França); Erich Kastner, Hans Baumann, James Kruss (Alemanha); Astrid Lindgren, Tove Jansson, Maria Gripe (Países escandinavos) e muitos outros.

Não sei se devemos nos orgulhar por traduzir tantos trabalhos estrangeiros, mas é verdade que nossas crianças jamais tiveram, como agora, tantas oportunidades para a abertura e o conhecimento internacionais, através da leitura.

O sistema de retribuir os tradutores, adotado pelas editoras japonesas, pode representar um dos fatores desse aumento de traduções. Eles recebem "royalties", ao invés de pequenos salários, pelo que traduzem. De fato, conheço até alguns casos em que as obras traduzidas para o japonês venderam muito mais que a publicação original. São numerosas as traduções não só de livros infantis, como também de álbuns de gravura estrangeiros.

Já há algum tempo a Iwanami Shoten e a Fukuinkan Shoten vêm lidando com a publicação de álbuns de gravuras traduzidos; a primeira, desde 1953, com a série "Iwanami Children's Books", e, a segunda, a partir de 1961, com a série "World Famous Pictures Books". Incluem publicações inglesas, americanas, francesas, alemãs, tchecas e polonesas.

A publicação de álbuns de gravura traduzidos torna-se mais fácil que a das obras literárias, devido à escassez do texto; quando, porém, a ilustração é multicolor, muitas dificuldades precisam ser vencidas. Em numerosos casos o fotolito apresentado em cores diferentes, é remetido diretamente pelo editor do original às firmas japonesas que o utilizam na impressão; algumas vezes, porém, as páginas ilustradas são impressas no estrangeiro, importadas e, em nosso país, acrescenta-se a elas o texto traduzido.

Há outros casos em que o texto é impresso no Japão, enviado ao estrangeiro para os editores do original, onde é anexado às gravuras. Depois de prontos, os livros são remetidos de volta ao Japão e distribuídos.

2) Livros Ilustrados

Atualmente, no Japão, os livros ilustrados ganharam imensa popularidade no campo da literatura infantil. São dispostos de forma atraente nas prateleiras das livrarias, bibliotecas escolares e seções infantis das bibliotecas públicas.

O mercado em ascensão tem levado maior número de editores a introduzirem técnicas e temas novos na confecção de livros ilustrados. Embora pareça aos leitores estrangeiros, editores e críticos que o Japão dá agora os primeiros passos nesse terreno, é longa a nossa tradição de livros ilustrados.

Os livros japoneses ilustrados para crianças remontam ao período dos *Emaki* (pintura em rolos) dos séculos 12 e 13. Depois foi dado um importante passo à frente no século 15, com os *Nara ehon* (livros ilustrados em Nara, daí o nome). De certo modo, eram rolos pintados, dobrados e encadernados como livros. Depois vieram os *Otogi zoshi*, histórias de passar-tempo, seguidos por livros mais populares e impressos em madeira, mais baratos e de qualidade inferior chamados *Akahon* (livros vermelhos devido à capa vermelha). Análogos dos livros baratos da Inglaterra, foram cedendo lugar, na 2.^a metade do século 18, e na 1.^a do século 19, aos *Kurohon* (livros de capa preta), aos *Kibyoshi* (livros amarelos), *Aobyoshi* (livros azuis) e *Nezumibyoshi* (livros cinzentos). Alguns deles tiveram como ilustradores (Ukiyoe) artistas de renome como: Hokusai, Katsushika, Kiyonobu Torii, Utamaro Kitagawa e alguns outros da mesma categoria.

Com tal passado a zelar, os artistas japoneses vêm trabalhando em combinação com os mais modernos estilos, a fim de produzir resultados isentos de limitações provincianas. Ilustradores jovens e promissores, tão bons quanto outros de reputação já firmada, vêm dedicando a sua habilidade e energia a novos trabalhos. Conseqüentemente, o padrão dos livros ilustrados, em geral, elevou-se a tal ponto que, mesmo fora do Japão, os trabalhos de ilustradores nacionais contemporâneos têm despertado considerável interesse por parte dos críticos internacionais. Chiyoko Nakatani, Suekichi Akaba, Yasuo Segawa, Seiichi Horiuchi, Seizo Tajima e Daihachi Ohta são alguns cujos trabalhos conquistaram prêmios internacionais e começam a ser editados em vários idiomas.

Entre esses artistas, talvez Chiyoko Nakatani seja a mais conhecida entre os leitores e críticos estrangeiros pois, até agora, tem seus livros publicados em dez países, sem contar o Japão. O seu talento artístico é muito apreciado por editores estrangeiros como: Bettina Hurlimann da Suíça e o falecido Père Castor, da França. Em suas ilustrações de animais, tornam-se particularmente evidentes o seu elevado estilo pessoal e a qualidade consistente de seu trabalho. Ela não faz figuras representando movimentos muito rápidos, antes, ela as desenha em posições plácidas ou em repouso, com linhas nítidas e cores suaves, criando assim uma atmosfera pacífica e calorosa que transmite aos jovens leitores uma sensação de bem estar.

Nascida em Tóquio, no ano de 1930, estudou pintura a óleo na Escola de Belas Artes de sua cidade. "Crown for Gio-Gio, the Lion" foi o seu 1.^o trabalho como ilustradora de livros infantis, publicado em 1960, pela Fukuinkan Shoten, de Tóquio.

Estudou ilustração de livros na Suíça e na França, confessando ter sido muito afortunada em seu contato com editores proeminentes como Hurlimann, Castor e Todashi Matsui, da firma Fukuinkan Shoten, de Tóquio.

O livro "The Brave Little Goat of Monsieur Segun", traduzido de Alphonse Daudet e por ela ilustrado, foi selecionado entre os melhores livros de 1968, durante o Festival de Livro da Primavera realizado pelo "Chicago Tribune".

Outro artista, provavelmente menos conhecido que Nakatani fora do Japão, mas bastante renomado dentro do país por sua integridade profissional é Suekichi Akaba. Nascido em 1920, na capital japonesa, passou vários anos na República Popular da Mongólia, estudando pinturas de túmulos primitivos e arqueologia.

A simplicidade ousada e a grandeza de muitos de seus desenhos refletem o que seus olhos viram durante essa permanência no deserto mongólico. Porém, a atmosfera e a tônica do mundo por ele criado nas suas ilustrações não refletem o árido e poeirento deserto; lembram, ao contrário, as ilhas místicas e úmidas do Japão. Seu estilo de pintura é vigoroso, masculino, firmemente enraizado na técnica japonesa de aquarela. Akaba conta que sua pátria, o Japão, por ele contemplado de bordo do navio que o repatriou da China, após a Segunda Guerra Mundial, parecia-se com as lindas paisagens que tinha visto nas pinturas em rolo de séculos atrás. Trabalha principalmente na ilustração de contos populares, não só japoneses, mas de alguns outros países asiáticos. Ele dedica-se tanto à recriação de contos populares, que o leitor quase pode sentir a emoção do artista, através das ilustrações. Seu cuidadoso traço porém, jamais esquece a importância do ritmo, da pausa e da seqüência dos fatos na estrutura global do livro.

Talvez seja Yasuo Segawa, o mais talentoso ilustrador dentre os artistas contemporâneos japoneses. Uma técnica altamente sofisticada caracteriza seus desenhos, combinando linhas sinuosas, dinâmicas e velozes a

detalhes coloridos, como se vê em seus padrões para tecidos, nas ferramentas e utensílios, nas aves e insetos. Essas características são complementadas ainda por singular senso de humor raro de ser encontrado nos artistas japoneses contemporâneos. É este o tipo de humor expresso nos rolos de pintura do Japão medieval. Ilustrando vivamente as emoções e sentimentos dos personagens, seus trabalhos apresentam qualidade narrativa incontestável. Artista introspectivo, nasceu em Okazaki, perto de Nagoya, em 1933. Iniciando o estudo da pintura tradicional japonesa aos 12 anos, passou posteriormente às técnicas de pintura ocidental; trabalhou, a princípio, na elaboração de cartazes e, após o êxito inesperado do "The Fox Wedding", concentrou sua arte na ilustração de livros infantis. Seu estilo sofisticado é admirado por adultos e crianças, e ele sente-se igualmente à vontade em meio a todo o campo gráfico. Em 1967, foi indicado para receber o Grande Prêmio, na Primeira Bienal de Bratislava, Tchecoslováquia, pela ilustração de "Taro and the Bamboo Shoot".

Espero que a breve apresentação desses três ilustradores, dos mais representativos entre nós, seja capaz de transmitir aos estrangeiros estudiosos da literatura infantil, a impressão de possuírem os livros ilustrados japoneses para crianças uma potencialidade que permita compará-los aos principais trabalhos de ilustradores mundialmente famosos.

3) Tendências atuais da literatura infantil

Como acontece em outros países, também no Japão a história da literatura infantil vem sofrendo a influência das pressões pedagógicas, dos problemas contemporâneos de todo o mundo e da sociedade em geral, além da comercialização, que preocupa a maioria dos autores de livros infantis.

Seus sintomas se revelam pelas histórias realistas, baseadas em ideologias políticas, na abundância de histórias fantásticas de segunda categoria e na enxurrada de livros ilustrados.

Mas também têm aparecido em nosso país autores talentosos, capazes de proporcionar a nossas crianças o prazer da leitura.

Kurayami no Tani no Kobitotachi (The Story of Little Men in the Dark Valley) de Toniko Inui, *Gin no Honoo no Kuni* (Adventure in the country of Silver Flame) de Toshiko Kanzawa e *Hiraki Curuma yo Maware* (Spin Around, oh Wheels of Light!) de Taywo Amazawa, merecem aplauso por sua qualidade imaginativa. *Kachi Kachi Yama no Sugu Soba de* (What Happened There and Thereafter by the Kachi Kachi Yama (Hill) de Keisuke Tsutsui e *Harapeko Tamago ga Saraware te* (Detect the Stolen Egg!), de Toshiko Kanzawa, são histórias muito divertidas, indicadas para os leitores mais jovens. A primeira, escrita pelo versátil autor-dramaturgo, foi recomendada para a lista de honra do Prêmio H. C. Andersen de 1974.

A hilariante aventura do malicioso lobo, saído da imaginação do autor, se transforma em divertida corruptela de encantador conto folclórico.

Enquanto a maioria das histórias realísticas resultam das preocupações sociais e políticas dos autores, outras obtêm êxito contando de forma animada a vida comum de crianças e adultos em ambiente japonês típico. Nessa categoria temos *Teramachi 3 - Chome 11 - Banchi* (A big family in temple street) de Shigeo Watanabe, *Chiisai Kokoro no Tabi* (Quest of a young heart) de Hideo Seki e *Demdenmushi no Keiba* (Snail Race) de Mikio Ando. Por coincidência, essas três histórias situam-se em épocas passadas.

Paralelamente à história nacional, esboça-se um novo gênero de ficção histórica para crianças. Higo no Isahiku (A Stone Mason of Higo) e *Uragami no Tabibitotachi* (Travelers of Uragami), ambas de Sukeyuki Imanishi e *Majin no Umi* (The Haunted Sea), de Yasuo Maekawa, antecipam as maiores potencialidades de nossos escritores nesse campo.

Alguns de nossos destacados autores, cujas obras se tornaram clássicas, são:

Momoko Ishū, 1907

64 Autora e tradutora, dotada de estilo fácil e delicado, que conseguiu popularizar entre os leitores japoneses, os clássicos ingleses famosos como *Winnie the Pooh*, *The Wind in the Willows*, *The Little Book Room*, *Peter Rabbit*. Simultaneamente, sua reputação como autora de ótimas histórias, entre as quais *Non-Chan Kumo Ni Noru* (Nobi ou Non-Chan Rides a Cloud), *Yama no Tomu-San* (Tom of Mountain Village), *Maigo No Tenshi* (Stray Angeles) coloca-a entre os melhores autores de livros infantis. Com seu estilo bonito e simples, ela mistura a realidade à imaginação fantasiosa das crianças, em ambiente tradicional. Cumpre ainda mencionar a sua contribuição para o desenvolvimento das bibliotecas infantis no Japão, graças aos seus livros.

Nobuo Ishimori, 1897

Educador e autor infantil desde antes da Segunda Guerra Mundial, teve experiências ricas e variadas como professor dos pequenos Aizu (minoria racial japonesa), editando livros didáticos para o governo da Mandchúria, durante a Segunda Guerra Mundial, e para o Ministério da Educação, após a guerra. Trabalhando atualmente como professor, no Colégio Feminino de Snows, em Tóquio, dispõe de ambiente e recursos para

escrever e editar bom número de livros de histórias e poemas infantis. Entre os trabalhos de sua autoria — *Patra to Rumina* (Patra and Rumina), *Pan no Miyagebanashi* (Souvenir Stories of Pan), *Sengendake* (Mt. Sengen: A Story of A Crucified Christian) etc. — *Kotan no Kuchibue* (Whistle of Kotan) é o mais conhecido. Em toda a sua obra, sente-se a expressão de calorosa humanidade dentro de um estilo comedido e penetrante e, principalmente no seu último trabalho, transparece a sua simpatia e compreensão pelo povo *Ainu*.

Tomiko Inui, 1924

Iniciou sua carreira como professora, passando depois a editar livros infantis para a *Iwanami Shoten*. Embora tenha se tornado conhecida como autora de livros para crianças pequenas, seus trabalhos mais recentes interessam particularmente aos leitores juvenis. Sem descuidar dos problemas da existência atual, ela os interpreta e clama por justiça através de seus contos. Entre seus trabalhos, Nagai Nagai Pengu no Hanashi (A Long Story of Penguins), Hokkyoku no Mushika Mishika (Mushika and Mishika at the North Pole) destinam-se às crianças mais novas e Kokage no ie no Kobitotachi (Dwarf in the House Under a Tree), Umineko no Sora (The Sky of Seagulls), Bokura wa Kangaru (We Are The Kangaroos), interessam aos leitores mais velhos.

Imae Yoshitomo, 1932

Versátil autor de contos mesclados de ironia e histórias baseadas em lembranças da própria infância e de observações como professor de escola secundária. *Kaze ni Fukarete* (As Blown by Wind), *Waraineko* (A Smiling cat), *Chocho Musubi* (Butterfly Knots), são seus primeiros trabalhos e *Yama no Muko wa Aoi Umidatta* (The Blue sea be yond the Mountain, *Umi no Nichiyobi* (Sunday by the sea), *Bonbon* (A Boy), pertencem à fase posterior.

III — Bibliotecas escolares e infantis

1) Escolas e bibliotecas escolares

Há menos de 100 anos, ao voltar de uma visita aos Estados Unidos, um funcionário do Departamento de Educação do governo japonês alertou a nação sobre o elevado índice de analfabetismo. Hoje em dia, o Japão goza de posição privilegiada entre os países alfabetizados. Para um pequeno território, pouco maior que o Estado da Califórnia, existem cerca de 25 mil escolas elementares, 16 mil ginásios, 900 colégios e universidades.

Toda a educação é ministrada em japonês, desde o jardim de infância até à universidade, embora o inglês seja lecionado facultativamente nos ginásios, e o alemão e o francês, bem como outros idiomas estrangeiros, nos colégios e universidades.

Em fevereiro de 1950, criou-se a Associação Japonesa de Bibliotecas Escolares, primeira desse tipo na história do país, regulamentada por lei aprovada em 1953, pela Dieta Japonesa. Em atendimento a essa lei, toda escola tem a obrigatoriedade de construir uma biblioteca escolar em seu recinto. De fato, a partir de 1954, o Ministério da Educação passou a subvencionar mais de 40.000 escolas públicas, para facilitá-las na criação de bibliotecas e aquisição de coleções de livros. Isso prosseguiu até 1957, quando o Ministério da Educação modificou a política governamental, no tocante a esta subvenção. Ficou claro que a necessidade básica desses órgãos tinha sido satisfeita, não havendo mais premência de suportes adicionais.

O desenvolvimento das bibliotecas escolares fez aumentar a procura pelos livros infantis, encorajando as editoras a inovar, publicando livros sobre diferentes assuntos e, ao mesmo tempo, melhorando o padrão da literatura infantil.

Faço, neste ponto, algumas críticas a certos aspectos do crescimento de nossas bibliotecas escolares. Uma delas, é que a baixa qualificação requerida para o professor-bibliotecário pela lei tendo em vista a criação de bibliotecas escolares, impossibilita-o de ascender profissionalmente.

O certificado de professor-bibliotecário está muito longe de corresponder aos exigidos pelos serviços-padrões de bibliotecas escolares ou pelas Escolas de Biblioteconomia de outros países. Já que pode ser obtido mediante um desses treinamentos rápidos em institutos destinados à formação de professores, ou apenas tomando alguns cursos enquanto se frequenta uma escola profissional. Isto tem impedido aos graduados mais competentes, isto é, os que obtiveram o Bacharelado ou o Mestrado em Biblioteconomia, de ingressarem no campo específico da biblioteca escolar. Como conseqüência, nossas bibliotecas escolares se vêem igualmente impedidas de elevarem o nível de seus programas.

Outro problema, quase fatal em nosso país, é a falta de modernização da metodologia do ensino, grandemente centralizada nos livros didáticos, havendo mesmo para os professores, manuais explicativos para a utilização desses livros. Enquanto predominar esse tradicional sistema em nossas escolas, dificilmente os professores compreenderão a importância do material disponível na biblioteca escolar. É bem verdade que, durante alguns anos, a Lei de Criação das Bibliotecas Escolares e o Governo ajudaram as escolas públicas a construir suas instalações e a adquirir coleções de livros.

Embora sejam apreciáveis os benefícios proporcionados às nossas escolas pela biblioteca escolar com suas coleções de livros, resta conseguir a real integração de seu programa no currículo escolar.

2) Bibliotecas públicas de Tóquio

Já citei a existência de um grande número de livrarias. Mas isso não significa estar nosso país totalmente servido nesse setor.

Pelo contrário, enfrentamos agora um período dos mais cruciais no que respeita às comunicações e ao transporte, de forma a obter a informação correta no tempo exato.

Este fenômeno, talvez seja uma decorrência da excessiva industrialização do país ou da rápida urbanização de diversas áreas nacionais. Em Tóquio, por exemplo, vivem 12 milhões de pessoas, mais de um décimo da população total do Japão concentrado numa única metrópole. Deixando de lado a poluição, o problema principal é o da habitação. O preço dos terrenos é inacreditável.

Um acre de terra em qualquer setor comercial do centro da cidade, custaria entre 3 e 5 milhões de dólares, enquanto que o mesmo espaço de terra custaria, no subúrbio, nunca menos de 50 mil dólares.

Isto simplesmente impossibilita aos cidadãos comuns de possuírem casa própria dentro da capital, além de tornar bem difícil às autoridades iniciar novos projetos habitacionais em zonas residenciais próximas da capital, inclusive construção de edifícios públicos, tais como escolas e bibliotecas.

Diariamente, alguns milhares de cidadãos, homens de negócios, professores e estudantes, viajam entre a residência e o local de trabalho, em trens, ônibus, carros, motocicletas, bicicletas e a pé. Felizes aqueles que não dispendem duas ou três horas diárias em locomoção. Eles lêem jornais, revistas, livros, documentos, relatórios, agendas e manuscritos durante o percurso. Lêem nas repartições, laboratórios, escolas e em casa. E onde adquirem eles todo esse material de leitura? Nas bancas de jornais, nas livrarias, nos seus escritórios e nas escolas.

Mas, em nossos dias, a quantidade de material colocado no mercado pela imprensa, editoras e outras fontes de informação, excede em muito ao espaço disponível dos arquivos e estantes das livrarias e repartições. Só de livros, no Japão, aparecem aproximadamente, por ano, 27 mil títulos novos.

E quantas livrarias de Tóquio podem expor esses títulos e armazená-los para os seus consumidores? Até que se lhes faça uma revisão, eles somente poderão ser obtidos em livrarias locais, devido ao problema de espaço daquelas que, em consequência, se vêem obrigadas a fazer uma troca permanente de livros, a fim de atenderem aos atacadistas em tempo oportuno. No Japão, alguns poucos atacadistas exercem total poder de controle sobre os editores e varejistas o que, muitas vezes, dificulta os leitores na aquisição de títulos. Em geral, os editores recusam encomendas diretas dos leitores, por causa da pressão exercida pelos atacadistas. Assim, de ano para ano os livros tornam-se cada vez mais dispendiosos. Por isso, tem aumentado a procura dos mesmos nas bibliotecas. O governo de Tóquio anunciou um plano decenal para expansão de novas bibliotecas, pelo qual a intervalos de 1, 2 milhas quadradas funcionará uma biblioteca para 3 mil cidadãos, cabendo a cada leitor 7 a 10 volumes durante o período.

O problema da locomoção provocou uma nova fase na instalação das bibliotecas públicas, cujo interesse primordial é atender às necessidades comunitárias. Como se pode deduzir a maioria dos que utilizam os meios de transporte são homens de negócios, trabalhadores, estudantes. Saem de casa cedo, pela manhã, e regressam à noite. Não têm tempo de freqüentar as bibliotecas de sua comunidade ou as sucursais de seus bairros residenciais. Além disso, a informação que procuram é mais fácil de ser encontrada nas bibliotecas especializadas, e nos colégios ou universidades onde trabalham. Assim, as sucursais de bibliotecas ou bibliotecas públicas da área suburbana atendem apenas às crianças e mães. Ao contrário as situadas no centro comercial servem abertas para consultas rápidas ou suplementares. Dessa forma, as bibliotecas públicas passam a escolher seus objetivos em função das reais necessidades comunitárias ao invés de servirem a todos os tipos de usuários, com serviços de interesse generalizado e de alcance superficial.

66

Um grupo de bibliotecários especialistas preparou um relatório sobre a pesquisa que fizeram com respeito à execução do plano. No início mesmo do relatório, lê-se: "As necessidades e demandas por melhoria nos serviços de biblioteca não foram nunca expressas pelo público de maneira tão forte quanto agora". Três foram as razões apresentadas para explicar essa evidência: 1) compreensão por parte do público sobre a importância de uma educação permanente autônoma, que possibilite acompanhar a rápida evolução social; 2) o aumento considerável do volume de informações (livros), tornando impossível aos interessados selecionarem e obterem a informação desejada; 3) o encarecimento exagerado dos livros, fez com que eles se tornassem individualmente inacessíveis.

Essas três razões podem todas ser adaptadas dentro do programa de melhor atendimento às crianças: 1) o público, de maneira geral, reconhece a importância do estudo independente das crianças, a fim de permitir que elas acompanhem o ritmo evolutivo da sociedade; 2) o incrível aumento do volume da informação (livros) torna impossível aos pais de selecioná-la para seus filhos; 3) os livros infantis encareceram demais.

Há alguns anos, escrevi um artigo sobre os nossos serviços de bibliotecas para crianças, onde analisei os vários motivos que levaram as bibliotecas públicas de nosso país a relutarem em oferecer serviços às crianças.

“Segundo revelam as estatísticas mais recentes, apenas dois quintos do número total de bibliotecas públicas podem fornecer livros e local de leitura às crianças. Por que outras não fazem o mesmo? O primeiro e principal motivo dessa situação se atribui à incompreensão que existe entre os administradores de bibliotecas públicas, quanto a serviços prestados à crianças. Com exceção de alguns diretores e chefes de biblioteca, todo o pessoal restante trabalha apenas alguns anos nesse setor, sendo transferidos depois para outras funções governamentais. Assim, torna-se quase impossível esperar desses elementos qualquer compreensão a respeito da importância dos serviços bibliotecários para crianças, ou da necessidade de se criar outros, além dos existentes nas bibliotecas escolares.

O segundo motivo é a tendência comumente encontrada nos bibliotecários públicos para menosprezar ou descuidar do atendimento infantil. Julgam eles que os problemas e necessidades fundamentais da biblioteca pública japonesa são muito numerosos para se preocuparem com a infância.

Enquanto as necessidades do adulto não forem totalmente preenchidas, a criança terá de esperar.

O terceiro motivo, talvez fatal, é o conceito errôneo que prevalece entre uma grande parte dos bibliotecários e o público em geral, e que consiste em considerar supérfluo o atender às crianças na biblioteca pública, uma vez que as bibliotecas escolares foram amplamente aparelhadas para esse fim.

O autor deste relatório, não tenciona comentar os aspectos qualitativos de nossas bibliotecas escolares, julgando no entanto haver um acentuado contraste entre o que foi realizado nas escolas e o que não se fez nas bibliotecas públicas.

O público, em geral, ainda não compreendeu o significado de “livre” na expressão “livres serviços da biblioteca pública”. Para entender que se trata de “informal” e “independente”, levará tempo.

Nota-se ainda um quarto motivo para o descaso atribuído aos leitores infantis de bibliotecas públicas: é a tendência de seguirem os estabelecimentos pequenos o padrão dos grandes, sem levar em conta as necessidades comunitárias locais.

As bibliotecas grandes devem saber o que é melhor. Se recusam interessar-se pelas crianças porque o farão as pequenas?

Algumas bibliotecas municipais – semelhantes de algum modo às regionais dos Estados Unidos – fecharam nos últimos dez anos a seção infantil por terem mudado a norma de atender apenas a quem as procurava, passando a estender seus serviços através do empréstimo de coleções de livros. Certo ou errado, foi esse o critério. A partir daí, algumas bibliotecas locais adotaram as mesmas medidas, sem estudar os motivos de tal iniciativa”.

Analisei ainda o fato de que, embora as crianças representassem um quarto do total de usuários registrados na biblioteca, e tomassem de empréstimo um quarto dos livros em circulação, menos de um décimo do acervo da biblioteca destinava-se à crianças. É evidente que se mais bibliotecas contassem com seções infantis e maior aquisição de livros, as crianças constituiriam mais da metade do total de consultantes.

Existe um pequeno número de pessoas interessadas em desenvolver os serviços bibliotecários para crianças, constituído de algumas autoridades locais, administradores de bibliotecas, bibliotecários, líderes comunitários e mães. Como ilustração desse interesse, cito aqui alguns exemplos:

Biblioteca de Hino City – O futuro mais promissor

As teorias e os princípios dos modernos serviços de bibliotecas públicas foram exaustivamente estudados e discutidos entre educadores e bibliotecários e, já então, muitos deles estão sendo colocados em prática, embora ainda não se possa colher grandes frutos. Mas, com a Biblioteca de Hino City, próxima ao extremo ocidental da área metropolitana de Tóquio, vamos mais além. Criada há apenas dois anos, ela vem tentando absorver as teorias fundamentais utilizadas nas principais bibliotecas dos mais avançados países, adaptando-as, no entanto, às reais necessidades da sociedade japonesa – escreve o prefeito de Hino City, Takashi Ariyama, que havia sido, anteriormente, secretário executivo da Associação de Bibliotecas do Japão.

Sem contar com sala de leitura, a biblioteca começou a funcionar levando os livros a conjuntos residenciais, fábricas e fazendas, empregando nesse serviço dois ônibus-biblioteca. Duas filiais foram criadas durante o ano passado, contando apenas com prateleiras para livros e mesa de empréstimo, em torno da qual se comprimem os leitores. Uma delas foi especialmente planejada para atender as crianças. Não houve sequer uma planta de arquiteto ou desenhista para a construção.

Passou a existir quando um bonde, retirado do tráfego, foi levado uma noite para dentro de um conjunto residencial. Seus bancos foram substituídos por prateleiras, recebendo pintura nova. Surgiu, assim, uma biblioteca infantil bastante atraente.

Grande parte do orçamento destina-se à aquisição de livros — cerca de 40% — achando o seu bibliotecário que as pessoas são mais atraídas pela biblioteca melhor dotada. Nenhuma outra biblioteca japonesa divide sua verba igualmente, entre livros para adultos e livros para crianças. Comparada a outras, localizadas em cidades com uma população equivalente, a Biblioteca Pública de Hino City tem maior registro e circulação. Diz o bibliotecário, Sr. Maekama, que 12,6% dos habitantes da comunidade foram registrados como leitores. “Embora se encontre muito aquém da média de bibliotecas americanas ou de outras nações, em nosso país ela goza de uma posição privilegiada, constituindo belo exemplo de cooperação entre a administração municipal e o bibliotecário. Os cidadãos só podem usufruir das vantagens decorrentes”.

Esse relatório data de 1967 e, desde então, o bonde-biblioteca foi de tal forma utilizado que desgastou-se e tornou-se incapaz de atender a tantos passageiros. Em vista disso, o prefeito da cidade e o bibliotecário contrataram um arquiteto e um desenhista para planejar um moderníssimo edifício destinado à biblioteca infantil. O velho bonde recolheu-se aos fundos da nova sede.

Atualmente, os leitores registrados vão a mais de 20% da comunidade, e os livros emprestados no último exercício ultrapassaram o meio milhão para 90.000 residentes da Cidade. E as crianças são as que mais a procuram.

Muitos bibliotecários de cidades pequenas e médias começam a converter seus serviços em benefício dos leitores infantis. Não estou certo de que todos tenham realmente conseguido atender às necessidades locais, mas é evidente que no referente às crianças, melhoram cada vez mais os serviços prestados.

Bibliotecas domésticas — Grande movimento de iniciativas individuais.

Há quem sinta impaciência pela lentidão governamental em aumentar os serviços de bibliotecas públicas e melhorar os das bibliotecas escolares. Daí surgirem pequenas bibliotecas em residências particulares, nos conjuntos-habitacionais, jardins-de-infância etc., utilizando recursos particulares em benefício das crianças da vizinhança. Autores conhecidos, como Momoko Ishū, Kyoko Matsnoka e Tomiko Inui, mantêm algumas dessas bibliotecas domésticas. A atmosfera é aconchegante, caseira, sendo as crianças atendidas individualmente, publicam revistas e jornais e as mães aprovam com entusiasmo essas iniciativas. Esse traço singular da evolução do serviço bibliotecário veio se ajustar maravilhosamente a uma das qualidades e valores da sociedade japonesa como um todo, isto é, a intimidade entre pais e filhos de nossas famílias. Assim, as mães e líderes comunitários têm criado numerosas bibliotecas, utilizando-se de todos os meios disponíveis, como trens e bondes em desuso, ônibus, salas comuns de conjuntos residenciais, construções em parques, além de suas próprias residências. Até bancos, lojas de barbeiro e hospitais particulares dispõem de local para as crianças lerem.

Minha esperança era de que as bibliotecas públicas satisfizessem à necessidade de leitura da população, para que esta não precisasse comprar livros para o seu uso e o das crianças vizinhas. Temos essa esperança materializada na Biblioteca Pública de Hino City, mencionada aqui, além de algumas outras bibliotecas comunitárias.

Estas iniciativas individuais cresceram tanto que passaram a pressionar de maneira positiva grupos de diferentes comunidades, onde os serviços de bibliotecas eram inadequados, e a dar início ou a incrementar o desenvolvimento de bibliotecas, através das autoridades locais.

Outra característica maravilhosa de nosso povo, é a maneira com que as mães e, até os pais, contam e lêem histórias para os seus filhos. Em nossas pequenas casas japonesas, de estilo tradicional ou moderno, pais e filhos comem juntos e, muitas vezes, dormem juntos. Não é raro dormirem os meninos pequenos na cama dos pais. Não há melhor momento para partilhar a leitura com eles. E isto deixa na criança, uma impressão das mais duradouras de seus pais e de seus livros.

Valor da Biblioteca Escolar

A biblioteca constitui na escola um símbolo de filosofia educacional. Pode representar um acervo de livros e outros materiais, contendo o saber dos antepassados, todo o conhecimento, experiência e idéias mas, se não fizer parte ativa da aprendizagem, com esforço conjunto de professores e alunos, não terá vida nem significado.

Escolas Primárias (até 11 anos de idade)

O papel tradicional da biblioteca escolar na Inglaterra tem consistido em atender as necessidades expressas por determinada comunidade escolar. Algumas vezes isso significa total integração da biblioteca no sistema de trabalho escolar. Há bastante tempo, a adoção de idéias e filosofias que concedem à criança a liberdade do aprendizado autônomo-deixando de considerá-la simples recipiente a encher — tem exercido efeito duradouro sobre as atitudes tomadas quanto ao uso dos recursos da biblioteca. O conceito de "biblioteca" libertou-se da imagem confinada exclusivamente a uma sala forrada de livros, valendo hoje em dia para abranger os recursos globais disponíveis na escola e destinados a proporcionar ao aluno oportunidade para realizar pesquisas, iniciadas por ele ou pelo professor, que irão estimular a ampliação de seus interesses e a descoberta de novas possibilidades.

Em 1962 a Associação de Bibliotecas Escolares da Grã-Bretanha publicou notável prova documentária, *Using Books in the Primary School*, sobre a utilização integrada desses recursos na escola primária, relatando como vinha sendo introduzida, e como funcionava desde algum tempo em muitos casos.

Este documento que recebeu contribuição de mais de 70 escolas primárias oferece um espectro de comportamentos que refletem o desenvolvimento de métodos ativos, com base em projetos e na "descoberta", com o professor e os alunos trabalhando lado a lado.

No comentário de um colaborador aparece resumida a essência do levantamento:

"Essa utilização dos livros de referência decorre naturalmente da tarefa em execução — constitui na verdade um dos meios de se informar sobre algo, examinando, indagando ou comentando e experimentando. Digo isso porque, se considerado de outro modo, o livro de referência pode assumir aspecto árido e seco".

Em 1967, no relatório do Conselho de Assessoria Central (Inglaterra) — *Children in their Primary Schools* (denominado Relatório Plowden, em homenagem a Lady Plowden, Presidente do Conselho), encontramos informações e comentários valiosos sobre o assunto. Foi a primeira vez que o papel dos recursos da biblioteca mereceu especial destaque dentro do currículo da escola primária, em relatório do Governo. Os comentários revelam a persistência do sistema tradicional em alguns estabelecimentos:

"Mesmo nas escolas boas, há quem considere suficiente reservar um período semanal à biblioteca, quando tem lugar a troca dos livros tomados por empréstimo, mas aí será pequena a oportunidade para orientação ou estímulo".

Existem ainda outras situações:

"A idéia de flexibilidade tem encontrado expressão em numerosos casos, todos eles visando aproveitar o interesse e a curiosidade das crianças, minimizando a noção de matérias rigidamente separadas, além de permitir que o professor adote papel orientador, de estimular em vez de simplesmente ensinar. O mais antigo desses métodos é o de "projetos". Escolhido o assunto, como transporte, por exemplo, de preferência pelos alunos, mas em geral pelo professor, seu estudo abrange outras matérias limítrofes, que não aparecem citadas. Tal método, quando bem realizado, exige utilização de livros de referência, com ativa participação na aprendizagem. Mas nem sempre se verifica aprendizagem e o aparecimento de livros de texto sobre projetos, bastante populares em certo período, demonstra o quanto pode uma boa idéia ser deturpada".

Esse ponto de vista prático caracteriza os comentários e descrições sobre utilização dos recursos da biblioteca, no citado relatório.

Após o Relatório Plowden, diversos projetos de pesquisa, subvencionados pela Nuffield Foundation e pelo Conselho de Educação da Grã-Bretanha, abrangendo assuntos como ciência e linguagem, desenvolveram e reforçaram pontos de vista favoráveis aos recursos de bibliotecas no ensino elementar. O mais recente deles, o Projeto para Desenvolvimento da Linguagem na Escola Primária, resultou em importantes conclusões sobre o emprego desses recursos. Counie e Harold Rosen, em relatório publicado em 1973 dizem:

"Muitos professores... consideram os livros Bancos de informação, sem contudo indagarem que tipo de sistema de créditos necessita a criança formar, para deles beneficiar-se.

Em certos casos, as promessas e riquezas dos livros exercem efeito inteiramente contrário ao procurado pelo professor. As crianças não conseguem captar a mensagem que o livro procura transmitir e se sentem perdidas em conseguir expressar aquilo que leram, em sua própria linguagem".

Fica assim reforçado o comentário expresso em *Using Books in the Primary School*, de que ao professor (e demais adultos) compete colaborar com a criança no processo de seu desenvolvimento.

Exceto num reduzido número de casos, a revolução chegou atrasada ao ensino secundário na Inglaterra, concorrendo para isso as limitações de exames dos programas, a atitude conservadora quanto às matérias em estudo e os métodos adotados para seu ensino. Com a introdução do Certificado de Educação Secundária, ao iniciar-se a década de 60, pelo qual era permitido o trabalho de projeto individual em todas as áreas de estudo, mudou consideravelmente o critério de utilização dos recursos da biblioteca.

Já em 1963 o Conselho de Assessoria Central publicou relatório sobre a educação em cursos secundários menos acadêmicos, *Half Our Future* (chamado Relatório Newsom, tendo sido seu Presidente Sir John Newsom). Ali fica bem claro o valor e natureza do papel desempenhado pelos livros e bibliotecas:

"A biblioteca deve representar a casa-de-força das palavras e idéias".

E mais adiante:

"A biblioteca bem equipada e utilizada muito tem a oferecer . . . Tarefas envolvendo matéria relacionada ao interesse e experiências do aluno proporcionam, além da informação, o prazer de trabalhar a sério sem depender dos outros..

Talvez a princípio poucos resultados sejam obtidos, mas o entusiasmo das novas descobertas e progressos empolga; o estudante não será afetado pelo alargamento gradual de sua capacidade daí resultante. Muito dependerá no entanto de cada aluno, cabendo ao professor localizar a fonte de interesse capaz de estimular-lhe a linguagem".

Depois desse relatório, foram iniciados numerosos projetos de pesquisa, financiados igualmente pela Nuffield Foundation e pelo Conselho de Educação. Abriram-se com isso novas possibilidades de aprendizagem no curso secundário. As sugestões sobre integração de áreas de estudo, com utilização dos materiais novos em formas novas, muito vieram influenciar as atitudes para com a biblioteca escolar. Procurando controlar esse desenvolvimento, o Conselho de Educação estabeleceu em 1970 o projeto do Centro de Recursos Educacionais resumindo-se sua finalidade a:

"identificar os diversos problemas com que se defrontam as autoridades escolares na instalação dos centros de recursos, visando determinar quais os métodos até agora encontrados que melhor servem para solucioná-los . . ."

No primeiro relatório sobre o projeto, publicado em 1972, Norman Beswick, o encarregado da pesquisa, escreve:

"O centro de recursos não corresponde a um símbolo de "status", mostrando que a escola caminha na dianteira em educação e só se justifica instalá-lo se o sistema de ensino adotado na escola assim o exigir".

"O que muitas escolas britânicas anseiam por esclarecer é que o fornecimento de material complicado e caro, embora altamente agradável não é essencial na organização do centro de recursos. Uma coleção de multimeios pode ser formada e funcionar com equipamento bem simples".

"Abundância de recursos materiais nem sempre significa sucesso na integração desses recursos ao funcionamento educacional da escola, porém, com força de vontade e entusiasmo, um número reduzido de pessoas e equipamentos consegue resultados surpreendentes".

Pelo que ficou dito até agora, no desenvolvimento das bibliotecas escolares, o indivíduo e a situação individual constituem claramente o centro de interesse. Dessa forma, a biblioteca reflete, além dos interesses locais das crianças — a escola junto ao mar possui livros que não se encontram na que funciona no centro da cidade — o cultivo da tradição nacional, possibilitando ao aluno ampliar seu conhecimento do assunto, enriquecendo-o também com a contribuição pessoal. Os escolares de hoje não constituem meros recipientes passivos do que ensinam os professores, pesquisam ativamente por conta própria.

A biblioteca escolar deve ser observada no contexto da escola onde funciona. Na Inglaterra temos orgulho dos recursos abundantes e variados oferecidos às crianças que freqüentam nossas melhores escolas primárias e secundárias, enquanto as bibliotecas de escolas para uso de jovens diferem apenas em tamanho e não na qualidade do acervo das melhores bibliotecas para estudantes em todo o mundo. Embora a instalação de algumas bibliotecas seja magnífica, o que mais impressiona não é isso, mas a utilização feita dos livros e o modo como o interesse de professores e bibliotecários faz com que elas funcionem integradas à escola.

Instalação e financiamento das bibliotecas escolares

70

O financiamento da biblioteca nas escolas públicas é obtido através de parcelas dos impostos, que vão constituir fundos, diferentemente administrados, conforme a região; geralmente, entretanto, existe alguma forma de reserva de capital destinado à instalação de centros de recursos bibliotecários, para as novas escolas. Isso possibilita ao diretor da escola planejar com antecedência os móveis e equipamento, além dos livros e outros materiais necessários. Há sempre alguma previsão orçamentária anual visando manter continuidade no funcionamento bem como para compra de novos livros e materiais.

Em janeiro de 1973 a Associação de Bibliotecários Municipais para Crianças publicou o *Levantamento do Serviço das Bibliotecas Municipais Infantis e Escolares na Inglaterra e no País de Gales*, abrangendo os trabalhos de 57 municípios, havendo diferenças em todos eles. Após essa publicação, entretanto, houve reorganização geral dos governos locais e designação de novos dirigentes educacionais. Esperemos que no futuro se obtenha alguma homogeneidade, principalmente quanto aos padrões.

Há muito tempo vem a Associação de Comitês Educacionais, junto com a Liga Nacional do Livro, recomendando a despesa mínima atribuível *per capita* aos livros para o curso secundário. Com a inflação gaiopante, porém, tornou-se impraticável esse sistema. Mas até 1970 nenhum outro órgão público tentou estabelecer padrões específicos (Os 2 relatórios Plowden e Newsom, por nós citados, nada especificavam sobre recomendações de verbas para bibliotecas). Sabíamos do que faziam países como Estados Unidos, Canadá e Austrália, além de outros, mas sobre nossas necessidades nada havia sido definido. Em 1970 foram publicados, pelo "Subcomitê de Recursos na Biblioteca Escolar" da Associação de Bibliotecas da Grã-Bretanha, os padrões recomendados sobre administração e financiamento, suplementados em 1972 com a parte referente ao material. Esses documentos preencheram o objetivo e a função do centro de recursos bibliotecários quanto a estoque de livros e outros materiais, pessoal, acomodação, finanças e serviços de organização administrativa e auxiliares. Essas recomendações abriram extensa área de debates entre pessoas e organizações interessadas, mesmo que não tenham sido adotadas em todo o país. Acha-se em andamento uma revisão.

Acomodação

Na Inglaterra se reconhece de modo geral que as escolas de todos os níveis devem contar com espaço apropriado aos recursos bibliotecários. Nas escolas maternas, recantos atrativos em sala de aula recebem tapetes, almofadas e cadeiras de encosto para professores-contadores de histórias, com prateleiras baixas mostrando as coloridas capas dos livros. Nas escolas primárias, cumpre atender às áreas didáticas e deve existir um ponto de interesse central.

A acomodação varia conforme as idéias dos arquitetos e o dinheiro disponível. É agradável, aliás, poder dizer que algumas soluções imaginosas foram encontradas, particularmente em certos casos difíceis.

Já existem muitas escolas médias bem instaladas. Quando foi liberada a verba destinada a preparar a mudança da idade obrigatória para escolaridade dos 15 para os 16 anos, em 1973, muitos estabelecimentos preferiram destinar essa verba à melhoria do serviço de biblioteca, pela criação de centros de recursos.

Detalhe significativo do progresso verificado na última década se encontra na aceitação oficial de áreas atapetadas como necessidade e não luxo. As crianças gostam de sentar no chão, deitar-se de bruços, isolar-se num canto para ler melhor. Claro que as mesas e cadeiras são úteis — mas creio que os alunos mais relutantes ficam "intimidados pelos móveis".

Pessoal

Na maioria das 27 mil escolas primárias da Inglaterra e do País de Gales a diretoria designa um membro de seu quadro para responder pelos recursos bibliotecários. Algumas das 6 mil escolas secundárias contam com bibliotecários profissionalmente qualificados (atualmente uns 400), mas geralmente é um professor que se encarrega da biblioteca. Esse assunto de dupla qualificação vem sendo muito discutido e eu pessoalmente me interesso particularmente no debate pois ajudei a organizar na Inglaterra o primeiro curso fornecendo certificado em educação, para bibliotecários formados interessados em trabalhar nas escolas.

Há no entanto concordância geral em que, independente da qualificação obtida, o encarregado precisa dispor de tempo e pessoal para fazer do centro de recursos bibliotecários parte orgânica da vida escolar. Cabe citar aqui o comentário que se lê nas Recomendações da Associação de Bibliotecas:

"Muitos professores-bibliotecários de escolas primárias e secundárias, embora ocupando postos de responsabilidade e dispondo de verba especial, lutam com a falta de tempo no decorrer do dia escolar para organizar a biblioteca. Comumente julga-se que todo o trabalho pode ser feito nas horas livres do professor. Isto acarreta mais uma carga de trabalho para ele e confirma a visão de que a biblioteca escolar é apenas um trabalho extra. Cumpre às autoridades locais proporcionar pessoal suficiente, para que a biblioteca desempenhe papel integral e positivo no estabelecimento".

Serviços Auxiliares

Todas as escolas do país recebem auxílio para melhorarem suas bibliotecas, em todos os níveis, provenientes de serviços especializados e ainda coleções emprestadas pelas bibliotecas públicas e municipais. Podemos dar o exemplo de dois casos bem diferentes. Vimos primeiro o Centro Rural em Wiltshire, onde uma velha fábrica de colchão foi transformada em depósito para um excelente serviço de empréstimos de multimeios às escolas situadas em áreas distantes. Os professores podem examinar todo o material e ônibus-bibliotecas transportam atraentes coleções para as escolas locais.

O outro exemplo é do serviço que funciona dentro da cidade de Birmingham, num bairro multi-racial. Ali a biblioteca se integra aos demais serviços comunitários, cooperando seus funcionários com professores e especialistas para assegurar a importância dos materiais apresentados a essas crianças e jovens. Na última década, a cooperação entre profissionais e entidades especializadas em atender ao bem-estar da infância teve acentuado desenvolvimento na Inglaterra. Destacamos a Associação de Bibliotecas Escolares, a Seção de Bibliotecas Juvenis da Associação de Bibliotecas, a Liga Nacional do Livro, a Federação de Grupos pró-Livro Infantil, a Associação de Leitura do Reino Unido, a Associação de Jogos Pré-escolares. Também editores como o "Clube Puffin de Brochuras" e o "Círculo do Livro Infantil" cooperam com grande entusiasmo. Podemos afirmar com segurança que a Seção Inglesa do IBBY representa o microcosmo desses interesses todos.

Livros

Focalizarei agora os livros e a biblioteca escolar na Inglaterra. No relatório de Norman Beswick, mencionado anteriormente lê-se: "É unânime a opinião de professores e bibliotecários (no levantamento ali exposto) que os alunos estimulados pelos recursos audiovisuais procuram mais regular e espontaneamente os livros, demonstrando maior interesse do que antes".

Como sinal mais evidente observa-se o grande emprego de variados livros especializados e de referência. O advento da revolução dos multimeios tem exigido o máximo dos editores para produzirem livros de informação que sejam, além de atraentes, úteis pelo conteúdo de boa qualidade e organizados de modo a interessar a criança. Grande influência têm exercido especialistas como Margaret Meek, editora literária de *School Librarian*, no elevado padrão da crítica dos livros informativos; e Margery Fisher que, na sua avaliação de livros informativos "Matters of Fact" (1973) diz:

"O livro informativo pode ser uma abertura ou um entrave à leitura. No primeiro caso, aborda o assunto de forma viva e fácil, fazendo com que a criança deseje continuar a leitura. No segundo caso, a leitura é rápida mas o livro é logo esquecido, pois dá a terrível impressão de ser superficial e incompleto. E isso não é sempre por culpa do autor. O resumo preparado para a capacidade do estudante ginásiano comum, jamais inclui todos os fatos que ele quer saber; mas oferece aos professores e pais um sumário informativo conveniente para iniciá-los na leitura ou no trabalho".

E comentando os autores:

"O conceito básico pouco esclarecido sobre livros expositivos para jovens considera-os diferentes daqueles que os adultos lêem. Um pouco mais simples, certamente; um tanto mais diretos na apresentação do assunto; mas essencialmente bem parecidos aos demais. Precisamos de escritores que abordem o assunto sobre o qual desejam escrever e recusem deixar que a consideração da idade ou capacidade do leitor interfira no que pretendem dizer. Se o autor se aborrece com o seu trabalho, as crianças igualmente se aborrecerão; e porque imaginar que elas devem aceitar o aborrecimento se nós mesmos não o aceitamos? "

Esse ponto de vista aparece claramente expresso cada vez em maior número de trabalhos publicados na Inglaterra; temos dois exemplos nos *The Clue Books (O.U.P.)* e no *Penguin Biology Project*.

Entretanto, a coleta dos fatos representa apenas um aspecto da aprendizagem. Nosso interesse constante e primordial deve ser o desenvolvimento afetivo de nossas crianças, enriquecer-lhes e ampliar sua imaginação e libertar seu espírito, esclarecendo-o. Nisso talvez se resuma nossa glória máxima.

Desde a mais tenra idade, as crianças recebem encorajamento para manusear, olhar e ler livros sozinhas. Cada vez é maior o número de belos livros de gravuras. Os que trouxemos para o Congresso foram publicados originalmente na Inglaterra, porém as técnicas de co-produção nesse campo permitem escolher obras de todos os países. Vemos aqui a variedade do talento artístico e capacidade produtiva misturadas nos contos tradicionais e modernos, proporcionando às crianças abundante literatura de ficção, que torna a leitura um prazer.

Muitos professores abandonaram os tradicionais "livros de leitura", que serviam para ensinar as crianças a ler e agora utilizam apenas livros ilustrados e contos escritos especialmente para crianças. Os editores colaboram estimulando os autores dotados de competência lingüística atrativa até para as crianças menores e os artistas capazes de oferecer à infância interpretação visual do que é por ela percebido. Sentindo-se em segurança no mundo e capaz de nele se organizar, a criança utiliza-o no jogo, transformando-o à sua moda. Os livros também fazem isso.

A leitura é assunto público e particular. É público porque nos países adiantados constitui característica considerada essencial na organização da sociedade, e as crianças aprendem a ler porque é através da leitura que irão se informar. Particular pela ligação especial entre leitor e autor, contribuindo para seu desenvolvimento afetivo e o modo como se sente. Útil para informar: crucial na formação do indivíduo.

Dispondo de tantos livros expositivos para escolher, os professores muitas vezes acentuam o tema, porém os mais avisados sabem que a melhor escolha é a literatura de ficção, por ser a que faz das crianças leitores vitalícios pelo simples prazer proporcionado. A leitura expressiva pelo adulto de um conto aparentemente inacessível quando olhado de longe na estante tem levado muitas crianças a tomar interesse na leitura, que então precisa ser feita em ambiente calmo e sem pressa; por isso muitas bibliotecas escolares dispõem pequenas coleções de livros em diferentes locais da escola, facilitando desse modo a localização pelo aluno do volume desejado.

Dizem Connie e Harold Rosen:

"Absorver histórias faz parte da herança cultural da criança, proporcionando-lhe modelos, padrões e figuras simbólicas que irão povoar suas próprias histórias. Se forem atraentes as que ouve, ajudá-la-ão a entender o mundo, ao mesmo tempo que lhe oferecem o material bruto (em diversos níveis) para o processo complementar da composição".

Há aliados poderosos de nossas crianças. Os contistas que para elas escrevem demonstram abundância de talento, imaginação vibrante e sintonia especial com o leitor. Isso ocorre em todas as idades.

"Dêem livros para nós", dizem as crianças. "Dêem-nos asas". O apelo apaixonado de Paul Hazard, feito há 40 anos, soa hoje em dia com mais força para nossas crianças — a geração de amanhã.

FATOS E DADOS SOBRE BIBLIOTECAS INFANTIS E HÁBITOS DE LEITURA NA SUÉCIA

Anton Taranger
Bibliotecário-Chefe de Järfälla

A Suécia fica ao norte da Europa, sendo um país bem pequeno, com apenas 8 milhões de habitantes, e área 20 vezes menor que o Brasil. Durante os últimos 30 anos, tal como ocorreu em muitos outros países, tantas coisas têm aparecido para interessar as crianças e os jovens que aqueles que gostariam de vê-las às voltas com livros têm que trabalhar com afinco para encontrar novos caminhos que captem seu interesse.

Mostrarei agora alguns "slides" sobre as atividades das bibliotecas infantis na Suécia. Devo destacar inicialmente que toda atividade tem um único e mesmo objetivo — despertar nas crianças o interesse pelos livros, levando-as a ler, a pedir emprestado, a comprar e a possuir livros.

Existem na Suécia dois tipos de bibliotecas infantis: as bibliotecas escolares e seções especializadas nas bibliotecas públicas.

Descrição, resumida dos "slides" apresentados

- Biblioteca de Helsingborg: prédio de uma biblioteca moderna.
- Crianças pedindo empréstimo. Muitas crianças pedem livros emprestados nas seções infantis e juvenis; mais de 50% dos empréstimos são feitos pelos sócios infantis.
- Seção especializada para crianças e jovens, na biblioteca de Gothenburgg, Suécia, onde trabalham cerca de 150 bibliotecários para atender às crianças.
 - Serviço de ônibus-biblioteca.
Cerca de 80 circulam na Suécia, todos atendendo a crianças.
 - Crianças retirando livros num parque.
*Nos dias de sol o bibliotecário arma as prateleiras de livros no gramado.
As crianças gostam de ouvir contos e histórias muitas vezes insistindo na repetição.*
 - Hora do conto ao ar livre. O bibliotecário reúne as crianças na praia ou no parque.
 - Palco de teatro para marionetes. Com simples caixas de papel prepara-se o palco.
 - Exemplos de marionetes, chamados "Kasper-dulls". Elas são colocadas nas prateleiras altas, para as crianças poderem escolher as que preferem ver.
 - Confeção dos "dulls".
 - Teatro para crianças. Um grupo de teatro visita a biblioteca.
 - As crianças representam no teatro. Usam máscaras bem simples, feitas por elas próprias.
 - Atividades musicais para crianças e jovens, com gravações em fita e "cassettes" ou com audífonos.
 - Vespéral de "Jazz". Os livros sobre "Jazz" e música moderna são bastante populares.
 - Exibição de filme para crianças.
*Pode ser o filme sobre "Hugo e Josefina" de Maria Gripe.
Depois do filme, a procura desse livro na biblioteca vai ser muito grande.*
 - Material para desenho. Destinado à ilustração dos contos e histórias ouvidas pelas crianças.
 - Brinquedos e quebra-cabeças. Comece brincando e termine com um livro.
 - Xadrez
 - Televisão. Na Suécia nós descobrimos que bons programas sobre livros na TV podem aumentar o interesse pelos livros entre as crianças.
 - Redação de "Correio dos Livros" Jornalzinho infantil sobre livros, distribuído às crianças que freqüentam a biblioteca.
 - Clubes de livros. Muito bem sucedidos na maioria dos países europeus. As crianças compram livros bem baratos e de boa qualidade.
 - Exposição e atividades. Todos os tipos de exposições podem ser organizadas durante todo o ano.
 - Mesmo crianças excepcionais freqüentam a biblioteca.
 - Crianças de origem estrangeira freqüentam a biblioteca.

AICB: Na Suécia temos dois objetivos para crianças:

1) ensinar-lhes o sueco para que possam ler livros suecos.

2) proporcionar-lhes a leitura de livros no seu próprio idioma materno.

— Informações para pais, professores e outros adultos sobre livros para crianças e jovens. Temos, por exemplo, na Suécia uma organização especial que informa sobre livros infantis, o "Authors centrum".

— Exposição de livros para crianças.

— Livros para os pais, expostos numa estante da biblioteca infantil ensinam-lhes como contar, e ler histórias assim como interessar as crianças pelos livros.

— Responsabilidade dos pais e de outros adultos em encontrar novos caminhos que permitam o contato das crianças com a literatura.

Termino afirmando que as crianças privadas de livros perdem algo de muita importância em suas vidas. Precisamos, pois, nos esforçar ao máximo para que as crianças reconheçam os livros como verdadeiros amigos.

Fontes:

Barn i bibliotek 215p.

(Crianças nas bibliotecas)

Bibliotekstjänst

Fack

221 01 Lund 1

Suécia

PROMOÇÃO DO LIVRO INFANTIL NOS ESTADOS UNIDOS

John Donovan

Diretor Executivo do Conselho do Livro Infantil
(Children's Book Council)

Nos primeiros anos deste século, o tipo de leitura mais popular entre os jovens leitores dos Estados Unidos, era tipicamente o publicado em forma de seriado. Na maioria das vezes, esses livros narravam aventuras empolgantes, embora inverossímeis, de heróis e heroínas estereotipados. Eram escritos em prosa rebuscada, e essencialmente despidos de caracterização literária. Mas eram populares, tanto quanto ainda hoje o são, muitos livros que continuam a aparecer nesse tipo de seriado, apesar de que o tempo outrora dedicado aos prazeres da leitura seja, atualmente, dedicado à televisão. Em coexistência com esses livros medíocres e mal alinhavados, havia publicações de valor literário e que são lidas até hoje. Num esforço de chamar a atenção para os bons livros, escritos por autores criativos e hábeis, um pequeno grupo de adultos, trabalhando em contato com a criança, estabeleceu um plano de atrair os leitores para livros realmente meritórios. Essas pessoas — filiadas ao Escotismo Americano, à Associação de Livrários Americanos e à Associação de Bibliotecas Americanas (ALA), além de editores — concluíram ser necessário um esforço enérgico e continuado em favor da boa leitura para os mais jovens, encorajando a compra e a utilização pelas escolas, de livros de boa qualidade. Com esse objetivo, em 1915, foi proposta a Semana do Livro Infantil que, desde 1919, quando entrou em vigor, vem sendo anualmente comemorada nos Estados Unidos. Note-se que a Semana do Livro Infantil foi a primeira "semana" especial, criada para cultivar ou promover uma idéia ou um produto, em toda parte. Agora, é comum ouvir falar de semanas dedicadas às mais inconcebíveis causas e produtos, confortando-nos sarcasticamente saber que o conceito de semana especial encontra suas raízes no livro infantil.

A Semana do Livro Infantil representa, nos Estados Unidos, uma oportunidade especial de promoção do livro destinado às crianças. Atualmente, o Conselho do Livro Infantil é o patrocinador da Semana do Livro, sendo bem poucas as comunidades americanas que, por algum motivo, deixam de comemorá-la.

O Conselho prepara o material destinado a auxiliar as escolas e bibliotecas a formarem uma atmosfera festiva para essas comemorações. Uma comissão de editores de livros infantis seleciona, anualmente, um "slogan" significativo, engraçado ou fácil de guardar pelos jovens. Escolhido o "slogan" (com antecedência superior a dezoito meses antes das comemorações da Semana), a comissão designa um grupo de artistas para criar materiais de propaganda destinados a complementar o "slogan", destacando-se entre eles o cartaz que vem sendo produzido todos os anos, desde 1919, e cuja observação proporciona talvez um curso-relâmpago sobre o desenvolvimento da ilustração do livro infantil americano, durante mais de cinqüenta anos. Embora nem todos os bons ilustradores americanos façam cartazes para a Semana do Livro, a maioria de nossos artistas de renome internacional tem participado, de algum modo, deste programa, quer fazendo uma flâmula ou uma faixa para a Semana do Livro, quer, para aqueles dotados de um talento especial para formas e estruturas, preparando um desses engenhosos móveis distribuídos às escolas e livrarias durante o ano a fim de promover a leitura.

Um poeta é sempre convidado a fazer um poema para a Semana e, ultimamente, escritores são convidados a preparar peças, charadas, contos, refrãos e até cantigas especiais para a comemoração.

À primeira vista, talvez estes itens pareçam um tanto ou quanto supérfluos. Quem poderia imaginar que a representação humorística de um grupo de animais, entretendo-se de maneira mais engraçada, triste ou hilariante, chegasse a representar um real impacto no gosto da criança pela leitura; ou promover um divertimento maior através dos livros? É uma velha idéia do Conselho do Livro Infantil, que os materiais especialmente preparados para a Semana do Livro, não constituam um fim em si mesmos. Servem mais como instrumentos auxiliares para bibliotecários e professores imaginosos que, em última análise, são os verdadeiros responsáveis pela apresentação e propaganda dos livros entre os jovens dos Estados Unidos. Por uma série de complicadas razões, que muito lamentamos, pais e outros membros da família são apenas superficialmente envolvidos no processo de aproximação da criança com os bons livros. Em nosso país, temos olhado com grande admiração para o trabalho da Federação Britânica de Clubes do Livro Infantil, constituída por pais altamente interessados, empreendendo sinceros e valiosos esforços para conhecer a literatura infantil contemporânea, de maneira que seus filhos leiam não só bons livros clássicos, lidos por eles (ou talvez não) quando crianças, mas também autores e ilustradores atuais mais bem dotados.

Torna-se desnecessário determo-nos demasiadamente na Semana do Livro. Trata-se de um acontecimento familiar no exterior. No entanto, já agora muitos países têm a sua própria Semana do Livro, embora com semelhanças observadas entre nós. A verdadeira tarefa de divulgação do livro infantil nos Estados Unidos realiza-se sob formas diferentes, durante o ano inteiro, envolvendo numerosas pessoas e organizações. Para a finalidade aqui procurada, pareceu-nos útil separar estes vários esforços, segundo funções e objetivos, sem cogitar de identificar as atividades de um grupo isolado, descrevendo tudo o que este grupo realizou em prol do maior interesse pelo livro infantil. As áreas que parecem ter causado maior impacto são: 1) catálogos de títulos; 2) prêmios; 3) resenhas e 4) acontecimentos especiais.

Catálogos de títulos

Constituem a maior atividade promocional. Com as editoras imprimindo mais de quarenta mil livros infantis nos Estados Unidos, torna-se particularmente difícil à escola, biblioteca, livraria ou família escolher os títulos mais adequados às crianças. Numa esfera ideal, todos os livros infantis deveriam estar à disposição de todas as crianças. Mesmo pobres e medíocres, os livros exercem uma função. Eles podem ser utilizados para desenvolver um maior senso crítico nos jovens leitores, através do que lêem e, alguns deles, podem representar um apelo à leitura para os que de outra maneira, nada leriam.

Pela publicação anual da R. R. Bowker Co., "*Children's Books in Print*" (relacionados por título, autor e ilustrador) pode-se, desde há alguns anos, identificar todos os livros infantis impressos nos Estados Unidos. Junto com ele, é publicado o "*Subject Guide to Children's Books in Print*", representando uma tentativa de classificar por assunto todos os livros americanos. Como acontece em tentativas desse gênero, essas classificações são freqüentemente enganosas; afinal, o trabalho de catalogador não é fácil, e o Guia tem utilidade para as crianças e os adultos que lidam com elas, na identificação de tudo o que é impresso sobre tópicos interessantes para jovens leitores.

A maioria dos catálogos, no entanto, tem caráter seletivo. Dois dos mais conhecidos, examinam atentamente todos os livros infantis que aparecem, selecionando entre eles as coleções "ideais", indicadas para uma biblioteca nova que precise obter um acervo equilibrado entre obras antigas e novas. Esses catálogos, revisados periodicamente, formam o "*Children's Catalog*", publicado pela H. W. Wilson Co. e a "*Elementary School Library Collection*", publicada pela Fundação Bro-Dart, que também divulga material audiovisual recomendado. A edição mais recente do "*Children's Catalog*" inclui mais de cinco mil livros, e dois suplementos acrescentaram mais de mil títulos; a edição mais recente da "*Elementary School Library Collection*" contém mais de sete mil e seiscentos livros. Ambos os catálogos citados, são preparados por bibliotecários ou pessoas relacionadas com o ensino da biblioteconomia.

A maioria dos outros catálogos que merecem destaque, tende a tratar apenas das novas publicações. Não há dúvida que a mais importante, em termos promocionais de venda, é a publicada anualmente sob o título de "*Notable Children's Books*", preparada por uma comissão de cinco bibliotecários para a Divisão de Serviços para Crianças, da *American Library Association* (ALA). Normalmente, o catálogo inclui cerca de 2,5% do total anual de livros infantis publicados. Apesar de que às vezes, como em 1973, o catálogo incluiu apenas 1,5% dos livros publicados durante aquele ano. As escolas e bibliotecas parecem considerar o catálogo como uma seleção dos melhores livros editados no ano, e seria surpreendente que uma instituição não adquirisse livros através dele. Outros catálogos anuais também influenciam as opiniões, sobretudo o que foi preparado para o n.º de dezembro do "*School Library Journal*", que é muito respeitado. Os livros deste catálogo, selecionados pelos editores da publicação "*Books Review*", contém cerca de 2% dos livros que saíram durante o ano.

A relação anual que aparece no "*The New Times Book Review*" inclui perto de 75 livros (os melhores dentre os mais de dois mil aparecidos naquele ano), influenciando talvez mais decisivamente que os outros o público em geral, as livrarias, autores e ilustradores; via de regra, no entanto, as bibliotecas e escolas que adquirem a maior parte dos livros infantis, não se orientam totalmente pelo catálogo do "*Times*".

Entre os numerosos catálogos anuais, apreciados pelos selecionadores de livros, muitos têm o título de "*Children's Books*" (seguido do ano), incluindo aproximadamente 200 livros compilados sob a orientação de bibliotecários que trabalham na Biblioteca do Congresso e no Centro de Materiais Educativos, do Departamento de Educação dos Estados Unidos; "*Fanfare*", lista bastante seletiva (cerca de 25 títulos), preparada pelos críticos do "*The Horn Book*", aparece em outubro do ano seguinte à sua publicação; "*Children's Books of the Year*", da Associação de Estudos sobre a Criança, seleciona regularmente perto de 500 livros destinados aos "pais e aos que trabalham com crianças"; a lista da "Showcase", do Conselho do Livro Infantil, normalmente indica cerca de 30 livros, escolhidos por seu bom nível gráfico e diagramação; a "*Illustrated Books of the Year*", da "*The New York Times Book Review*" contém, em média, 10 títulos; os melhores livros infantis (em torno de 125), para aulas de estudos sociais nas escolas, são selecionados pela subcomissão do Comitê do "National Council on the Social Studies – Children's Books Council", para fins de publicação na "*Social Education*", e, uma lista dos melhores livros infantis (perto de 100), para estudo de ciências, é indicada pela subcomissão do Comitê Conjunto do "National Science Teachers Association – Children's Books Council", saindo publicada em "*Science & Children*". Muitas das maiores bibliotecas preparam catálogos anuais, destinados a ajudar os pais na escolha de livros para presentear as crianças no Natal, e estes são amplamente distribuídos. Comenta-se, em tom jocoso, que do encontro de dois bibliotecários sempre nasce um catálogo... Ora, dá-se ênfase ao catálogo como meio de promoção do livro infantil, visto as pessoas que lidam com crianças, pelo menos em nosso país, não disporem de tempo para atualizar-se com todas as novas publicações e, o melhor auxílio que se possa prestar será sempre ao livro e à criança. Com esta finalidade, uma quantidade de catálogos são publicados regularmente, com revisão periódica ou anual. Destacam-se, por sua importância, os catálogos preparados pela ACEI "*Association for Childhood Education International*" e pelo NCTE "*National Council of Teachers of English*". Planeja-se, além disso, a confecção de uma relação anual de livros infantis, destinada a professores de leitura associados à "*International Reading Association*" (IRA).

76

Existe um vasto número de catálogos sobre assuntos de interesse comum ou permanente. A tendência atual é dar maior ênfase aos catálogos que abordam a diversidade cultural – elemento importante na experiência americana – o papel da moça e da mulher e os problemas dos jovens que atingem certo grau de maturidade, embora com baixa habilitação para a leitura.

Prêmios

Nos Estados Unidos de hoje, os prêmios estão de tal forma ligados ao livro infantil, que sentimos dificuldade em imaginar a situação anterior. O Conselho do Livro Infantil publica a lista dos prêmios americanos (e de língua inglesa) em "Awards & Prizes". A edição de 1973 deste trabalho, identificou mais de 50 prêmios. O que se constata, de imediato, é que alguns desses gozam de maior prestígio que outros; e todo ano assiste o desaparecimento de um ou mais desses prêmios em vigor (para serem substituídos de imediato, estejam certos, por novo prêmio outorgado por outro grupo).

Sem dúvida, o mais importante para literatura infantil na América, é o Newbery Medal, conferido desde 1922, a um autor de livro infantil publicado no ano anterior e considerado "a mais destacada contribuição para a literatura infantil", por um grupo de bibliotecários da Divisão de Serviços Infantis da Associação Americana de Bibliotecas (ALA), atualmente em número de 23 membros. Esta associação está provavelmente familiarizada com o Newbery Medal. Assim, dentro do contexto de promoção dos livros infantis na América, torna-se necessário frisar que o prêmio tem um efeito somente publicitário no destino desses livros suficientemente afortunados para recebê-lo. O livro contemplado com o Newbery Medal dificilmente deixa de ser reimpresso, mas há exceções. E, nos anos subseqüentes ao recebimento da medalha, as vendas do livro contemplado e dos livros selecionados como Livros de Honra ou semi-finalistas, vem sendo objeto de satisfação para os seus respectivos autores e editores. A maior fonte de interesse pelos livros que receberam o Newbery Medal, provém dos estudantes — e não das crianças — ou seja, futuros professores e bibliotecários que, analisando com atenção os livros contemplados, identificam os valores e padrões que lhes servirão, mais tarde, na seleção de livros para crianças.

O segundo maior prêmio, concedido pela mesma comissão que elege o ganhador do Newbery Medal, é o *Caldecott Medal*, distribuído ao ilustrador do "melhor álbum ilustrado para crianças, publicado nos Estados Unidos no ano precedente". O impacto causado por esse prêmio é igual ou mesmo superior ao do Newbery Medal. Os livros do Caldecott Medal visam a atender, nas livrarias americanas, aos avós e outros, que são os maiores compradores de livros infantis de alta qualidade e que — pelo menos nos Estados Unidos — parecem mais interessados em enriquecer a vivência dos mais jovens desde a primeira infância, do que posteriormente, quando já estiverem ávidos de leitura. O Caldecott Medal, bem como os Livros de Honra, tendem a exercer uma atração que é mais difundida (apesar de nem sempre mais duradoura) que a dos Newbery Medal. É importante observar que grande força do projeto do Caldecott Medal, reside no fato das ilustrações dos livros premiados dependerem de uma transcrição fiel da história contada. Outro prêmio de estatura, em termos de promoção de livros nos Estados Unidos, é o distribuído anualmente a um livro infantil, pelo Programa de Prêmios ao Livro Nacional, que contempla não somente diferentes tipos de livros para adultos — ficção, poesia, ciência, tradução, assuntos contemporâneos, filosofia, biografia, história e artes — como também livros infantis, o que significa a aceitação do livro infantil, em nosso país, como parte integrante de nossa literatura.

Os membros do IBBY endossam o conceito de intercâmbio internacional através da literatura, constituindo para nós um motivo de satisfação que, ao menos um dos principais prêmios americanos de literatura infantil, seja destinado à traduções. O prêmio Mildred L. Batchelder é concedido anualmente ao editor de um livro infantil traduzido, o qual é escolhido por bibliotecários americanos que trabalham com crianças. Como o prêmio é entregue dois anos depois de publicado o livro, o voto dos bibliotecários é baseado nas observações da reação da criança a sua leitura, e na avaliação do mérito literário. Os editores constataam que apenas ser indicado para o prêmio é tão importante quanto recebê-lo.

Há muitos programas americanos em que as próprias crianças apontam os vencedores dos prêmios, constituindo operação fascinante para quem lida com livros infantis, observar esses programas em diferentes estados, regiões e comunidades. É sempre um livro original que agrada ao mesmo tempo as crianças e os encarregados de avaliar o seu mérito gráfico ou literário. Estudantes graduados em literatura infantil realizam levantamentos, acompanhados de artigos e ensaios sobre o tema dos livros mais atraentes às crianças e dotados de maior valor artístico; esses estudos são objeto de curiosidade para todos os que analisam e trabalham com livros infantis.

Tais comentários são importantes, porque é através do processo de prêmios que, em nosso país, um punhado de livros selecionados consegue a atenção do público. É atribuindo prêmios a livros infantis, os quais estão intimamente ligados com a publicação da matéria literária, que se encontra um caminho viável para alcançar o público leitor que, de outra maneira, ficaria sem informação. É raro, porém, o doador de prêmio que não julgue haver pelo menos uma dúzia ou mais de outros livros merecedores da mesma recompensa.

O resultado final, para nós, é que a publicidade dada aos livros pelos prêmios, pode ser frustrada pelo fato do livro vencedor (não importa o prêmio) representar apenas um dentre cem outros livros, cada qual com qualidades e personalidade próprias, passíveis de conquistar o mesmo prêmio.

Se há uma lição a se retirar da experiência americana, ela consiste em que, chamando a atenção para os melhores livros, talvez deixe passar despercebidos os mais atraentes, originais, inovadores e criativos, poucas vezes apreciados por uma comissão, ainda que bem intencionada.

Resenhas

Parece fora de dúvida, hoje em dia, que as bibliotecas e escolas são os principais compradores de livros infantis nos EUA. Essas instituições tendem a confiar na sua própria experiência profissional ao decidir que livros pensam ser mais apropriados às crianças. Há umas poucas publicações, bastante cotadas na avaliação de livros infantis. Elas exercem uma grande influência na sua promoção. A mais conhecida no exterior pelos nossos amigos, é a *The Horn Book*, atualmente completando o seu 50.^o aniversário. É uma publicação quase inteiramente dedicada às características do livro infantil e à sua avaliação. Estes pareceres trazem consigo o prestígio, devido a revista prestar um longo e eficaz serviço ao livro infantil.

Três outras publicações são consideradas de grande importância para nós, embora por diferentes razões: *The Bulletin* do Centro do Livro Infantil, da Universidade de Chicago, pela avaliação honesta tanto das boas quanto das inaceitáveis qualidades encontradas no livro infantil, que o qualificam ou não para bibliotecas e escolas; o *School Library Journal*, por avaliar de forma completa todos os livros infantis publicados durante o ano; e o *Booklist*, da Associação de Bibliotecas Americanas (ALA), porque os livros por ele analisados ficam automaticamente recomendados para compra às bibliotecas americanas, fatores significativos no sucesso do bom livro infantil.

Há uma dúzia ou mais de publicações que analisam livros infantis nos EUA, cada qual servindo a uma comunidade que nos é valiosa a todos, pais ou professores e, mesmo crianças, e que, conforme observamos, lêem e reagem aos livros e não às críticas.

A crítica de livros infantis na América, tende a tornar-se utilitária, característica não de todo indesejável num país onde não há grande tradição em literatura infantil: com raras exceções, nossos melhores e mais interessantes livros infantis foram publicados neste século. Uma crítica séria pressupõe, acima de tudo, um conjunto literário consistente.

Acontecimentos Especiais

A expressão "acontecimentos especiais", quando relacionada à propaganda do livro infantil americano, é um apanhado descritivo das várias atividades desenvolvidas por bibliotecários, pais, livreiros, professores, autores e ilustradores, visando promover o interesse pelo livro infantil. Todos usam o rádio e a televisão, caso haja possibilidade; organizamos feiras de livros, freqüentamos conferências de profissionais e participamos na programação de atividades que englobem grande variedade de encontros entre bibliotecários, livreiros e professores de ciências da linguagem, da leitura, de estudos sociais, de ciência e especialistas em educação pré-primária. Organizamos seminários e conferências, focalizando a literatura infantil, interessando a centenas ou até milhares de pessoas, anualmente, e esperamos que voltem ao trabalho enriquecidas com os contatos e experiências que inevitavelmente resultam do comparecimento a este tipo de acontecimento.

Quando ouvimos do público de nosso país, comentários sobre os acontecimentos relacionados com o livro infantil, surpreendemo-nos sempre com o número reduzido de nosso grupo, cuja sensação de isolamento — entre uns e outros — é imensa. Não percebemos a existência de uma comunidade ocupada com a literatura infantil, e é neste sentimento de vazio que reside o nosso maior obstáculo. Apesar de tudo, os EUA são a maior fonte de livros publicados no mundo inteiro, mas ainda permanecemos como crianças hesitantes que aprendem a caminhar — caindo freqüentemente — tanto quanto tropeçamos em busca da comunidade aspirada. Será que a conheceremos algum dia?

DATA	HORÁRIO	LOCAL	PROGRAMA
21 de outubro Segunda-feira	14-18 horas	Centro de Convenções do Hotel Glória Rio de Janeiro Balcão de Informações	Entrega de credenciais e documentos de trabalho.
22 de outubro Terça-feira	10-12 horas	Salão Nobre	Sessão Solene de Abertura Conferência inaugural: <i>Heriberto Schiro</i> , representante da UNESCO Projetos da UNESCO para Promoção do Livro. Informações sobre a sistemática do Congresso.
	14-17 horas	Sala A — Grupo de Trabalho 1	Literatura Nacional e Internacional <i>Francis O. Pala</i> (Quênia)
		Sala C — Grupo de Trabalho 2	Literatura e Pedagogia <i>Raoul Dubois</i> (França)
		Sala E — Grupo de Trabalho 3	Livros e Tecnologia audiovisual <i>Nuno Veloso</i> (Brasil)
		Sala G — Grupo de Trabalho 4	Livros e Hábitos de Leitura <i>Rudo Maric</i> (Tchecoslováquia)
	14 horas	Salão Nobre — Comunicações	Fatos e Dados sobre a Promoção do Livro Infantil e o Hábito da Leitura na América Latina <i>Arcadio Plazas</i> (CERLAL)
	15 horas		Fatos e Dados sobre a Promoção do Livro Infantil no Irã <i>Farshid Mesghali</i> (Irã)
16 horas		Fatos e Dados sobre a Produção do Livro Infantil no Japão <i>Shigeo Watanabe</i> (Japão)	
19 horas	Museu de Arte Moderna	Inauguração da Exposição Internacional do Livro Infantil e Juvenil	
23 de outubro Quarta-feira	10-12 horas	Sala A — Grupo de Trabalho 5	O Público Leitor e seu Acesso ao Livro <i>Nely Novaes Coelho</i> (Brasil)
		Sala C — Grupo de Trabalho 6	Criação e Pesquisa Associadas à Produção do Livro Infantil <i>Lúcia Binder</i> (Áustria)
		Sala E — Grupo de Trabalho 7	Recursos Humanos e Materiais para a Produção do Livro Infantil <i>Bettina Hurlimann</i> (Suíça)
		Sala G — Grupo de Trabalho 8	Treinamento de Especialistas Ligados à Produção e Promoção do Livro Infantil <i>Agnya Bartho</i> (URSS)
	9 horas	Salão Nobre — Comunicações	Fatos e Dados sobre Bibliotecas Escolares na Inglaterra <i>Griselda Barton</i> (Inglaterra)
	10 horas		Fatos e Dados sobre Bibliotecas Infantis e Hábitos de Leitura na Suécia <i>Anton Taranger</i> (Suécia)
	11 horas		Fatos e Dados sobre Associações Americanas de Promoção do Livro <i>John Donovan</i> (Estados Unidos)
14-17 horas	Salão Nobre	Sessão Plenária Relatórios dos Grupos de Trabalho 1, 2 e 3 Debates em Painel	
24 de outubro Quinta-feira	10-12 horas	Salão Nobre	Sessão Plenária Relatórios dos Grupos de Trabalho 4 e 5 Debates em Painel
	14-17 horas	Salão Nobre	Sessão Plenária Relatórios dos Grupos de Trabalho 6, 7 e 8 Debates em Painel

DATA	HORÁRIO	LOCAL	PROGRAMA
24 de outubro Quinta-feira (continuação)	21 horas	Palácio Guanabara	Solenidade de entrega do Prêmio Hans Christian Andersen
25 de outubro Sexta-feira	10-12 horas	Salão Nobre	Sessão Plenária Painel Final Conclusões Recomendações
	14-18 horas	Salão Nobre	Assembléia Geral
26 de outubro Sábado			Passeio turístico pelo Rio de Janeiro
27 de outubro Domingo			Domingo da Fantasia -- atividades para crianças em torno do livro, no Museu de Arte Moderna

COMISSÃO PATROCINADORA

- Ministro de Estado da Educação e Cultura
Dr. Ney Amyntas de Barros Braga
- Governador do Estado da Guanabara
Dr. Antonio de Pádua Chagas Freitas
- Presidente do IBECC
Prof. Raymundo Moniz de Aragão
- Presidente da Academia Brasileira de Letras
Dr. Austregésilo de Athayde
- Presidente do Conselho Federal de Cultura
Prof. Raymundo Moniz de Aragão
- Presidente da Comissão Nacional para o AIL
Prof. Peregrino Júnior
- Membro da Comissão de Educação do Senado Federal
Senador Jarbas Gonçalves Passarinho

COMISSÃO DIRETORA

- Diretor do Instituto Nacional do Livro
Escritor Herberto Sales
- Diretor do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura
Prof. Manuel Diegues Júnior

- Conselheira do Conselho Federal de Cultura
Escritora Maria Alice Barroso
- Secretário da Educação do Estado da Guanabara
Prof. Celso Kelly
- Secretário de Cultura, Desportos e Turismo do Estado da Guanabara
Dr. Fernando Carvalho Barata
- Secretário-Executivo do Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura
Prof. Agostinho Olavo Rodrigues
- Presidente da Fundação Getúlio Vargas
Prof. Luiz Simões Lopes

ASSESSORIA ESPECIAL DA COMISSÃO DIRETORA

- Presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros
Sr. Gabriel Athos Pereira
- Presidente da Câmara Brasileira do Livro
Sr. Paulino Saraiva
- Presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica
Sr. Edson Avelar da Silva
- Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia
Sr. Murilo Bastos da Cunha

- Presidente da Riotur
Coronel Annibal Uzeda de Oliveira

COMISSÃO EXECUTIVA

- Presidente
Sr. Gabriel Athos Pereira
- Secretária-Executiva
Prof.^a Leny Verneck Dornelles
- Coordenação Administrativa
Sra. Laura Constância Austregésilo de Athayde Sandroni
- Subcomissão de Relações Públicas
Sr. Álvaro Ramos Cruz
Sr. Rubens Nogueira
Sr. Thex Corrêa da Silva
Cel. Urassy Benevides
- Subcomissão de Exposição
Sr. Gian Calvi
Sr. Hêlio Araújo
Prof.^a Regina Yolanda Werneck
Sra. Ruth Villela Alves de Souza
- Subcomissão de Documentação
Prof.^a Irene de Albuquerque
Prof. Jader Medeiros Britto
Sra. Lia Manhães de Andrade
- Subcomissão de Atividades Sócio-Culturais
Sra. Paulina Katz
Prof. Sérgio Guerra Duarte

Para a realização do 14.º Congresso do IBBY a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil agradece a colaboração financeira das seguintes entidades:

PLANO DE AÇÃO CULTURAL/DAC/MEC

CONSELHO FEDERAL DE CULTURA/MEC

RIOTUR/Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Estado da Guanabara

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS

80

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil agradece ainda a:

- Ministério da Educação e Cultura
Instituto Nacional do Livro
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
Movimento Brasileiro de Alfabetização
- Ministério das Relações Exteriores
Departamento Cultural
- Ministério da Indústria e do Comércio
Empresa Brasileira de Turismo

Governo do Estado da Guanabara

Secretaria de Educação

Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo

Agfa-Gevaert do Brasil S.A.

Artes Gráficas Gomes de Souza S.A.

Bloch Editores

Companhia Editora Nacional

Companhia Melhoramentos de São Paulo

Editora Brasil-América S.A.

Editora Brasiliense S.A.

Editora Vecchi S.A.

Escolinha de Arte do Brasil

Gian & Emmy & Calvi (Artes Gráficas)

Gráfica Editora Primor S.A.

Museu de Arte Moderna

Quimigráfica Mayer Ltda.

Rigesa

Sobreart

PROGRAMA E DISCURSOS PROFERIDOS NA CERIMÔNIA DE ENTREGA DO PRÊMIO HANS CHRISTIAN ANDERSEN

O PRÊMIO HANS CHRISTIAN ANDERSEN é conferido bienalmente pelo IBBY a um escritor e a um ilustrador vivos, cujas obras representem, na sua totalidade, importante contribuição à literatura infantil.

Na mesma ocasião, é divulgada a Lista de Honra Hans Christian Andersen, com as melhores obras publicadas nos dois últimos anos, em cada país membro do IBBY.

PRÊMIO HANS CHRISTIAN ANDERSEN 1974

Medalhas de Ouro

Medalha de autor

- MARIA GRIPE — Suécia
Seus livros revelam grande ternura e especial talento de narradora. Entre suas obras destacam-se:
 - *Josefina*, 1961;
 - *Hugo and Josefina*, 1962 (premiados com a placa Nils Holgersson);
 - *Pappa Pellerin's Daughter*, 1963 (Menção Honrosa do New York Herald Tribune e do Lewis Shelf Award);
 - *The Children of the Glassblower*, 1964;
 - *The Night Daddy*, 1968;
 - *The Glasstunnel*, 1969; e
 - *The Aunt*, 1970.

Menções Honrosas

- CECIL BODKER — Dinamarca
- ROSEMARY SUTCLIFF — Inglaterra
- COLETTE VIVIER — França

Medalha de ilustrador

- FARSHID MESGHALI — Irã
Graduado na Escola de Belas-Artes na Universidade de Teerã. Começou como ilustrador e se associou ao Instituto para o Desenvolvimento Intelectual de Crianças e Jovens, em 1967.
Suas belas ilustrações e desenhos animados têm, desde então, recebido a consagração de prêmios internacionais. Entre os livros, destacam-se *King Jamshid*, escolhido o melhor livro do ano no Irã em 1968, *The Little Black Fish*, que recebeu em 1969 o Prêmio Gráfico na 6.ª Feira Internacional do Livro Infantil, em Bolonha, e o Diploma de Honra da Bienal Internacional de Bratislava, *The Hero*, que recebeu Diploma de Honra em Bolonha, em 1971. Entre os desenhos animados, *The Boy, The Bird and The Musical Instrument* foi premiado em 1972 no Festival do Filme de Veneza e *Mr. Monster Misunderstood*, no Festival Internacional do Filme para Crianças e Jovens, no Teerã, em 1970.

Menções Honrosas

- HELGA AICHINGER — Áustria
- NICOLE CLAVELOUX — França
- CHARLES KEEPING — Inglaterra

JÚRI DO PRÊMIO HANS CHRISTIAN ANDERSEN DE 1974

Agnya Bartho	Rússia	Ruth Villela Alves de Souza	Brasil
Lucia Binder	Áustria	Hans Sonn	Alemanha Ocidental
Raoul Dubois	França	Niilo Visapää	Finlândia
Margery Fischer	Inglaterra		
Branka Furlan	Iugoslávia	Presidente do Júri:	
Alexandra Plakotari	Grécia	Virgínia Haviland	Estados Unidos

DISCURSO PROFERIDO PELA PRESIDENTE DO JÚRI DO PRÊMIO HANS CHRISTIAN ANDERSEN

VIRGINIA HAVILAND

Para aqueles dentre nós que viajaram enormes distâncias até o Rio – vindos da Europa, do Oriente Médio e da América do Norte – o tempo e a distância, consumidos indicam o elevado conceito que temos em relação aos Prêmios Hans Christian Andersen. Esta é a 10.^a vez em que este prêmio é conferido (posso informar que tive o privilégio de estar presente em 8 das 9 ocasiões anteriores, testemunhando o profundo significado e a satisfação que o prêmio tem proporcionado).

Muitos dos que se encontram aqui realizaram a viagem mais longa de suas vidas, com o propósito especial de presenciar o acontecimento desta noite. Mesmo os contemplados com o prêmio devem ter percorrido talvez um terço da volta ao mundo para recebê-lo.

Embora os fatores numéricos nada tenham a ver com a real importância de estar aqui presente, não podemos deixar de considerar o significado desse aspecto geográfico – bem como a fé e determinação que nos levaram a empreender a viagem. Agradecemos aos que nos convidaram, pois, como todos nós, acreditam na importância deste momento.

O Júri do Prêmio Hans Christian Andersen, quando se reuniu em maio deste ano, tomou conhecimento da ampliação dos quadros de sócios das seções nacionais do IBBY, pelo aumento do número de candidatos ao prêmio e dos títulos para a lista de honra.

Ficou também constatado nível mais elevado na qualidade dos trabalhos inscritos este ano. Estabeleceram-se os critérios para nortear os jurados em seu trabalho: eles levaram em consideração alto padrão artístico do texto, da ilustração, originalidade, relativa indefinição quanto à época, universalidade, sem perder de vista o sentido humanístico, considerados importantes os ideais socialmente justos (mas sem moralização de cunho didático). Achavam os jurados que os autores deveriam expressar suas idéias, sem, no entanto, tentar influenciar as crianças através de mensagens formais. O sucesso nacional e internacional seria também considerado pelos jurados. Reconhecemos, entretanto, o problema da tradução, onde alguns identificam uma tendência à simplificação, enquanto outros julgam excessivo o valor atribuído ao conteúdo, em detrimento da qualidade literária. Mas, na verdade, o escritor realmente excepcional jamais sai prejudicado com a tradução.

*Os trabalhos inscritos este ano para o prêmio de literatura apareceram em prosa e em verso. Prefiro examinar esse fato em conjunto, por haver surgido a sugestão de se reservar uma segunda medalha para poesia. Cumpro inicialmente reconhecer, creio eu, que a poesia, tal como a prosa, tem possibilidade para disputar o Prêmio Andersen, como acontece no Prêmio Nobel de literatura (todos já devem ter ouvido citar o Prêmio Andersen como o “Pequeno Nobel”). Percorrendo a lista de contemplados com o Prêmio Nobel, encontramos pelo menos 23 poetas, que aparecem desde 1901 entre os premiados em literatura, havendo um de recente inclusão. Alguns deles escreveram novelas e dramas, além de poesias, Kipling entre eles. Dois poetas sul-americanos ganharam o prêmio: Pablo Neruda, em 1971, e Gabriela Mistral, em 1945. Nós, que nos Estados Unidos trabalhamos com a literatura infantil, estamos conhecendo nova faceta de Gabriela Mistral, habilmente traduzida para o inglês por sua amiga Doris Dana. Essa contribuição vem possibilitar a nossas crianças edições bilingües das fábulas em verso daquela poetisa, publicadas em vistosos livros ilustrados pelo artista uruguaio Antônio Frasconi. Ano passado apareceu *The Crickets and Frogs* (Grillos y ranos) e este ano *The Elephant and His Secret* (El Elefante y su Secreto) (Atheneum/Margaret K. McElderry Books). Se Gabriela ainda fosse viva e o Chile tivesse de apresentar candidato ao Prêmio Andersen, ela naturalmente seria concorrente, como poetisa, e havendo sido tão bem traduzida, o significado de seu trabalho seria facilmente reconhecido.*

Voltemos, porém, à analogia entre ficção e poesia. É fácil perceber como freqüentemente se misturam, nos livros infantis, poesia, imaginação e absurdo, que tanto aparecem na ficção em prosa como nos versos formais. Temos, por exemplo, a famosa trilogia da Sra. Gripe, sobre Hugo e Josefina. Como acontece nos seus contos de fadas, ela revela sua capacidade poética no retrato do menino Hugo, cuja paixão pelos insetos e demais bichos obriga-o a considerar a escola como ocupação para horas vagas, possivelmente um empecilho a seu interesse mais vital de observar a natureza. Quando nos referimos a crianças e imaginação, atingimos a própria essência da poesia. Nelas encontramos lampejos de vibrante intensidade, a convicção irrestrita que caracteriza a verdadeira poesia. Dizemos que as crianças pequenas são poetisas – até as menorezinhas, algumas vezes – podem conservar-se poéticas em suas expressões, a menos que sejam forçadas a conformar-se com a rigidez das rimas e da métrica. No dia a dia da existência, dão respostas poéticas, como Hugo.

82

*Dois poetas já receberam o Prêmio Andersen. Primeiro, Eleanor Farjeon, mais apreciada por suas poesias que pelas histórias infantis. Quem conhece sua coleção de histórias *The Little Bookroom*, com a qual obteve o prêmio em 1956, sabe que tudo quanto ela imagina – quer apareça em prosa ou em verso – é sempre saturado com a rica fantasia e irônica linguagem de sua poesia instintiva. De natureza transbordante, revela-se verdadeira poetisa, dentro de um cativante lirismo, tanto nos contos para crianças como nas histórias mais imaginativas.*

James Krüss, cuja produção literária em prosa e verso ficou reconhecida com o prêmio que lhe foi conferido, é outro que não pode ter os trabalhos compartimentados. Sua poesia apareceu nos poemas e nas histórias que escreve.

*Tove Jansson, também da escandinávia como Maria Gripe, escreveu, originalmente em sueco, a deliciosa série de contos *Moomin* com os personagens *Moomin*. Embora escritos em prosa, todo leitor sente a pura poesia existente no mundo fantástico da *Moominlândia*, por ela criado, onde tudo decorre da natureza poética da autora.*

Antes de entregar o prêmio deste ano para autores, quero apresentar os contemplados com “Menção Honrosa”, em ordem alfabética:

CECIL BØDKER, dinamarquesa

O júri descreveu as obras da Sra. Bødker como sugestivas e modernas, prendendo logo de início a atenção do leitor. Sem recorrer a sentimentalismo, analisa a autora, com grande perspicácia, os problemas da juventude atual.

COLETTE VIVIER, francesa

À Sra. Vivier se atribui popularidade universal; revela tendência para o realismo e, principalmente nos trabalhos iniciais, habilidade para divertir seus leitores.

ROSEMARY SUTCLIFF, inglesa

Embora um dos jurados observasse encontrar atualmente a autora pouca divulgação de suas obras de ficção histórica, muitos elogiaram sua popularidade nos países de língua inglesa, graças aos temas de seus trabalhos que, bastante expressivos, ajudam os jovens a entender a literatura adulta. A autora consegue trazer do passado o que se relaciona ao presente.

E chegamos agora ao vencedor da medalha para autor, em 1974:

Estamos premiando este ano uma autora cujas numerosas histórias – realistas ou fantásticas – expressam a criatividade imaginativa da poetisa nata, predicado que a aproxima de Andersen. Nos trabalhos da Sra. Gripe, o júri assinalou muitas qualidades relevantes: conhecimento das crianças, compreensão vívida, afetuosa e original de sua psicologia, sem utilizar o sentimentalismo ou os clichês. Conseguindo “a combinação poética do elemento adulto com o espírito da infância”, seu talento criativo e fantasioso se evidencia de forma especial em *The Glassblower's Children*. Com habilidade artística projeta a autora em ambiente realístico o simbolismo da história contada, quando aborda problemas atuais.

MARIA GRIPE nasceu na Suécia, perto de Estocolmo, onde fez o curso universitário. Reside atualmente em Nyköping, com os filhos e o marido (que a acompanha ao Rio). Seus contos infantis começaram a ser publicados dez anos e meio após completar o curso universitário, obtendo imediato sucesso, com tradução rápida para 13 idiomas. A trilogia *Josefina* (1961), *Hugo e Josefina* (1962) e *Hugo* (1966) – com grande êxito transformada em filme – conquistou para ela dois importantes prêmios: o Nils Holgersson e o “Heffalmup”, este concedido por um jornal. Sua versatilidade se revela por seu talento em tratar os adolescentes em *Pappa Pellerin's Daughter* (1963) (livro premiado na América) em abordar problemas de solidão e comunicação no mundo infantil no livro *The Night Daddy* (1968) e o simbolismo no ambiente fantasioso de *The Glassblower's Children* (1963) (também premiado na América).

O burlesco aparece em *The Aunt*, quando relata a amizade entre uma senhora de idade madura e um menino de 10 anos. Em 1972 Maria Gripe recebeu “Menção Honrosa” quando da atribuição do Prêmio Hans Christian Andersen de Literatura.

Senhora Gripe, eis aqui sua Medalha Hans Christian Andersen.

Trataremos agora dos outros homenageados de hoje – os ilustradores.

Também nessa parte da seleção foram estabelecidos critérios pelos jurados. Além do mérito artístico, originalidade e adequação dos desenhos às crianças, importava que existisse a necessária inter-relação entre texto e gravuras, suplementando o sentido da história e enriquecendo a atmosfera ambiente. Desejável, além disso, existir equilíbrio perfeito entre os elementos nacionais e internacionais.

Antecedendo à entrega da medalha ao ilustrador, quero apresentar os artistas contemplados com “Menção Honrosa”:

CHARLES KEEPING, do Reino Unido da Grã-Bretanha

Considerado ilustrador dotado de estilo poderoso e impressionante, utiliza as cores de maneira simbólica, através de expressiva e variada técnica, combinando tristeza e alegria e evocando na criança experiências emotivas. Grande tem sido sua contribuição para o desenvolvimento atual do livro ilustrado na Inglaterra.

HELGA AICHINGER, da Áustria

Artista apreciada pela delicadeza do traço e harmonia de cores. O júri considerou-a “poetisa realista, capaz de ajustar a ilustração ao texto”.

NICOLE CLAVELOUX, da França

Nicole é reconhecida por sua rica e divertida imaginação, aliada ao modernismo gráfico – que chega ao surrealismo – visando agradar às crianças.

Apresento-lhes agora nosso vencedor.

Bem-vindo ao Círculo Hans Christian Andersen, FARSHID MESGHALI! Aparecendo pela primeira vez em nossa lista, chega do Irã e é um dos que mais viajaram para comparecer ao Congresso. Embora calouro em nosso meio, já é bem conhecido nos círculos da arte gráfica especializada em livros infantis de Bolonha e Bratislava. Muito nos alegra poder incluir o Oriente Médio em nosso mundo internacional do livro infantil.

Farshid Mesghali nasceu na fabulosa Isfahan, graduando-se em sua universidade, onde também frequentou a Escola de Belas Artes. Começou a trabalhar como ilustrador na revista literária *Negin*, da qual mais tarde passou a ser o diretor de arte. Tem sido o responsável pela seção gráfica de muitos outros periódicos, inclusive *Talash*. Começou a ilustrar livros no Programa Internacional Franklin Books, trabalhando também na ilustração de livros infantis publicados pelo Instituto para Desenvolvimento Intelectual de Crianças e Jovens de Teerã. Simultaneamente desenvolveu uma versão decorativa do alfabeto persa, criando posters dentre os quais, em 1969, um foi considerado entre os melhores do ano pela revista inglesa *Modern Publicity*.

Em 1968 o Conselho do Livro Infantil do Irã distinguiu seu trabalho KING JAMSHID com a citação de "livro mais bonito do ano". Com THE LITTLE BLACK FISH ganhou em 1969 o Prêmio Gráfico de melhor livro infantil na Feira do Livro em Bolonha.

Escolhendo o Sr. Mesghali, os jurados reconheceram em seu trabalho um conjunto de qualidades, onde se destaca a fusão habilidosa das tradições folclóricas nacionais com a gráfica moderna, combinando os elementos orientais com a sua própria interpretação original.

Por isso, FARSHID MESGHALI, lhe concedemos a Medalha Hans Christian Andersen de 1974, para ilustradores.

Para terminar esta reunião, desejamos citar os nomes dos autores e ilustradores escolhidos pelas seções nacionais para representar seus países na lista de honra, por trabalhos realizados recentemente:

Lista de Honra

PAÍSES	LIVROS	PAÍSES	LIVROS
Alemanha Ocidental	Hexen in der Stadt autor – Ingeborg Engelhardt Del Wal im Wasserturm ilustrador – Rüdiger Stoye	Grécia	Psila sti stani tis Garoufalias autor – Pipina Tsimikali Ta dodek fengaria ilustrador – Anna Mendrinou – Ivannidou
Alemanha Oriental	Shakespeare – Marchem für junge Leser neu Erzählt autor – Franz Fuhmann, ed. Wunderbare Reisen des Freiherrn von Münchhausen ilustrador – Eberhard Binder	Holanda	Ciorlogswinter autor – Jan Terlouw Rympjes en versjes uit de oude doos ilustrador – Bert Bouman
Austrália	Josh autor – Ivan Southall Joseph and Lulu The Prindville House ilustrador – Ted Greenwood	Inglaterra	What the Neighbours Did autor – Philippa Pearce Titch ilustrador – Pat Hutchins
Áustria	Ida und Ob autor – Barbara Frischmuth	Irã	Haghighat va Marde Dana autor – Bahram Beizai Zaal va Simorgh ilustrador – Nouredin Zarrinkelk
Brasil	Entrou por uma Porta e Saiu pela Outra autor – Maria Mazzetti Os Colegas ilustrador – Gian Calvi	Japão	Kachikachi-yama no sugu sobade autor – Keisuke Tsutsui Oshaberi na Tamagovaki ilustrador – Shinta Cho
Bulgária	Prikasen Svist autor – Angel Karalijchev Kose Bose ilustrador – Ivan Kirkov	Polônia	Koniec Wakacji autor – Janusz Domagalik
Dinamarca	Otto er et Naeschorn autor – Ole Lund Kirkegaard Det Tossed Land ilustrador – Arne Ungermann	Portugal	O Veado Florido autor – Antonio Torrado O Príncipe que guardava Ovelhas ilustrador – Jorge Pinheiro
Espanha	Balada de um Castellano autor – Maria Isabel Molina Maestros de la Fantasia ilustrador – Miguel Angel Pacheco	Suécia	Bojken fran Hammarfjäll autor – Olga Wikström Professorn och de blå Stovlarna ilustrador – Kjell Ivan Andersson
Estados Unidos	The Headless Cupid autor – Zilpha Keatley Snyder The Funny Little Woman ilustrador – Blair Lent	Suíça	Mose autor – Max Bolliger Stadtmaus und Landmaus ilustrador – Ruth Hurlimann
Finlândia	King Tulle autor – Irmelin Sandman Lilius Torvi joka ei Lakannut Soimasta ilustrador – Matti Louhi	Tchecoslováquia	Rumcajs autor tcheco – Vaclav Ctrtek Rozprávky z lesa autor eslovaco – Rudo Moric
França	Prune autor – Luce Fillol Un hiver dans la vie de Gros Ours ilustrador – Danièle Bour	URSS – Estônia	A Naughty Creature autor – Eno Raud
		Moldávia	Grandpa's Minister autor – Spiridon Vangely
		Ucrânia	A Periwinkle and the Spring autor – Bogdan Chaly

Receber o principal prêmio no campo da literatura infantil constitui certamente, para mim, grande honra e significa um extraordinário incentivo e encorajamento para meu trabalho futuro. Porém, e isso é importante, eu sinto muito profundamente que recebo esta medalha acima de tudo como representante da literatura infantil mundial, e não como uma pessoa apenas, pois sei, perfeitamente, que muitos outros companheiros de profissão escrevem tão bem ou melhor do que eu. Portanto minha presença aqui, agora, não significa que eu acredite que seja superior de alguma forma. Na verdade ninguém o é. Considero-me apenas uma felizardada, pois na minha maneira de ver, ganhar prêmios é principalmente uma questão de sorte.

Entretanto, estou certa de que vocês também pensam assim, um prêmio é sempre uma lembrança, é o momento solene de recordar responsabilidades e obrigações. Em outras palavras, ser agraciada com louvores é muito estimulante na formação do caráter. Além disso, no meu caso, este sentimento está mesclado de um certo temor já que esta medalha traz o nome e o retrato de Hans Christian Andersen, com quem convivi, durante toda minha vida, de maneira especial.

Para dizer a verdade, eu praticamente cresci com ele, e nem consigo me lembrar quando ele entrou pela primeira vez na minha vida, com suas aventuras; na verdade não houve fase da minha vida em que H. C., como o chamávamos, não estivesse presente. E isso aconteceu por causa de meu pai – na sua opinião H. C. Andersen era, em todo o mundo, a única pessoa com merecimento bastante para ser chamado de autor.

Os outros eram apenas “escritores” e havia nisso uma diferença colossal.

Qualquer um podia ser escritor, – mas jamais um autor. Havia uns poucos escolhidos, e H. C. destacava-se nitidamente entre estes. Em nossa casa meu pai sempre sublinhou esse fato e, como nenhum de nós pretendia ser escritor, aceitávamos isso com naturalidade.

Na verdade eu mesma escrevia alguma coisa de quando em vez mas jamais sonhei mostrar a alguém. Eu costumava escrever meus pensamentos sobre o homem, a vida e a natureza naqueles cadernos azuis que todo mundo comprava bem barato com o porteiro da escola.

Esses cadernos eram adequados por vários motivos: não atraíam a atenção e quando se queria escondê-los, bastava enfiá-los no meio dos livros escolares.

Além disso era fácil rasgá-los em pedaços, e isto era bom pois quando um caderno estava cheio de rabiscos meus eu costumava ler o que havia escrito. Ficava envergonhada e aflita, mas acabava mesmo enraivecida, rasgando o caderno, despedaçando-o e jogando-o na cesta de papel. Porisso, não compreendo por onde andava minha cabeça quando certo dia esqueci, por descuido absolutamente imperdoável, um desses cadernos sobre a mesa quando tive de sair às pressas. A primeira coisa que vi ao regressar à casa foi meu pai, de pé em frente ao espelho na entrada da sala, com a lâmpada do teto batendo em cheio sobre o caderno que ele segurava aberto nas mãos. Meu coração quase parou, mas não ousei falar; fiquei quieta, petrificada. As páginas escritas não eram muitas, tratando quase sempre de pássaros, lembro-me vagamente. Meu pai virava as páginas e lia . . . lia sem parar . . . Permaneci ali de pé, um pouco afastada – “presa de uma confusão total”, expressão usada nos romances da época; sentia-me perplexa, entre a esperança e o receio, enquanto silenciosamente aguardava o veredito. Afinal meu pai levantou os olhos do texto, ele tinha mais de um metro e noventa de altura quando descalço e eu era bem menor. Meu pai encontrou meus olhos através do espelho. Seus olhos grandes, de um azul-escuro, fixaram-se em mim, enquanto gravemente balançava a cabeça, meio penalizado. Eu recuei, e fiquei menor ainda do que era.

A princípio meu pai nada disse apenas balançava a cabeça, mas, em seguida comentou:

– Que coisa horrível, querida! e fechou o caderno.

Em seguida, de maneira concisa, porém bastante amistosa, explicou-me que ninguém começa a escrever sem ter um bom assunto; no meu caso evidentemente ainda precisava esperar um pouco até atingir esse estágio. Enquanto isso não acontecesse, era melhor dedicar meu tempo a ocupações mais proveitosas como exercitar-me na minha língua materna, o sueco, conseguindo assim pelo menos expressar-me de forma inteligível, caso encontrasse no futuro algo digno de ser escrito. (Na sua fisionomia eu percebi o quanto ele duvidava disso tudo.) E concluiu:

– H. C. Andersen sempre tinha assunto para escrever, acredite-me!

E não há como negar nesse ponto ele tinha razão.

Ao tomar conhecimento, na primavera passada, que me haviam distinguido com a medalha H. C. Andersen, meu primeiro pensamento foi: “Que lástima papai não estar vivo para saber disso! Imaginem o quanto se orgulharia!”

E lá no fundo do coração permaneceu a esperança de que talvez ele chegasse a ter a notícia de que sua filha conquistou um prêmio denominado H. C. Andersen.

Decorrido algum tempo, porém comecei a duvidar. Será que papai sentiria realmente orgulho e alegria como eu imaginava? Não . . . seria melhor mesmo que ele nunca fosse informado disso . . .

E se o informaram – é bem possível que já tenha sabido, e esteja muito preocupado lá no céu onde vive. Talvez ande exatamente agora, à procura de H. C. Andersen para pedir desculpas por essa absurda pretensão de minha parte em vir até aqui para receber esta medalha contendo o nome por ele reverenciado e ainda por cima levantar-me e desandar a dizer tolices. Que atrevimento! Que vergonha! – Ele nunca teria acreditado!

Paizinho, me perdoa . . . Não pude evitar . . . Aliás, obedeci a seu conselho, de esperar até encontrar algo de interessante para escrever. Realmente, atendi a meu pai, mesmo que o tenha feito à minha moda. Raciocinei e minhas conclusões foram:

- 1) Para conseguir o domínio da língua sueca tenho de exercitar-me,
- 2) Só posso exercitar-me escrevendo,
- 3) E a única maneira há de ser escrevendo sempre no meu idioma.

Pensei que esse raciocínio tinha lógica indiscutível. Mas cada vez fui escrevendo menos, não sei porque! Não terá sido por julgar que sabia tudo, porque ninguém chega a saber tudo nunca, e disto, me convenci bem cedo. Particularmente quando são as palavras que estão em jogo. Ainda mais nesta época em que a cada dia aparecem novos recursos mais ou menos mecânicos para estimular a comunicação. E não parece absurdo afirmar que quanto mais cresce o interesse pela comunicação menos temos a dizer uns aos outros?

As máquinas já alcançaram até maior habilidade do que nós em comunicação, entre elas próprias e conosco. As pessoas consideram mais fácil programar computadores do que conversar umas com as outras. Confiamos mais nas máquinas que em nossos semelhantes, ainda não aprendemos a nos programar uns aos outros, mas estamos fazendo o possível para isso.

Se quisermos evitar que a tecnologia nos devore, devemos fazer todo o possível para que as palavras continuem vivas entre os seres humanos.

Isto é vital, exigindo o devotamento de toda uma existência para fazer a linguagem cumprir sua função. Ainda estou longe de ter realizado isso. Assim, não foi por nada mais ter a aprender, que naquela ocasião parei de escrever.

Na verdade fui me convencendo cada vez mais de que infelizmente não tinha grande coisa a dizer aos outros. Precisava esperar, como recomendara papai. Já disse e repito que não pretendia ser escritora, por isso devotei minha atenção a outras tarefas.

Mas após o nascimento de minha filha voltei ao interesse antigo. Lembro a minha expectativa pelo importante dia em que começaríamos a ler e contar histórias para ela. Fui me preparando, achando que afinal já tinha para quem escrever. Isto já era alguma coisa, mas infelizmente verifiquei não ser suficiente.

Papai ainda tinha razão: ter para quem escrever não significa necessariamente que exista o que escrever. Entretanto, eu continuei, e vejo agora que apesar de tudo estava caminhando. E o tempo foi passando, minha filha já estava crescendo quando finalmente me veio a idéia de que valeria a pena escrever.

Bem, vocês devem estar pensando que ave rara e fugitiva será essa. Num momento como o presente, talvez fosse indicado transmitir alguma mensagem. Mas o motivo de minha hesitação era tão simples que não entendo porque demorei tanto a descobri-lo.

Compreendi de repente que todas as crianças, todas as pessoas no mundo são únicas. Para meu extremo contentamento, concluí que não existe a chamada gente "comum". Há entretanto opiniões contrárias como as que afirmam que o ser humano é por natureza gregário, atuando melhor de maneira coletiva não como indivíduo. Desde que, para funcionar, o grupo precisa ser constituído de indivíduos, não vejo como uma opinião possa eliminar a outra.

Esta contradição é uma ilusão e pode ser perigosa, se for tomada como um fato e adotada como princípio.

Dizia eu, então, ter descoberto que não existe gente "comum". Observados de perto somos todos diferentes, possuindo cada um sua própria, completa e única experiência. Isso imediatamente fez-me achar a vida muito mais interessante e divertida. Não existem dias iguais, os mínimos acontecimentos parecem diferentes, vistos por mim ou por vocês; por isso considero extremamente compensador e estimulante para nós, conhecermos as experiências uns dos outros, mesmo as que parecem insignificantes. Na verdade nada sabemos quanto à importância das coisas — o que a mim não afeta, pode afetar a vocês e vice-versa. O que importa é compartilhar as experiências, maravilhoso é rir junto ou junto ficar sério. Conviver, reconhecer, identificar-se com os outros, nisso consiste a felicidade, isso é viver; porém, sabendo sempre que você é você e eu sou eu; você tem sua vida eu a minha. Em nosso íntimo talvez fiquemos sós, mas não abandonados, pois podemos nos reunir de vez em quando, enquanto existirmos . . .

Importa muito a nossos filhos encontrar esse companheirismo o mais cedo possível, percebendo como somos necessários uns aos outros; não somente eles dependem de nós como adultos, nós também precisamos deles, como crianças. Eles não são apenas acessórios em nossas vidas. Mas é para o próprio bem deles e como pessoas que nós precisamos deles. Os livros constituem excelente oportunidade para despertarmos nas crianças esta relação entre dar e receber.

Conheço muitos adultos que afirmam nada lembrar de sua infância nem mantêm qualquer contato com a criança que todos trazem escondida dentro de si. A infância constitui para eles uma Atlântida submersa, um mundo perdido. Não foi só esquecimento de fatos passados, mas da própria essência de tudo que pertenceu a ela: sua atmosfera, aromas, paladar, tudo . . .

Para muitos adultos a infância foi um sonho breve. De vez em quando retorna à lembrança sob a forma de fragmentos dispersos que não fazem sentido ao se sentirem acordados e de novo adultos. Outros relembram a infância como uma inconveniência, como uma fase rudimentar, irritante que graças a Deus, foi deixada para trás — substituída pela fase adulta da maturidade, da racionalidade e da sabedoria que felizmente agora atingiram.

Há quem julgue não ter sido feliz quando criança, convindo pois esquecer essa época, prosseguir em frente, evitando as extravagâncias nostálgicas. É o certo; aliás não insisto nos aspectos sentimentais da infância.

Feliz ou infeliz, — é a infância realmente o nosso verdadeiro ponto de encontro, única situação na existência onde ainda podemos alcançar e compreender uns aos outros. A única coisa que mais ou menos possuímos em comum nesta vida; o jardim onde brincar, antes dos caminhos que separam; o estágio, antes que nos jardins tornemos instrumentos ou vítimas uns dos outros no caleidoscópio sem fim apresentado pela engrenagem social.

86

Tragicamente sempre houve e haverá no mundo gente a quem não é permitida a verdadeira infância, porque precisa ter sempre diante de si, como objetivo único, o esforço pela sobrevivência. Mas nós que pertencemos à parte privilegiada da humanidade, não nos é certamente permitido esquecer a época em que fomos crianças. Onde iríamos nos encontrar então?

Se rejeitamos nossa própria infância, de que modo podemos encontrar nossos filhos? No meio do caminho?

Para dizer a verdade, não posso garantir que tive uma infância completamente feliz, mas ao mesmo tempo não fui particularmente infeliz, as coisas foram para mim mais ou menos como são para a maioria das crianças.

Essa época, serviu-me, de incubadora da força que até hoje felizmente me sustenta. Se dela me desligasse, eu teria a impressão de estar negando a existência do mundo interior. Creio, aliás, que as realidades existentes em nosso íntimo dependem diretamente do grau em que mantemos essa ligação entre os diversos estágios da existência. Quando ela se perde, acredito que perdemos o domínio da vida, flutuando em torno do nada.

Talvez soe como um paradoxo, mas aqueles que perdem sua genuína dimensão de criança tornam-se pueris – o que não é o mesmo que ser criança.

Para mim a dimensão da criança dentro de nós é a parte que cresce, vive e procura, a que está constantemente em desenvolvimento e transformação, a parte que capta as novas realidades.

Enquanto os elementos pueris estacionam, secam, encolhem e tornam-se rígidos como pedra, a genuína infantilidade encontra fácil abrigo na imaginação; acredita firmemente que a vida imaginativa existe e constitui aspecto tão importante quanto a realidade, sem a qual não vivemos verdadeiramente como seres humanos.

Por outro lado, os que permanecem pueris evitam a fantasia, fugindo dela como da peste, pois a consideram "evasão à realidade", quando o contrário é que corresponde à verdade: uma maneira de viver e deter uma visão positiva da vida. Sem uma imaginação criadora ninguém chega a ser um adulto completo. O grande perigo de hoje é justamente a puerilidade.

A ânsia do poder é pueril. O egoísmo é pueril. A histeria sexual é pueril. Essa "juventude transviada" é uma deformação da infância, sob o ponto de vista emocional; ela não aprendeu a brincar seriamente como uma criança brinca, talvez porque seus brinquedos lhes fossem tirados das mãos quando eram pequenos. Por isso perderam sua humanidade.

Muito seria preciso falar sobre isso, mas penso que devo deter-me em algum lugar.

Termino confessando minha alegria neste encontro. Apesar de tudo, meu pai que pense lá como quiser, e Andersen também. Estou feliz, assim mesmo. Falando francamente, nunca pensei que teria coragem de empreender esta viagem tão longa. Parecia-me tarefa além de minhas forças. Quando estava sentada em minha casa, na Suécia, lá no meio da floresta, à luz da lâmpada de parafina, olhando o céu sueco, cheio de confiantes e límpidas estrelas, a idéia de viajar até o lado oposto do mundo parecia extremamente perigosa e fora de qualquer cogitação. Por falar nisso, sabem que Andersen pensava a mesma coisa? Certamente ele teria entendido minha hesitação. Ao preparar-se para sua primeira viagem fora do país, no ano de 1835, quando contava apenas 30 anos de idade, firmemente convencido de que não retornaria vivo daquele mundo desconhecido, por providência preparou minuciosa autobiografia, a "história de sua vida", rememorando cuidadosamente sua infância e adolescência, a fim de que a posteridade tomasse conhecimento de sua infância singular.

Ele sabia o que estava fazendo: reconhecia na infância a fase da vida que devemos proteger e preservar acima de tudo. Depois disso pode-se sair pelo mundo.

Eu, porém nem tive tempo de escrever a história de minha vida. E como o mundo tornou-se bem mais perigoso do que no tempo de Andersen! Vocês bem podem avaliar o meu receio.

Neste momento, porém, estou felicíssima por me encontrar aqui e prometo, em gratidão para com vocês pelo que me proporcionaram, tentar, nos meus livros, preservar o máximo do mundo da criança para os nossos descendentes.

Olharei sempre esta medalha de H. C. Andersen como tributo à nossa infância comum.

Pessoalmente desejo que ela sirva de lembrete para a grande responsabilidade existente no fato de que, cada vez que nasce uma criança surge nova oportunidade para todos nós, um novo mundo, um novo objetivo e uma nova idade . . .

E ainda tentam insinuar que não há esperança para a humanidade.

Claro que há e muita!

FARSHID MESGHALI

Senhoras e Senhores,

Venho de um país chamado Irã, situado longe daqui, no Oriente Médio. A palavra "Irã" revela muitas imagens da terra das "Mil e Uma Noites", os imensos desertos e as incontáveis torres de petróleo, imagens e facetas contraditórias, bem diversas dos fatos cotidianos vividos pela gente que o habita.

O povo de minha terra, como todos os demais povos, adquiriu desde longo tempo o hábito de contar histórias às crianças. Durante anos a fio, nossos avós costumavam nos contar histórias.

Nossa familiaridade com essas histórias e com a ilusão que elas transmitem foi criada apenas através dos membros mais velhos da família.

Hoje estamos vivendo uma situação diferente, em posição estranha, pois essa forma de comunicação terminou. O hábito tradicional de contar histórias e escutá-las está desaparecendo nos países industriais e também naqueles em vias de desenvolvimento.

As grandes organizações e empresas editoras estão substituindo os avós como contadores de histórias. Elas procuram familiarizar a infância com a realidade e a fantasia e não é minha intenção criticá-las, tratando-se de assunto que merece estudo em separado. Em nosso país só nos anos mais recentes foi enfatizada essa tendência. Pessoas como eu assumiram essa responsabilidade, em substituição a pais e mães. Alguns escrevem as histórias, enquanto outros as ilustram e nisso é que realmente consiste a mudança. Pois a situação é para nós inteiramente nova. Cada história é submetida a numerosas filtragens, por elementos humanos ou tecnológicos, resultando em limitação ou enriquecimento da inteligência infantil. Os instrumentos, as técnicas e os meios de comunicação constituem para nós problema novo, merecendo discussão e experimentação. Como utilizaremos esses novos mecanismos para a comunicação humana é um problema ainda não resolvido entre nós, e segundo creio, pode-se perceber isso facilmente, em todos os aspectos de nossas vidas, em nossos trabalhos, nos livros e ilustrações produzidas.

Eu sou um dos muitos profissionais dessa fase de transição. Entrei para este campo por verdadeiro acaso, sem a mínima experiência. Passados alguns meses, tornei-me muito interessado no assunto e procurei me familiarizar com o mundo infantil.

Uma das razões que atraíram pessoas como eu para esse trabalho foi a grande importância a ele atribuída. Através do Instituto para Desenvolvimento Intelectual da Infância e Juventude, participamos em diversos festivais e exposições internacionais onde merecemos muitos elogios e homenagens. Começou aí a série de grandes mudanças nesse campo.

O prêmio que acabam de me atribuir, a Medalha H. C. Andersen, assume para mim conceito novo, inteiramente diferente do europeu ou americano, envolvendo dois diferentes aspectos e níveis: um, pessoal e íntimo, o outro social, relacionado ao meio em que vivo. Ambos, porém, orientados para o mesmo objetivo, que diz respeito à importância da criança e de tudo quanto se proporcione para o seu desenvolvimento intelectual.

O Prêmio H. C. Andersen veio dar-me certeza e segurança, não quanto à técnica e forma de minhas ilustrações, mas quanto ao caminho que escolhi.

No Irã, meu trabalho não é considerado profissão, uma vez que falta continuidade nas encomendas, tanto para ilustradores como para autores. Prêmios desse gênero, despertam a atenção da sociedade em que vivo. Nos países europeus e nos Estados Unidos existe a recompensa financeira do prêmio, através de encomendas e pedidos, melhorando a situação profissional do contemplado. No Irã é diferente: a importância se traduz pela persistência na especialização adotada. Representa o início de lenta caminhada para o futuro.

Nossos periódicos, uma ou duas vezes por ano, falam do sucesso obtido nos trabalhos em prol da infância e só isso já constitui bom motivo para que nossa atividade mereça aprovação e para que os pais percebam o interesse dedicado a seus filhos.

O prêmio é certamente importante para mim, porque sei que meus esforços valem a pena, embora os resultados ainda possam demorar muitos anos para serem percebidos. E se houver alguma objeção ao nosso movimento, ele pode se enfraquecer ou mesmo desaparecer.

Este prêmio é importante também, para a sociedade em que vivo, porque a faz consciente dos esforços universais em prol da criança, nem sempre com resultados positivos, porém, esforços consideráveis para uma evolução contínua.

Eu gostaria de agradecer aqui, ao Júri, por me haver concedido esta medalha.

RELAÇÃO DE PARTICIPANTES

UNESCO

Heriberto Schiro
Calle 70 n.º 9-52
Bogotá – Colômbia

OEA

Samuel Eduardo Quenza
Centro de Capacitación Docente "El Mácaro"
El Mácaro, Turmero
Estado Aragua – Venezuela

CERLAL

Arcadio Plazas
Calle 70 n.º 9-52
Bogotá – Colômbia

ALEMANHA OCIDENTAL (RFA)

Hans Gartner
D-8261 Polling Schiller-Str. 3
University of Munich

Rosmarie Reuter
Institut de Jugendbuchforschung, University
Frankfurt Falkstr 98

ALEMANHA ORIENTAL (RDA)

Irene Krause
Embaixada da Rep. Dem. Alemã
Brasília, SQS 308, BRE, apt. 307

Richard Müller
Min. da Cultura
10L Berlin, Am Molkenmerbt

ARGENTINA

Elsa Isabel Bornemann
Professorado Nacional de Educación Preescolar y Editorial
Latina
Bolivar 1235 – Av. de Mayo 953 piso 11
Buenos Aires

Fryda Schultz de Mantovani
Edit. SUR, Viamonte 494 (8.º)
Buenos Aires

Ione María Artigas de Sierra
Inst. Nac. Sup. Jard. Inf. "Sara C. de Ecc/Eston"
Echeverría 1901 piso 23
Buenos Aires

Juan Carlos Orgueira
Editorial Latina
Av. de Mayo 953 piso 11
Buenos Aires

María Hortensia Palisa Mujica de Lacau
Comité de Asesoramiento y Promoción para la
Literatura Infantil y Juvenil (CAPLI)
Belgrano 861
Buenos Aires

María del Carmem Villaverde de Nessier
Subsecretaria de Cultura de la Provincia/Sección Argentina IBBY
1.º de Mayo 1198
Santa Fé

María Irene Riveros S.
Prof. Literatura Infantil
Instituto Superior de Formación Docente de Lujan
Ayacucho 1162 4.º A
Buenos Aires

Martha Salotti
Sección Argentina IBBY
Yerbal 51
Buenos Aires

Monica Tiffewberg
Larrea, 785 – 2.º B
Buenos Aires

Suzana Itzcovich
Prof. Ministério Educação – Periodista
Avenida Libertador 734, 5.º B
Buenos Aires

BOLÍVIA

José Manuel Rojas Rodrigo
Comité Boliviano de Literatura Infantil
Universidad Boliviana Tomás Frías
Casilla 36 – Potosí – Bolívia

Ramón Camargo Chumacero
Comité Boliviano de Literatura Infantil
Universidad Boliviana Tomás Frías
Casilla 36 – Potosí – Bolívia

BRASIL

Abenir Sampaio
SESF/IASEG/INPS
Estrada dos Três Rios, 388
Jacarepaguá – Rio de Janeiro

Ací Nígri do Carmo
Brasília Editora S/A
Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo
Av. Princesa Isabel, 6 s/1811
Vitória/ES

Adalgisa da Silva Moraes
Biblioteca Regional de Irajá
Av. Monsenhor Félix, 420-B
Irajá – Rio de Janeiro

Adriana Jacobsberg
Editora Edgard Blücher Ltda.
rua Peixoto Gomide, 1400
São Paulo/SP

Agir Editora
rua dos Inválidos, 198
Centro – Rio de Janeiro

Alaide Lisboa de Oliveira
Faculdade de Educação de UFMG
Av. Carandá, 174
Belo Horizonte/MG

Aldeziene de Oliveira Cerqueira
Serviços de Bibliotecas
Av. Presidente Vargas, 1261
Centro — Rio de Janeiro

Álvaro Sobral Barcelos
Universidade Federal Fluminense
Instituto Arte e Comunicação Social
rua Domingues de Sá, 296 — Icaraí
Niterói — Rio de Janeiro

Ana Elisa Lisboa Gregori
rua General Mariante, 392
Laranjeiras — Rio de Janeiro

Ana Lucia de Ulhoa Cavalcanti
Serviços de Bibliotecas
Av. Presidente Vargas, 1261
Centro — Rio de Janeiro

Ana Maria Amaral
São Paulo Graded School
rua Fernão Dias, 73
São Paulo/SP

Ana Maria Vicenzio
Escola 5-1-IV Joaquim Nabuco
rua Barata Ribeiro, 83/701
Copacabana — Rio de Janeiro

Ana Marise Lima Rocha
Faculdade de Biblioteconomia — UFRGS
Av. América, 194/14
Porto Alegre/RS

Anderson Fernandes Dias
Editora Ática S/A
Praça Carlos Gomes, 126/3.º andar
São Paulo/SP

André Pereira de Carvalho
Editora Comunicação/Jornal Estado de Minas
rua Caetés, 920/1101
Belo Horizonte/MG

Angela Maria Araujo Paneiro
Governo Estadual
rua Senador Vergueiro, 272/602
Flamengo — Rio de Janeiro

Angela Maria Nogueira Lopes
Serviços de Bibliotecas
Av. Presidente Vargas, 1261
Centro — Rio de Janeiro

Angela Maria Tavares do Amaral
rua São Clemente, 137/301
Botafogo — Rio de Janeiro

Angela Salles
Associação Universitária Santa Úrsula
rua Conde de Bonfim, 484/601
Tijuca — Rio de Janeiro

Aníbal Francisco Alves Bragança
Aníbal F. A. Bragança/Livros e Serviços
rua Evaristo da Veiga, 19 — Centro
Niterói — Rio de Janeiro

Anice Duaiq Gonçalves
Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo
rua Samuel Sabatini, 50
São Bernardo do Campo — São Paulo

Anna Iwerizans
Técnico de Educação da Guanabara
rua Eurico Cruz, 48/204
Gávea — Rio de Janeiro

Anna Lucia Campanha Baptista
Interlivros de Minas Gerais Ltda.
rua da Bahia, 1148 s/1708
Belo Horizonte/MG

Anna Maria de Oliveira
Bloch Editores S/A
rua do Russel, 804/8.º andar
Flamengo — Rio de Janeiro

Antonieta Dias de Moraes
rua Augusta, 1059/702 B
São Paulo/SP

Antonio Bezerra Palot
Norton Publicidade
rua 19 de Fevereiro, 72
Botafogo — Rio de Janeiro

Antonio Carlos dos Santos Carvalho
Av. Visc. de Albuquerque, 1274/301
Leblon — Rio de Janeiro

Antonio de Faria Lopes
Editora Vega S/A
rua Guajajaras, 178
Belo Horizonte — MG

Aracy Maria Borges Bitencourt
Fac. de Biblioteconomia — UFRGS
Av. Praia de Belas, 1590/503
Porto Alegre — RS

Arnaldo Magalhães de Glácomo
Cia. Melhoramentos de São Paulo
rua Tito, 479
São Paulo — SP

Astrogildes F. Delgado de Carvalho
Organização Mundial de Ensino Pré-Escolar
rua Siqueira Campos, 7/1101
Copacabana — Rio de Janeiro

Atalá Fâdel Sahione
Travessa Visconde de Moraes, 235
Botafogo — Rio de Janeiro

Aurélia Massaretti
Pia Soc. Filhas de São Paulo
Edições Paulinas
rua Domingos de Moraes, 642/Vila Mariana
São Paulo — SP

Augusto Iriarte Gironaz
rua Rocha Miranda, 123
Tijuca — Rio de Janeiro

Bárbara Vasconcelos de Carvalho
rua Marechal Floriano, 37 — Bl. B ap. 1503
Salvador — BA

Beatriz Regina d'Arrigo
Faculdade de Biblioteconomia — UFRGS
Av. Bento Gonçalves, 1577/12
Porto Alegre — RS

Caio Graco da Silva Prado
Editora Brasiliense S.A.
rua Barão de Itapetininga, 93/12.º andar
São Paulo — SP

Camélia Tribuzi Pinheiro Gomes
Exprinter (Guia Freelancer)
rua Itapiru, 1487/302
Itapiru — Rio de Janeiro

Camila Cerqueira Cesar
rua José Maria Lisboa, 1003/22
São Paulo — SP

Carlos Ramires
EXPED
Av. Pedro II, 374
São Cristóvão — Rio de Janeiro

Carlos Ribeiro
Livraria São José
rua São José, 70
Centro — Rio de Janeiro

Carmencita Amaral Borges
rua Soares Cabral, 48/502
Laranjeiras — Rio de Janeiro

Célia Maria Nascimento Farias
Biblioteca Infantil Monteiro Lobato
Av. Manoel Dias da Silva, 9 E/11 – Amaralina
Salvador – Bahia

Cecília Mascarenhas
Biblioteca Infantil Municipal Zalina Rotin
rua Corredeira, 26
São Paulo – SP

Cecília Reggiani Lopes
Editora Grifo
rua Tenente Inácio da Silveira, 83
São Paulo – SP

Celina Dutra da Fonseca Rondon
Divulgação e Pesquisa Soc. Cult. Ltda.
rua Maria Angélica, 37
Jardim Botânico – Rio de Janeiro

Christine Gorian Teixeira
Colégio Chapeuzinho Vermelho
rua Prudente de Moraes, 1365
Ipanema – Rio de Janeiro

Celma Luíza Pacchioni
Programa Escola Biblioteca
rua José de Magalhães, 191 sala 17 Vila Clementina
São Paulo – SP

Coeli Maria Juliano
Fac. de Biblioteconomia – UFRGS
rua Dinarte Ribeiro, 178
Porto Alegre – RS

Conceição Hernandes
S/A Tubos Brasilit
Av. Paulista, 2202/18.º andar
São Paulo – SP

Corina Maria Peixoto Ruiz
Colégio Jacobina,
rua Mata Machado, 49
Maracanã – Rio de Janeiro

Clara Silbersteil de Abreu
Edições Gernasa e Artes Gráficas Ltda.
rua Dois de Dezembro, 33/101
Flamengo – Rio de Janeiro

Clementina Chaikovski
Editora Brasiliense
rua Barão de Itapetininga, 93/12.º andar
São Paulo – SP

Cleonice Diva Guimarães
Biblioteca Infantil Monteiro Lobato
Jardim de Nazaré
Salvador – Bahia

Denise Amaral
Estudante de Biblioteconomia
rua Macedo Sobrinho, 53/103 Bl. B
Botafogo – Rio de Janeiro

Diva Carraro de Andrade
Fac. Filosofia Letras e Ciências Humanas – USP
rua Homem de Melo, 740
São Paulo – SP

Dulce Garcia Louro de Souza
Escola Primária Gastão Monteiro Moutinho
rua Visconde Figueiredo, 22/201
Tijuca – Rio de Janeiro

Dulce Lontra Netto
Biblioteca do MEC
rua Dr. Satamini, 89/501
Tijuca – Rio de Janeiro

Edite Fernandes Carvalho
Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
rua Voluntários da Pátria, 107
Botafogo – Rio de Janeiro

Edith Gouvêa de Souza
Serviços de Bibliotecas
Av. Presidente Vargas, 1261
Centro – Rio de Janeiro

Editora de Orientação Cultural Ltda.
rua Barata Ribeiro, 512/Sobrado
Copacabana – Rio de Janeiro

Edy Maria Dutra da Costa Lima
Abril Cultural – Editora Melhoramentos
rua Madre Teodora, 149
São Paulo – SP

Elber Alencar Duarte
Programação Visual Soc. Civil Ltda.
rua Capitão Salomão, 50
Botafogo – Rio de Janeiro

Eleonora Beatriz de Azevedo Barroso
Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais
rua Voluntários da Pátria, 107
Botafogo – Rio de Janeiro

Eleonora Bret de Menezes
Colégio Brasileiro de Almeida
rua Saddock de Sá, 276
Leblon – Rio de Janeiro

Elga Irene Maria Ratnieks
Fac. de Biblioteconomia – UFRGS
rua Butuí, 673/3 – Cristal
Porto Alegre – RS

Elio Grossman
Colégio Eliezer Steinberg
rua Domingos Ferreira, 10/902
Copacabana – Rio de Janeiro

Elizabeth Bezerra Cavalcanti de Alencar
Escola Americana do Rio de Janeiro
Estrada da Gávea, 132
Gávea – Rio de Janeiro

Elizabeth de Ibarra Passos
Fac. de Biblioteconomia – UFRGS
rua Sarmento Leite, 425
Porto Alegre – RS

Elizabeth Olcese de Souza
Associação Universitária Santa Úrsula
Av. Edson Passos, 852
Tijuca – Rio de Janeiro

Elizabeth Paz de Almeida
rua da Matriz, 48/201
Botafogo – Rio de Janeiro

Elizabeth Pedro Gonçalves
Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu
rua Tenente Agapito de Albuquerque, 122
Nilópolis – Rio de Janeiro

Elvira Barcelos Sobral
Prefeitura Municipal
rua Santo Antonio, 505/72
Porto Alegre – RS

Elza Bebiano
Av. Vieira Souto, 550/5.º andar
Ipanema – Rio de Janeiro

Elza Corrêa Granja
Instituto Psicologia da Universidade de São Paulo
rua Salvador Corrêa, 204
São Paulo – SP

Elza Nascimento Alves
Projeto Literatura Infantil e Juvenil
Estudos e Pesquisas
rua Voluntários da Pátria, 107
Botafogo – Rio de Janeiro

Elza de Oliveira Campinho dos Santos
Serviço de Bibliotecas
Av. Presidente Vargas, 1261
Centro — Rio de Janeiro

Esmênia Teixeira de Resende
Colégio Santo Inácio
rua São Clemente, 226
Botafogo — Rio de Janeiro

Esther Flora Glanzer
rua Cândido Mendes, 383/202
Glória — Rio de Janeiro

Esther Golda Baum Ludmer
GEPEX/CEA
rua Lopes Chaves, 546
São Paulo — SP

Esther Iracema Neugroschel
IBA — Instituto Belas Artes
rua Gustavo Sampaio, 126/1004
Leme — Rio de Janeiro

Esther Peixoto Mello Gonçalves
Av. Dr. Arnaldo, 2194
São Paulo — SP

Eulalie Ligneul
Biblioteca Regional de Copacabana
Av. N.S. de Copacabana, 702 B
Copacabana — Rio de Janeiro

Eva S. Jurkiewicz
Secretaria de Educação Ensino Médio
rua Mal. Mascarenhas de Moraes, 89/702
Copacabana — Rio de Janeiro

Fany Waksman
Piccolo (Fany Waksman & Cia. Ltda.)
rua José Paulino, 345 loja 28
São Paulo — SP

Fanny Abramovich
Centro de Educação e Arte S/C Ltda.
rua Lopes Chaves, 546
São Paulo — SP

Flavíia da Silveira Lobo
rua Pio Dutra, 466, Freguesia
Ilha do Governador — Rio de Janeiro

Flavio Barbosa Mavignier Colin
Denison Propaganda S/A
rua Humaitá, 58 casa IV ap. 101
Botafogo — Rio de Janeiro

Flavita Rabello Cotrim
Escola Americana do Rio de Janeiro
Estrada da Gávea, 132
Gávea — Rio de Janeiro

Francisco Marins
Cia. Melhoramentos de São Paulo
rua Tito, 479
São Paulo — SP

Fulvia Rosemberg
Fundação Carlos Chagas
Rua Mococa, 91 — Sumaré
São Paulo — SP

92

Gabriel Athos Pereira
Livraria José Olympio Editora S/A
rua Marquês de Olinda, 12
Botafogo — Rio de Janeiro

Greta Alvarez Turcato
Ginásio Estadual "Adelina Issa Aschar"
rua Alexandrino da Silveira Bueno s/n
São Paulo — SP

Gládia Menezes Rizzo Soares
Instituto de Educação
Curso de Pedagogia Especial
rua Mariz e Barros
Praça da Bandeira — Rio de Janeiro

Helena Guimarães de Miranda
Secretaria de Educação
rua Prudente de Moraes, 166B/101
Ipanema — Rio de Janeiro

Heinz Friedrich Budweg
Ilustrador
rua Maria Antonieta, 890 Tremembé
São Paulo — SP

Helena Theodoro Lopes
Universidade do Estado da Guanabara
e Serviço de Rádio Difusão Educativa do MEC
Praça da República, 141 A/3.º andar
Centro — Rio de Janeiro

Heliette Covas Pereira
rua General Roca, 845/702
Tijuca — Rio de Janeiro

Heloisa Marinho
Instituto de Educação
rua Mariz e Barros
Praça da Bandeira — Rio de Janeiro

Hely Loureiro Paschoalick
Secretaria de Educação — Departamento de Ensino Básico
rua Rego Freitas, 527 sl. 41
São Paulo — SP

Iaci Valdíria de Sampaio Pires
Biblioteca Regional do Irajá
Av. Monsenhor Felix, 420
Irajá — Rio de Janeiro

Idalina Ladeira Ferreira
IEE Prof. Antonio Firmino de Proença e
Editora Saraiva
Av. São Luis, 214/1003
São Paulo — SP

Idaty Guerra Brandão Onaga
Divisão de Bibliotecas Infante Juvenis do
Departamento Cult. Secretaria de Educação
rua General Jardim, 485
São Paulo — SP

Ignez da Silva Oliveira
rua Andrade Neves, 281/305
Tijuca — Rio de Janeiro

Ilka Rocha Peixoto
rua Aníbal de Mendonça, 78/5.º andar
Ipanema — Rio de Janeiro

Ignez Cabral de Melo
rua Pereira da Silva, 172/104
Laranjeiras — Rio de Janeiro

Inez Nieri
Programa Escola Biblioteca
rua José de Magalhães, 191 sl. 17 Vila Clementina
São Paulo — SP

Ione Moura Bonfim
Supervisora Técnica do Serviço de Bibliotecas
do Serviço Social da Indústria
rua Zurich, 628 — Nova Suíça
Belo Horizonte — MG

Irami Bezerra da Silva
Editora Ática S.A.
Praça Carlos Gomes, 120
São Paulo — SP

Irene de Albuquerque
Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
Av. N. S. de Copacabana, 1058/301
Copacabana — Rio de Janeiro

Irene Marta Petrik
Colégio Farroupilha
rua Carlos Huber, 425 — Três Figueiras
Porto Alegre — RS

Ines Lourdes Pontim
Pia Soc. Filhas de São Paulo
Edições Paulinas
rua Domingos de Moraes, 642
São Paulo – SP

Isa Silveira Leal
rua Padre João Manuel, 1078 c. 5
São Paulo – SP

Isabel Maria de Carvalho Vieira
rua General Glicério, 364/1103
Laranjeiras – Rio de Janeiro

Ivani Ehrhardt
Editora Abril
SQS 408 Gr. 202 Bloco G
Brasília – DF

Ivani Tenório Quirino dos Santos
Gesc. de Vila São Leopoldo
Av. Padre Anchieta, 835 – Jordanópolis
São Bernardo do Campo – SP

Ivanisa Tatini
Faculdade Eng. Industrial
Av. Orestes Romano, 112
São Bernardo do Campo – SP

Jacy Farias de Castro e Silva
Secretaria de Estado de Educação e Cultura
Praça da República, 1020 Ed. Costa Leite
Belém – Pará

Jader de Medeiros Britto
rua Voluntários da Pátria, 107
Botafogo – Rio de Janeiro

Jahyra Corrêa Santos
Faculdade Bibliot. e Comunicação UFRGS
rua 24 de Outubro, 820/71
Porto Alegre – RS

Jaime Bernardes da Silva
Editorial Nórdica Ltda.
Av. N. S. de Copacabana, 1072 s/405
Copacabana – Rio de Janeiro

Jânia Mendes
Programa Escola Biblioteca
rua José de Magalhães, 191 sala 17 – Vila Clementina
São Paulo – SP

Jayro José Xavier
Centro Educacional de Niterói
Av. Amaral Peixoto, 836
Niterói – Rio de Janeiro

José Carlos Wanderley Conceição
Programa Visual Soc. Civil Ltda.
rua Capitão Salomão, 50
Botafogo – Rio de Janeiro

José Gorayeb
Câmara Brasileira do Livro
Av. Ipiranga, 1267/10.º andar
São Paulo – SP

José Roberto Vianna de Souza
rua Viveiros de Castro, 126/6.º andar
Copacabana – Rio de Janeiro

Josefa Pereira Barbosa
Biblioteca Pública Estadual
Presidente Castello Branco
rua João Lira, s/n
Recife – Pernambuco

Joseph J. Sandel
Book Translation Program USIS
Av. Presidente Wilson, 147/1.º andar
Castelo – Rio de Janeiro

Judith Pereira
Fundação para o Livro Escolar
Av. Paulista, 352/15.º andar
São Paulo – SP

Laura Constancia Austregesilo de Athayde Sandroni
Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
rua Voluntários da Pátria, 107
Botafogo – Rio de Janeiro

Lelia Modesto Rodrigues
Ao Livro Técnico
rua D. 141/204
Cachambi – Rio de Janeiro

Leny Werneck Dornelles
Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
rua Voluntários da Pátria, 107
Botafogo – Rio de Janeiro

Lia Dalva Jacy Grosso
Ministério da Educação e Cultura
rua Dr. Satamini, 57/506
Tijuca – Rio de Janeiro

Lia Temporal Avena
Biblioteca Regional de Copacabana
Av. N. S. de Copacabana, 702 B/3.º andar
Copacabana – Rio de Janeiro

Liane Moraes da Rocha
Biblioteca Regional do Meier
rua Castro Alves, 155
Meier – Rio de Janeiro

Ligia Morrone Averbuck
Instituto Estadual do Livro
rua Voluntários da Pátria, 595/801
Porto Alegre – RS

Lita Alvarez Nieto
Escola Estadual de 1.º Grau
Prof. Brisabela de Almeida Nobre
rua Santa Genoveva, 65 VI Califórnia
São Paulo – SP

Lorraine da Fonseca Figueiró
Faculdade de Economia e Estatística – UFRGS
rua Siqueira Campos, 1044/4.º andar
Porto Alegre – RS

Liuba Frankenthal
Escola Israelita Brasileira Eliezer Steinberg
rua das Laranjeiras, 405
Laranjeiras – Rio de Janeiro

Lícia Maria Borba Pedreira
Secretaria de Educação e Cultura
rua Rio Amazonas, 31
Salvador – BA

Livaldo Campana
Av. Liberdade, 65 cj. 801
São Paulo – SP

Lucia Machado de Almeida
Praça da Liberdade, 153
Belo Horizonte – MG

Lucia Vauthier Machado Nunes
Colégio Anchieta
rua Nilo Peçanha, 1521
Porto Alegre – RS

Lucília Junqueira de Almeida Prado
Av. Santa Luzia, 195
Ribeirão Preto – SP

Lucina Maria Marinho Passos
Editora Ática S/A
Praça Carlos Gomes, 120
São Paulo – SP

Luis Antonio Pires
rua Siqueira Campos, 243/103
Copacabana – Rio de Janeiro

Luis Fernando Reis de Faria Tavares
rua Maranhão, 917/31
São Paulo – SP

Luísa Cavalcanti Maciel
Casa da Cultura José Condé
Escolinha de Arte de Caruaru
Prefeitura de Caruaru ou BR 232 Km 129
Caruaru – Pernambuco

Luíza Moura Ribeiro
Biblioteca Nacional
rua das Laranjeiras, 481 c/02
Laranjeiras – Rio de Janeiro

Lygia Bojunga Nunes
rua Eliseu Visconti, 425 – Largo do França
Santa Tereza – Rio de Janeiro

Lygia Serpa
Biblioteca Infantil Carlos Alberto
rua Rio Grande do Sul, 83 A
Meier – Rio de Janeiro

Manuel Eduardo Chaveiro
Av. Santos Dumont, 482
Belo Horizonte – MG

Manuel Netto
Editora do Brasil S/A
rua Conselheiro Nébis, 887
São Paulo – SP

Márcia Maria Batista Fernandes
rua João Afonso, 93/303
Botafogo – Rio de Janeiro

Marcos Roberto M. Guimarães
MR. Comunicação Social
rua Alcindo Guanabara, 24/1210
Centro – Rio de Janeiro

Margarida da Cunha Lopes
Jardim Escola Parque
rua Marquês de São Vicente, 148/202
Gávea – Rio de Janeiro

Margarida Ottoni
rua Grajaú, 36/502
Grajaú – Rio de Janeiro

Maria Alice Amaral Paternot
Serviços de Bibliotecas
Av. Presidente Vargas, 1261
Centro – Rio de Janeiro

Maria Alice Barroso
Exped – Expansão Editorial
Av. Pedro II, 374/3.º andar
São Cristóvão – Rio de Janeiro

Maria Amelia Carneiro de Sá
rua das Laranjeiras, 430/901
Laranjeiras – Rio de Janeiro

Maria Amélia de Oliveira
rua Martins Ferreira, 21/103
Botafogo – Rio de Janeiro

Maria dos Anjos Flores Rocha
Ass. Universitária Santa Úrsula
rua Fernando Ferrari, 77
Botafogo – Rio de Janeiro

Maria Betty Coelho Silva
rua Cândido Alves, 21 – Itapagipe
Salvador – Bahia

Maria Bernardete Monjardim Ayres
Av. Ataulfo de Paiva, 338/403
Ipanema – Rio de Janeiro

Maria Candida Faria de Aufran
Fundação Nacional do Livro
Infantil e Juvenil
rua Voluntários da Pátria, 107
Botafogo – Rio de Janeiro

Maria Carlota de Lima Novaes
rua Murtinho Nobre, 73 – Butantã
São Paulo – SP

Maria Carmem Raposo Monteiro
rua Dias Ferreira, 417
Leblon – Rio de Janeiro

Maria do Carmo Pereira Coelho
Secretaria de Educação
Praça da República, s/n
Belém – Pará

Maria do Carmo Tavares Yazeji
Escola 1-1-XXI Joaquim Manoel de Macedo
rua Padre Juvenal, 74
Paquetá – Rio de Janeiro

Maria Cecília Frôes da Fonseca
rua Eurico Cruz, 47/302
Gávea – Rio de Janeiro

Maria Cristina Ferreira Miranda
Escola 20.3-XXII Tarsila do Amaral
rua Anibal Porto, s/n
Irajá – Rio de Janeiro

Maria Cristina Wallau
rua Casimiro de Abreu, 193/101
Porto Alegre – RS

Maria Emília Bueno de Aguiar Soares
Programa Escola Biblioteca
rua José de Magalhães, 191 sala 17 – Vila Clementina
São Paulo – SP

Maria de Fátima Martins Amari
Serviço Social da Indústria – SESI
Av. Nilo Peçanha, 50 – Ed. De Paoli
Centro – Rio de Janeiro

Maria de Fátima Pires de Mesquita
rua Otavio Tarquinio, 576/201
Nova Iguaçu – Rio de Janeiro

Maria Filomena Guimarães
Interlivros de Minas Gerais
rua Rubi, 464 F
Belo Horizonte – MG

Maria Helena Figueiredo Medina
SED-GB, UFF
rua Edgar Gordilho, 63/1.º andar
1.º DE-IRA
Cais do Porto – Rio de Janeiro

Maria Helena Vicente Werneck
Av. Rainha Elizabeth, 371/804
Copacabana – Rio de Janeiro

Maria José Stein
Faculdade de Biblioteconomia – UFRGS
rua Amélia Teles, 185
Porto Alegre – RS

Maria de Lourdes Cavalcanti Martini Teixeira dos Santos
Faculdade de Letras da UFRJ
rua Gilberto Cardoso, 300/401
Lagoa – Rio de Janeiro

Maria de Lourdes del Nero de Paula
Biblioteca Infantil Municipal Zalina Rotim
rua Corredeira, 26 – Vila Mariana
São Paulo – SP

Maria de Lourdes Pereira da Silva
Instituto de Educação
rua Deputado Soares Filho, 60/402
Tijuca – Rio de Janeiro

Maria Julieta Sebastiani Ormastroni
IBECC/FUNBEC
Caixa Postal 2089 – Cidade Universitária
São Paulo – SP

Maria Lúcia Amaral
Jornalista
Travessa dos Tamoios, 32/706
Botafogo – Rio de Janeiro

Maria Lúcia Fernandes de Medeiros
Escola John F. Kennedy
Av. Rui Barbosa, 1964/404 Bl. AA
Belém – Pará

Maria Lúcia Goulart de Souza
Faculdade de Letras – Biblioteca
rua Justino da Rocha, 255
Vila Isabel – Rio de Janeiro

Maria Lucia Pimentel de Sampaio Goes
rua Estados Unidos, 650
São Paulo – SP

Maria Luiza Barbosa de Oliveira
Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
rua Voluntários da Pátria, 107
Botafogo – Rio de Janeiro

Maria Luiza de Andrade Soto Queiroz
Biblioteca do Centro de Estudos – IASEG
rua Eduardo Guinle, 19/101
Botafogo – Rio de Janeiro

Maria Luiza Borba do Nascimento
Assessoria de Orientação Pedagógica
rua Marechal Câmara, 350/7.º andar
Centro – Rio de Janeiro

Maria Luizinha Rimolo
Biblioteca Lucília Minssen
rua Demétrio Ribeiro, 987/3
Porto Alegre – RS

Maria Regina Della Dea
Câmara Brasileira do Livro
rua Ipiranga, 1267/10.º andar
São Paulo – SP

Maria do Rocio Teixeira Jung
Faculdade de Biblioteconomia – UFRGS
rua Dr. Voltaire Pires, 375
Porto Alegre – RS

Maria Teresinha de Mello Eboli
Secretaria de Educação da Guanabara
rua Gal. Cristóvão Barcelos, 55/201
Laranjeiras – Rio de Janeiro

Maria Tereza Fagundes
Sol Brinquedos e Livros Pedagógicos
rua Visconde de Pirajá, 82/211
Ipanema – Rio de Janeiro

Maria Teresa de Lima M. Torres
Escola de Arte Girassol-Jacobina
rua Prof. Artur Ramos, 151/101
Leblon – Rio de Janeiro

Maria Tereza da Silva Moutinho
Hospital Estadual N. S. de Loreto
rua Pinheiro Machado, 99/1501
Laranjeiras – Rio de Janeiro

Mariilda de Almeida Guedes
Escola 1.1.XXI Joaquim M. Macedo
rua Senador Vergueiro, 272/602
Flamengo – Rio de Janeiro

Marilene Fraguas França
Biblioteca Pública Estadual
Praça da República, s/n
Niterói – Rio de Janeiro

Mario Magnusson Júnior
Faculdade Integrada Alcântara Machado
rua Barata Ribeiro, 260/43
São Paulo – SP

Mario Ribeiro da Cruz
USAID/BRAZIL/HRO
Av. Presidente Wilson, 147
Castelo – Rio de Janeiro

Mario Robert Mannheimer
Editora Tecnoprint S.A.
rua Anita Garibaldi, 24/802
Copacabana – Rio de Janeiro

Marina Quintanilha Martinez
rua João Lira, 32/706
Leblon – Rio de Janeiro

Marion Lindermann Horvat
rua Mamoré, 1159/Alto Teresópolis
Teresópolis – Rio de Janeiro

Marion Villas Boas Sá Rego
Instituto de Educação – SED
rua Santa Clara, 205/1003
Copacabana – Rio de Janeiro

Marisa de Almeida Borba
Escola 1.1.XXI Joaquim M. Macedo
rua Padre Juvenal, 74
Ilha de Paquetá – Rio de Janeiro

Marly Bastos
Instituto de Belas Artes
rua Jardim Botânico, Parque Lage
Jardim Botânico – Rio de Janeiro

Marta Novo Verschleisser
rua Peri, 125/403
Jardim Botânico – Rio de Janeiro

Mary Constance Girdwood Woortmann
INEP/CBPE
rua Voluntários da Pátria, 107
Botafogo – Rio de Janeiro

Maurício de Souza
Editora Abril Ltda.
rua Brigadeiro Faria Lima, 1146/12.º andar
São Paulo – SP

Midori Sano
Departamento Municipal de Ensino e Gesc. Almirante Barroso
rua José de Magalhães, 191 s/17
Vila Clementina – São Paulo

Miriã Pinheiro
rua Gal. Pereira da Silva, 208/1003 – Icaraí
Niterói – Rio de Janeiro

Mirna Gleich Pinski
Editora Shalom
rua Carlos Norberto de Souza Aranha, 316
São Paulo – SP

Moema Figueiredo Brasileiro
Av. Princesa Isabel, 106/13 – Barra Avenida
Salvador – Bahia

Moisés Vilaça
Cia. Melhoramentos de São Paulo
rua Tito, 479 – Lapa
São Paulo – SP

Mônica Lessa de Barros Barreto
Jornal Arte e Educação
Escolinha de Arte Girassol
rua João de Barros, 136
Leblon – Rio de Janeiro

Naide Pereira Caldas
Secretaria de Educação e Cultura
Av. Amal Peixoto, 60/12.º andar – Biblioteca
Niterói – Rio de Janeiro

Nazareth Costa
rua Senador Vergueiro, 103/9.º andar
Flamengo – Rio de Janeiro

Neiva Helena Ely
Escola de Área Nações Unidas
Av. Presidente Roosevelt, 1066
Porto Alegre – RS

Nelly Novaes Coelho
Universidade de São Paulo
rua Abílio Soares, 353/34
São Paulo – SP

Netly Teles

MEC – Gabinete do Ministro
rua da Imprensa, 16
Centro – Rio de Janeiro

Nereida Salazar Berço de Lacerda
Biblioteca Estadual
Av. Presidente Vargas, 1261
Centro – Rio de Janeiro

Noemia de Salvi Souza
rua Ministro Viveiros de Castro, 126/8.º andar
Copacabana – Rio de Janeiro

Noemia Varela
Escolinha de Arte do Brasil
rua Marechal Câmara, 314
Centro – Rio de Janeiro

Nisia Nóbrega
Departamento de Assuntos Culturais do MEC
rua do Russel, 680/81
Centro – Rio de Janeiro

Nuno Veloso
Pontifícia Universidade Católica
Departamento de Comunicações
rua Marquês de São Vicente
Gávea – Rio de Janeiro

Nylma Thereza de Salles Velloso Amarante
Divisão de Documentação do Ministério da Fazenda
Av. Presidente Antonio Carlos, 375/12.º ala B. Gr. 1229 s/D
Centro – Rio de Janeiro

Odette de Barros Mott
rua Mococa, 91 – Sumaré
São Paulo – SP

Odylo Costa Filho
rua Senador Vergueiro, 103/9.º andar
Flamengo – Rio de Janeiro

Ofelia de Barros Fontes
rua Francisco Sá, 26/801
Copacabana – Rio de Janeiro

Olga Beatriz Kamergorodski
INEP/CBPE
rua Voluntários da Pátria, 107
Botafogo – Rio de Janeiro

Patricia Drummond Gwinner
Norton Publicidade
rua Almirante Alexandrino, 630 s/105
Santa Teresa – Rio de Janeiro

Paula Vieira Carneiro da Cunha
Faculdade de Letras
Av. Chile
Centro – Rio de Janeiro

Paula Werneck Saldanha
rua Prof. Luis Catanhede, 80/101
Laranjeiras – Rio de Janeiro

Paulina Katz
Praia do Russel, 804
Glória – Rio de Janeiro

Paulo Adolfo Aizen
Editora Brasil-América
rua General Almério de Moura, 302/320
São Cristóvão – Rio de Janeiro

Pedro Artur Loetscher
Secretaria de Educação
rua Pescador Josino, 186
Madureira – Rio de Janeiro

Regina Alvarez
Escolinha de Arte do Brasil
rua Laurinda Santos Lobo, 148
Santa Teresa – Rio de Janeiro

Regina Averbug
Departamento de 1.º Grau
rua Uruguai, 468/302
Tijuca – Rio de Janeiro

Regina Helena Tavares
INEP/CBPE
Rua Voluntários da Pátria, 107
Botafogo – Rio de Janeiro

Regina Herédia Doria
rua Goiânia, 101/404
Andaraí – Rio de Janeiro

Regina Lucia Costa Rodrigues Lobo
Av. Rainha Elizabeth, 109/103
Copacabana – Rio de Janeiro

Regina Maria de Sá Neves Monteiro
Serviços de Bibliotecas
Av. Presidente Vargas, 1261
Centro – Rio de Janeiro

Regina Melillo de Souza
rua Padre José Achoteguín, 128 – Morumbi
São Paulo – SP

Regina Yolanda Werneck
rua Visconde de Pirajá, 309/14.º andar
Ipanema – Rio de Janeiro

Renata Di Pietro
F. C. S. Anhembi
Casa do Ator, 90
São Paulo – SP

Rita Coutinho C. Pinheiro
rua Ataúlfo de Paiva, 620/902
Ipanema – Rio de Janeiro

Roberto Marques
Editora Abril S/A
rua Costa Ferraz, 42
Rio Comprido – Rio de Janeiro

Rosa Maria Mesquita de Raposo Medeiros
Secretaria de Educação – Departamento de Ensino Básico
rua Rego Freitas, 527 s/41
São Paulo – SP

Rosângela Regis Cavalcanti
rua Siqueira Campos, 1044/4.º andar
Porto Alegre – RS

Rubens Nogueira
AGGS – Indústrias Gráficas S/A
rua Luiz Câmara, 535
Olaria – Rio de Janeiro

Ruth Maria C. Fangueiro
Biblioteca Infante-Juvenil Carlos Alberto
rua Rio Grande do Sul, 83-A
Méier – Rio de Janeiro

Ruth Wageck Canal
Colégio Anchieta
rua Nilo Peçanha, 1521
Porto Alegre – RS

Ruth Machado Lousada da Rocha
Editora Abril Ltda.
Av. Brigadeiro Faria Lima, 1476/12.º andar
São Paulo – SP

Ruth Villela Alves de Souza
Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
rua Voluntários da Pátria, 107
Botafogo – Rio de Janeiro

Sarah Zagury
Colégio Canarinhos
rua Julio de Castilho, 22/601
Copacabana – Rio de Janeiro

Sebastião Alfredo dos Santos
SANDA – Promoções Culturais & Cooperativismo
rua do Comércio, 3
Piabetá – Rio de Janeiro

Sebastião Medeiros Filho
COI-COI
Rua Visconde de Pirajá, 82/211
Ipanema – Rio de Janeiro

Silvana Holanda de Moraes Leitão
Av. Ataulfo de Paiva, 983/403
Ipanema – Rio de Janeiro

Silvia Marina Anunziata
rua Brás Cubas, 242 – Aclimação
São Paulo – SP

Simão Weissman
Editora Delta-Editora Primor
Av. Almirante Barroso, 63/26.º andar
Centro – Rio de Janeiro

Solange-Scarano da Silva
Ministério da Educação e Cultura
rua da Imprensa, 16/2.º andar
Centro – Rio de Janeiro

Sonia Maria Moreira Garcia
Fundação Centro Brasileiro TV Educativa
Av. Gomes Freire, 474
Centro – Rio de Janeiro

Sonia Robatto Fernandes
Editora Abril Ltda.
Av. Brigadeiro Faria Lima, 1476/12.º andar
São Paulo – SP

Susana Schmidt
Faculdade Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS
rua Voluntários da Pátria, 595 conj. 801
Porto Alegre – RS

Sylvia Deslandes
Grupo Escolar do Instituto de Educação
rua Vicente Licínio, s/n
Tijuca – Rio de Janeiro

Tânia Mara Rochedo Squeff
Biblioteca Lucília Minssen
rua Annes Dias, 112 – sobreloja
Porto Alegre – RS

Tania Maria Piacentini Vieira
Coord. Estadual do Livro Didático
Secretaria da Educação de Florianópolis
Florianópolis – SC

Tania da Silva Araujo
rua Visconde de Maceió, 115
Irajá – Rio de Janeiro

Teresa Portella de Araujo Penna
rua São Clemente, 243 c/1
Botafogo – Rio de Janeiro

Teresa Vieira de Carvalho
Vila João Alonso Campos, 106 – Valparaíso
Petrópolis – Rio de Janeiro

Thelma de Oliveira Bellotti
SEC/GB
rua Torres Homem, 1093/203
Vila Isabel – Rio de Janeiro

Therezinha Leão Schlosser
"Free-lancer" Bloch-Artenova, Cadernos Didáticos
Rua Paulo Lobo de Moraes, 523 – Valparaíso
Petrópolis – Rio de Janeiro

Therezinha Lopes
Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu
rua Pericles, lote 14 Quadra Q
Belfort Roxo – Rio de Janeiro

Thex Corrêa da Silva
Editex Rio Editora
rua das Marrecas, 25 grupo 1002
Lapa – Rio de Janeiro

Toelir de Oliveira Alencar Arraes
Colégio Arquidiocesano
rua Domingos de Moraes, 2565
São Paulo – SP

Valdemar Cavalcanti
Jornal de Letras
rua J. Carlos, 66/302
Gávea – Rio de Janeiro

Valentin o Alioshin
Adido Cultural da Embaixada da URSS
Av. das Nações lote A
Brasília – DF

Vera Helena Pimentel Farinas
Universidade de São Paulo – Biblioteca Central
Cidade Universitária – Edifício da Reitoria 1.º andar
São Paulo – SP

Vera Helena Villela de Andrade
rua Manoel de Nóbrega, 220/9.º andar
São Paulo – SP

Vera Isabel Caberlon
Universidade Federal do RS
rua General João Manoel, 604/32
Porto Alegre – RS

Vera Lucia da Costa Moreira e Borges
Escola Vicente Licínio Cardoso
rua Edgard Gordilho, s/n
Centro – Rio de Janeiro

Vera Lucia Gama de Sales
Faculdade de Biblioteconomia – UFRGS
rua Alberto Torres, 23
Porto Alegre – RS

Vera Lucia Soares de Almeida
Jardim de Infância Miraflores
rua Barros, 474
Niterói – Rio de Janeiro

Vera Maria Murtinho de Pinho
rua Piratininga, 16/103
Gávea – Rio de Janeiro

Vera Maria Rodrigues de Mattos
Travessa Visconde de Moraes, 59
Botafogo – Rio de Janeiro

Wanda Martini Bedran
Estrada Frôes, 282 – São Francisco
Niterói – Rio de Janeiro

Wania de Freitas Werneck
rua N. Sra. de Lourdes, 186/402
Grajáú – Rio de Janeiro

Wilson Pinto Bueno
Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)
rua Fernandes Guimarães, 39/4.º andar
Botafogo – Rio de Janeiro

Yara Boesel Simonini
Programa Escola Biblioteca
rua José de Magalhães, 191
São Paulo – SP

Yolanda Calafange
Escolinha de Arte
rua Major Rubens Vaz, 723/201
Gávea – Rio de Janeiro

Yvette Zietlow Duro
Biblioteca Lucília Minssen
rua Annes Dias, 112, sobreloja
Porto Alegre – RS

Yolanda de Freitas Rebelo
Rua General San Martin, 1212
Leblon – Rio de Janeiro

Yvonne Demant
Free-Lancer
Estrada da Independência, 181
Petrópolis – Rio de Janeiro

Yvonne Leal Martins
Setor Bibliotecas Escolares
Travessa Pepe, 77/4.º andar
Botafogo – Rio de Janeiro

Zahyra de Albuquerque Petry
rua Jacinto Gomes, 540/4.º andar
Porto Alegre - RS

Ziraldo Alves Pinto
rua Baronesa de Poconé, 111/101
Gávea - Rio de Janeiro

Zofia Caracushasky
Clínica de Psicologia Infantil
Av. Angélica, 765/6.º andar - 602
São Paulo - SP

Ana Maria Amaral Schlittler
São Paulo Graded School
rua Fernão Dias, 73
São Paulo - SP

BULGÁRIA

Assen Bossev
Union of the Bulgarian Writers, ul.
Angel Kanchev 5
Sofia

CHILE

Martha Elba Miranda Sanchez
rua Jerônimo Monteiro, 261/601
Lebion - Rio de Janeiro

DINAMARCA

Jakob Gormsen
Tondervej 197
6.200 Abenrå

Virginia Allen Jensen
International Children's Book Service
Kildekovsvej 21
DK-2820 Gentofte

ESPAÑA

Amalia Bermejo Gordón
Servicio Nacional de Lectura
Calvo Sotelo, 20
Madrid

Amo y Gili Montsinat
Columela, 9
Madrid

Carmen Bravo-Villasante
Instituto Nacional del Libro Español
Avenida de América, 10
Madrid 2

Ramon Nieto Alvarez Uria
Ediciones Altea
General Mora 84, 1
Madrid 6

ESTADOS UNIDOS

98 Ann K. Beneduce
Thomas Y. Crowell Company (Book Publishers)
666 5to Ave. New York
NY 10019

Virginia Haviland
American Library Association
Library of Congress
Washington, D.C. 20540

FINLÂNDIA

Niilo Visapää
IBBY
Puistokatu 3C 47
Helsinki

FRANÇA

Raoul Dubois
401 rue des Pyrenées
Paris 20

GRÉCIA

Georgia Kamburi
Vivliokotiki Publishers
Akademias Street 52
Athenas 143

INGLATERRA

David Spiller
British Council
Av. Portugal, 360
Urca - Rio de Janeiro

Griselda Barton A.L.A.
Froebel Institute College of Education
15, Denbigh Terrace
London W. 11 - 2QJ

IRÃ

Farshid Mesghali
Institute for the Intellectual Development of
Children and Young Adults
Taknte Tavous Avenue n.º 31 - 1am St,
Teheran

Lily Ayman
Children's Book Council (NS IBBY)
P. O. Box 741
Teheran

UGOSLÁVIA

Slobodan Markovic
11000 Beograd, Kneza Milosa 78

JAPÃO

Mamoru Sugiyama
Principal, Tamaho Primery School, Gotemba City
Shizeroka Prefecture

Masahide Kato
Diretor and Chairman of Board of Trusters
Kato Gakuen Schools, Kamazu City
Shizeroka Prefecture

Shigeo Watanabe
Professor, School Of Library and Information Science
Keio University
Mita, Minato-Ku
Tokio

PARAGUAI

Marialuísa Artecona de Thompson
Presidente Sección Nacional Paraguay de La IBBY
Ministerio de Educacion
Perú, 819
Asunción

Nidia Sanabria de Romero
Taller Artístico Literario
15 de agosto 1140
Asunción

PORTUGAL

Lília da Fonseca
Presidente da Seção Nacional Portuguesa do IBBY
rua Barão de Sabrosa, 309/2.º esquina
Lisboa 1

Matilde Rosa Araujo
Ministério da Educação Nacional
rua Diogo do Couto, 1/8.º andar
Lisboa

QUÊNIA

Francis Otieno Pala — Chief Librarian
 Kenya National Library Services
 P. O. Box 30573
 Nairobi

SUÉCIA

Anton Taranger
 School Library — office, Färfälla Sweden
 Frihetsvagen 66, 17533
 Färfälla

Harold Gripe, Maria Gripe
 Fruangsgatan 37
 611 00 Nyköping

Harry Kuliman
 Hornsgatan 152
 117 28 Stockholm

Lennart Hellsing
 Sjobacken 4
 130 11 Stasjo-Duvnas

Anna Lena Wastberg
 Breda gatan 7
 115 21 Stockholm

SUÍÇA

Franz Caspar, PhD
 Swiss Children's Book Institute
 CH 8001 Zurich, Predigerplatz 18 (Jugendbuch-Inst)

Leena Maissen
 IBBY Secretariat
 Leonhardsgraben 38 a
 4051 — Bale

Bettina Hurlimann
 Witellikerstrass 9
 8702 — Zollicon

TCHECOSLOVÁQUIA

Dusan Roll
 Mladé Letá Publishinghouse
 Namestie SNP II
 Bratislava

Rudo Moric
 Mladé Letá Publishinghouse,
 Namestie SNP II
 Bratislava

URSS

Agya Bartho
 URSS Unifers Union
 52, Vocovsky St.
 Moscou

Sergei Mikalkov
 URSS Unifers Union
 52, Vocovsky, St.
 Moscou

Igor Motyashov
 URSS Unifers Union
 52, Vocovsky St.
 Moscou

Vladimir V. Samussenko
 Embaixada de URSS
 Av. das Nações, L. A.
 Brasília — DF.

URUGUAI

Maria Elcira Berrutti Pellegrino
 Instituto de Educacion Secundaria de Rivera
 Joaquín Suárez 455
 Rivera — VTE 273

VENEZUELA

Aura Josefina Jaen Figueroa
 Centro de Capacitación Docente "El Mácaro"
 El Mácaro, Turmero,
 Estado Aragua.

Efraín Subero
 Centro de Investigaciones Literarias
 Apartado 29068 — Universidad Católica
 Caracas

Marisa Vannini de Gerulewicz
 Universidad Central de Venezuela
 Av. Los Pinos n.º 26 La Florida
 Caracas

Samuel Eduardo Qüenza
 Centro de Capacitación Docente "El Mácaro"
 El Mácaro, Turmero,
 Estado Aragua.

LISTA DE PARTICIPANTES:

UNESCO	1
OEA	1
CERLAL	1
Alemanha (RFA)	2
Alemanha (RDA)	2
Argentina	10
Bolívia	2
Brasil	299
Bulgária	1
Chile	1
Dinamarca	1
Espanha	4
Estados Unidos	2
Finlândia	1
França	1
Grécia	1
Inglaterra	2
Irã	2
Iugoslávia	1
Japão	3
Paraguai	2
Portugal	2
Quênia	1
Suécia	5
Suíça	2
Tchecoslováquia	2
URSS	4
Uruguai	1
Venezuela	4